

# MARXISMO

NOVA ÉPOCA

# VIVO

07

**Atualização programática** Polêmica sobre o caráter do programa - Textos de Trotski sobre o programa | O feminismo radical e o surgimento das teorias do patriarcado | Sobre a "inevitabilidade" do socialismo

Editora Sundermann  
Av. Nove de Julho, 925  
CEP: 01313-000  
Bela Vista – São Paulo – SP  
Tel: (11) 4304-5801  
vendas@editorasundermann.com.br  
www.editorasundermann.com.br

*Editor geral*  
Martín Hernández

*Conselho editorial*  
Alicia Sagra (Argentina - asagra2@yahoo.com.ar)  
Felipe Alegria (Espanha - fealegria1@gmail.com)  
Florence Oppen (Estados Unidos - petitmercure@yahoo.fr)  
Francesco Ricci (Itália - ricci.franceso2@gmail.com)  
Henrique Canary (Brasil - henriquecanary@yahoo.com.br)  
João Pascoal (Portugal - jcpascoal@netcabo.pt)  
José Welmowicki (Brasil - josweil@ig.com.br)  
Martín Hernández (Brasil - martinhernandez@terra.com.br)  
Nazareno Godeiro (Brasil - jpotuguar@terra.com.br)  
Paulo Aguená (Brasil - catatao2007@hotmail.com)  
Ricardo Ayala (Espanha - rayala361@gmail.com)  
Ronald León Núñez (Paraguai - ronald.leon.nunez@gmail.com)

*Projeto gráfico*  
Ana Clara Ferrari  
*Diagramação e capa*  
Martha Piloto

*Traduções*  
Paula Maffei  
Jéssica Augusti

*Revisão técnica*  
Luciana Cândido

*Edição brasileira e revisão final*  
Henrique Canary

A impressão ficou a cargo da Bartira Editora Gráfica de São Paulo,  
Brasil, e realizou-se em papel Norbrite 66 g/m<sup>2</sup>.

Para a composição do texto, foi usada a fonte Cambria, corpo 11, entrelinhas 13,2 pt; e nos  
títulos a fonte N.O.1981, corpo 18.

Impresso em fevereiro de 2016.

# ÍNDICE

- 08** Caráter do programa
- 09 Sobre o caráter do programa  
*Martín Hernández*
- 31 Crítica ao texto “Sobre o caráter do programa”  
*Paulo Agüena*
- 48** Textos de Trotski sobre o programa
- 49 O projeto de programa da Internacional Comunista:  
uma crítica aos fundamentos
- 103 Preparar o programa para a  
Conferência de Fundação
- 107 Como lutar por um partido operário nos Estados Unidos
- 121 Um resumo das reivindicações transitórias
- 125 O atraso político dos trabalhadores norte-americanos
- 133 Comparação entre os movimentos  
operários americano e europeu
- 141 Completar o programa e colocá-lo em prática
- 154** Atualização programática
- 155 Em relação à “inevitabilidade” do socialismo:  
O que realmente disseram Marx e Engels  
*Jan Talpe*
- 165 De novo falamos sobre a “inevitabilidade” do socialismo  
Porque Marx, Lenin e Trotski não têm nada a ver com esta teoria  
*Francesco Ricci*
- 175 O feminismo radical e o surgimento das teorias  
do patriarcado – Um ponto de vista marxista  
*Florence Oppen*

## Aos nossos leitores

Apresentamos esta nova edição de nossa revista com a tristeza de ter perdido quem era, possivelmente, nossa principal colaboradora.

Maria Cecília Garcia, Cecília Toledo (nome com o qual assinava seus artigos e livros) ou simplesmente Cilinha, como era chamada carinhosamente por seus amigos, familiares e camaradas, faleceu em 23 de setembro, em sua cidade natal, São Paulo.

Cecília era jornalista, doutora em comunicação, professora universitária, escritora, dramaturga, atriz, diretora e crítica de teatro. Trabalhou em várias universidades, na imprensa alternativa e em importantes publicações da cidade de São Paulo, mas era, antes de tudo, uma militante revolucionária e nunca deixou de ser desde que, em 1976, durante a ditadura militar, entrou na antiga Liga Operária.

Por causa da perseguição que sofreu durante a ditadura, há dois anos foi anistiada pelo Estado brasileiro que, formalmente, lhe pediu perdão e lhe concedeu uma pensão vitalícia.

Atualmente, era militante do PSTU brasileiro e da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI). Também como parte da LIT, militou na década de 1980 no MAS argentino, quando este era dirigido por Nahuel Moreno. Mais recentemente, esteve na ISL da Inglaterra.

Nos últimos 20 anos, dedicou-se a estudar e a militar intensamente pela libertação das mulheres que, para ela, como marxista, só poderia ser alcançada com a unidade de homens e mulheres na luta pela revolução socialista. Dessa forma, durante muito tempo, fez parte da comissão de mulheres do PSTU e da LIT.

Como parte desta luta, escreveu um livro intitulado *O gênero nos une, a classe nos divide*, que foi editado e reeditado várias vezes em espanhol, português e catalão e se transformou numa referência para milhares de pessoas, em especial para as mulheres.

Como militante da LIT, percorreu vários países (Argentina, Brasil, Espanha, Portugal, Equador, Bolívia, Marrocos e Inglaterra), apresentando em debates, conferências e seminários suas principais conclu-

sões sobre a questão da mulher na sociedade capitalista e ajudando-as a se organizarem para lutar por seus direitos.

Em 1999, os médicos detectaram um câncer. No entanto, as cirurgias pelas quais teve de passar, assim como os frequentes exames, tratamentos de radioterapia e quimioterapia, não afetaram seu espírito de luta e sua vontade de lutar pela vida e pela revolução. Os leitores de *Marxismo Vivo* são testemunhas disto.

Pouco depois de sua primeira cirurgia, em junho de 2000, vinha à luz o primeiro número da revista *Marxismo Vivo*. Desde então, ela não foi uma pessoa a mais na revista. Não só fazia artigos importantes, mas também, com a humildade dos grandes, traduzia e revisava os textos, transcrevia as entrevistas, coordenava o trabalho com os diferentes colaboradores e vendia a revista nas bancas, que era sua atividade preferida.

Era assim a tal ponto que o primeiro número da revista atrasaria porque a capa não estava pronta. Ela não concordou com a proposta de atrasar a saída da revista. Nunca tinha feito uma capa em sua vida, mas para ela isso não era um obstáculo. Passou a noite toda tratando de fazer a capa e a fez. Na manhã seguinte, a revista estava, como tinha sido planejado, na gráfica.

Cecília era a alma da revista, na qual colocou muito suor e muita capacidade intelectual, como demonstram os inúmeros trabalhos sobre Oriente Médio, cultura, mulher, Bolívia, imprensa operária, questão nacional e outros temas mais.

Na *Marxismo Vivo* – Nova Época, fez parte do conselho editorial. Ela não pode participar da última reunião do conselho. Já estava muito debilitada. Mesmo assim, em sua ausência, foi votado que ela, junto com outros dois colaboradores, fariam parte de um novo conselho editorial e seria responsável por todo o trabalho prático da revista. Ela aceitou a proposta, mas não pode cumprir sua tarefa. Esta foi, possivelmente, a única tarefa que, em toda sua vida militante, se comprometeu a fazer e não fez. Sua enfermidade avançada impediu.

Depois de 16 anos de luta contra sua enfermidade, Cecília nos deixou, mas conosco ficou não só sua lembrança e seu exemplo, mas sua obra, seus livros, seus artigos, suas conferências e vídeos, suas peças de teatro e também um livro que não terminou de escrever antes de morrer, que se chama *Gênero e Classe*, que trata, novamente, do problema da mulher. Logo será editado pela *Marxismo Vivo* (em espanhol) e pela Editora Sundermann (em português).

Poucos dias depois de sua morte, na cidade de Mar Del Plata (Argentina), no 30º Encontro Nacional de Mulheres, que reuniu 65 mil

companheiras, foi apresentada, de forma oficial, uma das obras de teatro que Cecília escreveu: *Luta mulher poética*.

A obra foi apresentada por um grupo de atrizes que Cecília formou e dirigiu naquele país. O teatro estava cheio, e o público aplaudiu de pé. Assim, renderam uma última homenagem a esta artista e lutadora incansável.

Na homenagem realizada no teatro Ruth Escobar, em São Paulo, as centenas de pessoas presentes levantaram seu punho e gritaram: Cilinha presente! Até o socialismo sempre! Nada mais justo.

*Os editores, em memória de nossa companheira Cilinha.*

# P

## CARÁTER DO PROGRAMA

O próximo congresso mundial da LIT, que acontecerá em 2016, iniciará a discussão sobre o programa da Internacional.

No pré-congresso e no congresso, serão discutidos três temas: caráter do programa, conclusões sobre o leste europeu; a relação dos revolucionários frente à democracia burguesa, às eleições e ao parlamento.

Neste dossiê, apresentamos os dois textos sobre o caráter do programa que foram discutidos na última reunião do Comitê Executivo Internacional (CEI) da LIT-QI.

# Sobre o caráter do programa

**Martín Hernández**

Por muitos anos, temos visto protestos multitudinários, insurreições, enfrentamentos armados, queda de governos e regimes, greves gerais e ocupações. É a resposta das massas à pobreza e à miséria, às guerras contra os povos, ao desemprego, aos governos corruptos, à volta da escravidão e destruição da natureza, à opressão e violência contra as mulheres, negros e homossexuais, à perseguição aos imigrantes e refugiados.

As massas, nos últimos 100 anos, não deixaram de lutar um só minuto contra os males do capitalismo, mas não conseguiram acabar com o imperialismo. Por isso, o mundo está ameaçado.

As massas não triunfaram porque lhes faltou, e lhes falta, uma direção revolucionária em escala internacional. Nesses últimos 100 anos, existiram direções, mas todas elas sucumbiram ao imperialismo. A última (o stalinismo), que surgiu capitulando às grandes potências, terminou integrando-se ao sistema imperial ao restaurar o capitalismo nos ex-estados operários. Desta vez, porém, pagou caro por sua traição. Uma rebelião de massas, que se estendeu por todo o leste europeu, pôs fim ao aparato stalinista central e à maioria de seus satélites.

Nos últimos anos, tentando preencher o vazio deixado pelo stalinismo, surgiram “novas alternativas”. O chavismo na Venezuela, o Bloco de Esquerda em Portugal, a Refundação Comunista na Itália, o NPA na França, o PSOL no Brasil e, mais recentemente, o Syriza na Grécia e o Podemos na Espanha. São organizações que propõem um mundo com justiça e igualdade, com a utópica, enganosa e reacionária ideia de que isso é possível sem expropriar o capitalismo.

Já em 1938, Trotski dizia: “A crise histórica da humanidade se reduz à crise de direção revolucionária”<sup>1</sup>, mas nesse ano não só não havia uma direção revolucionária, como havia uma direção contrarre-

<sup>1</sup> TROTSKI, Leon, *Programa de Transição*.



volucionária. Hoje essa direção foi destruída pelas massas. É verdade que as “novas direções”, assim como o stalinismo no passado, tentam desviar e derrotar os processos revolucionários, mas sua capacidade para fazê-lo é muito menor. Também é verdade que ainda não se construiu a direção revolucionária, mas a destruição do aparato stalinista, em boa medida, abriu caminho para fazê-lo.

No *Manifesto Comunista*, Marx e Engels diziam: “Já é hora de os comunistas exporem diante do mundo inteiro seus conceitos, seus fins e suas tendências”.<sup>2</sup> Nós devemos dizer: chegou a hora de nós, que opinamos que não há saída para a humanidade sem o fim capitalismo; que acreditamos que as novas organizações reformistas estão ali, como dizia Lenin, para “enganar os trabalhadores”; que não acreditamos que se pode chegar ao socialismo por meio das eleições; que consideramos que a única democracia em que podemos confiar é a democracia operária; que consideramos que o socialismo será internacional ou não será; que estamos convencidos de que a única classe social revolucionária é o proletariado; enfim, chegou a hora de, passados mais de 20 anos dos processos do leste europeu, *nós, que não choramos pela morte do stalinismo*, expormos nosso programa à classe trabalhadora e aos povos que lutam, cotidianamente, para acabar com as barbáries do capitalismo.

## 1. O imperialismo:

### 100 anos de desenvolvimento as forças destrutivas

1.1. O capitalismo desempenhou um papel revolucionário na história da humanidade ao ter criado “as forças produtivas mais abundantes e mais grandiosas que todas as gerações passadas juntas”.<sup>3</sup> Mas o modo de produção capitalista, no qual a produção é social (feita por todos os homens) e a apropriação individual (feita pelo capitalista), por sua própria natureza, não podia desenvolver, de forma ininterrupta, a sociedade.

1.2. Em função dessa contradição, o capitalismo, desde seu nascimento, apesar de desenvolver as forças produtivas, sempre foi um obstáculo, ainda que relativo, a esse desenvolvimento. Porém chegou um momento em que houve nele uma profunda transformação. Foi quando o capitalismo, em sua fase imperialista, entrou em decadência a tal ponto que as grandes potências, para sobreviver, se viram obrigadas a promover uma guerra mundial entre elas, a Primeira Guerra Mundial, pela disputa dos mercados e das colônias.

2 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Manifesto Comunista*.

3 *Ibid.*

1.3. A Primeira Guerra Mundial significou uma destruição em massa de forças produtivas que o próprio capitalismo havia desenvolvido nas décadas anteriores. Desta forma, essa guerra abriu uma nova época na humanidade. Uma época em que o desenvolvimento das forças produtivas deu lugar ao desenvolvimento das forças destrutivas.

1.4. Em função desses fatores, o marxismo previu que, a partir da Primeira Guerra Mundial, se generalizariam e se aprofundariam os conflitos sociais. Nascia, assim, uma nova época de “guerras e revoluções” (Lenin).

1.5. Para o *Manifesto Comunista*, só havia uma forma para que as forças produtivas se desenvolvessem de forma ininterrupta: que houvesse uma revolução no modo de produção. Que a produção fosse social e que, diferentemente do que ocorre no capitalismo, a apropriação também o fosse. Essa tarefa só poderia ser cumprida pelo proletariado, porque esta era a única classe social que não tinha nada a perder com o fim do capitalismo.

1.6. Confirmando a caracterização de Marx, Engels e Lenin, a partir da guerra de 1914, o que ocorreu foi um processo ininterrupto de guerras (entre elas a Segunda Guerra Mundial) e de revoluções, várias vitoriosas (como a Revolução Russa, a chinesa e a cubana) e outras derrotadas, desviadas ou congeladas (como a alemã, a mexicana, a francesa, a espanhola, a argelina, a boliviana, a nicaraguense e a salvadorenha).

1.7. O triunfo da Revolução Russa confirmou, de forma inequívoca, o prognóstico do *Manifesto Comunista*. A mudança no modo de produção, a partir da expropriação do capitalismo, provocou um desenvolvimento das forças produtivas sem precedentes na história da humanidade, num país atrasado.

1.8. Porém, ao não se estender a revolução aos países mais avançados e, a partir daí, para o resto do planeta, quem continuou dominando a economia mundial foi o imperialismo e, desta maneira, apesar da profunda luta de classes que se deu nos últimos 100 anos e, apesar inclusive dos triunfos revolucionários, as forças produtivas, de conjunto, continuaram estancadas e o que seguiu se desenvolvendo foram as forças destrutivas.

1.9. Nossos mestres, que colocaram todos seus esforços e esperanças para que o proletariado libertasse o conjunto da humanidade alertaram que, se isso não se desse, a sociedade sofreria um profundo retrocesso a tal ponto que, em reiteradas oportunidades, levantou-se a disjuntiva: socialismo ou barbárie.

1.10. Hoje, há 100 anos do início da Primeira Guerra Mundial e do desenvolvimento sem precedentes das *forças destrutivas*, somos testemunhas do que nossos mestres previram: o planeta está em profunda decadência econômica, cultural, moral e, mais ainda, sua existência, a médio prazo, está ameaçada.

1.11. Atualmente, os refugiados pelas guerras chegam a quase 60 milhões de pessoas. Os desempregados deixaram de ser uma minoria da população que o capitalismo usava como “exército industrial de reserva” e passaram a ser o drama de populações inteiras que, por esse motivo, se decompõem socialmente. Os pobres e miseráveis<sup>4</sup>, em nível mundial, constituem, aproximadamente, a metade dos habitantes do planeta. Atualmente, apesar de a escravidão ser ilegal, existem mais escravos que no século 19, quando ela era legal.<sup>5</sup> Só nos últimos quarenta anos, reduziu-se em 52% o total de animais vertebrados no mundo. Anualmente, 35% das mulheres (1.225 milhões) sofrem algum tipo de violência física e/ou sexual, ao passo que, ao longo da vida, 70% sofrem esse tipo de agressão. O atual arsenal atômico, segundo os especialistas, poderia destruir o mundo em cinco minutos. Por fim, a parte mais dramática da situação atual: 800 mil pessoas se suicidam todos os anos, e esse número vem aumentando de forma assustadora em nível mundial.<sup>6</sup>

1.12. Os revolucionários, ao elaborar o programa, devem fazê-lo a partir desta realidade e não a partir dos aeroportos ou shoppings. Não a partir da posição dos “privilegiados”, que comem todos os dias ou que têm uma casa confortável. Porque essa não é a realidade da população mundial. *Essa é a realidade de só uma parte* e não a da que mais cresce.

1.13. Na Rússia, pouco tempo antes da Revolução de Outubro, Lenin escreveu um programa que intitulou: “A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la”. Em seu interior, perguntava aos reformistas: “É possível avançar temendo marchar rumo ao socialismo?”. Nosso programa teria de formular uma pergunta similar aos “novos” reformistas: é possível salvar o planeta sem expropriar o

---

4 Consideram-se pobres as pessoas que vivem com menos de dois dólares por dia, e miseráveis as que o fazem com menos de 1,25.

5 Calcula-se que, em meados do século 19, havia 27 milhões de escravos. Na atualidade, a OIT fala de 21 milhões, apesar de várias ONGs que cuidam deste tema falarem na existência de 30 a 36 milhões de escravos.

6 Segundo a OMS, a cada 40 segundos, uma pessoa se suicida. Entre os homens jovens (15 a 29 anos), o suicídio é a segunda causa de mortalidade, e entre as mulheres da mesma idade, a primeira; 75% dos suicídios ocorrem em países pobres.

capitalismo? É possível avançar temendo marchar rumo ao socialismo?

## **2. Do socialismo utópico ao socialismo científico**

2.1. Uma sociedade igualitária, comunista, na qual não existam exploradores nem explorados, nem opressores, nem oprimidos, libertaria a humanidade da catástrofe atual e do futuro cada vez mais incerto que se avizinha e a ameaça. O problema é como chegar a esta sociedade.

2.2. Esta ideia de uma sociedade comunista surgiu vários séculos antes do nascimento do marxismo. O mérito de Marx e Engels não foi, portanto, ter formulado um projeto comunista de sociedade, mas ter descoberto que era através da superação das contradições da sociedade capitalista que se poderia chegar a essa sociedade e também que só existia uma classe social, o proletariado, em condições de assumir, de forma bem sucedida, essa tarefa.

2.3. O filósofo grego Platão, mesmo tendo nascido 427 anos antes de Cristo, já falava do fim da propriedade privada e da família (por isso há quem o considere como o “primeiro comunista”), e muitas outras correntes (como o cristianismo em seu início) e intelectuais desenvolveram ideias similares. Depois da Revolução Francesa, ganharam grande destaque os socialistas utópicos (Charles Fourier, Robert Owen, Saint-Simon e Étienne Cabet), os quais pretendiam criar um sistema novo, perfeito, de ordem social e mediante à propaganda.

2.4. Os socialistas utópicos surgiram num período em que já existia um importante desenvolvimento da burguesia e do proletariado, mas no qual a luta de classes, entre ambos, ainda estava pouco desenvolvida. Isso é o que explica que, por exemplo, Saint-Simon não tenha conseguido diferenciar os burgueses dos proletários (chamava ambos de “os industriais”). Isso é também o que explica a ingenuidade destes grandes homens que acreditavam que, com a educação e os bons exemplos, de forma evolutiva, poderiam convencer o conjunto da sociedade (burgueses, pequeno-burgueses e proletários) sobre os benefícios que uma nova sociedade igualitária traria para todos.

2.5. O marxismo surge no final da primeira metade do século 19 com uma nova concepção do mundo e com um projeto de sociedade na qual os homens desenvolveriam a economia, superando os conflitos entre os próprios homens.

2.6. O marxismo conseguiu dar resposta ao tema da passagem da sociedade de classes ao comunismo como nenhuma outra corrente ou personalidade o tinha conseguido. Foi uma resposta científica e, por isso, embora ela ainda não tenha podido ser verificada até o fim (não se chegou ao socialismo e muito menos ao comunismo), passou, de forma bem sucedida, nas primeiras provas do laboratório da história.

### **3. Um programa de classe para que a classe operária liberte toda a humanidade**

3.1. O socialismo científico, diferentemente do utópico, não pretendia impor à sociedade um programa externo a ela. Foi a partir do estudo das leis que movem a sociedade capitalista que se começou a elaborar um projeto para superar as contradições dessa sociedade.

As forças ativas da sociedade agem, enquanto não as conhecemos e não contamos com elas, exatamente igual às forças da natureza: de um modo cego, violento, destruidor. Mas, uma vez conhecidas, tão logo como se soube compreender sua ação, sua tendência e seus efeitos, está em nossas mãos subordiná-las cada vez mais inteiramente à nossa vontade e alcançar, por meio delas, os fins propostos.<sup>7</sup>

3.2. Foi a partir desse estudo da realidade que os pais do socialismo científico se viram obrigados a

[...] submeter toda a história anterior a novas investigações, então se viu que, à exceção do estado primitivo, toda a história anterior tinha sido a história da luta de classes, e que essas classes sociais, disputando entre si, eram em todas as épocas fruto das relações de produção e de troca, ou seja, das relações econômicas de sua época. [...] Deste modo, o socialismo já não aparecia como a descoberta acidental deste ou daquele intelecto genial, mas como o produto necessário da luta entre duas classes formadas historicamente: o proletariado e a burguesia. [...] Tratava-se, por um lado, de expor esse modo capitalista de produção em suas conexões históricas e como necessário para uma determinada época da história, demonstrando, com isso, também a necessidade de sua queda, e, por outro lado, revelar seu caráter interno, ainda oculto. Esse foi revelado pela descoberta da mais-valia. Essas duas grandes descobertas: a concepção materialista da história e a revelação do segredo da produção capitalista, através da mais-valia, devemos a Marx.<sup>8</sup>

3.3. Foi do estudo da realidade do sistema capitalista que tanto Marx quanto Engels tiraram suas principais conclusões:

<sup>7</sup> ENGELS, Friedrich, *Do socialismo utópico ao socialismo científico*.

<sup>8</sup> *Ibid.*

a) que a burguesia, que no passado tinha cumprido um papel progressivo, não continuaria cumprindo mais;

b) que isso era porque o sistema capitalista havia nascido com uma contradição fundamental: a produção social e a apropriação individual;

c) que a contradição anterior gerava uma nova contradição entre a organização da produção no interior da indústria e a desorganização (anarquia da produção) na sociedade;

d) que essa anarquia da produção se via incentivada por outra lei do capitalismo, “a queda tendencial da taxa média de lucro”, o que gerava uma luta cada vez mais violenta entre os diferentes capitalistas;

e) que a anarquia capitalista gerava as crises, que eram a amostra, numa escala reduzida de tempo, da falência do sistema capitalista já que nelas “a sociedade se encontra subitamente reconduzida a um estado de súbita barbárie [...] por quê? Porque a sociedade possui muita civilização, muitos meios de vida, muita indústria, muito comércio. As forças produtivas de que dispõe já não favorecem o regime burguês da propriedade; pelo contrário, elas já são poderosas demais para estas relações [...]”<sup>9</sup>;

f) que a burguesia não tinha mais condições de ser a classe dominante “[...] a burguesia não é capaz de dominar porque não é capaz de assegurar a seu escravo (aos operários) a existência sequer no marco da escravidão [...]”;

g) que “de todas as classes que hoje enfrentam a burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária [...]. Os proletários não têm nada que salvar; têm de destruir tudo o que até agora veio garantindo e assegurando a propriedade privada existente [...]”;

h) que o proletariado só podia superar a principal contradição da sociedade tomando o poder e expropriando a burguesia, “[...] o primeiro passo da revolução operária é a elevação do proletariado à classe dominante [...]. O proletariado se valerá de sua dominação política para ir arrancando gradualmente da burguesia todo o capital, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, ou seja, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar com a maior rapidez possível a soma das forças produtivas”.<sup>10</sup>

3.4. Marx e Engels, alguns anos depois de escreverem o *Manifesto Comunista*, fizeram uma correção importante: “A Comuna de Paris

9 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Manifesto Comunista*.

10 *Ibid.*

demonstrou que a classe operária não pode se limitar simplesmente a tomar posse da máquina estatal, como está, e servir-se dela para seus próprios fins”.<sup>11</sup> Ou seja, não se tratava de tomar o controle político do Estado, mas de destruí-lo para, a partir daí, construir um novo Estado, a ditadura do proletariado.

3.5. No entanto, as conclusões fundamentais do marxismo foram duramente questionadas nas últimas décadas do século 19, quando o capitalismo da livre concorrência foi sendo superado pelo capitalismo monopolista, o que provocou, num primeiro momento, um novo desenvolvimento das forças produtivas.

3.6. A concentração de capitais em poucas mãos (particularmente do capital financeiro) e os acordos entre os capitalistas por meio dos trustes e sindicatos patronais levou os ideólogos da burguesia a preverem que a anarquia capitalista (e com ela suas crises) teria chegado ao fim.

3.7. Lenin chegou a uma conclusão oposta: “A supressão da crise pelos cartéis é uma fábula dos economistas burgueses, os quais põem todo seu empenho em embelezar o capitalismo. Pelo contrário, o monopólio que é criado em vários ramos da indústria aumenta e intensifica o caos próprio de toda a produção capitalista em seu conjunto [...]”.<sup>12</sup>

3.8. Os fatos confirmaram as opiniões de Lenin. Longe de o imperialismo ter garantido o desenvolvimento harmônico da sociedade, o que se deu, a partir de seu desenvolvimento foram duas guerras mundiais, interimperialistas (a primeira com 10 milhões de mortos, e a segunda com 60 milhões), enquanto as crises, ao invés de desaparecerem, se desenvolveram como nunca, alcançando seus picos máximos nos anos de 1929 e 2008. Assim, o programa marxista, expresso no *Manifesto Comunista*, passou na primeira prova dos fatos.

3.9. A segunda prova e, em grande medida a definitiva, foi a Revolução Russa, porque, nela, os operários destruíram o Estado capitalista e construíram um Estado de um novo tipo. Uma ditadura do proletariado que derrotou a burguesia no terreno militar, a expropriou e, a partir daí, deu-se um desenvolvimento das forças produtivas tão grande que fez Trotski dizer:

Os imensos resultados obtidos pela indústria, o início promissor de um florescimento da agricultura, o crescimento extraordinário das velhas cidades industriais, a criação de outras novas, o rápido aumento do número de operários, a elevação do nível cultural e das necessidades, são os resultados

---

11 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, Prólogo à edição alemã do *Manifesto Comunista*.

12 LENIN, V. I., *Imperialismo, fase superior do capitalismo*.

indiscutíveis da Revolução de Outubro, na qual os profetas do velho mundo acreditaram ver a cova da civilização. Já não há necessidade de discutir com os senhores economistas burgueses: o socialismo demonstrou seu direito à vitória não nas páginas de *O Capital*, mas numa arena econômica que constitui a sexta parte da superfície do globo; não na linguagem da dialética, mas na do ferro, do cimento e da eletricidade. Mesmo no caso de a URSS, por culpa de seus dirigentes, sucumbir aos golpes do exterior – coisa que sinceramente esperamos não ver – continuaria como garantia o fato indestrutível de que a revolução proletária foi a única que permitiu a um país atrasado obter, em menos de vinte anos, resultados sem precedentes na história.<sup>13</sup>

3.10. Os socialistas utópicos pretendiam libertar toda a humanidade de uma só vez. Os socialistas científicos, pelo contrário, consideravam que só se poderia conseguir esse objetivo libertando primeiro a classe operária por meio da ditadura revolucionária do proletariado.

3.11. Por isso, o programa marxista não é o programa de toda a sociedade, sequer o das massas. *É o programa da classe trabalhadora.* É o programa da libertação da classe operária para que ela possa libertar toda a humanidade.

3.12. Atualmente, muitos “marxistas”, impressionados pela restauração do capitalismo nos ex-Estados operários (o impressionismo é um traço típico da pequena burguesia), renunciaram à luta pela ditadura do proletariado, ou seja, renegam o programa marxista e criam “novas” organizações (os partidos anticapitalistas). Fazem tudo isso falando em liberdade, justiça, igualdade e até no socialismo.

3.13. Uma comparação precipitada poderia nos levar a dizer que, estas “novas” organizações se parecem com os socialistas utópicos. Mas seria um insulto a esses grandes homens. Engels, referindo-se a Owen, disse: “Era um homem cuja candura quase infantil beirava o sublime”. Dificilmente poderíamos dizer algo parecido sobre Alexis Tsipras ou Pablo Iglesias. Eles não têm a inocência das crianças. Eles sabem perfeitamente que não existem possibilidades de convencer a burguesia a deixar de lado seus interesses e, por isso, sabem perfeitamente que, quando chegam ao poder, têm de aplicar, contra os trabalhadores, os planos que a burguesia lhes exige e assim eles vêm fazendo. O mais correto, portanto, é localizar estes reformistas, sem reformas, como os localizava Lenin em sua época: “estão aí para enganar os trabalhadores”. Essa é sua única função.

#### **4. O socialismo será internacional ou não será**

4.1. Para o marxismo, embora a tomada do poder pelos trabalhadores deveria acontecer primeiro, necessariamente, em nível nacio-

<sup>13</sup> TROTSKI, Leon, *A revolução traída*.



nal, o socialismo (ou a primeira fase do comunismo) só poderá ser alcançado em nível internacional.

4.2. Esta ideia aparece já nos primeiros trabalhos de nossos mestres. Por exemplo, em *Princípios do Comunismo*, elaborado por Engels em 1847, no qual o autor, respondendo à pergunta “é possível esta revolução num só país?”, afirma: “Não. A grande indústria, ao criar o mercado mundial, uniu já tão estreitamente todos os povos do globo terrestre, principalmente os povos civilizados, que cada um depende do que ocorre na terra do outro”.<sup>14</sup>

4.3. No entanto, o grande debate que ocorreu poucos anos depois da tomada do poder, entre Trotski e Stalin, se deu partir do “aporte teórico” de Stalin sobre o “socialismo num só país”.

4.4. A restauração do capitalismo nos ex-estados operários foi a mais cruel demonstração prática do caráter utópico e reacionário da teoria/programa do “socialismo num só país”.

4.5. Ao a revolução não avançar para os países centrais, fundamentalmente pelos acordos do stalinismo com o imperialismo, não somente as forças produtivas não se desenvolveram como também, onde estavam se desenvolvendo (nos ex-Estados operários), começaram a retroceder a tal ponto que a burocracia, diante do caos econômico de seus estados, viu-se obrigada a restaurar o capitalismo.

4.6. Não foi fácil para o stalinismo convencer o partido bolchevique e a III Internacional, fundada no ano de 1919, sobre a teoria do socialismo num só país, que significava a “coexistência pacífica com o imperialismo”, pois, apesar do cansaço das massas, entre os bolcheviques havia reservas revolucionárias. Mas Stalin, à frente do aparato do partido, conseguiu vencer esta resistência com o que ele haveria de impor como método permanente do stalinismo: a perseguição aos dissidentes, as campanhas de calúnias, as fraudes, as torturas e os assassinatos, a ponto de transformar a ditadura do proletariado no oposto do que foi nos primeiros sete anos. Naquela época, era a maior democracia que se tinha alcançado em qualquer tipo de Estado, pois era a ditadura da ampla maioria (a classe operária e os setores populares) contra a ínfima minoria (os nobres, a burguesia e os setores mais privilegiados da pequena burguesia). Stalin transformou, por meio da violência do Estado, essa ditadura contra os nobres e a burguesia numa ditadura de uma nova minoria, contra os revolucionários e a classe operária.

4.7. Atualmente, a maioria da esquerda se diz contrária ao stalinismo, mas a denúncia que faz do mesmo não vai além do que fez Ni-

<sup>14</sup> ENGELS, Friedrich, *Princípios do Comunismo*.

kita Krushev, no XX Congresso do PCUS<sup>15</sup>. Denunciam seus métodos, mas não explicam o porquê de tanta violência e repressão.

4.8. Não dizem que a violência foi centralmente contra os revolucionários que não estavam de acordo com pactuar com o imperialismo, com apoiar o pacto entre Hitler e Stalin ou com as frentes populares com as burguesias nacionais.

4.9. Os novos críticos do stalinismo (que, em grande medida, são os stalinistas do passado) não o julgam por sua estratégia, mas pelos métodos que utilizou a serviço dessas estratégias. Por isso, não o responsabilizam pela barbárie atual a que a classe operária e os povos estão sendo submetidos.

4.10. É verdade que foi o imperialismo que nos levou à situação atual, mas, como afirmava Moreno, não podemos acusar nossos inimigos por nossas derrotas. O imperialismo está provocando uma catástrofe. Mas por que o imperialismo, depois do triunfo da Revolução Russa e das outras revoluções, depois da construção da III Internacional, depois da derrota do nazismo, continua sendo dono do mundo? Houve um aparato internacional que impediu o triunfo da revolução mundial e, para isso, realizou um verdadeiro genocídio dos que queriam fazê-la. Este aparato tem um nome: stalinismo. Eles foram, durante mais de 60 anos, os agentes do imperialismo no interior dos estados operários e das massas do mundo.

4.11. O trotskismo foi a única corrente internacional que enfrentou até o fim a teoria/programa stalinista do “socialismo num só país” e, justamente por isso, foi a única corrente que formulou a única alternativa para evitar a restauração do capitalismo: *a revolução política*, a qual, mantendo as conquistas da revolução, deveria expulsar a burocracia do poder e recolocar (colocar) a classe operária à frente dos estados operários degenerados ou burocratizados.

4.12. Esta política, a partir da década de 1950, se tornou realidade quando a classe operária e as massas foram às ruas (na Alemanha Oriental, na Hungria, na Polônia e na Checoslováquia) para derrubar a burocracia.

4.13. A falta de uma direção revolucionária (pois a classe operária destes países não tinha se recuperado do genocídio stalinista) possibilitou que os tanques de Moscou derrotassem estas revoluções. Porém, à luz dos processos do leste, elas nos deixaram uma lição. Sem a revolução política triunfante, seria impossível que estes estados abandonassem sua política de colaboração com o imperialismo

---

<sup>15</sup> XX Congresso do PCUS, realizado em fevereiro de 1956, no qual Krushev denunciou os crimes de Stalin.

(justificada com a teoria do “socialismo num só país”) e, por isso, a restauração capitalista, conduzida pela burocracia, acabou sendo imposta.

4.14. O socialismo será internacional ou não será. Essa é a principal conclusão que é necessário tirar dos processos do leste europeu. Se a vanguarda operária e revolucionária não tira essa conclusão, pouco terá servido para o futuro da humanidade uma de suas maiores conquistas: a derrota do aparato stalinista, os coveiros da revolução.

## **5. Sem direção revolucionária, não haverá revolução vitoriosa**

5.1. Diferentemente do que acontecia antes dos processos do leste, atualmente um programa que não coloque no centro de suas tarefas a construção do partido e o tipo de partido que é necessário construir, ameaça converter-se numa montanha de papel inútil. Como o partido bolchevique se degenerou em partidos stalinistas (burocráticos e contrarrevolucionários), depois dos processos do leste, generalizou-se a ideia de que era equivocado construir partidos revolucionários. Dessa forma, tentou-se “jogar o bebê fora com a água do banho”.

5.4. Mas a história demonstrou que as massas são capazes de fazer revoluções, de derrubar governos e regimes, de derrotar as forças armadas da burguesia, de acabar com o fascismo e o stalinismo. Mas também demonstrou que sem uma direção altamente centralizada não há condições de destruir o Estado burguês e de construir um Estado operário. Por isso, renunciar à construção do partido, com qualquer que seja o argumento, é renunciar à vitória da revolução, é apostar na continuidade do capitalismo, o que equivale a apostar na barbárie. Essa é a razão de fundo que leva os reformistas, de todo o tipo, a questionarem a construção de partidos operários revolucionários. Para que construir partidos revolucionários se não defendem uma revolução? Para disputar as eleições parlamentares e, em alguns casos, as sindicais, é mais que suficiente um partido como o NPA francês, o PSOL brasileiro e o Syriza na Grécia. Mas a história também demonstrou que um partido centralizado, onde não impeça a mais ampla democracia em seu interior, nunca poderá chegar a ser um partido verdadeiramente revolucionário. Não se trata, portanto, de construir qualquer tipo de partido centralizado. Trata-se de construir um partido que tenha um regime centralista democrático (como o tinha o partido bolchevique), no qual a democracia seja a

condição para a ação centralizada e a condição para que seja a base desse partido quem o controle. Para acabar com a burguesia em nível nacional, precisa-se de partidos nacionais, e para triunfar, esses partidos precisam de uma direção revolucionária. Essa direção só pode ser construída no marco de uma internacional que não pode ser outra senão a que a IV Internacional pos em seu programa, que precisa ser atualizado, estão resumidas as experiências e lições do marxismo, desde o *Manifesto Comunista* até o *Programa de Transição*, que não foi mais do que uma atualização, frente à URSS burocratizada, das lições dos quatro primeiros congressos da III Internacional.

5.8. Por outro lado, a Internacional é a única garantia de que é possível construir direções nacionais verdadeiramente revolucionárias, pois uma direção nacional, por mais forte que seja, sempre será mais débil que uma direção internacional por mais débil que esta seja. Essa é a principal lição que a luta de mais de 100 anos para construir a Internacional nos deixou.

5.9. É óbvio que não existe nenhuma organização perfeita, nem em nível nacional, nem em nível internacional.

O partido, sem dúvidas, também pode se equivocar. Com o esforço comum, corrigiremos os erros. Podem se infiltrar em suas fileiras elementos pouco valiosos. Com esforço comum, os eliminaremos. As milhares de pessoas que entrem amanhã em suas fileiras possivelmente careçam da educação necessária. Com o esforço comum, elevaremos seu nível revolucionário. Mas nunca esqueceremos que nosso partido é agora a maior alavanca da história. Afastados desta alavanca, cada um de nós não é nada. Com esta alavanca nas mãos, somos tudo.<sup>16</sup>

## **6. Sem dividir a pequena burguesia e sem derrotar os reformistas, a revolução será derrotada**

6.1. Na luta pelo triunfo da revolução socialista, a classe operária e os revolucionários tiveram de enfrentar o imperialismo e cada uma das burguesias nacionais. Mas a burguesia é, do ponto de vista numérico, uma classe muito pouco numerosa, motivo pelo qual se poderia pensar que estaríamos diante de uma tarefa bastante simples.

6.2. No entanto, isso não é assim, porque existe uma ampla camada social intermediária entre burguesia e o proletariado que, em geral, atua como um colchão para amortecer e desviar os golpes do proletariado contra os capitalistas, inclusive nos casos em que os representantes políticos destes setores participam destes en-

---

16 TROTSKI, Leon, *A fundação da IV Internacional*, 1938.

frentamentos ou inclusive naqueles casos em que se põem à frente dos mesmos, como aconteceu em quase todas as revoluções do pós-guerra.

6.3. A importância de analisar a existência e o comportamento deste setor é dupla. Por um lado, porque é um fator muito importante da realidade mundial e, por outro, porque o *Manifesto Comunista* fez uma previsão equivocada sobre o futuro deste setor.

6.4. O *Manifesto* tem uma atualidade que impressiona. Mas, como não poderia deixar de ser, tem algumas insuficiências e debilidades que foram sendo corrigidas por seus próprios autores e por seus principais seguidores.

6.5. Uma dessas debilidades é que tem um prognóstico equivocado sobre o futuro das classes médias, já que afirma que

Toda a sociedade vai se dividindo, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes, que se enfrentam diretamente: a burguesia e o proletariado. [...] Pequenos industriais, pequenos comerciantes e rentistas, artesãos e camponeses, toda a escala inferior das classes médias de outros tempos, caem nas fileiras do proletariado. [...]<sup>17</sup>

6.6. Sobre este tema, Trotski apontou: “os autores do *Manifesto* imaginaram, de uma maneira muito unilateral, o processo de liquidação das classes intermediárias como uma proletarização em larga escala do artesanato, do campesinato e de pequenas indústrias”. A partir disto, Trotski apontou onde estava o erro do prognóstico de Marx e Engels:

O capitalismo arruinou a pequena burguesia com uma velocidade maior do que a tinha proletarizado. Além disso, o Estado burguês tem direcionado, por muito tempo, sua política consciente para a manutenção artificial do estrato pequeno burguês. [...] Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do capitalismo acelerou, ao extremo, o crescimento de legiões de técnicos, administradores, empregados comerciais, em resumo, a chamada nova classe média. Portanto, as classes intermediárias, a cuja desaparecimento se refere tão categoricamente o *Manifesto*, incluem, mesmo num país tão altamente industrializado como a Alemanha, quase metade da população.<sup>18</sup>

6.7. O exemplo da Alemanha era categórico. Mas agora, com a vantagem de poder analisar a crítica de Trotski 78 anos depois de formulada, vemos que a realidade de todos estes anos confirmou a correção desta crítica. No mundo atual, as classes intermediárias constituem, na maioria dos países, uma porcentagem altíssima da população. Isso inclui a pequena-burguesia a que se referiam Marx

---

17 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Manifesto Comunista*.

18 TROTSKI, Leon, *Noventa anos do Manifesto Comunista*, 1938.

e Engels (como herança das formações pré-capitalistas) e também a nova classe média, que Trotski agregava a sua análise.

6.8. Mas o *Manifesto Comunista*, apesar de ter se equivocado no prognóstico, acertou no fundamental: a caracterização social e política destes setores:

Os estamentos médios – o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão, o camponês – todos eles lutam contra a burguesia para salvar da ruína sua existência enquanto tais estamentos médios. Não são, portanto, revolucionários, mas conservadores. Mais ainda, são reacionários, já que pretendem voltar a roda da história para trás. São revolucionários unicamente enquanto tenham diante de si a perspectiva da passagem iminente ao proletariado.<sup>19</sup>

O capitalismo, com a grande indústria, tal como dizia Marx, tende a acabar com este setor social. Em nível internacional, 80% das novas empresas que são abertas não conseguem sobreviver e fecham antes dos cinco anos de vida. Porém, tal como também dizia Trotski, o capitalismo, por sua crise, não consegue absorver, como assalariado, essa massa de pequenos proprietários que, ano a ano, quebram e, por outro lado, também como apontava Trotski, os Estados mantêm, contra as tendências do capital, de forma artificial, este estrato pequeno burguês. Este estamento social exerce uma pressão brutal sobre a classe operária e sobre os revolucionários. Na Revolução Russa, por exemplo, as pressões advindas da pequena burguesia foram tão grandes que elas se expressaram, com muita força, em diferentes momentos, no interior do próprio partido bolchevique.

6.9. A pequena burguesia enfrenta, muitas vezes, de formas radicais, o capital (as correntes guerrilheiristas são um exemplo). Porém, como dizia Marx, o fazem para evitar sua proletarianização. Temem o grande capital, mas temem mais o movimento operário. Daí sua tendência à conciliação, ao reformismo, à busca de burgueses e gerais “progressistas”.

6.10. Na segunda metade do século 19, com o surgimento da aristocracia operária, aparece o reformismo clássico que encontrará respaldo na pequena burguesia, especialmente em seus setores mais intelectualizados, mas também vai surgir o reformismo pequeno burguês, que atualmente é o caso do Podemos e do Syriza ou de organizações menores como o Bloco de Esquerda de Portugal ou o PSOL do Brasil.

---

19 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Manifesto Comunista*.

6.11. Na Revolução Russa, Lenin teve que enfrentar a pequena burguesia e suas expressões políticas, fundamentalmente os SR (o partido da pequena burguesia rural) e os mencheviques (o reformismo operário com grande peso da intelectualidade pequeno burguesa) e, como produto deste enfrentamento, chegou a duas grandes conclusões. Primeiro, que era impossível tomar o poder sem derrotar as correntes reformistas e oportunistas. Segundo, que era impossível, por seu caráter reacionário, ganhar o conjunto das camadas intermediárias antes da tomada do poder e, portanto, tratava-se de dividi-la. De ganhar um setor e paralisar o resto para tomar o poder e, a partir do poder, com medidas concretas, mostrar a estes setores que seu lugar deveria ser junto ao proletariado.

6.12. Atualmente os movimentos da pequena burguesia, dada a crise da direção revolucionária, exercem uma pressão brutal para desviar as massas do caminho da revolução, para bloquear o levante do movimento operário e para obrigar (por hora com bastante êxito) os pequenos grupos revolucionários ou centristas, a capitular a seus interesses mesquinhos. Assim vemos como, a maioria destes grupos, seguem as diferentes modas da pequena burguesia. Em seu momento (década de 70) foram guerrilheiristas; depois, na década de 90, Zapatistas; nos anos 2000 eram os socialistas do século 21 de Chávez e atualmente são os eleitores do Syriza na Grécia ou do Podemos na Espanha.

6.13. Nas revoluções lutamos pela unidade da classe operária e pela divisão da pequena burguesia, sem a qual o triunfo da revolução é impossível, mas, só poderemos conseguir essas duas tarefas derrotando as correntes reformistas.

6.14. A ideia oportunista, de hoje andarmos juntos ao reformismo, para melhor dialogar com as massas, é a melhor forma de preparar as derrotas de amanhã. A fórmula bolchevique, para os reformistas, que estavam dispostos a encarar alguma luta (“golpear juntos, marchar separados”) é a única que abre possibilidades de vitória.

## **7. O proletariado como caudilho da revolução**

7.1. O manifesto diz que, entre todas as classes que enfrentavam a burguesia, só o proletariado era revolucionário. Mas, essa ideia, hoje em dia é questionada, inclusive por muitos “marxistas”.

7.2. Diz-se que o proletariado estaria em extinção, ou que seria muito minoritário, ou que haveria atualmente novos sujeitos sociais da revolução.

7.3. Estes argumentos não têm a menor consistência. O proletariado é o produto mais genuíno do capitalismo. Sem proletariado não há capitalismo. Em certos momentos e países, o número de proletários pode ser maior ou menor, mas não é isso o que determina seu papel na revolução. Na Revolução Russa o proletariado industrial era somente 2% da população e na revolução boliviana era menor ainda. Se em ambos os casos o proletariado pode atuar como caudilho dos outros setores explorados não foi por seu número, mas pelo lugar que ocupa na produção e por sua concentração.

7.4. Por outro lado, atualmente, na maioria dos países do mundo, a porcentagem de proletariado é muito maior do que foi na Revolução Russa.

7.5. No entanto, é verdade que nas revoluções do pós-guerra e também nas da atualidade o proletariado atuou, mas não ocupou o lugar central que a história tinha reservado a ele. Isto, em vários casos, se deveu a causas objetivas como foram, por exemplo, as importantes derrotas que havia sofrido no período anterior (China, por exemplo) mas, em linhas gerais, a falta de protagonismo do proletariado deveu-se a questões subjetivas, à crise da direção revolucionária ou mais precisamente à ação dos aparatos contrarrevolucionários, à socialdemocracia, ao stalinismo, às igrejas que permanentemente tentaram fazer com que o proletariado se misturasse e aliasse à burguesia.

7.6. Nesse sentido, a possibilidade de que o proletariado seja o caudilho das próximas revoluções está vinculada, em grande medida, ainda que não somente a isso, ao processo de superação da crise de direção revolucionária.

7.7. A história demonstrou que direções pequeno burguesas ou burocráticas, em situações excepcionais, podem, apoiando-se na pequena burguesia, expropriar a burguesia e construir Estados operários. No entanto, a história também demonstrou, tragicamente, que é impossível que dessas revoluções surjam regimes de democracia operária e, por isso, estes Estados que, do ponto de vista econômico eram de transição ao socialismo, se transformaram em Estados de transição à restauração do capitalismo.

7.8. O ocorrido com a restauração mostra isso. Na URSS, para que se chegasse à restauração, foi necessária uma contrarrevolução sangrenta. Ao contrário, nos outros Estados, à medida em que a classe operária não estava no poder, pode-se passar, sem uma contrarrevolução sangrenta, de Estados operários burocratizados a Estados capitalistas.



7.9. Pouco tempo antes de morrer Moreno fez uma reflexão muito profunda que tem a ver diretamente com esta questão e que nos deve servir de guia para a ação:

Nós tratamos de dirigir o proletariado, jamais nos afastamos dele. Isto não é uma declamação, é uma política internacional de classe que se desprende de uma análise teórica profunda...Se a classe operária não nos segue, não chegaremos a nenhuma parte. Nos burocratizamos. Capitulamos ao campesinato. É inconcebível fazer a revolução proletária sem proletariado. Ao longo de minha vida política, depois, por exemplo, de olhar com simpatia o regime que surgiu da Revolução Cubana, cheguei à conclusão de que é necessário continuar com a política revolucionária de classe, ainda que nos atrase a chegada ao poder em vinte, trinta anos, ou o que seja. Nós desejamos que seja a classe operária a que verdadeiramente chegue ao poder, por isso queremos dirigi-la<sup>20</sup>.

## 8. Um programa de transição para o triunfo da revolução socialista

8.1. Entre os trotskistas sempre houve acordo sobre a necessidade de elaborar um programa de transição. Ou seja, um programa que “...ajude as massas, no processo de luta cotidiana, a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa socialista da revolução”<sup>21</sup>.

8.2. No entanto, sempre existiu um debate em torno dos objetivos, critérios e método para elaborar o programa. Tanto é que ele já existia quando, em 1937, Trotski estava elaborando o *Programa de transição* e por isso dizia:

O que devemos fazer? Ajustar nosso programa à situação objetiva ou à mentalidade do operário? E creio que esta questão deve ser colocada a todo camarada que diz que este programa não se ajusta à situação americana. Este é um programa científico. Se baseia em uma análise científica da situação objetiva. Não pode ser compreendido pelos operários em seu conjunto... Temos que dar uma explicação científica da sociedade, e explicá-la claramente às massas. Esta é a diferença entre o marxismo e o reformismo.<sup>22</sup>

Esta questão, sobre se o programa deve se ajustar à mentalidade dos operários ou à situação objetiva (às necessidades), é a origem de todas as polêmicas até o dia de hoje. E as polêmicas surgem porque há uma grande contradição, entre o partido revolucionário e as massas. Todo partido revolucionário precisa relacionar-se com as massas, mas, ao fazê-lo, encontra-se com o fato de que estas têm uma consciência burguesa e isso faz com que muitos revolucioná-

20 MORENO, Nahuel, *Conversando com Moreno*.

21 TROTSKI, Leon, *Programa de Transição*.

22 TROTSKI, Leon, *Completar o programa e colocá-lo em prática*, 1938.

rios tentem superar essa contradição adaptando, de uma forma ou de outra, o programa à essa consciência ou diretamente ocultando o programa.

8.3. Esse último foi o caminho adotado pela socialdemocracia clássica quando, ao final do século 19 e em função de sua adaptação à democracia burguesa, dividiu o programa em dois. O mínimo, que levava às massas e o máximo, que só usavam para “os dias de festas”<sup>23</sup>.

8.4. Na atualidade, essa pressão para abandonar o programa, normalmente se expressa de três maneiras distintas: Em primeiro lugar, na resistência a difundir o programa, amplamente, entre as massas, tal como recomendavam Marx e Engels no *Manifesto comunista*. Em segundo lugar, na elaboração das consignas para a ação tomando como referência, em primeiro lugar, a consciência imediata das massas e não sua necessidade imediata o que nos leva, com bastante frequência, a ficar presos a ações reacionárias e aos aparatos contrarrevolucionários que as dirigem<sup>24</sup>.

Em terceiro lugar, se expressa na negativa em agitar, entre as massas, as consignas que não estejam de acordo com seu nível de consciência. Este é o erro mais frequente e, com certeza, o mais grave. Porque as consignas de transição, que são a essência do programa, normalmente não estão ao nível da consciência das massas e, por isso, dificilmente elas poderão provocar ações como estas, mas é fundamental agitar estas consignas porque elas preparam as ações do futuro e por isso, no presente, nos permitem agrupar, em torno a elas, os melhores elementos das mobilizações por questões mínimas.

8.5. Este tipo de comportamento, de sempre buscar adaptar o programa à consciência das massas, seja da forma como for, indica uma falta de compreensão sobre o verdadeiro objetivo do programa, que não é ir ao encontro da consciência das massas, mas, pelo contrário, desatar um combate contra ela, contra o burguês que todo operário tem em sua cabeça.

---

23 *Ibid.*

24 Na Argentina, em 1973, uma boa parte da esquerda, incluindo o Partido Operário (PO), acompanhando a consciência imediata das massas, foi receber o General Peron quando este voltava ao país para tentar controlar o movimento operário; em 1982 estes setores fizeram o mesmo diante da visita do Papa, quando este foi à Argentina em apoio aos ingleses durante a Guerra das Malvinas e algo similar ocorreu em Portugal quando, em 1999, as tropas das Nações Unidas, que incluía a polícia portuguesa, invadiu o Timor Leste, que lutava por sua independência da Indonésia, com o pretexto de “ajudar” a sua luta. Nenhuma organização de esquerda exigiu, naquele momento, a retirada das tropas imperialistas das Nações Unidas. Uma porque estavam a favor da invasão (SU) e outras porque consideravam que esta consigna não estava no nível de consciência das massas portuguesas.

Os reformistas têm bom olfato para o que o público deseja; e, como Norman Thomas<sup>25</sup>, dão-lhe. Mas essa não é uma atitude revolucionária séria. Devemos ter coragem para sermos impopulares, para dizer “você são idiotas, “são tolos”, “os traem”, e algumas vezes, com escândalo, levar adiante nossas ideias apaixonadamente. É necessário sacudir o operário de vez em quando, explicar, e depois voltar a sacudi-lo<sup>26</sup>.

## **9. O socialismo não é inevitável, mas estamos convencidos de que podemos triunfar**

9.1. Muitos marxistas (entre eles Nahuel Moreno) afirmaram no passado que a derrota do capitalismo e a vitória do socialismo eram inevitáveis.

9.2. Hoje, com a vantagem de poder analisar estas afirmações há mais de 150 anos do surgimento do marxismo, podemos dizer que o que se confirma é que “A história de todas as sociedades até os nossos dias é a história da luta de classes” e que, por isso, o socialismo não é uma fase inevitável do desenvolvimento da humanidade, é uma possibilidade, que acontecerá, ou não, a depender do desenvolvimento da luta de classes.

9.3. No entanto, sobrevive uma polêmica sobre a origem das teses sobre a inevitabilidade do socialismo. Originalmente esta tese foi formulada pelos revisionistas (Bernstein e Kautsky) ou foi formulada por Marx e Engels e desenvolvida por aqueles?<sup>27</sup> Este é um debate importante, mas no momento de elaborar o programa, acreditamos que não se deve dar a ele mais importância do que ele tem. O que é importante, para a atualização do programa, é precisar que a visão materialista da história exclui qualquer tipo de determinismo. De qualquer maneira, é importante destacar que, assim como no passado recente houve quem, impressionado pelas revoluções triunfantes, opinasse que haveria algum tipo de lei que tornaria o socialismo inevitável, hoje em dia existem muitos “marxistas” que, impressionados pela restauração do capitalismo nos ex-Estados operários, opinam que agora haveria uma nova “lei” que tornaria o socialismo impossível. Esta ideia é justificada pela ideia de que os processos do leste teriam levado as massas a negarem a luta pelo socialismo e o comunismo e, por isso, se tornaria impossível o triunfo de uma revolução por toda uma etapa ou época. Estas ideias escon-

---

25 Norman Thomas, um dos mais importantes dirigentes do Partido Socialista dos EUA, candidato à presidência em seis oportunidades.

26 Leon Trotski, “Completar o programa e colocá-lo em prática”, 1938.

27 Ver a polêmica sobre a inevitabilidade do socialismo nos números 4, 5 e 6 de *Marxismo Vivo*.

dem uma ruptura com alguns dos pilares básicos do marxismo. Porque é verdade que a restauração do capitalismo, nos ex-Estados operários, significou uma derrota para a classe operária à nível mundial, mas não é verdade que a destruição dos partidos comunistas teve o mesmo significado. Foi totalmente ao contrário. Justamente pelo caráter contraditório dos processos do leste, o efeito que teve sobre a consciência também o foi. Mas ainda no caso em que houvesse tido somente um efeito negativo, seria completamente falso e profundamente antimarxista, afirmar que por isso as revoluções socialistas e o próprio socialismo são impossíveis.

Não é o nível de consciência das massas que determina a possibilidade de vitória ou derrota da revolução socialista. A consciência da ampla maioria das massas, sob o capitalismo, antes da revolução, durante a revolução e inclusive tempos depois de seu triunfo, é sempre burguesa. “As ideias dominantes em qualquer época nunca foram mais que as ideias da classe dominante”<sup>28</sup>.

Quem faz as revoluções são as massas com sua mobilização, mas não as fazem com um plano previamente elaborado. Não fazem a revolução, porque, previamente, se convenceram da necessidade do socialismo. A fazem porque se mobilizam contra as condições de vida que o capitalismo lhes impõe. Se não fosse assim, nenhuma revolução socialista teria triunfado em toda a história.

Por outro lado, afirmar que não podem existir mais revoluções socialistas equivale a dizer que o capitalismo poderá satisfazer as necessidades das massas. Significa não entender que as forças produtivas estão estancadas há mais de 100 anos e isto não mudou com a restauração do capitalismo. Pelo contrário. É justamente esta realidade que dá bases objetivas para as revoluções socialistas que, para que sejam triunfantes, precisam de uma direção operária e revolucionária que as conduza até o final.

A direção revolucionária ainda não existe e, em muitos aspectos, os processos do leste trouxeram dificuldades de um tipo diferente para construí-la, por exemplo, o questionamento sobre construir partidos revolucionários. Mas esta não é uma dificuldade nova. Esta dificuldade já existia, e de forma muito mais desenvolvida, quando a maioria da vanguarda operária e popular, pelo peso do stalinismo, construía partidos, que acreditavam que eram revolucionários, mas que na realidade eram para colaborar com a burguesia e o imperialismo. Em outras palavras, atualmente, como produto dos processos

---

28 Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto comunista*.

do leste, para os trotskistas é difícil construir um partido, entre outras coisas, porque há um questionamento aos partidos, mas é muito mais difícil construir um partido stalinista, e essa é a grande diferença com a situação anterior quando milhões de pessoas entravam nestes partidos. Construir a direção revolucionária, à nível nacional e mundial é uma tarefa muito difícil (sempre foi), mas deve-se encarar a tarefa, que sem dúvida seria muito mais fácil se os milhares de dirigentes e ativistas que hoje dizem que o socialismo é impossível se somassem à ela.

As massas vêm fazendo sua parte, agora é necessário que os marxistas revolucionários, junto com a vanguarda operária e popular, façam a sua. Não há nenhuma lei que diga que não o possamos fazer. Só há uma condição: que saibamos aprender com as lições do passado, sem o qual a construção da direção revolucionária é impossível.

# Crítica ao texto “Sobre o caráter do programa”

Paulo Aguena

## Apresentação

Começo por esclarecer que em geral tenho acordo com o grosso das definições programáticas presentes no texto “Sobre o caráter do programa”, principalmente as que se desdobram da época<sup>29</sup> histórica aberta a partir da decadência das forças produtivas consequência da fase imperialista do capitalismo. É o caso da definição do caráter científico do socialismo e do comunismo, da necessidade da ditadura do proletariado, do caráter revolucionário (bolchevique) do partido, do papel do stalinismo e o significado do processo de burocratização e degeneração dos ex-Estados operários, do caráter Internacional da revolução, a necessidade da reconstrução da IV Internacional, da importância das lutas contra a opressão das mulheres, dos negros, dos homossexuais e das nacionalidades, entre outros.

Minhas críticas mais bem se referem aos processos e fenômenos relativos à atual etapa da luta de classes mundial. Neste texto tratarei dos seguintes temas: 1) as conclusões sobre os acontecimentos do leste, relação de forças e consciência; 2) a pequena burguesia e a nova classe média; 3) o fenômeno do (neo)reformismo e como combatê-lo.

Por razões de espaço deixo de lado outra discussão igualmente importante também presente no texto sobre a aplicação do método do *Programa de transição*, mais precisamente, a relação entre o programa e as palavras de ordem (ver ponto 8). Penso que é necessário reformulá-lo.

De toda forma os temas que ora apresento são importantes não só porque incidem sobre uma determinada visão de mundo, mas também sobre o desafio de construir os partidos revolucionários na atualidade.

---

<sup>29</sup> Sobre as definições de épocas, etapas e situações ver Nahuel Moreno *As revoluções do século 20*.

## 1. Sobre os acontecimentos do leste, relação de forças e consciência

O texto “Sobre o caráter do programa” aprovado por maioria no CEI, a meu ver, está cruzado por uma série de conclusões equivocadas sobre os acontecimentos do leste, a começar pela relação de forças considerada sob a ótica da etapa. Isso nos leva a ter uma visão distorcida do momento histórico que estamos vivendo.

Hoje, passados 25 anos desde que estes acontecimentos ocorreram, estamos perante o desafio de explicar porque o ascenso que tem percorrido o mundo no último período, a exemplo da Europa e no Norte da África, até agora não levou a novas revoluções que expriassem a burguesia.

A explicação para todo esse processo pode ser simples: isso se deve à continuidade da crise de direção revolucionária. Mas essa resposta, longe de resolver o problema, o torna ainda intrigante: passado tanto tempo esta crise de direção ainda parece estar longe de ser resolvida. Apesar da queda do aparato stalinista, tal qual no período entre guerras, os partidos revolucionários *seguem sendo organizações relativamente marginais*, inclusive nos principais centros da luta de classes.

Penso que o texto desenvolve um raciocínio teórico que tenta demonstrar o contrário, ou seja, passa uma visão de que após os acontecimentos do leste estaríamos vivendo uma etapa – ainda que não utilize esta terminologia – mais favorável<sup>30</sup>, não só em termos da etapa da luta de classes, ou seja, da relação de forças, mas também em relação às possibilidades da construção do partido revolucionário. O texto inclusive retrocede em relação a elaborações anteriores votadas em nossos últimos congressos. Estas pelo menos reconheciam os efeitos negativos que os acontecimentos do leste haviam provocado na consciência das massas<sup>31</sup>.

---

30 Em documentos aprovados em congressos mundiais anteriores chegamos a definir a atual etapa, conhecida como “quarta etapa”, como “revolucionária” e, posteriormente, como “progressiva”.

31 Ainda no último Congresso Mundial (2013) dizíamos: *“La conciencia siempre va por detrás de acciones. Estas van contra los gobiernos y regimenes, contra el imperialismo, pero la conciencia sigue presa de la democracia burguesa, del pacifismo, de la idea de que el “socialismo fracasó”, del sindicalismo y el economicismo, de formas anarquistas u “horizontalistas”, de la religión, de mil y unas ilusiones. Incluso a veces gira a la derecha, como la confianza al ejército en el Egipto, o a Capriles en Venezuela. Sin criterio de independencia e clase ni de la necesidad e un partido revolucionario (en el sentido de la revolución socialista) es una ruptura que busca salidas centristas, de “profundización de la democracia” o de “socialismo del siglo 21”, o de “hacer la revolución sin tomar el poder”. Resurgen sectores anarquistas, ultraesquerdistas en el método pero reformistas en el programa y la estrategia. La perspectiva del socialismo no está*

Creio que para avançarmos nesse debate, a esta altura, essa discussão já não pode se desenvolver somente no terreno da teoria e dos prognósticos. Passado todo esse tempo desde os acontecimentos do leste, ela deve se desenvolver já no terreno do balanço. Neste sentido, por exemplo, já não há como refutar o fato de que na própria LIT-QI, enquanto corrente revolucionária, apesar de ter se reconstruído deixando para trás seus piores momentos, ainda não conseguimos dar um salto qualitativo construindo sólidos partidos de vanguarda.

A meu ver o texto apresentado comete o erro de, por um lado, *subestimar* o significado da derrota da revolução política preconizado pelo programa da IV Internacional e a consequente *restauração capitalista* dos ex-Estados operários; e, por outro lado, de *superestimar* o processo que levou ao *fim do aparato stalinista mundial*, a partir de uma interpretação equivocada sobre como isso ocorreu.

O texto reconhece que a restauração capitalista e o desaparecimento dos Estados operários significaram uma derrota, mas atribui ao fim do aparato stalinista uma vitória tal que teria compensado essa derrota (ver ponto 9.7 do texto). Não por acaso logo na introdução o documento afirma, por exemplo, que a destruição do aparato stalinista, em boa medida, “limpou” o caminho para construção da direção revolucionária, quando isso não é verdade. O fato é que novas direções reformistas vem ocupando o lugar dos velhos aparatos e se transformam em novos obstáculos. Logo mais à frente o próprio texto reconhece isso, mas o faz para dizer que essas “novas direções” traidoras ou reformistas têm uma capacidade “muito menor” que o stalinismo para “desviar e derrotar” os processos revolucionários.

Pode ser que isso venha a ser verdade, mas até o momento essa caracterização em torno à qual há muito tempo estamos trabalhando não se confirmou pela realidade. A verdade é que existência dessas “novas direções” já se transformou num fator que dificulta a construção do partido revolucionário e faz com que a crise de direção revolucionária se prolongue.

A meu ver essas e outras conclusões equivocadas sobre os acontecimentos do leste, tanto em termos de relação de forças quanto

---

*presente en los sectores de masas (como lo estaba, aunque de forma distorsionado, mientras había Estados obreros). En este sentido, se expresan aún los aspectos contradictorios de la IV etapa.* “[La construcción de nuestros partidos, pág. 130, XI Congreso Mundial, Documentos y resoluciones. Ediciones *Marxismo Vivo*, 2014).



da construção do partido revolucionário, decorrem basicamente de dois erros sobre a visão do processo. Em primeiro lugar, o não enquadramento do fim da burocracia stalinista nos marcos da restauração, mais precisamente do fim dos ex-Estados operários. Isso termina levando a uma compreensão incorreta sobre fim da burocracia enquanto casta dirigente.

Em segundo, a própria subestimação do significado da desaparecimento dos ex-Estados operários para as massas de todo o mundo. Infelizmente, para elas este fato não significou o fracasso do stalinismo, mas o “fracasso do socialismo”.

Trotsky havia prognosticado nos anos 30 que a ex-URSS estava ante a disjuntiva “revolução política” ou “restauração capitalista”. Os fatos demonstraram que o que prevaleceu não foi a primeira alternativa, ou seja, uma revolução política com a conseqüente liquidação da burocracia e a retomada do poder pela classe operária em base aos soviets democráticos, mantendo, ao mesmo tempo, a propriedade coletiva dos meios de produção. O que prevaleceu foi a segunda alternativa, ou seja, a restauração do capitalismo e o desaparecimento dos ex-Estados operários que se transformaram em novos Estados burgueses.

Para ser mais exato, em termos de processo, o que se passou foi o que Trotsky denominou em *A revolução traída* de “terceira variante”: a própria burocracia terminou levando a cabo a restauração capitalista se transformando ela mesma numa “nova classe possuidora”<sup>32</sup>. Já não havia mais como tirar privilégios de um Estado completamente em crise e que só produzia escassez.

Pode-se argumentar que temos que levar em consideração que foram as massas mobilizadas que, “ao fim e ao cabo”, terminaram por derrubar o aparato stalinista. Embora isso seja verdade, temos que, ao mesmo tempo, também considerar que a destruição desse aparato burocrático já se deu nos marcos de uma mudança do caráter social do Estado e do processo de restauração econômica em curso. Assim, o fim do regime stalinista mais bem significou uma revolução de caráter *democrático burguês*, o que é algo completamente diferente da revolução política preconizada pela IV Internacional. Esta significava derrubar a burocracia, mas manter as bases econômicas do Estado operário.

Por outro lado, é preciso levar em consideração que as próprias mobilizações foram dirigidas por direções opositoras tão ou mais

---

32 Trotsky, Leon, *A revolução traída*, Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, São Paulo, 2005.

restauracionistas que os governos que estavam à frente do regime. No caso da ex-URSS essas mobilizações foram encabeçadas por Boris Ieltsin que, pela via eleitoral, transformou-se no sucessor de Gorbachev. Eleito presidente, tratou de implementar um plano restauracionista ainda mais liberal, como foi o caso do chamado plano “Gaidar”<sup>33</sup>.

Enfim, a própria burocracia opositora em aburguesamento tratou de se apoiar nas mobilizações que destruíam o antigo aparelho burocrático, já dividido e em crise, para construir um novo aparato estatal mais adequado ao desenvolvimento capitalista: um novo Estado, um novo regime, um novo governo, novos partidos etc.

Por outro lado, não é secundário levar em consideração como as massas entenderam tudo isso. Como dizia Moreno, para os pequenos grupos revolucionários a consciência é algo objetivo. Neste sentido, é necessário considerar que o desenlace dos acontecimentos do leste não levou a que as massas desfizessem a enorme confusão provocada pela ação contrarrevolucionária do stalinismo. Para elas, os ex-Estados operários burocráticos era sinônimo de socialismo, da mesma forma que os partidos comunistas stalinizados eram o mesmo que partidos leninistas (bolcheviques). Assim, os trabalhadores não só da URSS, mas de todo o mundo, despojados de uma direção revolucionária, concluíram que o fim dos Estados operários burocráticos significaram o “fracasso do socialismo” não só em termos de experiência histórica, mas também em termos de modelo de sociedade e de doutrina. Isso, sem dúvida, resultou num enorme *retrocesso na consciência*.

Assim, já sob a ótica do balanço, passados 25 anos, não há como deixar de concluir que os acontecimentos do leste que culminaram na restauração capitalista e no desaparecimento dos ex-Estados operários significaram uma *derrota histórica*. Toda uma etapa de expropriações aberta com a Revolução de Outubro e que se estendeu a 1/3 do planeta, se perdeu. Não se trata de um acontecimento qualquer. Basta considerar que a revolução russa de 1917, ao lado da revolução francesa de 1789, é considerada por muitos como a maior revolução da história.

Reconhecer o fracasso e a derrota dessas experiências não significa concluir que o socialismo tornou-se “impossível” ou que a época

---

33 Gaidar, Yegor Timurovich, economista da Academia de Ciências, foi primeiro-ministro do então presidente da Rússia, Boris Yeltsin, entre de 15 de junho e 14 de dezembro de 1992. Sob a assessoria de Jeffrey Sachs, diretor do Earth Institute da Universidade de Columbia (EUA), foi responsável por um plano de reformas neoliberais na Federação Russa.

da revolução socialista tenha se perdido, como de fato erroneamente chegaram a concluir outras correntes. Desde certo ponto de vista, chegar a essa conclusão, seria o mesmo que – guardando as devidas diferenças – a restauração da monarquia dos Bourbons<sup>34</sup> na França de 1814 tivesse significado a volta definitiva ao feudalismo e o fim da época burguesa. Sabemos que não foi assim. A ela se seguiu a revolução de Julho de 1830 e as jornadas revolucionárias de 1848 que consolidou o domínio definitivo da burguesia.

A restauração capitalista mais bem representa um intervalo histórico na longa marcha pelo socialismo. Do ponto de vista da classe operária esse fato deve ser encarado como uma importante experiência histórica – ainda que dolorosa – que faz parte de sua aprendizagem enquanto classe dirigente de uma nova sociedade, tal como se passou um dia com a própria burguesia. Sob este aspecto, podemos parafrasear Rakovski, que em meio à brutal contrarrevolução stalinismo, soube afirmar com sabedoria, paciência e otimismo que, afinal, “nenhuma classe veio ao mundo com o dom de governar”<sup>35</sup>.

Por fim, reconhecer a derrota que significaram os acontecimentos do leste, tampouco se trata, pelo menos de minha parte, “chorar a morte do stalinismo”. Trata-se apenas de compreender de forma coerente uma série de novos processos e fenômenos que vieram a ocorrer ao longo dos anos 90: a brutal intensificação da ofensiva econômica, política, militar e ideológica do imperialismo; o atraso na consciência e no nível de organização das massas, em particular da classe operária; ao invés de desprendimentos à esquerda dos antigos partidos stalinistas e social-democratas, crise e giro à direita da maioria da esquerda mundial; e, por fim, compreender a própria crise do trotskismo e, dentro dele, o quase desapareci-

---

34 A “Restauração Francesa” ou a “Restauração Bourbons” tem início com a derrota de Napoleão Bonaparte, em 6 de abril de 1814, por uma coligação de potências europeias. Ela põe fim ao seu império e restaura a monarquia aos herdeiros de Luís XVI, da Dinastia dos Bourbons, decapitado durante a Revolução. Ela durou até a Revolução de julho 1830, salvo um pequeno intervalo conhecido como o “Governo de cem dias”, quando então Napoleão volta de seu exílio e depõe Luís XVIII com a ajuda do exército e apoiado na insatisfação popular. Logo em seguida, no entanto, termina sendo definitivamente derrotado na “Batalha de Waterloo” e Luís XVIII volta ao trono em 1815.

35 Rakovski, Christian, *O perigos profissionais do Poder*, Astrakán, 06 de agosto de 1928. Rakovski foi presidente do soviet da Ucrânia em 1918. Em 1923 foi nomeado embaixador da URSS em Londres e, em 1925, em Paris. Foi um dos primeiros dirigentes da Oposição de Esquerda junto com Trotski contra Stalin, Zinoviev e Kamev, a denominada “Troika”.

mento da corrente ortodoxa, o “morenismo”, mais precisamente da LIT-QI.<sup>36</sup> Tudo isso não tem nada de “antimarxista”. É justamente essa compreensão coerente, que começa por saber distinguir uma derrota de uma vitória, é que pode nos ajudar a preparar o futuro com confiança e firmeza.

Assim, como não poderia deixar de ser, passados 10 anos da restauração, as crises econômicas capitalistas voltaram à cena e a resistência das massas foi se tornando cada vez maior. A derrota dos EUA na guerra do Iraque e Afeganistão; a crise econômica mundial de 2007-2008; as poderosas mobilizações de massas que cruzaram o Velho Continente e o despertar de uma nova “Primavera dos Povos” no Norte da África; tudo isso, sem dúvida, abriu uma nova situação mundial. Podemos dizer que as novas gerações começaram a colocar novamente as coisas no seu devido lugar.

No entanto, essa nova realidade ainda encontra uma série de limitações impostas pela própria etapa aberta a partir da derrota do leste. Estes novos acontecimentos ainda não foram suficientes para revertê-la completamente. Embora chegassem a derrubar governos e até mesmo regimes ditatoriais, o ascenso não avançou em direção a novas revoluções que expropriassem a burguesia e colocasse novamente a classe operária no poder. Em que pese os avanços na consciência, como o caso do questionamento ao capitalismo, aos políticos e algumas instituições do regime (parlamentos), ainda predomina entre as massas, inclusive na maioria da vanguarda, a descrença no socialismo como alternativa. Isso faz com que as ideias e saídas reformistas ainda sejam vistas como mais viáveis. A primeira vista isso pode parecer um contrassenso, mas não nos esqueçamos nem por um minuto que a crise de direção revolucionária ainda persiste. Assim, podemos dizer que a atual realidade mundial está marcada por uma contradição entre o avanço da situação e a etapa retrocesso aberta a partir do leste.

Desde o ponto de vista da construção do partido revolucionário ocorre algo semelhante. Como não poderia deixar de ser, a etapa do pós leste inaugurou um longo processo de recomposição e reaprendizagem das massas e sua vanguarda, principalmente, da classe operária. Depois de um primeiro período em que predominou o retrocesso, na medida em que foi se modificando a situação e as massas se colocando em movimento, esse processo também entrou num novo momento.

---

36 Balance de la LIT-CI, VIII Congreso Mundial, Resoluciones y documentos, pág 55, ediciones *Marxismo Vivo*, 2005.

No espectro à esquerda, ressurgiu com certo peso movimentos e organizações já há muito superados pela história. O repúdio ao modelo stalinista de partido e as traições da socialdemocracia, num primeiro momento, trouxe à tona o repúdio à forma partido e deu origem ao ressurgimento das correntes *filo-anarquistas* com certa influência, principalmente na juventude.

Por outro lado, na esteira do desgaste da social-democracia e suas variantes, foram ganhando cada vez mais peso organizações reformistas recicladas ou novas organizações reformistas, as quais denominamos *neorreformismo*. É o caso, por exemplo, do PSOL no Brasil, dos chamados partidos anticapitalistas, como o NPA, na França, o Bloco de Esquerda, em Portugal; ou ainda, o Syriza na Grécia, o Podemos na Espanha. Essas organizações terminaram ocupando o espaço à esquerda e ganhando terreno apoiando-se nos próprios limites da situação. Elas empalmam com a consciência de amplas camadas das massas que sem vislumbrar o socialismo uma alternativa, permanece com seus horizontes limitados às reformas do capitalismo e da democracia burguesa. É sobre a base destas limitações que estes partidos conseguem se construir reforçando ainda mais a situação com ideologias reformistas e utópicas de todo tipo, tais como a construção do capitalismo com “rosto humano”, do “socialismo do século 21”, da “democracia real” etc etc.

Dessa forma, como dissemos anteriormente, o fim do aparato stalinista ao invés de “limpar” o caminho para construção do partido revolucionário – a partir de uma realidade mundial marcada pela contradição entre etapa e situação, tal como apontamos anteriormente – deu lugar a *novos obstáculos*. Trata-se de um erro colocar um sinal de igual entre o fim do aparato stalinista e a construção do partido revolucionário.

Assim, aproveitar a novas oportunidades que nos abre a partir do ascenso e da nova situação mundial, nos exige, em primeiro lugar, compreender essa realidade. E, em segundo, ter uma política que corresponda a ela, ou seja, uma política que, apoiando-se no programa e todo o arsenal tático que o marxismo nos legou, ajude as massas e a nova vanguarda a avançarem sua experiência com o regime democrático burguês, com o capitalismo, com as novas direções neorreformistas para, dessa forma, fazer com que elas retomem sua confiança no socialismo e engrossem as fileiras do partido revolucionário.

Somente dessa maneira, com paciência e sem ultimatismos, podemos ir conquistando espaço e acumulando forças até que a rea-

lidade mude globalmente e então possamos, finalmente, dar saltos na construção de partidos revolucionários. Não somente enquanto sólidos partidos de vanguarda, mas enquanto partidos com influência de massas.

## **2. A “existência” e o “comportamento” da pequena burguesia e da nova “classe média”**

O texto retoma toda uma discussão sobre o papel da pequena burguesia nos processos revolucionários. Ele dá destaque ao tema porque entende que esse setor joga um papel muito importante na atual realidade mundial. Daí a necessidade de estudar tanto a “existência” quanto o “comportamento” desse setor social nos processos da luta de classes.

No entanto, penso que ao tomar como ponto de partida para esse estudo as posições de Trotski e não às Marx sobre a dinâmica da pequena burguesia no curso do desenvolvimento capitalista, de alguma forma, isso terminou contribuindo para gerar confusões e até mesmo equívocos.

O debate em torno a essa questão não é novo em nossa corrente. Ele terminou envolvendo discussões sobre as distintas definições de classe operária presentes nas elaborações de Marx e em Trotski. Como sabemos, a posição de Moreno<sup>37</sup> foi dar razão ao primeiro.

Esta discussão teórica, a princípio, parece não ter grandes consequências. Mas isso não é assim. Na verdade ela termina afetando a discussão sobre a dinâmica e o peso da pequena burguesia, da classe média e da classe operária ao longo do capitalismo. Penso que por terminar cruzando com outros debates, afeta até mesmo a discussão sobre o comportamento político da pequena burguesia nos processos atuais da luta de classes.

De todo modo não cabe aqui fazer uma digressão sobre a definição de classe operária em Marx ou em Trotski. Esclareço, no entanto, que em relação a esse tema compartilho do ponto de vista do Moreno, o que de certa forma termina incidindo sobre a discussão.

---

37 Na verdade era a posição do Secretariado Internacional e foi defendida por Moreno no CEI de abril de 1986: “Marx y Trotski han dado definiciones aparentemente distintas de clase obrera y pequeña burguesía. Trotski hablaba de una moderna pequeño burguesía, que eran empleados de cuello blanco, como se dice en sociología yanqui. Y para Marx todo lo que recibía un salario era miembro de la clase obrera. Nosotros nos inclinamos por la definición de Marx.” Logo em seguida, este tema foi abordado sob a forma de polêmica por dois artigos na revista Correio Internacional sob o título “La definición marxista de clase obrera”.

Assim, por exemplo, entendo que os “técnicos, empregados do comércio, administradores etc” citados por Trotski como a “nova classe média” no “A 90 anos do *Manifesto comunista*”, não são, para Marx, parte da pequena burguesia. Interpreto que para ele na verdade fazem parte dos trabalhadores assalariados, tais como seriam hoje os comerciários, bancários, professores etc. Quando Marx no *Manifesto comunista* se refere as “classes médias” cita explicitamente os “pequenos industriais, os pequenos comerciantes, os que vivem de renda, artesãos e camponeses”, o que é uma coisa muito diferente. Trata-se de pequenos “empreendedores”, que trabalham por “conta própria”, camadas inferiores das classes médias do passado.

Desta forma, se partirmos das definições de Marx, vamos concluir que os setores apontados por Trotski como a “nova classe média” estariam na verdade engrossando as fileiras da classe trabalhadora e não da pequena burguesia.

A partir daí poderíamos dar a discussão como encerrada. No entanto, penso que esse argumento não a esgota. Se a continuamos sob o ponto de vista da definição que Marx atribui as “classes médias” no *Manifesto comunista*, penso que a ideia de que a dinâmica da pequena burguesia tende a diminuir até desaparecer, enquanto o proletariado, ao contrário, tende a crescer, me parece correta. Ainda que a pequena burguesia siga existindo e, inclusive, tenha peso em determinados países como afirma o documento, essa dinâmica histórica foi confirmada.

Voltemos nossos olhos um pouco para a dinâmica da classe trabalhadora em nível mundial. Observemos, por exemplo, a gigantesca transformação que o capital está operando no campo. Cada vez mais ele está dando lugar não só a um novo proletariado agrícola, mas também a semiproletários, ou mesmo a lúmpens-proletários, que passam a viver nas “favelas” das grandes cidades. Aliás, essas grandes concentrações urbanas, representam hoje, nada mais nada menos que 1/6 da população mundial. É na esteira de processos como esses que pela primeira vez na história a população urbana ultrapassou a rural. Não é por menos. Só na China, em pouco mais de duas décadas, emergiram do campo entre 100 e 200 milhões de novos trabalhadores urbanos.

Esse processo expressa e ao mesmo tempo é parte de outro processo histórico mais global que os geógrafos há muito vem denominando de “urbanização do mundo”. Alguns opinam que estamos assistindo ao desaparecimento da oposição existente desde os inícios da civilização entre o campo e a cidade.



Outro exemplo mais conhecido de transformação social agora envolvendo novos setores pequeno-burgueses é o que ocorre com os chamados “profissionais liberais”, tais como os médicos, advogados, jornalistas etc. É facilmente constatável para qualquer pessoa o massivo processo de assalariamento destes setores.

Esses processos de transformação de setores pequeno-burgueses em assalariados, por sua vez, nada mais são do que um reflexo de que as relações de exploração capitalista tem se estendido como nunca antes na história. O capital está submetendo as mais variadas atividades humanas aos seus interesses. Basta observar que a população assalariada atualmente já gira em torno de 3 bilhões de pessoas, sendo que pela primeira vez os assalariados junto com os semiproletários constitui a maioria da população mundial.

A própria restauração capitalista na China, Rússia e nos países do leste, junto com a Índia, aportaram durante os anos 90, nada mais nada menos que 1,47 bilhão de novos operários ao mercado mundial. Dessa forma, a força de trabalho colocada a disposição do capital, antes contada em torno de 1,46 bilhão, foi praticamente duplicada neste período<sup>38</sup>.

Assim, mesmo considerando que o capitalismo tenha criado meios artificiais para a manutenção da existência social da pequena burguesia, não me parece razoável crer que isso tenha conseguido reverter à tendência de aumento do peso social do trabalho assalariado na sociedade. Neste sentido, me parece um tanto quanto desproporcional falar de “pressão brutal” da pequena burguesia para desviar as massas do caminho da revolução (ponto 6.16). O fator que está incidindo para que as massas se desviem da revolução não são é esse. Como disse, para mim se trata antes de tudo dos limites impostos pela relação de forças, produto derrota do leste.

Se pensarmos em termos de peso social, pelo contrário, penso que devemos ser otimistas. Aliás, é este fato econômico e social que se torna uma das bases – não a única – do otimismo de que a classe operária ainda possa ser considerada o principal motor da revolução socialista mundial. Por acaso podemos imaginar o que passará na luta de classes mundial quando o gigantesco proletariado chinês – que já começa a dar seus primeiros passos! – se colocar em movimento com toda carga?

Outra discussão que o texto suscita é sobre o “comportamento” da pequena burguesia. Sem dúvida este é outro tema de suma im-

---

38 Freemann, Richard, “China, India and the doubling of the labor force: Who pays the price of globalization?”, *The Globalist*, 03/06/2005.



portância já que o papel da pequena burguesia pode fazer com que a balança da revolução penda para um lado ou para outro. Daí a importância dos revolucionários terem uma política correta para esse setor social.

Ainda que essa versão final do texto tenha melhorado e, ademais, corretamente, reafirme a necessidade dos revolucionários terem uma política para dividir a pequena burguesia, a meu ver, ele segue cometendo o erro de apresentar esse setor social como uma classe homogênea e com uma “tendência à conciliação”, ao “reformismo” etc. (ponto 6.13).

Por outro lado, também utiliza um argumento equivocado, o seu “caráter reacionário”, como o fator que impede de ganhar “o conjunto” dessa “camada intermediária” para a tomada do poder (ponto 6.15). Essa explicação encerra uma contradição em si mesma. Se fosse esse o motivo não haveria como ganhar sequer uma parte dela. Reação e revolução são processos com signos opostos.

Penso que essas afirmações unilaterais e pouco precisas que aparecem no texto são frutos de um raciocínio errôneo que confunde a tendência histórica desse setor social caracterizado por Marx como “conservador” e “reacionário” – o que lhe quita a possibilidade de ser uma classe conseqüentemente revolucionária, tal como afirma o próprio documento -, com seu comportamento concreto nos processos revolucionários.

Trotsky, em seu texto “É verdade que a pequena burguesia teme a revolução?”<sup>39</sup>, passa uma visão diferente que nos permite desfazer qualquer confusão. Ele esclarece: “Os especialistas do Parlamento, que acreditam conhecer o povo, gostam de repetir: ‘Não se deve assustar as classes médias com a revolução; elas não gostam de extremos. Generalizada desta forma, a afirmação é absolutamente falsa”.

E explica: “Naturalmente, o pequeno proprietário tende à ordem, enquanto seus negócios marcham bem e enquanto tem a esperança de que marchem ainda melhor. Porém, quando perde essa esperança, é facilmente atacado pela raiva e se dispõe a abandonar-se às medidas mais extremas. (...)”.

E, por fim, conclui: “... é falso, triplamente falso, afirmar que atualmente a pequena burguesia não se volta para os partidos operários porque teme ‘medidas extremas”.

---

39 Leon Trotsky, “Aonde vai a França?” (fins de outubro de 1934), pág. 27, Editora Desafio, São Paulo, 1994.

Como vemos isso é diferente de dizer de tendência da pequena burguesia à “conciliação” ou ao “reformismo”. Mais bem Trotski fala de tendências a “medidas extremas”.

Outra coisa é que a pequena burguesia é incapaz de dar uma saída política independente das duas classes fundamentais, ou seja, do proletariado e da burguesia. Isso porque, como diz o Manifesto, a defesa de seus interesses só podem ser atendidos desde o ponto de vista do passado já que essas “classes médias” são reminiscências sociais do período histórico anterior. É desde esse ponto de vista que devemos interpretar as palavras de Marx ao se referir a ela como “conservadora” ou “reacionária” ou querer fazer “girar a roda da história para trás”.

Coisa diferente é seu comportamento quando sua existência se vê concretamente ameaçada pelo capital. Neste momento, como diz Trotski, ela tende a “medidas extremas”. É então quando se abre a possibilidade, como diz Marx no Manifesto, de que ela deixe de defender seus “interesses atuais pelos futuros”, passando a “adotar o ponto de vista do proletariado”.

Vejamos o que diz Trotski sobre o tema:

A pequena burguesia é economicamente dependente e está politicamente atomizada. Por isso não pode ter uma política própria. Necessita de um “chefe” que lhe inspire confiança. Este chefe individual ou coletivo, indivíduo ou partido, pode ser fornecido por uma ou outra das duas classes fundamentais, seja pela grande burguesia, seja pelo proletariado.

Como vemos, estão visão de Trotski é completamente coincidente com a de Marx. Penso que aqui encontramos o verdadeiro fundamento para explicar porque é possível dividir e ganhar um setor da pequena burguesia para o lado do proletariado.

É com base nesse mesmo fundamento que Lenin explicava que “entre a burguesia e o proletariado se encontra a pequena burguesia. Esta em virtude de sua situação econômica de classe, vacila inevitavelmente entre a burguesia e o proletariado”<sup>40</sup>. Por isso opinava que sem ter uma política para ganhá-la seria muito difícil que o proletariado não só tomasse o poder, mas principalmente pudesse vir a mantê-lo. Assim, não foi à toa que para ganhar apoio entre os camponeses mais pobres para a tomada do poder na Rússia, Lenin utilizou a tática de abrir mão do programa dos bolcheviques para o campo e adotar o programa dos socialistas-revolucionários (SR), dando a eles

---

40 Lenin, V. I, *“La catástrofe que nos amenaza y cómo luchar contra ella”*, pág. 259, *Obras selectas*, tomo 2, Ediciones IPS-CEIP León Trotski, Buenos Aires, 2013.

a garantia de que o governo soviético encabeçado pelo proletariado distribuiria as terras aos camponeses pobres. A manobra surtiu efeito. Os SR's se dividiram e a maioria de seus delegados se aliou aos bolcheviques no Congresso dos Soviets que se decidiu pela tomada do poder, vindo a compor o governo junto com os bolcheviques até julho de 1918.

Por isso, em consonância com Lenin, Trotski, no texto acima referido, define da seguinte maneira a política que o proletariado deveria ter em direção à pequena burguesia:

(...) a pequena burguesia pode também encontrar seu chefe no proletariado.  
(...) Para atrair a pequena burguesia, o proletariado deve conquistar sua confiança. E, para isso, deve começar por ter confiança em suas próprias forças. Precisa ter um programa de ação claro e estar determinado a lutar pelo poder por todos os meios possíveis. Unido por seu partido revolucionário para uma luta decisiva e implacável, o proletariado diz aos camponeses e aos pequenos burgueses da cidade: "Luto pelo poder. Eis aqui meu programa: estou pronto a me entender com vocês para modificar esse ou aquele ponto. Não usarei a força a não ser contra o grande capital e seus lacaios; com vocês, trabalhadores, quero fazer uma aliança baseada num determinado programa".

Assim, termino concluindo com o que eu disse no início. Para evitar confusões é necessário corrigir as unilateralidades do texto, separando claramente entre aquilo que se considera a tendência histórica da pequena burguesia de seu comportamento nos processos revolucionários concretos.

Lembremos que esse tema já causou uma enorme confusão no pós-guerra quando então setores pequeno-burgueses – devido a uma série de circunstâncias históricas excepcionais – chegaram a encabeçar revoluções que expropriaram a burguesia, tais como foram os casos da Iugoslávia, China, Cuba e Vietnã. Se, por um lado, foram muito mais à esquerda do que se previa, por outro, incapaz de ter uma existência política independente, não foi revolucionária até o fim. Pelo contrário, atuou de forma contrarrevolucionária. Ao invés de caminhar em direção ao socialismo fez a revolução retroceder até a restauração capitalista.

Na atualidade, essas unilateralidades podem induzir ao erro de signo oposto atribuindo, por exemplo, às limitações do ascenso em curso na Europa, cuja presença das "novas classes médias" são inquestionáveis, não à correlação de forças – ou seja, as contradições entre etapa e situação, tal como apontamos anteriormente – mas ao caráter "conservador" ou "reacionário" desse setor; ou ainda, à sua tendência à "conciliação" e ao "reformismo".

Sem dúvida, em meio à crise capitalista que atravessa a Europa, existe uma parte dela que toma a “medida extrema” de girar à ultra-direita, engrossando as fileiras de organizações como a “Aurora Dourada”. Mas existe outro que vem girando à esquerda que são parte, quando não protagonizam, as massivas mobilizações, marchas, enfrentamentos de rua, ocupações de praças etc e etc. Como dizia Trotski, o proletariado deve ver neles seus aliados potenciais e não seus inimigos. Não precisamos nos deter aqui explicando o significado nefasto de uma compreensão em contrário.

No entanto, infelizmente, boa parte desse setor, vem sendo capitalizado por novas direções reformistas. Isso exige dos revolucionários ter uma política para retirá-los de sua influência atraindo-a para o campo do proletariado e da revolução socialista. Sobre este tema vamos tratar a seguir.

### **3. Sobre o novo reformismo e como combatê-lo**

A respeito desse tema – existem outros aspectos da discussão que não é possível tratar aqui – penso que o texto está cruzado pela ideia correta que “sem derrotar o reformismo é a revolução quem será derrota”. No entanto, no mínimo, ele deixa pouco preciso qual orientação política os revolucionários devem adotar para derrotar o reformismo, mais precisamente, o *novo reformismo* ou *neorreformismo*, como já denominamos mais atrás.

Sobre este tema, em primeiro lugar, opino que o texto segue fazendo certa confusão entre o *caráter regressivo* da direção e o *caráter progressivo* do movimento à esquerda que faz sua base social.

Como se sabe, não atribuímos a essas correntes e nem as suas direções qualquer caráter revolucionário ou progressivo. Tal como o CEI já votou numa de suas resoluções sobre a Grécia e o governo Syriza, os neorreformistas são “representantes pequeno-burgueses da classe operária” e, por esta via, correia de transmissão do imperialismo no movimento operário, ou seja, organizações contrarrevolucionárias que temos de derrotar para poder triunfar.

Coisa bem diferente é quando se trata da base social que ela capitaliza e que já alcança não só “as classes médias”, mas avança cada vez mais sobre a própria classe operária. Aqui, pelo contrário, nosso objetivo não é “derrotar”, mas tirá-las da influência de sua direção reformista. Aliás, penso que esse é justamente isso que queremos dizer quando nos referimos à tarefa de “derrotar”

o reformismo: esvaziar a base social que dá sustentação ao seu projeto político.

Caso não façamos essa diferenciação podemos dar uma orientação política sectária que termine impedindo de nos aproximar e convencer ao menos uma parte de sua base sobre a justeza da nossa política e do programa do proletariado.

Em segundo lugar, penso que o texto cai num *reducionismo* em relação à orientação política que visam “derrotar” o reformismo. O texto resume a política de como enfrentá-la no ponto 6.18. que diz:

“A ideia oportunista de hoje andar junto ao reformismo para melhor dialogar com as massas é a melhor forma de preparar a derrotas de amanhã. A fórmula bolchevique para os reformistas que estavam dispostos a encarar alguma luta (“golpear juntos e marchar separados”) é a única que abre possibilidade de vitória.”

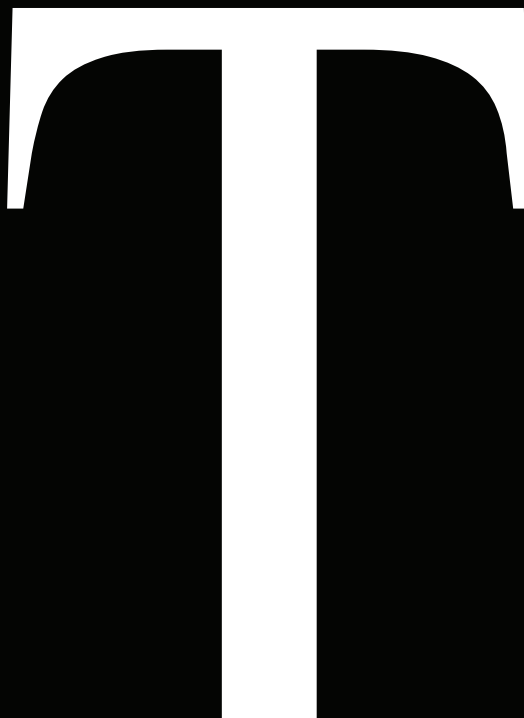
Assim, não está claro, por exemplo, se essa orientação inclui a utilização da tática da *frente única, acordos ou frentes eleitorais* com o reformismo. Como sabemos, elas foram utilizadas em vários momentos pelos revolucionários e fazem parte da tradição da nossa corrente. Não por acaso, Lenin no Esquerdismo explica a importância de estabelecer acordos com os reformistas, incluindo os acordos eleitorais, particularmente quando eles levam vantagem sobre os revolucionários, sem que com isso deixe de combatê-los nem por instante. Nossa corrente, sob a direção de Moreno a defendeu e a aplicou inúmeras vezes.

Tampouco fica claro no texto, se no terreno da construção, segue válida a tática que conhecida como “**entrismo**”, aplicada pela primeira vez por Trotski na França, quando então a seção da IV Internacional, a Liga Comunista Internacionalista (LCI), entrou no partido socialista (SFIO). Seguindo essa tradição, nossa corrente a utilizou em vários momentos como foi o caso do PT brasileiro ou da Espanha, em 1977, para ficar somente em alguns exemplos.

Digo isso, porque estas táticas que em todos os casos visam “derrotar” o reformismo, vão mais além da simples unidade de ação, e, neste sentido, de alguma maneira implica em “marchar juntos” com os reformistas, ainda que circunstancialmente.

Isso que temos feito ao longo de nossa história evidentemente não tem nada a ver com a “ideia oportunista” de ficar “colados aos reformistas”. Trata-se simplesmente de utilizar todo o arsenal tático desenvolvido pelo marxismo revolucionário para justamente “derrotar” o reformismo. Assim, longe de preparar derrotas, ao contrário, essas táticas também nos “abre possibilidades de vitó-

ria". Neste sentido, termino insistindo sobre a importância de que se esclareça se a formulação "golpear juntos e marchar separados" as inclui. Se não, penso que é necessário reformulá-la.



## TEXTOS DE TROTSKI SOBRE O PROGRAMA

A III Internacional começou a discutir seu programa em seu quarto congresso, mas apenas no sexto, realizado em 1928, foi votado um programa, redigido por Stalin e Bukharin. O primeiro texto que apresentamos neste dossiê é a crítica de Leon Trotski a tal programa.

A partir de 1933, com a vitória de Hitler na Alemanha (em grande medida por responsabilidade da III Internacional stalinista), Trotski chamou a construção de uma nova Internacional.

A segunda parte deste dossiê inclui vários textos de 1938, que surgiram como produto das discussões de Trotski com os dirigentes do SWP americano em relação ao programa da nova Internacional (a IV Internacional).

# O projeto de programa da Internacional Comunista: uma crítica aos fundamentos

O projeto de programa, isto é, o documento fundamental que determinará toda a atividade do Comintern por vários anos, foi publicado apenas algumas semanas antes da realização do Congresso que acontece quatro anos após o Quinto Congresso. Este atraso na publicação não pode ser justificado já que o primeiro projeto foi publicado ainda antes do quinto congresso, e muitos anos se passaram. O segundo projeto difere do primeiro na sua estrutura e nos acontecimentos dos últimos anos. Nada pode ser mais precipitado do que adotar este projeto no sexto congresso, um projeto que beira claros traços de lixo, um mero projeto, sem nenhuma discussão séria e crítica científica preliminar na imprensa ou uma extensiva discussão em todos os partidos do Comintern (Internacional Comunista).

Em poucos dias entre o recebimento deste projeto e o envio desta carta pudemos apenas nos debruçar sobre poucos problemas mais vitais que devem ser tratados no programa.

Devido à falta de tempo fomos compelidos a deixar inteiramente sem considerar um grande numero de importantes problemas tocados no projeto que são, talvez, menos candentes hoje, mas que podem ganhar relevância no futuro. Isto não quer dizer que é menos necessário criticá-los do que os pontos aos quais o presente trabalho é dedicado.

Devemos acrescentar que fomos obrigados a trabalhar no novo rascunho sob condições que nos impediram de obter informações indispensáveis. Basta mencionar o fato de que fomos impossibilitados de procurar mesmo o primeiro rascunho do programa, e perante isso em dois ou três casos fomos obrigados a recorrer somente a nossa memória. Devemos dizer que todas as citações foram tiradas das fontes originais e checadas cuidadosamente.



## **A. Um programa da revolução internacional ou um programa para o socialismo em um só país?**

A questão mais importante na agenda do sexto congresso é a adoção de um programa. A natureza deste pode determinar e fixar a fisionomia da Internacional por um longo tempo. A importância do programa não está na maneira como formula concepções teóricas gerais (em última análise, recai na questão da “codificação”, por exemplo, uma exposição concisa da verdade e generalização do que foi adquirido firme e decisivamente); senão, principalmente fazer o balanço das experiências políticas e econômicas mundiais do último período, em particular das lutas revolucionárias dos últimos cinco anos – tão ricos em acontecimentos e erros. Para os próximos anos, o destino da Internacional Comunista – no sentido literal da palavra – depende da maneira em que esses acontecimentos, erros e contradições são interpretados e julgados no programa.

### **1. A estrutura geral do programa**

Em nossa época, que é a época do imperialismo, da economia e política mundial sob hegemonia do capital financeiro, nenhum partido comunista pode elaborar seu programa avaliando apenas ou essencialmente as condições e tendências de desenvolvimento de seu próprio país. Isto também se aplica igualmente e por inteiro para o partido que exerce o poder nos limites da URSS. Em 4 de agosto de 1914 soou o alarme da morte para todos os programas nacionais. O partido revolucionário do proletariado só pode ser baseado em um programa internacional respondendo às características da época atual, a época de maior desenvolvimento e colapso do capitalismo. Um programa comunista internacional não é uma soma dos programas nacionais ou um amálgama de seus acontecimentos comuns. Um programa internacional deve proceder diretamente da análise das condições e tendências da economia e política mundial, um sistema como um todo, com conexões e contradições, isto é, com a mútua interdependência antagônica de suas partes. Na época atual, assim como em grande medida no passado, a orientação nacional do proletariado deve e pode partir de uma orientação mundial e não vice-versa. Aqui está a diferença básica e primária entre o internacionalismo comunista e todas as variedades de nacional socialismo.

Baseando-nos nestas considerações, escrevemos em janeiro deste ano: “Devemos começar a trabalhar um projeto de programa do Comintern (o programa de Bukharin é um péssimo programa de

uma seção nacional do Comintern e não um programa de um partido comunista internacional)". (Pravda, 15.01.1928)

Temos insistido nessas considerações desde 1923-1924 quando a questão dos Estados Unidos da América surgiu plenamente como um problema do mundo e, num sentido ainda mais direto, da política europeia

Ao recomendar o novo projeto o Pravda escreveu que um programa comunista "difere radicalmente de um programa da Internacional social democrata não apenas pelo conteúdo de seus postulados centrais, mas também na característica internacionalista de sua estrutura." (Pravda, 29.05.1928).

Nesta formulação um tanto nebulosa está obviamente expressa a ideia que colocamos acima e que foi formalmente rejeitada. Só podemos festejar a ruptura com o primeiro projeto de programa formulado por Bukharin, que sequer provocou uma séria troca de opiniões; nem sequer, ofereceu espaço para isto. Enquanto o primeiro projeto forneceu uma descrição esquemática do desenvolvimento de um país abstrato para o socialismo, o novo projeto, tenta (infelizmente, e como veremos, sem consistência ou sucesso), analisar a economia mundial como um todo como a base para determinar os fatos de cada parte.

Vinculando países e continentes em diferentes níveis de desenvolvimento em um sistema de mutua dependência e antagonismo, nivelando vários estágios de seus desenvolvimentos e ao mesmo tempo imediatamente misturando as diferenças entre eles, e rusticamente contrapondo um país a outro, a economia mundial virou uma realidade abstrata pairando acima da vida econômica individual de países e continentes. Este fato simples sozinho dá um caráter profundamente realista à ideia de um partido comunista mundial. Trazendo a economia mundial como um todo ao mais alto grau de desenvolvimento geralmente suportado na base da propriedade privada, o imperialismo, como o projeto coloca bastante corretamente em sua introdução: "agrava ao extremo a tensão da contradição entre crescimento das forças produtivas da economia mundial e as barreiras das fronteiras nacionais".

Sem entrar no mérito desta proposição, que foi revelada para a humanidade pela primeira vez durante a última guerra imperialista, não podemos dar um simples passo para a solução dos maiores problemas políticos mundiais e da luta revolucionária.

Poderíamos saudar esse axioma radical do programa neste novo projeto, não fosse o fato de que faz esforços para conciliar isto, a úni-

ca posição correta, com tendências de características diretamente contrárias, o que resultou em um projeto cheio de contradições cruéis, o que anula totalmente o significado da nova maneira de abordar a questão nos seus aspectos fundamentais.

## **2. Os Estados Unidos da América e Europa**

Para caracterizar o primeiro projeto, felizmente descartado, é suficiente dizer que, até onde podemos lembrar, o nome dos Estados Unidos da América sequer foi mencionado nele. Os problemas essenciais da época imperialista – os quais, exatamente pela característica desta época, devem ser examinados não apenas em sua forma abstrata e teórica, mas também em sua forma concreta e histórica – está dissolvido no primeiro projeto em um esquema formal de país capitalista “em geral”. No entanto, o novo projeto – e este, é claro, um sério passo a frente – agora fala de “o eixo central da economia do mundo é os Estados Unidos da América”; e de “a transformação da ‘republica do dólar’ em explorador do mundo” e finalmente que a rivalidade (o projeto diz mal “conflito”) entre o capitalismo norte americano e europeu, principalmente capitalismo britânico “está se tornando o eixo do conflito mundial”. Já está obvio hoje que um programa que não contem uma definição clara e precisa destes fatos básicos e fatores da situação mundial não teria nada em comum com o programa do partido revolucionário internacional.

Infelizmente, os fatos essenciais e tendências do desenvolvimento mundial na época moderna que acabamos de citar são apenas mencionados pelo nome no texto do projeto, inserido nele, como foi, de forma teórica, sem ter qualquer conexão interna com sua estrutura completa e sem levar a qualquer conclusão sobre perspectiva ou estratégia.

O novo papel da América na Europa desde a capitulação do Partido Comunista alemão e a derrota do proletariado alemão em 1923, não foi levado devidamente em consideração. Não tentaram explicar que o período de “estabilização”, “normalização” e “pacificação” da Europa assim como a “regeneração” da social democracia, aconteceu em conexão material e ideológica muito grande com os primeiros passos da intervenção americana nos negócios europeus.

Mais ainda, não mostram o futuro desenvolvimento inevitável da expansão americana, a contração dos mercados de capital da Europa, incluindo o mercado europeu mesmo, no rastro das maiores convulsões militares, econômicas e revolucionárias, após as quais as do passado não são nada.

Mais uma vez, não deixaram claro que a futura pressão inexorável dos Estados Unidos vai reduzir a Europa capitalista a porções cada vez menores da economia mundial, e isto, é claro, não implica uma mitigação, mas o contrario, uma monstruosa disputa nas relações entre os Estados europeus, acompanhado de furioso conflito militar, pois Estados, assim como as classes, lutarão com mais força por uma porção maior de uma ração que diminui, lutando cada um para aumentar seu peso.

O projeto não explica que o caos interno, devido aos antagonismos entre os Estados na Europa, tira desta a esperança de uma resistência séria e bem sucedida à cada vez mais centralizada república norte americana; e que a resolução do caos europeu através dos Estados Unidos Soviéticos da Europa é uma das primeiras tarefas da revolução proletária. Esta (precisamente por causa da existência das fronteiras) está muito mais próxima na Europa do que na América e terá, portanto, que se defender da burguesia norte americana.

Por outro lado, não menciona nada do fato (e isto não é um aspecto menos importante do mesmo problema mundial) que é precisamente a força internacional dos Estados Unidos e sua irresistível expansão que lhes obriga introduzir nos sótãos do seu edifício armazéns de pólvora do universo inteiro,... todos os antagonismos entre leste e oeste, a luta de classes na velha Europa, os levantes das massas coloniais e todas as guerras e revoluções. Por um lado isto transforma o capitalismo norte americano na principal força contrarrevolucionária da época moderna, constantemente mais interessado na manutenção da “ordem” em cada esquina do globo terrestre; por outro lado prepara o terreno para uma gigantesca explosão revolucionaria neste já dominante e ainda em expansão mundo do poder imperialista. A lógica das relações mundiais indica que o tempo desta explosão não será muito atrasada em relação à revolução proletária europeia.

Nosso entendimento da dialética da inter-relação entre América e Europa provocou sobre nós nos últimos anos as mais diversas difamações, colocando-nos junto com o ideal pacifista da existência das contradições europeias, com a aceitação da teoria de Kautsky do ultra-imperialismo, e muitas outras sinas. Não há necessidade de responder a estas “acusações” que são mais uma demonstração da completa ignorância do processo real e de nossa atitude perante ele. Não podemos, porém, deixar de observar que perderam mais tempo e esforço em confundir e bagunçar sobre este problema mundial vital que foi gasto (incidentalmente, pelos autores do projeto do programa) em sua argumentação contra nossa formulação do problema.

Nossa formulação tem, no entanto, sido totalmente confirmada pelo curso dos acontecimentos.

Mais recentemente, esforços foram feitos pelos principais órgãos dirigentes comunistas para minimizar – no papel – o significado da hegemonia americana pela alusão da crise comercial e industrial nos Estados Unidos. Não podemos examinar a fundo este problema especial da duração e possível profundidade da crise americana. Esta é uma questão conjuntural e não de programa. Mas devemos dizer que não temos dúvida da inevitabilidade da crise; nem que, considerando o presente estado do capitalismo americano achamos que a próxima crise será extremamente profunda e aguda. Mas isto não justifica de jeito nenhum a tentativa de concluir disto que a hegemonia americana decrescerá ou será enfraquecida. Tal conclusão pode levar apenas a um grande erro na estratégia.

O caso é o contrario. No período da crise da hegemonia dos Estados Unidos atuará mais completamente, mais abertamente e mais sem dó que no período do boom. Os Estados Unidos tentarão superar e derrotar a crise com suas dificuldades e problemas principalmente às custas da Europa, mesmo que isto ocorra através da Ásia, Canadá, América do Sul, Austrália ou da própria Europa, seja pacificamente ou através da guerra.

Devemos entender que se o primeiro período da intervenção Americana teve o efeito de estabilização e pacificação na Europa, que de certa maneira ainda é forte hoje, e ainda pode se recuperar parcialmente e tornar-se mais forte (particularmente no caso de novas derrotas do proletariado), a linha geral da política americana, particularmente neste momento de dificuldades econômicas e crises, trará fortes convulsões na Europa e no conjunto do mundo.

Deste panorama uma conclusão não menos importante é de que não haverá falta de situações revolucionárias na próxima década, assim como não houve na anterior. É por isso que é muito importante entender corretamente os ritmos do desenvolvimento para não sermos pegos de calças curtas com as ações deles. Se na década passada a maior fonte de situações revolucionárias eram as conseqüências diretas da guerra imperialista, na segunda década do pós-guerra a fonte mais importante de levantes revolucionários será a relação da Europa e América. Uma crise maior nos Estados Unidos soará o sino para novas guerras e revoluções. Repetimos: não haverá falta de situações revolucionárias. A questão depende do partido internacional do proletariado, a maturidade e habilidade na luta do Comintern e sua posição estratégica e métodos táticos corretos.

No projeto do programa do Comintern não achamos absolutamente nenhuma expressão deste tipo de pensamento. Um fato de grande importância como “o deslocamento do centro da economia mundial para os Estados Unidos” é apenas marcação jornalística. É claro, completamente impossível justificar isso no terreno da falta de espaço, pois para o que servem os espaços num programa senão para as questões fundamentais? Além disso, devemos acrescentar que muito espaço no programa é dedicado as questões de importância secundária e terciária, para não falar nada de generalidades literárias e inúmeras repetições cuja eliminação poderia reduzir o programa em pelo menos um terço.

### **3. A consigna de Estados Unidos Soviéticos da Europa**

Nada pode justificar a omissão da consigna de Estados Unidos Soviéticos da Europa no novo projeto de programa, uma consigna aceita pelo Comintern lá em 1923, depois de uma luta interna razoável. Ou, talvez, o autor queira “voltar” à posição de Lenin em 1915 justamente nesta questão? Neste caso, eles devem primeiro entender isto corretamente.

Lenin, como é sabido, hesitava no começo da guerra assumir a consigna de Estados Unidos da Europa. A consigna original foi incluída nas teses do *Sotsial-Demokrat* (o órgão central do partido então) e rejeitada por Lenin. Isto indica que a questão envolvida aqui não era a da aceitação da consigna a principio, e sim uma apreciação táctica disto, uma questão de pesar os aspectos negativos e positivos em dada situação. Não é necessário dizer, Lenin rejeitava a possibilidade de acontecer um Estados Unidos da Europa capitalista. Este era também meu ponto de vista quando eu propus a consigna de Estados Unidos da Europa exclusivamente como perspectiva de forma de Estado de ditadura proletária na Europa.

Escrevi naquela época:

Um unificação econômica mais ou menos completa levada a cabo por cima através de acordo entre governos capitalistas é uma utopia. Por esse caminho tal coisa não passará de compromissos parciais e meias medidas. Mas isso por si só, uma unificação econômica da Europa, que traria vantagens colossais aos produtores e consumidores e o desenvolvimento da cultura em geral, está se tornando uma tarefa revolucionária do proletariado europeu em sua luta contra o proteccionismo imperialista e seu instrumento – o militarismo (Trotsky, “O Programa da Paz”, Escritos, Vol. III, parte 1, pág. 85, edição russa).

E mais a frente agregava: “Os Estados Unidos da Europa representa antes de mais nada uma forma – a única forma possível – da ditadura do proletariado na Europa.” (Idem, pág. 92).

Mas mesmo nesta formulação da questão Lenin viu naquele momento um certo perigo. Na ausência de qualquer experiência de ditadura do proletariado em um só país e de clareza teórica sobre esta questão mesmo na ala esquerda da social democracia daquele período, a consigna de Estados Unidos da Europa poderia ser interpretada como a ideia de que a revolução proletária deveria começar simultaneamente, pelo menos em todo o continente europeu. Foi contra este perigo que Lenin levantou a advertência, mas neste ponto não havia a menor diferença entre Lenin e eu. Eu escrevi então: “Nenhum país deve ‘esperar’ pelos outros países em sua luta. Seria útil e necessário repetir esta ideia elementar de que a ação internacional paralela não pode ser substituída por inação temporária internacional. Sem esperar os outros, nós devemos começar e continuar a luta no plano nacional com a plena convicção de que nossa iniciativa impulsionará a luta nos outros países.” (idem, págs.89-90).

Segue então estas minhas palavras, que Stalin apresentou na sétima plenária da CEIC como a mais violenta expressão de “trotskismo”... como “falta de crença” nas forças interiores da revolução e da esperança da ajuda de fora. “E se isto [o desenvolvimento da revolução em outros países – LT] não ocorrer, não há nenhuma esperança (isso vem tanto da experiência histórica como de considerações teóricas) de que a Rússia revolucionária, por exemplo, possa resistir frente à Europa conservadora ou que uma Alemanha socialista poderia permanecer isolada num mundo capitalista” (Idem, pág. 90).

Isto e mais duas ou três citações similares são a base da condenação pronunciada contra o “trotskismo” pela sétima plenária como tendo supostamente se agarrado a esta “questão fundamental”, uma atitude “que não tem nada em comum com o leninismo”. Vamos, portanto, fazer uma pausa e ouvir o próprio Lenin.

Em 7 de março de 1918 ele disse a propósito da paz de Brest-Litovsk: “Isto é uma lição para nós porque a verdade absoluta é que sem a revolução na Alemanha nós pereceremos”. (Lenin, Escritos, Vol. VX, pág. 132, edição [antiga] russa)

Uma semana depois ele disse: “O imperialismo mundial não pode viver lado a lado com uma revolução social vitoriosa avançando”. (Idem, pág. 175)

Algumas semanas mais tarde, em 23 de abril, Lenin disse: “Nosso atraso nos empurrou para frente e nós pereceremos se não conse-

guirmos resistir até encontrar o suporte dos trabalhadores insurretos de outros países.” (idem, pág. 187. grifos nossos)

Mas talvez tudo isto tenha sido dito sob influencia especial da crise de Brest-Litovski? Não! Em março de 1919 Lenin repetiu novamente: “Nós não vivemos apenas num país, senão num sistema de países e a existência da republica soviética lado a lado com os países imperialistas por um longo tempo é inconcebível. No final um ou outro deve triunfar.” (Escritos, vol. XVI, pág. 102)

Um ano depois, em 7 de abril de 1920, Lenin reitera: “O capitalismo, numa escala mundial, é ainda agora, não apenas no sentido militar mas também econômico, mais forte que o poder soviético. Nós devemos partir desta consideração fundamental e nunca esquecê-la”. (Escritos, vol. VXII, pág. 102)

Em 27 de Novembro de 1920, Lenin, ao discutir a questão das concessões, disse:

Nós agora passamos da arena da guerra para a arena da paz e não esquecemos que a guerra virá de novo. Enquanto capitalismo e socialismo permanecerem lado a lado não podemos viver pacificamente – um ou outro vai ser vitorioso no final. Um obituário será cantando sobre a morte do capitalismo mundial ou a morte da republica soviética. No momento temos apenas uma trégua na guerra. (idem, pág. 398)

Mas, talvez a existência continua da republica soviética fez Lenin “reconhecer seu erro” e renunciar à “falta de crença na força interna” da Revolução de Outubro?

No terceiro congresso do Comintern em julho de 1921, Lenin declarou nas teses sobre as táticas do partido comunista russo: “Chegamos a um equilíbrio, ainda que extremamente precário e instável, mas isso não habilita a republica socialista a manter sua existência no meio de vizinhos capitalistas, pelo menos não por um longo tempo”.

De novo, em 5 de julho de 1921, Lenin colocou um ponto final em uma das sessões do congresso:

Era claro para nós que sem ajuda da revolução internacional, a vitória da revolução proletária é impossível. Mesmo antes da revolução, assim como depois, nós achamos que a revolução também ocorreria imediatamente ou pelo menos logo em outros países atrasados e mais ainda nos países desenvolvidos, senão pereceríamos. Sem deixar esta convicção fizemos nosso melhor para preservar o sistema soviético sob qualquer circunstancia e a qualquer custo, porque sabemos que não estamos trabalhando somente para nós mas também pela revolução mundial. (Escritos, Vol. XVIII, parte I, pág.321)



Como estão longe essas palavras, tão simples e permeadas do espírito do internacionalismo, das atuais fabricações dos epígonos!

De qualquer jeito, temos o direito de perguntar: onde todos estes pronunciamentos de Lenin são diferentes da minha convicção no ano de 1915 de que a revolução russa ou a revolução socialista alemã que estavam por acontecer não poderiam ficar sozinhas se “isoladas num mundo capitalista”? O tempo provou ser diferente da perspectiva positiva não só minha mas também de Lenin; mas a ideia central mantém sua força até hoje – atualmente talvez ainda mais que antes. Em vez de condenar esta ideia, como a sétima plenária da CEIC fez em base a um discurso incompetente e inescrupuloso, ela deveria ser incluída no programa da Internacional Comunista.

Ao defender a consigna de Estados Unidos Soviéticos da Europa, nós apontamos em 1915, que a lei do desenvolvimento desigual não é em si argumento contra esta consigna, porque a desigualdade do desenvolvimento histórico dos diferentes países e continentes é por si só desigual. Os países europeus têm desenvolvimento desigual, uns em relação aos outros. Contudo podemos ter absoluta certeza histórica de que nenhum destes países está destinado, pelo menos na época histórica em estudo, a avançar muito a frente em relação a outros países como a América passou a frente da Europa. Para a América há uma escala de desigualdade, para a Europa há outra. As condições geográficas e históricas predeterminaram tal laço entre os países da Europa que não há como romper isso. Os governos burgueses modernos da Europa são como assassinos presos a uma única corda. A revolução na Europa, como já dissemos, será na análise final de importância decisiva para a América também. Mas diretamente, no curso imediato da história, uma revolução na Alemanha terá muito mais significado para a França do que para os Estados Unidos da América. É precisamente deste desenvolvimento histórico que sai a vitalidade política da consigna de Federação Soviética Europeia. Nós falamos de vitalidade relativa porque a razão diz que esta federação deve se estender através da ponte da União Soviética para a Ásia e efetivará então a união das Republicas Socialistas mundial. Mas isso será num segundo momento ou subsequentemente ao grande capítulo da época imperialista e quando chegarmos mais perto acharemos as formulas correspondente para isso.

Pode ser provado sem nenhuma dificuldade por outras citações que nossa diferença com Lenin em 1915 sobre a questão dos Estados Unidos da Europa era restrita, tática e por sua essência, temporária; mas é melhor provado pelos acontecimentos subsequentes. Em 1923

a Internacional Comunista adotou a consigna controversa. Se fosse verdade que a consigna de Estados Unidos da Europa era inaceitável em 1915 no terreno do principio, como os autores do projeto de programa tentam agora provar, então a Internacional Comunista não poderia ter adotado ela oito anos depois. A lei do desenvolvimento desigual, alguém pode achar, não perdeu sua efetividade durante esses anos.

A formulação inteira das questões acima vem da dinâmica do processo revolucionário considerado como um todo. A revolução internacional é olhada como um processo interconectado que não pode ser previsto em todos os detalhes, e, por assim dizer, a ordem dos acontecimentos, mas que está claramente delineado no horizonte histórico. Se isto não é entendido uma orientação política correta está totalmente fora de questão.

No entanto, a questão aparece bem diferente se partimos da ideia de um desenvolvimento socialista que está ocorrendo e está até sendo completado em um país. Nós temos hoje uma “teoria” que ensina que é possível construir completamente o socialismo em um país e que as relações daquele país com o mundo capitalista pode ser estabelecida na base de “neutralizar” a burguesia mundial (Stalin). A necessidade da consigna de Estados Unidos da Europa passa longe, ou no mínimo é diminuída, se este ponto de vista essencialmente nacional-reformista e não internacionalista e revolucionário é adotado. Mas essa consigna é, no nosso ponto de vista, importante e vitalmente necessária porque é baseada na condenação da ideia de um desenvolvimento socialista isolado. Para o proletariado de todos os países Europeus, em grande medida mais do que para a URSS – a diferença, no entanto, é apenas de grau – será necessário espalhar a revolução para os países vizinhos e apoiar insurreições lá com armas nas mãos, não por qualquer consideração abstrata de solidariedade internacional, o que por si só não põe a classe em movimento, mas por considerações vitais que Lenin formulou centenas de vezes – a saber, de que sem a oportuna ajuda da revolução internacional, não conseguiremos nos segurar. A consigna de Estados Unidos Soviéticos corresponde à dinâmica da revolução proletária, a qual não acontece simultaneamente em todos os países, mas passa de país a país e requer grandes laços entre elas, especialmente na Europa, tanto para a defesa contra os fortes inimigos externos como para a construção econômica.

Pode-se argumentar, com certeza, com uma objeção, afirmando que depois do período da crise do Ruhr, que deu o último impulso

para a adoção daquela consigna, ela não teve grandes papeis na agitação dos partidos comunistas da Europa e, por assim dizer, não fincou raiz. Mas isso é igualmente verdade em relação a consigna de Estado operário, soviets e outras, todas consignas período pré-revolucionário imediato. A explicação para isso está no fato de que desde o final de 1923, não obstante as apreciações políticas errôneas do quinto congresso, o movimento revolucionário europeu entrou em declínio. Mas é justamente por isso que é fatal basear um programa, em todo ou em parte, sobre impressões recebidas somente durante aquele período. Não foi mero acidente que, apesar de todas as impressões, a consigna de Estados Unidos Soviéticos da Europa foi adotado precisamente em 1923, quando era esperada a explosão revolucionária na Alemanha e quando a questão das relações interestatais na Europa assumiram um caráter extremamente candente. A cada novo agravamento da crise na Europa e principalmente mundial é suficientemente aguda para trazer a tona os principais problemas políticos e para tornar a consigna de Estados Unidos da Europa fortemente atrativa. É acima de tudo fundamentalmente errado passar por cima dessa consigna, sem rejeitar ela, isto é, mantê-la na reserva, para uso em “caso de emergência”. Quando questões de principio estão envolvidas, a política de reservas é fútil.

#### **4. O critério do internacionalismo**

O projeto, como já sabemos, procura proceder em sua construção do ponto de partida da economia mundial e suas tendências – uma tentativa que merece reconhecimento. O Pravda está absolutamente correto em dizer que aqui está a diferença básica de princípios entre nós e a social democracia nacional e patriótica. Um programa de um partido internacional do proletariado só pode ser construído se a economia mundial, que domina as partes, é usada como ponto de partida. Mas precisamente ao analisar as principais tendências de desenvolvimento mundial, o projeto não só revela-se inadequado que deprecia seu valor, como já apontado acima, mas é também extremamente parcial o que o leva a cometer um grave equívoco.

O projeto refere-se muitas vezes e nem sempre no momento apropriado à lei do desenvolvimento desigual do capitalismo como a principal e quase decisiva lei desse desenvolvimento. Um número de erros no projeto, incluindo o erro fundamental, são baseados teoricamente numa interpretação parcial e falsa não marxista e não leninista da lei do desenvolvimento desigual.

Em seu primeiro capítulo o projeto atesta que “a lei do desenvolvimento desigual da economia e política é uma lei incondicional do capitalismo”. Esta desigualdade torna-se ainda mais acentuada e agravada na época do imperialismo.

É justo. Esta formulação condena em parte a formulação recente da questão feita por Stalin, segundo o qual ambos, Marx e Engels ignoravam a lei do desenvolvimento desigual que supostamente foi descoberta por Lenin. Em 15 de setembro de 1925 Stalin escreveu que Trotski estava mal inspirado ao basear-se em Engels, que escrevia em uma época “quando não se podia sequer colocar a questão da lei do desenvolvimento desigual dos países capitalistas.” Ainda que estas palavras pareçam incríveis, Stalin, um dos autores do projeto, as repetiu, no entanto, mais de uma vez. O texto do projeto, como vimos, deu um passo a frente a esse respeito. No entanto, se deixamos de lado a correção deste erro elementar, o que o projeto fala sobre a lei do desenvolvimento desigual permanece em essência parcial e incompleto.

Em primeiro lugar seria mais correto dizer que toda a história da humanidade é regida pela lei do desenvolvimento desigual. O capitalismo encontra várias partes da humanidade em diferentes estágios de desenvolvimento, cada qual com suas profundas contradições internas. A extrema diversidade de níveis atingidos, e a extraordinária desigualdade no ritmo de desenvolvimento das diferentes partes da humanidade durante várias épocas são o ponto de partida do capitalismo ganha o controle apenas gradualmente sobre a desigualdade herdada, quebrando e alterando ela, empregando seus próprios fins e métodos. Em contraste com os sistemas que o antecederam, o capitalismo busca inerente e constantemente a expansão econômica, a penetração em novos territórios, a superação das diferenças econômicas, a conversão de economias nacionais e regionais encerradas em si mesmas, em um sistema de vasos comunicantes, aproxima-os de si, igualando o nível econômico e cultural dos países mais avançados e mais atrasados. Sem esse processo principal, seria impossível conceber o relativo nivelamento primeiro da Europa com a Grã Bretanha e depois da América com a Europa; a industrialização das colônias, a diminuição da diferença entre Índia e Grã Bretanha e todas as consequências deste processo sobre o qual é baseado não só o programa da Internacional Comunista como também o motivo de sua existência.

A aproximar economicamente os países um a outro e nivelar seus estágios de desenvolvimento, o capitalismo, no entanto, usa seus

próprios métodos, quer dizer, métodos anarquistas que constantemente minam seu próprio trabalho, joga um país contra outro e um ramo da indústria contra outro, desenvolvendo algumas partes da economia mundial enquanto dificulta e atrasa o desenvolvimento de outras. Apenas a correlação destas duas tendências fundamentais – ambas advindas da natureza do capitalismo – nos explicam a textura viva do processo histórico.

O imperialismo, graças à universalidade, penetração, mobilidade e a enorme velocidade na formação do capital financeiro como a força motora do imperialismo, empresta vigor a ambas as tendências. O imperialismo vincula incomparavelmente mais rápido e mais profundamente as unidades individuais nacionais e continentais em entidades únicas, colocando-as em mutua dependência vital e tornando seus métodos econômicos, formas sociais e níveis de desenvolvimento mais idênticos. Ao mesmo tempo, ele atinge esse “gol” por tal método antagônico, tal pulo do gato e assaltos sobre países e áreas atrasados que a unificação e nivelção da economia mundial que ele afetou, está descontrolado de forma mais violenta e convulsiva que em outras épocas. Somente um entendimento dialético e não puramente mecânico da lei do desenvolvimento desigual pode tornar possível evitar o erro fundamental que o projeto de programa apresentado ao sexto congresso falhou em evitar.

Imediatamente depois desta caracterização parcial da lei do desenvolvimento desigual apontado por nós, o projeto de programa diz:

“Daí se deduz que a revolução proletária internacional não pode ser vista como um ato único, simultâneo e universal. Por isso segue que a vitória do socialismo é possível primeiro em alguns ou até em um único país capitalista.”

Que a revolução internacional do proletariado não pode ser um ato simultâneo, é claro, não pode haver discussão, principalmente depois da experiência da Revolução de Outubro, conseguida pelo proletariado de um país atrasado sob a pressão de uma necessidade histórica, sem esperar nem ao menos pelo proletariado dos países avançados “para igualar na frente”. Nesses limites a referência à lei do desenvolvimento desigual está absolutamente correta e no lugar certo. Mas é totalmente contrária à segunda metade da conclusão – especialmente, a afirmação vazia de que a vitória do socialismo é possível “em um só país”. Para provar seu ponto o projeto do programa diz: “por isso segue...” Fica-se com a impressão de que esta conclusão vem da lei do desenvolvimento desigual. Mas esta não é a conclusão de jeito nenhum. “Por isso segue” algo bem ao contrário.

Se o processo histórico fosse de que alguns países se desenvolvessem não só desigualmente, mas também independentemente de todos os outros, isolado dos outros, então da lei do desenvolvimento desigual indubitavelmente seguiria a possibilidade da construção do socialismo em um só país capitalista – primeiro no país mais avançado e depois, quando estiverem maduros, nos mais atrasados. Esta era a ideia comum e, assim por dizer, geral da transição ao socialismo no conjunto da social democracia antes da guerra. Isto é justamente a ideia que deu as bases teóricas do social-patriotismo. Claro, o projeto não chegou a isso, mas se encaminha para isso.

O erro teórico do projeto está no fato de que tenta deduzir da lei do desenvolvimento desigual alguma coisa que a lei não implica e nem pode. Desenvolvimento desigual ou esporádico de vários países atua constantemente para bagunçar mas em nenhum caso para eliminar os laços e interdependências econômicas entre estes países que logo no dia seguinte, depois de quatro anos de matança infernal foram obrigados a trocar carvão, pão, óleo, energia e suspensórios entre eles. Neste ponto, o projeto coloca a questão como se o desenvolvimento histórico ocorre apenas na base de saltos esporádicos, enquanto que a base econômica que dá impulso a esses saltos e sobre o qual eles ocorrem, é deixado totalmente fora da vista pelos autores do projeto ou forçosamente eliminado por eles. Isto eles fazem com o único objetivo de defender a indefensável teoria do socialismo em um só país.

Depois do que foi dito não é difícil entender que a única formulação correta da questão é a seguinte: que Marx e Engels, mesmo antes da época imperialista, chegaram à conclusão de que por um lado a irregularidade, quer dizer as sacudidas do desenvolvimento histórico, estenderão a revolução proletária por uma época inteira durante a qual nações entrarão em ondas revolucionárias uma após outra, enquanto, por outro lado, a dependência orgânica de diversos países, que se desenvolveu ao ponto de uma divisão internacional do trabalho, exclui a possibilidade de construir o socialismo em um só país. Isto quer dizer que a doutrina marxista, que postula que a revolução socialista só pode começar em uma base nacional, enquanto a construção do socialismo em um só país é impossível, revelou-se duplamente ou triplamente verdadeira, ainda mais agora, na época moderna quando o imperialismo se desenvolveu, aprofundou e aguçou ambas essas tendências antagônicas. Neste ponto, Lenin apenas desenvolveu e concretizou a formulação do próprio Marx e a resposta para esta questão do próprio Marx.

O programa de nosso partido adota inteiramente como ponto de partida a ideia de que a revolução de outubro e a construção do socialismo estão condicionadas pela situação internacional. Para provar isso é só necessário transcrever inteiramente a parte teórica de nosso programa. Vamos nos deter meramente em dizer que durante o oitavo congresso de nosso partido, o falecido Podbelski insinuou que algumas formulações do programa tivessem referencia só à revolução na Rússia. Lenin respondeu como segue em seu discurso de encerramento sobre a questão do programa do partido (19/03/1919):

“Podbelski levantou objeções a um parágrafo que fala da revolução social pendente... O argumento dele é obviamente infundado porque nosso programa trabalha com a revolução em escala mundial”. (Escritos, Vol. XVI, pág.131)

Não será supérfluo apontar aqui que mais ou menos na mesma época Lenin sugeriu que nosso partido deveria mudar seu nome de Partido Comunista da Rússia para Partido Comunista, para enfatizar ainda mais que é um partido da revolução internacional. Eu fui o único que votou na moção de Lenin no Comitê Central. No entanto ele não levou a proposta ao Congresso tendo em vista a fundação da Terceira Internacional. Sendo esta a posição do partido, não podia surgir a ideia de socialismo em um só país. Só por isso o programa do partido não condena esta “teoria”, apenas a ignora.

Mas no programa da Liga Comunista da Juventude, adotado dois anos depois, já foi necessário, para educar os jovens no espírito do internacionalismo colocá-los diretamente em guarda contra as ilusões e o espírito nacionais estreitos na questão da revolução proletária. Teremos mais a dizer sobre este ponto depois.

O novo projeto de programa do Comintern coloca a questão de forma diferente. Em harmonia com a evolução revisionista dos seus autores desde 1924, o projeto, como vimos, escolhe exatamente o caminho oposto. Mas a maneira que a questão do socialismo em um país é resolvida determina a natureza do projeto inteiro como um documento revisionista ou marxista.

É claro, o projeto de programa cuidadosamente, persistentemente e muitas vezes apresenta, enfatiza e explica a diferença entre a formulação comunista e revisionista da questão. Mas estas afirmações não resolvem o problema. Temos uma situação similar a estar a bordo de um navio que é equipado, até sobrecarregado com inúmeros mecanismos e aplicações marxistas, enquanto que a vela principal é levantada de forma proposital a usar todos os ventos reformistas e revisionistas.



Quem aprendeu das experiências das últimas três décadas e particularmente da extraordinária experiência Chinesa em anos recentes, entende a forte interdependência dialética entre a luta de classes e os documentos programáticos do partido e entenderá nossa análise de que a nova onda revisionista pode anular as aplicações do Marxismo e Leninismo. É por isso que somos obrigados a debater até o menor detalhe esta questão central, que por um longo tempo determinará o desenvolvimento e o destino da Internacional Comunista.

## **5. A tradição teórica do partido**

O projeto de programa, em uma citação mais a frente, usa deliberadamente a expressão “vitória do socialismo em um país” para assegurar uma similaridade verbal pura entre este texto e um artigo de Lenin, de 1915, que foi mal usado impiedosamente, para não dizer criminosamente, durante a discussão sobre a questão de construir uma sociedade socialista em um país. O projeto recorre ao mesmo método em outro lugar, “referindo-se” às palavras de Lenin como confirmação. Tal é a “metodologia científica do projeto”.

Da grande força da literatura marxista e dos tesouros dos trabalhos de Lenin – ignorando diretamente tudo o que Lenin disse e escreveu e tudo que ele fez, ignorando o programa do partido e o programa da Liga da Juventude Comunista, ignorando as opiniões expressas por todas as lideranças partidárias, sem exceção, durante a época da Revolução de Outubro quando a questão estava colocada categoricamente (e como!), ignorando o que os próprios autores do programa, Stalin e Bukharin, disseram até 1924 – duas citações foram tiradas de Lenin, uma de seu artigo sobre Estados Unidos da Europa, escrito em 1915 e outra de seu trabalho póstumo não finalizado sobre cooperação, escrito em 1923, foram usados em defesa da teoria do nacional socialismo, o que foi criado para responder às exigências da luta contra o assim chamado “Trotskismo” no final de 1924 ou começo de 1925. Tudo que contradiz estas duas citações de um par de linhas cada – todo o marxismo e Leninismo – foi simplesmente jogado fora. Estas duas citações extraídas artificial e grosseiramente e mal interpretadas pelos epígonos são usadas como a base de uma nova e puramente revisionista teoria que é limitada do ponto de vista de suas consequências políticas. Estamos testemunhando os esforços para enxertar, com métodos escolásticos e sofisticação, ao tronco marxista um ramo totalmente alheio, o qual, se enxertado, irá inexoravelmente envenenar e matar a árvore toda.



Na sétimo pleno do CEIC, Stalin declarou (não pela primeira vez): “A questão da construção de uma economia socialista em um país foi primeiro antecipado no partido por Lenin lá atrás em 1915”. (Minutas, Sétimo pleno do CEIC, pág. 14)

Assim admite aqui que antes de 1915 nunca foi mencionado a questão do socialismo em um só país. Ufa, Stalin e Bukharin não se aventuraram a jogar sobre toda a tradição do marxismo e do partido a questão do caráter da revolução proletária. Guardemos isso em mente.

No entanto, vamos ver o que Lenin diz “pela primeira vez” em 1915 em contradição ao que Marx, Engels e o próprio Lenin disseram previamente.

Em 1915 Lenin disse:

desenvolvimento econômico e político desigual é uma lei incondicional do capitalismo. Disso segue que o triunfo do socialismo é, para começar, possível em alguns, ou mesmo em um só país capitalista. O proletariado vitorioso daquele país, tendo expropriado os capitalistas e tendo organizado a produção socialista em casa, estaria em armas contra o resto do mundo capitalista, atraindo as classes oprimidas de outros países para seu lado, causando insurreições naqueles países contra os capitalistas, e agindo, em caso de necessidade, até mesmo com força militar contra as classes exploradoras e seus governos. (Escritos, Vol. XIII, pág. 133, 23/08/1915)

O que Lenin tinha em mente? Apenas que a vitória do socialismo no sentido do estabelecimento da ditadura do proletariado é possível primeiro em um país, o que pelo simples fato, se contraporá ao mundo capitalista. O Estado proletário, para poder resistir a um ataque e assumir a ofensiva revolucionária por si, primeiro terá que “organizar a produção socialista em casa”, por exemplo, terá que organizar a operação das fabricas tomadas dos capitalistas. Isto é tudo. Tal “vitória do socialismo” era, como mostrado, primeiro alcançada na Rússia, e o primeiro Estado operário, para poder se defender contra a intervenção mundial, tem antes de mais nada que “organizar a produção socialista em casa” ou criar a confiança de “um tipo consistentemente socialista”. Pela vitória do socialismo em um país, Lenin consequentemente não acalentava a fantasia de uma sociedade socialista autosuficiente, e num país atrasado como este, mas algo mais realístico, quer dizer, o que a Revolução de Outubro alcançou em nosso país durante o primeiro período de sua existência.

Isto, por acaso, precisa de provas? Tantas provas podem ser dadas que a única dificuldade é escolher a melhor.

Em suas teses sobre guerra e paz (7/01/1918) Lenin falou da “necessidade de um certo período de tempo, pelo menos alguns meses, para a vitória do socialismo na Rússia...” (Escritos, Vol. XV, pág. 64)

No começo do mesmo ano, 1918, Lenin, em seu artigo intitulado “O esquerdismo infantil e a pequena burguesia”, dirigido contra Bukharin escreveu o seguinte: “Se, digamos, um capitalismo de Estado puder se estabelecer em nosso país em seis meses, isto será uma grande conquista e a melhor garantia de que em um ano o socialismo estará definitivamente estabelecido e se tornará invencível.” (Escritos, Vol. XV, parte 2, pág.263)

Como pode Lenin estabelecer um período tão curto para o “estabelecimento definitivo do socialismo”? Que sentido material, social e relativo à produção ele colocou nestas palavras?

Esta questão aparecerá com uma luz diferente se lembrarmos que em 29 de abril de 1918, Lenin disse em seu informe ao Comitê Executivo Central do governo soviético de toda a Rússia: “É difícil esperar que a próxima geração, que estará muito mais desenvolvida, efetive a completa transição ao socialismo” (Idem, pág. 280)

Em 3 de dezembro de 1919, no Congresso das Comunas e artesãos, Lenin falou ainda mais duro, dizendo: “Não podemos estabelecer a ordem socialista no momento atual. Serão nossas crianças e talvez nossos netos que estabelecerão isso”. (Escritos, Vol. XVI, pág. 398)

Em qual desses casos Lenin estava certo? Foi quando falou do “estabelecimento definitivo do socialismo em doze meses, ou quando deixou não para nossos filhos mas nossos netos “estabelecer a ordem socialista”?

Lenin estava certo em ambos os casos, pois ele tinha em mente dois estágios completamente diferentes e imensuráveis da construção socialista.

Com o “estabelecimento definitivo do socialismo” no primeiro caso Lenin não quis dizer a construção de uma sociedade socialista em um ano ou mesmo “alguns meses”, isto é, ele não quis dizer que as classes teriam desaparecido, que as contradições entre a cidade e o campo estariam eliminadas; ele quis dizer a retomada da produção nos moinhos e fabricas nas mãos do Estado operário, e assim assegurar a possibilidade da troca de produtos entre a cidade e o campo. O próprio prazo curto é por si só a chave para entender toda a perspectiva.

É claro, mesmo para esta tarefa elementar, um período muito curto, foi estabelecido no começo de 1918. Foi este “erro de calculo” pu-

ramente pratico que Lenin zombou no Quarto Congresso do Comintern quando ele disse “nós éramos mais bobos então do que somos agora”. Mas “tínhamos uma visão geral correta das perspectivas e em nenhum momento acreditei que é possível estabelecer uma completa ‘ordem socialista’ em doze meses e num país atrasado como este” Atingir este gol principal e final – a construção de uma sociedade socialista – foi deixado por Lenin a três gerações inteiras – nós, nossos filhos e nossos netos.

Não ficou claro que naquele artigo de 1915, que o que Lenin quis dizer com a organização da “produção socialista” não era a criação da sociedade socialista, mas uma tarefa muito mais elementar que já foi realizada por nós na URSS? Do contrario, poder-se-ia chegar à absurda conclusão de que, de acordo com Lenin, o partido do proletariado, tendo chegado ao poder, “adia” a guerra revolucionaria até a terceira geração.

Esta é a triste posição da principal citação de 1915 no que diz respeito à nova teoria. No entanto, o que é mais triste ainda é o fato de que Lenin escreveu esta frase não aplicando à Rússia. Ele falava da Europa em contraposição à Rússia. Isto vem de que não só o conteúdo do artigo citado era dedicado à questão dos Estados Unidos da Europa, mas também de toda a posição de Lenin naquele momento. Alguns meses depois, em 20 de novembro de 1915, Lenin escreveu especialmente sobre Rússia, e disse:

A tarefa do proletariado vem obviamente deste atual estagio dos acontecimentos. A tarefa é dura, heroica, a luta revolucionaria contra a monarquia (a consigna da conferencia de janeiro de 1912 – os ‘três pilares’), uma luta que atrairá todas as massas democráticas, quer dizer, principalmente os camponeses.

Ao mesmo tempo, uma luta implacável tem que ser travada contra o chauvinismo, uma luta pela revolução socialista na Europa em aliança com seu proletariado. A crise da guerra acirrou os fatores econômicos e políticos impelindo a pequena burguesia, assim como os camponeses, para a esquerda. Esta é a base objetiva que abre a possibilidade da vitória da revolução democrática na Rússia. As condições objetivas para a revolução socialista estão maduras na Europa ocidental, foi reconhecido antes da guerra por todos os socialistas dos países avançados. (Escritos, vol. XIII, pág. 212)

Assim, em 1915, Lenin falava claramente de uma revolução democrática na Rússia e de uma revolução socialista na Europa ocidental. De passagem, como que falando de algo que é obvio, ele menciona que a Europa ocidental, distinto da Rússia, em contraste com a Rússia, as condições para a revolução socialista estão “completamente

maduras”. Mas os autores da nova teoria, os autores do projeto de programa, simplesmente ignoram esta citação – uma de muitas – a qual se refere exatamente e diretamente à Rússia, assim como ignoram centenas de outras passagens, como ignoram todos os escritos de Lenin. Em vez de notar isso, eles se agarram, como vimos, a outra passagem que se refere a Europa Ocidental, dão a ela um significado que não pode e não tem, juntam este significado que deram à Rússia, um país com a qual a passagem não tem referencia, e sobre esta “base” erguem sua nova teoria.

Qual era a posição de Lenin sobre esta questão no período imediatamente anterior a outubro? Ao deixar a Suíça depois da Revolução de Fevereiro de 1917, Lenin escreveu uma carta aos trabalhadores suíços em que declarava:

A Rússia é um país pobre, um dos mais atrasados da Europa. O socialismo não pode triunfar imediatamente lá mas a característica da pobreza do país, com grandes parcelas de terras nas mãos da aristocracia feudal e latifundiários, pode, em base à experiência de 1905, dar um enorme impulso para a revolução democrática burguesa na Rússia e fazer de nossa revolução um prelúdio da revolução socialista mundial, um degrau para isso... O proletariado russo não pode com suas próprias forças completar vitoriosamente a revolução socialista. Mas pode dar à revolução Russa dimensões tais que criará condições muito mais favoráveis a isto, como de certa forma estará começando isso. Pode facilitar as coisas para a entrada na batalha decisiva da parte de seu principal e melhor aliado, o proletariado Europeu e americano (Escritos, Vol. XI, parte 2, pág. 407)

Todos os elementos da questão estão nessas poucas linhas. Se Lenin acreditava, como eles tentam nos convencer agora, em 1915, tempos de guerra e reação, de que o proletariado da Rússia podia construir o socialismo sozinho e depois declarar guerra aos Estados burgueses, como pode Lenin então, no começo de 1917, depois da revolução de fevereiro, falar tão categoricamente sobre a impossibilidade da Rússia atrasada e camponesa construir o socialismo só com suas próprias forças? Deve-se pelo menos ser lógico e, para ser claro, ter algum respeito por Lenin.

Seria supérfluo acrescentar mais citações. Para apresentar o perfil integral das ideias econômicas e políticas de Lenin, condicionadas pelo caráter internacional da revolução socialista, requereria um trabalho separado que trataria de muitos assuntos mas não a possibilidade de construir um sociedade socialista autossuficiente em um país, porque Lenin não entendia desse assunto.

No entanto, nos sentimos obrigados a trabalhar sobre um outro artigo de Lenin – “Sobre Cooperação” – já que o projeto de programa

servindo-se de uma expressão isolada deste artigo póstumo a utiliza com um propósito totalmente alheio ao artigo. Temos em mente o quinto capítulo do projeto de programa que afirma que os trabalhadores da República Soviética “tem todo material e pré-requisitos necessários e suficiente no país para a completa construção do socialismo”.

Se o artigo ditado por Lenin durante sua convalescença e publicado depois de sua morte realmente dissesse que o Estado soviético possui todo o material necessário, isto é, pré-requisitos produtivos para uma construção independente e completa do socialismo, seria correto supor que Lenin escorregou em seu ditado ou que a secretaria cometeu um erro ao transcrever suas notas. Ambas as conjecturas são mais prováveis do que a de que Lenin teria abandonado o Marxismo e todos os seus ensinamentos de sua vida em dois rápidos derrames. Felizmente, no entanto, não há a menor necessidade desta explicação. O artigo “Sobre cooperação”, notável, ainda que inacabado, tem grande unidade com outro artigo não menos inesquecível de seu último período, constituindo, como este, um capítulo de um livro não terminado sobre o lugar ocupado pela revolução de Outubro na corrente das revoluções no leste e oeste – este artigo “Sobre Cooperação” não fala jamais das coisas que os revisionistas tão levianos do leninismo atribuem a ele.

Neste artigo Lenin explica que as cooperativas “comerciais” podem e devem mudar seu papel social no Estado operário e que com uma política correta elas podem dirigir a fusão dos interesses privados dos camponeses com o interesse geral do Estado através dos canais socialistas. Lenin fundamenta sua ideia irrefutável como segue:

De fato, o poder de Estado sobre os meios de produção em larga escala, o poder do Estado nas mãos do proletariado, a aliança desse proletariado com os muito milhões de camponeses pobres, a garantia da liderança do proletariado em relação aos camponeses – isto não é tudo o que é necessário para as cooperativas, as cooperativas sozinhas, antes eram tratadas como meros comerciantes, e de um certo ponto de vista, nós ainda temos o direito a tratá-la assim mesmo agora sob a N.E.P., não é isto tudo o que é necessário para a construção de uma sociedade socialista completa? Não é ainda a construção da sociedade socialista mas é tudo necessário e suficiente para sua construção (Escritos, Vol. XVIII, parte 2, pág. 140)

O texto da citação que inclui uma frase inacabada [“as cooperativas sozinhas?”] irrefutavelmente prova que temos perante nós um projeto não corrigido que foi ditado e não escrito pelo próprio autor.

Alem de ser inadmissível pegar umas palavras isoladas do texto em vez de tentar entender a ideia geral do artigo. Felizmente, no entanto, mesmo a carta da passagem citada e não apenas o espírito não dá o direito a ninguém de fazer mau uso como foi feito pelos autores do projeto do programa. Falando dos pré-requisitos “necessários e suficientes”, Lenin limita estritamente o assunto em seu artigo. Nele discute apenas a questão de formas e meios pelos quais atingiremos o socialismo através dos pequenos negócios difusos e atomizados sem novas convulsões de classe, tendo os pré-requisitos do regime soviético como nossa base. Lenin fundamenta sua ideia irrefutável como segue: Estivesse o proletariado europeu vitorioso hoje e vindo em nossa assistência com sua tecnologia, a questão do cooperativismo levantada por Lenin como o método sócio-organizacional de coordenar os interesses privados e sociais, ainda assim teria seu significado. Cooperação aponta o caminho através do qual a tecnologia avançada, incluindo energia, pode reorganizar e unir os milhões de pequenos negócios, uma vez que exista um regime soviético. Mas cooperação não pode ser substituída por tecnologia e não cria esta tecnologia. Lenin não só fala dos pré-requisitos necessário e suficiente em geral, mas como vimos, ele enumera eles. Eles são: 1) “Poder do Estado sobre todos os meios de produção em larga escala” (frase não corrigida); 2) “Poder do Estado nas mãos do proletariado”; 3) “Uma aliança deste proletariado com os milhões de camponeses”; 4) “garantia da liderança do proletariado em relação aos camponeses.” Somente depois de enumerar estas condições puramente políticas – nada é dito aqui a respeito de condições materiais – que Lenin chega a sua conclusão, a saber, que “isto” (tudo o que virá) “é tudo que é necessário e suficiente” para construir uma sociedade socialista. “Tudo que é necessário e suficiente” no plano político, mas não mais. Mas, acrescenta aqui e ali, “ainda não é a construção de uma sociedade socialista”. Por que não? Porque as condições políticas sozinha, mesmo sendo suficiente, não resolvem o problema. A questão cultural ainda permanece. “Apenas” isto, diz Lenin, enfatizando a palavra “apenas” de forma a demonstrar a tremenda importância dos pré-requisitos que não temos. Lenin sabia tão bem quanto nós que a cultura anda de braços dados com a tecnologia. “Para ser cultural” – ele joga os revisionistas de volta na lama – “uma certa base material é necessária” (Idem, pág. 185). Basta mencionar o problema da eletrificação que Lenin, incidentalmente, propositadamente vincula com a questão da revolução socialista internacional. A batalha pela cultura, dada os pré-requisitos políticos “necessários e suficiente” (mas não mate-

rial), absorveria todos os nossos esforços, não fosse pela questão da luta econômica, política, militar e cultural ininterrupta e inconciliável do país engajado na construção de uma sociedade socialista em um país atrasado contra um mundo capitalista que está em declínio mais é tecnicamente muito poderoso. “Estou pronto para afirmar [Lenin salienta com ênfase particular rumo ao final de seu artigo] que o centro de gravidade para nós deveria ser transferido para o trabalho cultural se não fosse nosso dever de lutar por nossa posição em escala internacional” (Idem,pág. 144)

Tal é a ideia real se analisamos o artigo sobre cooperação, mesmo separado de todos seus outros escritos. Como então qualificar senão como uma falsificação o método dos autores do projeto de programa que deliberadamente usam as palavras de Lenin sobre possuímos os pré-requisitos “necessários e suficiente” e acrescentam a ele os pré-requisitos materiais básicos, apesar de Lenin definitivamente falar de pré-requisitos materiais entre parênteses, dizendo que é justamente o que não temos e que ainda precisamos conquistar em nossa luta por “nossa posição em escala internacional”, isto é, em conexão com a revolução proletária internacional? É assim que as coisas ficam com o segundo e último pilar da teoria.

Nós, propositalmente, não tratamos aqui de inúmeros artigos e discursos de 1905 a 1923 nos quais Lenin assegura e repete categoricamente que sem uma revolução mundial vitoriosa estamos fadados ao fracasso, que é impossível derrotar a burguesia economicamente em um país, particularmente um país atrasado, que a tarefa de construir uma sociedade socialista é uma tarefa em sua essência internacional – da qual Lenin tirou a conclusão que pode parecer “pessimista” para a nova utopia nacional reacionária mas bastante otimista do ponto de vista do internacionalismo revolucionário. Concentramos nosso argumentos aqui apenas nas passagens escolhidas pelos autores do projeto com o intuito de criar os pré-requisitos “necessários e suficiente” para sua utopia. E vimos que toda a estrutura deles ruí no momento em que é tocada.

No entanto, consideramos necessário apresentar pelo menos um dos testemunhos diretos de Lenin na questão da controvérsia que não precisa nenhum comentário e não permite nenhuma falsa interpretação.

Enfatizamos em muitos de nossos escritos, em todos nossos discursos, e em toda nossa imprensa que a situação na Rússia não é a mesma dos países capitalistas avançados, que temos na Rússia uma minoria de trabalhadores industriais e uma grande maioria de pequenos camponeses. A revolução

social em tal país pode ser finalmente um sucesso apenas em duas condições: primeiro, na condição de que receba o suporte da revolução social em um ou mais países avançados...segundo, que tem que haver acordo entre o proletariado que estabelece a ditadura ou controla o poder de Estado em suas mãos e a maioria da população camponesa...

“Sabemos não é um acordo com os camponeses que pode salvar a revolução na Rússia se a revolução não acontece em outros países” (Escritos, Vol. XVIII, parte 1, pág. 137)

Esperamos que esta passagem seja suficientemente instrutiva. Primeiro, o próprio Lenin enfatiza que as ideias desenvolvidas por ele foram colocadas “em muitos de nossos escritos, em todos nossos discursos e em toda nossa imprensa”; segundo, esta perspectiva foi prognosticada por Lenin não em 1915, dois anos antes da Revolução de Outubro, mas em 1921, o quarto ano após a Revolução de Outubro.

No que se refere a Lenin, nos aventuramos a pensar que a questão está suficientemente clara. Permanece aqui uma pergunta: qual a opinião anterior dos autores do projeto de programa na questão básica colocada perante nós?

Sobre este ponto Stalin disse em Novembro de 1926: “O partido sempre teve como ponto de partida a ideia de que a vitória do socialismo em um país significa a possibilidade de construir o socialismo naquele país, e esta tarefa pode ser cumprida com as forças de um só país.” (Pravda, 12/11/1926)

Nós já sabemos que o partido nunca teve isto como ponto de partida. Ao contrario, “em muitos de nossos escritos, em todos nossos discursos e em toda nossa imprensa”, como disse Lenin, o partido procedeu da posição oposta, o que encontrou sua maior expressão no programa do PCUS. Mas as pessoas podem imaginar que pelo menos o próprio Stalin “sempre” partiu deste falso ponto de vista de que “o socialismo pode ser construído com as forças de um país”. Vamos checar.

Como enxergava Stalin sobre esta questão em 1905 ou 1915 não temos como saber pois não há nenhum documento sobre o assunto. Mas em 1924, Stalin delineou as concepções de Lenin sobre construção do socialismo assim:

A derrubada do poder da burguesia e o estabelecimento de um governo proletário em um país ainda não garante a completa vitória do socialismo. A principal tarefa do socialismo – a organização da produção socialista – ainda continua distante. Pode essa tarefa ser completada, pode haver a vitória final do socialismo em um país, sem os esforços conjuntos de vários países



avancados? Não, isto é impossível. Para derrubar a burguesia os esforços de um país são suficientes – a história de nosso país mostra isto. Para a vitória final do socialismo, a organização da produção socialista, os esforços de um país, principalmente um país camponês como a Rússia são insuficientes. Para isto os esforços do proletariado de vários países avançados é necessário... Tal, na íntegra, são os traços característicos da teoria da revolução proletária de Lenin”. (Stalin, Lenin e o leninismo, pág. 40, Ed. Russa, 1924)

Devemos admitir que os “traços característicos da teoria de Lenin” estão delineados aqui bem corretamente. Nas últimas edições do livro de Stalin esta passagem foi alterada para ser lida de forma oposta e os “traços característicos da teoria de Lenin” foi proclamada em apenas um ano como...Trotskismo. O sétimo pleno do CEIC tirou sua decisão não em base à edição de 1924 mas a de 1926.

É assim que as coisas acontecem com Stalin. Nada pode ser mais lamentável. Para ser claro, nós poderíamos nos consolar se a atitude da sétima reunião plenária do CEIC não tivesse sido tão lamentável quanto a de Stalin.

Ainda resta uma esperança e esta é que pelo menos Bukharin, o real autor do projeto de programa, “sempre” partiu da possibilidade da realização do socialismo em um só país. Vamos ver.

Isto é o que Bukharin escreveu sobre o assunto em 1917:

Revoluções são a locomotiva da história. Mesmo na atrasada Rússia, o maquinista insubstituível da locomotiva pode ser apenas o proletariado. Mas o proletariado não pode permanecer muito tempo com as relações de propriedade da sociedade burguesa. Ele marcha ao poder e rumo ao socialismo. No entanto, sua tarefa que está sendo colocada ‘na ordem do dia’ na Rússia não pode ser cumprida ‘dentro das fronteiras nacionais’. Aqui a classe trabalhadora encontra uma barreira intransponível [observe: “barreira intransponível” –LT] que pode ser quebrada apenas com o arfete da Revolução operária Internacional. (Bukharin, A luta de classes e a revolução na Rússia, pág. 3, Ed. Russa, 1917)

Ele não poderia ter se expressado mais claramente. Este era o ponto de vista de Bukharin em 1917, dois anos depois da suposta “mudança” de Lenin em 1915. Mas talvez a Revolução de outubro ensinou Bukharin diferente? De novo, vamos ver.

Em 1919, Bukharin escreveu sobre o assunto da “Ditadura do Proletariado na Rússia e a revolução mundial” na revista teórica da Internacional Comunista, dizendo: “Enquanto existir a economia mundial e a relação entre suas partes, com a mútua dependência dos vários grupos burgueses nacionais, é evidente por si só que a luta em um país não pode terminar sem uma vitória decisiva de um ou outro lado em vários países civilizados”.

Neste momento era até “evidente por si só”. Ele segue:

Na literatura marxista e semi-marxista do pré-guerra, a questão foi levantada muitas vezes sobre se era possível a vitória do socialismo em um só país. A maioria dos escritores respondeu a esta questão negativamente [e Lenin em 1915? – LT], do que não podemos deduzir que é impossível ou proibido iniciar a revolução e tomar o poder em um país.

Exatamente! No mesmo artigo lemos:

O período do crescimento das forças produtivas só pode começar com a vitória do proletariado em vários países centrais. Por isso que um desenvolvimento geral da revolução mundial e a formação de uma forte aliança econômica dos países industriais com a Rússia soviética é necessário. (N. Bukharin, Internacional Comunista, nº. 5, pág. 614, 1919)

A afirmação de Bukharin de que um crescimento das forças produtivas, isto é, um desenvolvimento socialista real, começará em nosso país apenas depois da vitória do proletariado nos países avançados da Europa é realmente a mesma declaração que foi usada como base de todos os atos de indiciamento contra o “trotskismo” incluindo a crítica no sétimo pleno do CEIC. A única coisa peculiar é que Bukharin, que deve sua salvação para sua memória curta, foi o primeiro a cumprir o papel de acusador. Junto com esta circunstância cômica há uma outra trágica, a saber, que entre aqueles indiciados também estava Lenin, que dezenas de vezes expressou a mesmíssima ideia elementar.

Finalmente, em 1921, seis anos depois da suposta mudança de Lenin em 1915, e quatro anos após a revolução de outubro o Comitê Central liderado por Lenin aprovou o programa da Liga da Juventude Comunista, que foi redigido por uma comissão dirigida por Bukharin. O parágrafo 4 deste programa diz:

Na URSS o poder de Estado já está nas mãos da classe trabalhadora. No decorrer desses três anos de luta heroica contra o capitalismo mundial, o proletariado manteve e reforçou seu governo soviético. Rússia, ainda que possua enormes recursos naturais, é, ainda assim, do ponto de vista da indústria, um país atrasado, no qual predomina uma população pequeno burguesa. Pode chegar ao socialismo somente através da revolução proletária mundial, em cuja época já entramos.

Este único parágrafo do programa da Liga da Juventude Comunista (não um artigo qualquer mas um programa!) torna ridícula e realmente infame as tentativas dos autores do projeto de provar que o partido “sempre” defendeu que a construção de uma sociedade socialista é possível em um único país e, mais, justamente na Rússia. Se

fosse “sempre” assim, então porque Bukharin escreveu tal parágrafo no programa da Liga da Juventude Comunista? Onde estava Stalin então? Como pode Lenin e o Comitê Central inteiro aprovar tal heresia? Como foi que ninguém no partido notou esse “deslize” ou levantou a voz contra isso? Isto não parece um jogo sinistro que está se tornando uma zombaria completa do partido, sua historia e do Comintern? Não está na hora de parar com isto? Não está na hora de dizer aos revisionistas: nem tentem se esconder atrás de Lenin e a tradição teórica do partido?

No sétimo pleno do CEIC, para providenciar bases para a resolução condenando o “trotskismo”, Bukharin, que sobrevive graças à sua memória curta, fez a seguinte afirmação: “Na teoria da revolução permanente do camarada Trotski – e o camarada Trotski defende essa teoria ainda hoje – achamos também uma afirmação de que por causa de nosso atraso econômico vamos inevitavelmente perecer sem a revolução mundial” (minutas, pág. 115)

No sétimo pleno eu falei sobre lacunas na teoria da revolução permanente como eu a tinha formulado em 1905-1906. Mas naturalmente nunca passou pela minha cabeça renunciar aos fundamentos desta teoria, o que me aproximava e me aproximou de Lenin, e que não me permite admitir essa revisão do leninismo realizada atualmente.

Havia duas teses fundamentais na teoria da revolução permanente. Primeiro, que apesar do atraso histórico da Rússia, a revolução pode colocar o poder nas mãos do proletariado russo antes do proletariado de países avançados conseguirem isso. Segundo, a saída para essas contradições que vão acontecer com a ditadura do proletariado em um país atrasado, circundado de um mundo de inimigos capitalistas, será encontrada na arena da revolução mundial. A primeira proposição é baseada num correto entendimento da lei do desenvolvimento desigual. A segunda depende de um correto entendimento da indissolubilidade dos laços econômicos e políticos entre os países capitalistas. Bukharin está correto quando diz que até hoje ainda defendo essas duas premissas da teoria da revolução permanente. Hoje, mais que nunca. Pois, em minha opinião, elas foram completamente verificadas e provadas: na teoria, pelos trabalhos de Marx e Lenin; na prática, pela experiência da revolução de outubro.

## 6. Onde está o “desvio social democrata”?

As citações colocadas são mais do que suficiente para caracterizar as posições teóricas de Stalin e Bukharin ontem e hoje. Mas para determinar o caráter de seus métodos políticos devemos lembrar que, tendo selecionado nos documentos escritos pela Oposição aquelas colocações que são absolutamente análogas às que eles mesmos fizeram até 1925 (neste momento em total acordo com Lenin), Stalin e Bukharin, baseando-se nelas, colocaram de pé a teoria de nosso “desvio social democrata”. Pareceria que na questão central das relações entre a Revolução de Outubro e a revolução internacional, a oposição tem o mesmo ponto de vista de Otto Bauer, que não admite a possibilidade da construção socialista na Rússia. Pode-se realmente pensar que a imprensa escrita foi inventada apenas em 1924 e que tudo que ocorreu antes desta data está fadado ao esquecimento. Contam de antemão com a memória curta das pessoas!

No entanto, na questão da natureza da Revolução de Outubro, o Comintern acertou suas contas com Otto Bauer e outros filisteus da Segunda Internacional no Quarto Congresso. O informe que o comitê central me encarregou de apresentar e que expressava seus pontos de vista sobre a nova política econômica e as perspectivas da revolução mundial, continha um julgamento sobre a atitude de Otto Bauer foi apreciada de uma maneira que expressava as posições de nosso então Comitê Central; não encontrou qualquer objeção no congresso e eu acho que até hoje está boa. No que concerne Bukharin, ele declinou de esclarecer o lado político do problema já que “muitos camaradas, incluindo Lenin e Trotski, já falaram sobre o assunto”; em outras palavras, Bukharin naquele momento concordava com meu discurso. Veja o que eu disse no Quarto Congresso sobre Otto Bauer:

Os teóricos da social democracia, que, de um lado reconhecem em seus artigos para dia de festa que o capitalismo, particularmente na Europa, já cumpriu seu papel e se tornou um freio para o desenvolvimento histórico, e de outro lado expressam a convicção de que a evolução da Rússia soviética inevitavelmente leva ao triunfo da democracia burguesa, caem na mais estúpida e banal contradição na qual esses estúpidos e conceituados confusionistas são totalmente escolados. A nova política econômica foi calculada para uma certa e definida condição de tempo e espaço. É uma manobra do Estado dos trabalhadores que está cercado de capitalistas e definitivamente conta com o desenvolvimento revolucionário da Europa... Tempo é um fator que não pode ser desconsiderado em cálculos políticos. Se deixarmos que o capitalismo consiga continuar existindo na Europa por outro século ou meio século e que a Rússia soviética tenha que se adaptar a isso em sua política econômica, então a questão se resolve automaticamente

porque, deixando isto acontecer, nós pressupomos o colapso da revolução proletária na Europa e o surgimento de uma nova época da ressurgimento capitalista. Em que terreno isso é permitido? Se Otto Bauer descobriu que atualmente na Áustria qualquer sinal milagroso de ressurreição capitalista, então podemos dizer que o destino da Rússia está pré-determinado. Mas até agora não vimos qualquer milagre, nem acreditamos neles. Do nosso ponto de vista, se a burguesia europeia consegue se manter no poder durante varias décadas, isso significará, na presente condição mundial, nenhum novo nascimento capitalista, mas estagnação econômica e o declínio cultural da Europa. Falando no geral não pode ser descartado que este processo jogue a Rússia soviética no abismo. Se vai passar por um estagio de 'democracia' ou decadência em outras formas, é uma questão secundária. Mas não vemos nenhum motivo para adotar a filosofia de Spengler. Definitivamente apostamos no desenvolvimento revolucionário na Europa. A Nova Política Econômica é apenas uma adaptação ao ritmo daquele desenvolvimento (L. Trotski, "Sobre as criticas da social-democracia", Cinco anos do Comintern, pág. 491)

Esta formulação da questão nos trás de volta ao ponto onde começamos a avaliação do projeto de programa, a saber, que na época do imperialismo é impossível abordar o destino de um país de outra forma, mas só tendo como ponto de partida as tendências do desenvolvimento mundial como um todo no qual cada país, com todas suas particularidades nacionais, está incluído e ao qual é subordinado. Os teóricos da Segunda Internacional excluem a URSS da unidade mundial e da época imperialista; eles aplicam para a URSS, como um país isolado, o critério abstrato de "maturidade" econômica; eles declaram que a URSS não está pronta para a construção independente socialista e daí tiram a conclusão da inevitabilidade da degeneração capitalista do Estado operário.

Os autores do projeto de programa adotam o mesmo terreno teórico e vão de mala e bagagem para a metodologia metafísica dos teóricos social democratas. Eles também "abstraem" da unidade mundial e da época imperialista. Eles partem da ficção de desenvolvimento isolado. Eles aplicam para a fase nacional da revolução mundial um critério econômico abstrato. Mas o "veredicto" a que chegam é diferente. O "esquerdismo" dos autores do projeto está no fato de que eles viram a evolução social democrática do avesso. No entanto, a maneira como os teóricos da Segunda Internacional colocam a questão não tem importância para nós. Deve-se pegar a posição de Lenin que simplesmente elimina a avaliação e prognósticos de Bauer como brincadeira de criança.

É aí que temos o "desvio social democrata". Não nós mas os autores do projeto deveriam se considerar entre os parentes de Bauer.

## 7. A dependência da URSS da economia mundial

O precursor dos atuais profetas da sociedade nacional socialista não foi outro que o sr. Vollmar. Descreveu em seu artigo intitulado “O Estado socialista isolado” a perspectiva da construção socialista independente na Alemanha, país com um proletariado muito mais desenvolvido que a avançada Grã Bretanha. Vollmar, em 1878, se refere diversas vezes de forma clara e definitiva à lei do desenvolvimento desigual, com a qual, segundo Stalin, Marx e Engels não estavam familiarizados. Em base àquela lei Vollmar chegou à conclusão irrefutável que: “Se prevalecem as atuais condições, que irá manter sua força também no futuro, podemos prever que a vitória simultânea do socialismo em todos os países civilizados está absolutamente fora de questão”.

Desenvolvendo ainda mais esta ideia, Vollmar diz: “Assim chegamos ao Estado socialista isolado que eu espero ter provado é o mais provável, ainda que não a única possibilidade”

Até aqui pelo termo “Estado isolado” podemos entender um Estado com ditadura do proletariado. Vollmar expressou uma ideia indiscutível e bem conhecida de Marx e Engels, e a qual Lenin expressou no artigo de 1915 citado acima.

Mas então segue algo que é puramente ideia de Vollmar, a qual, alias, é uma longa formulação errada e parcial como a formulação de nossos patrocinadores da teoria do socialismo em um só país. Em sua construção, Vollmar teve como ponto de partida a proposição de que a Alemanha socialista terá grandes relações econômicas com a economia capitalista mundial, tendo ao mesmo tempo a vantagem de possuir uma tecnologia muito mais desenvolvida e um custo de produção muito menor. Esta construção é baseada na perspectiva de uma coexistência pacífica dos sistemas socialista e capitalista. Mas na medida em que o socialismo deve, com seu progresso, revelar constantemente sua colossal superioridade produtiva, a necessidade da revolução mundial desaparecerá sozinha: o socialismo triunfará sobre o capitalismo por vender bens mais baratos no mercado.

Bukharin, o autor do primeiro projeto de programa e um dos autores do segundo projeto, parte em sua construção do socialismo em um só país totalmente da ideia de uma economia isolada autossuficiente. No artigo de Bukharin intitulado “Sobre a natureza de nossa revolução e a possibilidade de uma construção socialista bem sucedida na URSS” (Bolchevique, nº19-20, 1926), no qual a última palavra é escolástica multiplicada pela sofismo, todo o raciocínio é desenvol-

vido dentro dos limites de uma economia isolada. O principal e único argumento é o seguinte:

Desde que temos ‘tudo o que é necessário e suficiente’ para construir o socialismo, portanto, não haverá nenhum momento a partir do qual esta organização seja impossível. Se temos em nosso país uma combinação de forças que, em relação a cada ano passado, estamos avançando com uma grande preponderância do setor socialista de nossa economia e os setores socializados de nossa economia crescem mais rápido do que os setores capitalistas privados, então estamos entrando a cada novo ano subsequente com forças aumentadas.

O raciocínio é irrefutável: “Desde que temos tudo o que é necessário e suficiente”, portanto nós temos isso. Começando de um ponto que precisa ser provado, Bukharin constrói um sistema completo de uma economia socialista autossuficiente sem nenhuma entrada para ele ou saída dela. Quanto ao meio externo, isto é, o mundo todo, Bukharin, assim como Stalin, só se lembra dele do ângulo da intervenção. Quando Bukharin fala em seu artigo sobre a necessidade de “abstrair” do fator internacional, e tem em mente não o mercado internacional mas a intervenção militar. Bukharin não tem que abstrair do mercado mundial porque ele simplesmente esquece isso em todo o seu trabalho. Em harmonia com esse esquema Bukharin defendeu a ideia no décimo quarto congresso do partido russo de que se não sofremos intervenção nós construiremos o socialismo “mesmo que a passos de tartaruga”. A questão de luta ininterrupta entre os dois sistemas, o fato de que o socialismo só pode se basear nas forças produtivas mais avançadas; em uma palavra, a dinâmica marxista da substituição de uma formação social por outra na base de crescentes forças produtivas – tudo isto foi completamente descartado. A dialética revolucionária e histórica foi substituída por uma utopia reacionária superficial de socialismo autossuficiente, construído com baixa tecnologia, desenvolvendo com a “velocidade da tartaruga” dentro das fronteiras nacionais, conectado com o mundo somente por seu medo de intervenção. A recusa em aceitar essa caricatura miserável da doutrina de Marx e Lenin foi declarada um “desvio social democrata”. No artigo citado por Bukharin, esta caracterização de nosso ponto de vista foi, pela primeira vez, foi “fundamentada” e desenvolvida genericamente. A história anotar que caímos em um “desvio social democrata” porque nos recusamos a aceitar um retorno da teoria de Vollmar do socialismo em um só país, retorno que inversamente a converteu em mais errônea.

O proletariado da Rússia czarista não poderia ter tomado o poder em outubro se a Rússia não tivesse um vínculo, por mais fraco, mas um vínculo, enfim – na cadeia da economia mundial. A chegada ao poder pelo proletariado não excluiu de jeito nenhum a República Soviética do sistema de divisão internacional do trabalho criada pelo capitalismo.

Assim como a esperta coruja vem voando apenas no crepúsculo, a teoria do socialismo em um só país aparece no momento quando nossa indústria, que exauriu ainda maiores porções do velho capital, em dois terços da qual está cristalizada a dependência de nossa indústria da indústria mundial, deu mostras da sua necessidade urgente de renovar e estender seus laços com o mercado mundial e no momento em que os problemas do comércio exterior apareceram de forma completa perante nossos dirigentes econômicos.

No décimo primeiro congresso, isto é, o último congresso em que Lenin teve a oportunidade de falar ao partido, ele fez um alerta de que o partido em breve teria que passar por outro teste: “...um teste no qual seremos colocados pelo mercado russo e internacional ao qual estamos subordinados, com o qual estamos conectados e do qual não podemos escapar”.

Nada mais explosivo para a teoria de um “socialismo completo” isolado do que o simples fato de que nossas figuras do comércio exterior estão nos anos mais recentes no centro dos planos econômicos. O “nó” de nossa economia, incluindo nossa indústria, são nossas importações que dependem inteiramente de nossas exportações. E na medida em que a força de resistência de uma cadeia é sempre medida por seu elo mais fraco, as dimensões de nossos planos econômicos tem que estar conforme as dimensões de nossas importações.

No jornal *Economia planejada* (o órgão teórico da Comissão Estatal de planejamento) nós lemos um artigo dedicado ao sistema de planejamento, que

...na visão de nossas mais importantes figuras de controle para o ano corrente tivemos que trabalhar metodologicamente nossos planos de exportação e importação como ponto de partida para todo o plano. Tivemos que nos orientar nisso em nossos planos para os diversos ramos da indústria e conseqüentemente para a indústria em geral e particularmente para a construção de novos empreendimentos industriais, etc etc. (jan.1927, pág. 27)

Esta aproximação metodológica da Comissão Estatal de planejamento deixa claro, para quem tem dois ouvidos para ouvir, que as



figuras de controle determinam a direção e o ritmos de nosso desenvolvimento econômico, mas que estas figuras de controle já estão determinadas pela economia mundial; não é porque nos tornamos mais fortes que rompemos o círculo vicioso do isolamento.

O mundo capitalista nos mostra que por suas importações e exportações tem outros instrumentos de persuasão além daqueles da intervenção militar. Na medida em que a produtividade do trabalho e a produtividade de um sistema social como um todo são mediadas no mercado pela correlação de preços, não é muito a intervenção militar mas a intervenção de mercadorias capitalistas mais baratas que constituem, talvez, a maior ameaça imediata para a economia soviética. Isto por si só mostra que não é de modo algum uma questão de vitória econômica isolada sobre “a sua própria” burguesia: “A revolução socialista que é imperativa para todo o mundo não consiste apenas na vitória do proletariado de cada país sobre sua própria burguesia” (Lenin, Escritos, vol. XVI, pág.388, 1919). Aqui está envolvida a rivalidade e uma luta de morte entre dois sistemas sociais, um dos quais apenas começou a ser construído sobre forças produtivas atrasadas, enquanto o outro ainda hoje funciona com forças produtivas imensuravelmente maiores.

Qualquer um que veja “pessimismo” em admitir nossa dependência do mercado mundial (Lenin falou diretamente de nossa subordinação ao mercado mundial) revela seu próprio espírito provinciano pequeno burguês em relação à economia mundial e o caráter lastimável de seu otimismo local que espera se esconder da economia mundial atrás de um arbusto e manejar de alguma maneira com seus próprios recursos.

A nova teoria fez de seu ponto de honra a ideia esquisita de que a URSS pode perecer de uma intervenção militar mas nunca de seu próprio atraso econômico. Mas visto que em uma sociedade socialista a prontidão das massas em defender seu país deve ser muito maior que a prontidão dos escravos do capitalismo em atacar aquele país, vem um questão: porque deve uma intervenção militar levar-nos ao desastre? Porque o inimigo é infinitamente mais forte em sua tecnologia. Bukharin enxerga a predominância das forças produtivas apenas no seu aspecto técnico militar. Ele não quer entender que um trator da Ford é tão perigoso quanto uma arma Creusot, com a única diferença de que enquanto a arma funciona apenas de quando em quando, o trator nos faz pressão constante. Além disso o trator sabe que a arma está por trás dele, como último recurso.

Somos o primeiro Estado operário, uma parte do proletariado mundial e junto com eles nós dependemos do capital mundial. A palavra achada de forma neutra, indiferente e burocraticamente, “conexões”, foi posta em circulação com o único objetivo de diminuir a natureza extremamente onerosa e perigosa de tais “conexões”. Se estivéssemos produzindo com os preços do mercado mundial, nossa dependência nele, sem deixar de ser dependência, teria um caráter muito menos severo que tem agora. Mas infelizmente este não é o caso. Nosso monopólio do comércio exterior é por si só a evidência da severidade e do perigoso caráter de nossa dependência; A importância decisiva do monopólio em nossa construção socialista é resultado precisamente da correlação de forças existentes que é desfavorável a nós. E não devemos esquecer, nem por um momento, que o monopólio do comércio exterior apenas regula nossa dependência no mercado mundial, mas não elimina isso. “Enquanto nossa república soviética [diz Lenin] permanecer isolada em uma fronteira circundada pelo mundo inteiro capitalista, será absolutamente uma utopia ridícula e fantasiosa pensar em nossa completa independência econômica e no desaparecimento de certos perigos.” (Escritos, Vol. XVII, pág. 409)

O principal perigo decorre, conseqüentemente, da posição objetiva da URSS como uma “fronteira isolada” em uma economia capitalista que é hostil a nós. Esse perigo pode, no entanto, diminuir ou aumentar. Depende da ação de dois fatores: nossa construção por um lado e do outro o desenvolvimento da economia capitalista.

Em última análise, o segundo fator, isto é, o destino da economia mundial como um todo, é, claramente, decisivo.

Pode ocorrer – e em que caso em particular – que a produtividade de nosso sistema socialista fique atrás constantemente daquela do sistema capitalista? Pois isto inevitavelmente levará no final ao desaparecimento da república socialista. Se nós organizarmos nossa economia nessa nova fase, quando estaremos obrigados a criar a base da indústria, o que exige qualidades muito maiores da direção, então nossa produtividade no trabalho irá crescer. É, no entanto, inconcebível que a produtividade do trabalho nos países capitalistas, ou melhor, nos principais países capitalistas, crescerá mais rápido que em nosso país? Sem uma resposta clara a esta questão, não há qualquer base para as afirmações levianas de que nosso ritmo “é por si só” suficiente (nem vamos mencionar a filosofia absurda da “velocidade de tartaruga”). Mas qualquer tentativa de dar uma resposta à questão da rivalidade entre os dois sistemas nos leva ao terreno da economia

mundial e política mundial, isto é, ao terreno da ação e decisão da Internacional revolucionária que inclui a república soviética, mas de forma alguma à autossuficiente república soviética que de tempos em tempos recorre à ajuda da Internacional.

Falando da economia estatal da URSS o projeto de programa diz que está “desenvolvendo indústria em larga escala em um ritmo superior ao ritmo do desenvolvimento dos países capitalistas”. Esta tentativa de justapor dois ritmos representa, devemos admitir, a princípio um passo a frente em comparação com o período quando os autores do programa categoricamente rejeitavam a questão de comparar o coeficiente entre nosso desenvolvimento e o do mundo. Não há necessidade de “introduzir o fator internacional”, disse Stalin. Vamos construir o socialismo “mesmo que a passo de tartaruga”, disse Bukharin. Foi precisamente nessa linha que as principais controvérsias ocorreram durante vários anos. Formalmente – nós ganhamos nessa linha. Mas se não inserimos meramente no texto a comparação entre os ritmos de desenvolvimento econômico, mas vamos à raiz da questão, se tornará aparente que não é possível falar em outro capítulo do projeto sobre “um mínimo de indústria suficiente”, sem nenhuma relação com o mundo capitalista, tendo como ponto de partida apenas as relações internas; e que é igualmente impossível saber de antemão, mas mesmo colocar a questão de se é “possível ou impossível” a qualquer país construir o socialismo independentemente. A questão é decidida pela dinâmica da luta entre os dois sistemas, entre as duas classes mundiais, e nesta luta, independentemente dos altos índices de crescimento de nosso período de restauração, segue sendo um fato essencial e indiscutível que: “O capitalismo, olhando em escala internacional, é ainda, não apenas no sentido militar mas também econômico, muito mais forte que o poder soviético. Nós devemos partir desta consideração fundamental e nunca esquecer isto” (Lenin, Escritos, vol. XVIII, pág. 102)

A questão da inter-relação entre os diferentes ritmos de desenvolvimento permanece uma questão aberta para o futuro. Depende não apenas de nossa capacidade de realmente atingir o “smichka”, garantir a produção dos grãos e incrementar nossas exportações e importações, em outras palavras, não apenas de nosso sucesso interno o qual, é claro, é um fator extremamente importante nessa luta mas também do destino do mundo capitalista, com sua estagnação, reação ou colapso, que dizer, sobre o curso da economia e revolução mundiais. Consequentemente a questão não é decidida dentro das

fronteiras nacionais e sim no terreno da luta política e econômica mundial.

Assim, pois, vemos quase em cada ponto do projeto de programa uma concessão direta ou dissimulada à crítica da oposição. Essa “concessão” se manifesta por uma aproximação a Marx e a Lenin no domínio teórico, porém as conclusões revisionistas ficam completamente independentes das teses revolucionárias.

### **8. A contradição entre as forças produtivas e as fronteiras nacionais como a causa da teoria utópica reacionária do “socialismo em um só país”**

A base da teoria do socialismo em um só país, como vimos, resume-se a interpretações falsificadas de algumas linhas de Lenin por um lado e a uma interpretação escolástica da “lei do desenvolvimento desigual” por outro. Ao fazer uma interpretação correta da lei histórica assim como das citações em questão chegamos a uma conclusão diretamente oposta, isto é, a conclusão a que chegaram Marx, Engels, Lenin e todos nós, incluindo Stalin e Bukharin até 1925.

Do desenvolvimento desigual e esporádico do capitalismo vem o caráter não simultâneo, desigual e esporádico da revolução socialista; da extrema tensão da interdependência dos vários países em outros países vem não só a impossibilidade política mas também a econômica de construir o socialismo em um só país.

Vamos examinar mais uma vez deste ângulo o texto do programa. Nós já lemos na introdução que: “O imperialismo...agrava de forma excepcional a contradição entre o crescimento das forças produtivas nacionais da economia mundial e as barreiras das fronteiras dos Estados nacionais”.

Nós já dissemos que esta proposição é, ou deveria ser, a chave do programa internacional. Mas é precisamente esta proposição que exclui, rejeita e varre a priori a teoria do socialismo em um só país como uma teoria reacionária porque é inconciliavelmente oposta não só à tendência fundamental do desenvolvimento das forças produtivas mas também aos resultados materiais que já foram atingidos por esse desenvolvimento. As forças produtivas são incompatíveis com as fronteiras nacionais. Disso decorre não só o comércio exterior, a exportação de homens e capital, a tomada de territórios, a política colonial e a última guerra imperialista, mas também a impossibilidade econômica de uma sociedade socialista autossuficiente. As forças produtivas dos países capitalistas há

muito tempo romperam as fronteiras nacionais. A sociedade socialista, no entanto, pode ser construída apenas sobre as mais avançadas forças produtivas, na aplicação da eletricidade e da química aos processos de produção incluindo a agricultura; ou combinando, generalizando e trazendo ao desenvolvimento máximo os mais altos elementos da tecnologia moderna. De Marx em diante, temos repetido constantemente que o capitalismo não pode suportar o espírito da nova tecnologia que ele mesmo criou e que dilacera não só o argumento dos direitos da propriedade privada da burguesia mas, como a guerra de 1914 mostrou, também as esperanças nacionais do Estado burguês. O socialismo, no entanto, não deve apenas partir das mais desenvolvidas forças produtivas mas deve imediatamente levá-las adiante, elevá-las ao nível máximo e dar a eles um Estado de desenvolvimento como nunca visto no sistema capitalista. A pergunta que surge: como então pode o socialismo levar de volta as forças produtivas para dentro das fronteiras de um Estado nacional que elas lutaram violentamente para quebrar sob o capitalismo? Ou talvez, nós devemos abandonar a ideia de forças produtivas “desenfreadas” para as quais as fronteiras nacionais, e conseqüentemente também as fronteiras da teoria do socialismo em um só país, são muito estreitas e nos limita, digamos, as forças produtivas controladas e domesticadas, isto é, para a tecnologia do atraso econômico? Se for este o caso, então em muitos ramos da indústria devemos parar de fazer progressos já agora e nos contentar com um nível ainda menor que nosso nível técnico lastimável que conseguiu ligar a Rússia burguesa com a economia mundial em um laço indissolúvel e a levou a participar na guerra imperialista para estender seu território ante as forças produtivas que extrapolaram as fronteiras do Estado nacional.

Tendo herdado e restaurado estas forças produtivas o Estado operário é obrigado a importar e exportar.

O problema é que o projeto de programa injeta mecanicamente no texto a tese da incompatibilidade da tecnologia capitalista moderna com as fronteiras nacionais e depois o argumento procede como se não houve nenhum questionamento desta incompatibilidade. Essencialmente o projeto todo é uma combinação de uma tese revolucionária já pronta de Marx e Lenin e de conclusões oportunistas ou centristas que são absolutamente incompatíveis com essas teses revolucionárias. É por isso que é necessário sem ficar fascinado com as formulas revolucionárias isoladas contidas no projeto, olhar cuidadosamente para onde conduzem suas tendências centrais.

Nós já citamos aquela parte do primeiro capítulo que fala da possibilidade de vitória do socialismo “em um país isolado”. Esta ideia é formulada ainda mais cruamente e agudamente no quarto capítulo, que diz que: “A ditadura [?] do proletariado mundial...pode ser realizada apenas como resultado da vitória do socialismo [?] em países individuais quando as novas republicas proletárias formadas irão estabelecer a federação com aqueles que já existem”

Se fossemos interpretar as palavras “vitória do socialismo” apenas como outra expressão de ditadura do proletariado, então chegamos à um lugar comum inquestionável e que deveria ser melhor formulado para evitar o duplo sentido. Mas isto não é o que os autores do projeto tem em mente. Por vitória do socialismo, ele não querem dizer simplesmente a tomada do poder e a nacionalização dos meios de produção mas a construção de uma sociedade socialista em um país. Se fossemos aceitar esta interpretação então não chegaremos a uma economia mundial socialista baseada na divisão internacional do trabalho mas a uma federação de comunidades socialistas autossuficientes no espírito da santa ignorância do anarquismo, a única diferença sendo que estas comunidades seriam estendidas ao tamanho dos atuais Estados nacionais.

Em sua urgência de encobrir ecleticamente a nova formulação por meio das velhas e costumeiras formulas o projeto de programa recorre à seguinte tese: “Apenas depois da completa vitória mundial do proletariado e da consolidação de seu poder mundial haverá uma prolongada época de intensa construção da economia socialista mundial”. (cap. 4)

Usado como um escudo teórico, este postulado na realidade serve apenas para expor a contradição básica. Se fossemos interpretar que esta tese quer dizer que a época da genuína construção socialista só pode começar depois da vitória do proletariado, pelo menos em vários países avançados, então é simplesmente a rejeição da teoria da construção do socialismo em um só país e um retorno à posição de Marx e Lenin. Mas se temos como ponto de partida a nova teoria de Stalin e Bukharin que está disposta em varias partes do projeto de programa, então temos a seguinte perspectiva: até a total vitória mundial do proletariado uma quantidade de países sozinhos constrói o socialismo completo em seus respectivos países e subsequentemente destes países socialistas será construída uma economia socialista mundial, da mesma maneira que uma criança constrói estrutura com blocos. Na realidade a economia socialista mundial não será a soma total de economias socialistas nacionais. Pode tomar

forma em seus aspectos fundamentais apenas no terreno da divisão internacional do trabalho que foi criada por todo o desenvolvimento do capitalismo precedente. Em sua essência, não será constituído e construído depois da construção do “socialismo completo” em um numero de países individualmente, mas nos trovões e tempestades da revolução proletária mundial o que requer algumas décadas. O sucesso econômico dos primeiros países sob ditadura do proletariado será medido não pelo degrau de sua aproximação ao “socialismo completo” autossuficiente mas pela estabilidade política da ditadura em si e pelo sucesso alcançado na preparação dos elementos da futura economia socialista mundial.

A ideia revisionista é ainda mais definitiva e portanto ainda mais grosseiramente expressa, se isso é possível, no quinto capítulo onde, escondendo atrás de uma linha e meia do artigo póstumo de Lenin que eles distorceram, os autores do projeto declaram que a URSS: “...possui os pré-requisitos materiais necessários e suficientes dentro do país não só para derrubar os latifundiários feudais e a burguesia mas também para a completa construção do socialismo”

Graças a quais circunstancias conseguimos tão extraordinárias vantagens históricas? Neste ponto achamos a resposta no segundo capítulo do projeto: “O fronte imperialista foi quebrado em seu elo mais fraco, a Rússia czarista”.

Esta é a formula esplendida de Lenin. Seu significado é que a Rússia era o mais fraco e atrasado economicamente de todos os Estados imperialistas. E isto é exatamente porque suas classes dominantes foram a primeira a cair já que tinham sobrecarregado exageradamente sobre forças produtivas insuficientes do país. Desigual, desenvolvimento esporádico assim empurraram o proletariado do país mais atrasado a ser o primeiro a tomar o poder. Formalmente aprendemos que esta é precisamente a razão pela qual a classe trabalhadora do “elo mais frágil” encontrará as maiores dificuldade em seu progresso rumo ao socialismo quando comparado com o proletariado dos países avançados, que terá mais dificuldade para tomar o poder, mas que tendo tomado o poder, muito antes de nós superarmos nosso atraso, não só nos ultrapassará como nos carregará até o ponto da real construção socialista em base da melhor tecnologia mundial e da divisão internacional do trabalho. Esta era nossa ideia quando aventuramos a Revolução de Outubro. O partido formulou esta ideia dez, não, centenas e milhares de vezes nos jornais e encontros, mas desde 1925 tentativas foram feitas para colocar justamente a ideia



oposta. Agora descobrimos que o fato de que a Rússia Czarista fosse o elo mais frágil coloca nas mãos do proletariado da URSS uma inestimável vantagem: que possui seus pré-requisitos necessários para a “completa construção do socialismo”.

Coitada da Grã-Bretanha que não possui esta vantagem por causa do excessivo desenvolvimento de suas forças produtivas que requer que quase todo o mundo forneça as matérias primas e que utilize seus produtos. Fossem as forças produtivas da Grã-Bretanha mais “moderada” e eles teriam mantido um relativo equilíbrio entre a indústria e a agricultura, então o proletariado britânico seria aparentemente capaz de construir o socialismo completo em sua própria ilha “isolada”, protegido da intervenção externa por sua marinha.

O projeto de programa, em seu quarto capítulo, divide os países capitalistas em três grupos: 1) “países com alto grau de desenvolvimento capitalista (Estados Unidos, Alemanha, Grã-Bretanha etc.)”, 2) “países com desenvolvimento capitalista médio (Rússia antes de 1917, Polônia etc.)”, 3) “Países coloniais e semicoloniais (China, Índia etc.)”.

Apesar do fato de que a “Rússia antes de 1917” estava muito mais perto da China de hoje em dia do que dos Estados Unidos atual, poderíamos nos abster de qualquer objeção seria a esta divisão esquemática não fosse pelo fato de que, em relação a outras partes do projeto, ela serve como fonte de falsas conclusões. Na medida em que os países de “nível médio” serem declarados no projeto como possuidores de “indústrias mínimas suficiente” para a construção socialista independente, isto é ainda mais verdade para os países de alto grau de desenvolvimento. São apenas os países coloniais e semicoloniais que precisam de ajuda externa; este é precisamente o traço distintivo do projeto de programa.

Se, no entanto, identificamos os problemas da construção socialista apenas com esse critério, abstraindo de outras condições, tais como os recursos naturais do país, a correlação entre a indústria e a agricultura nele, seu lugar no sistema econômico mundial, então cairemos de novo em erros não menos grosseiros. Falamos acima sobre a Grã-Bretanha. Sendo, sem dúvidas, um país capitalista altamente desenvolvido, ela tem precisamente por isso nenhuma chance de sucesso na construção socialista nos limites de sua própria ilha. A Grã-Bretanha, se bloqueada, seria simplesmente estrangulada em alguns poucos meses.

Na verdade, todas as outras condições sendo iguais, as forças produtivas mais desenvolvidas são uma enorme vantagem para o pro-



pósito de construção do socialismo. Eles dotaram a vida econômica com uma flexibilidade excepcional mesmo quando é bloqueada, como ficou evidente com a Alemanha burguesa durante a guerra. Mas a construção do socialismo em bases nacionais implicaria para esses países avançados um declínio generalizado, uma destruição em massa das forças produtivas, ou seja, algo totalmente oposto às tarefas do socialismo.

O projeto de programa esquece a tese fundamental da incompatibilidade entre as atuais forças produtivas e as fronteiras nacionais, do que deriva que forças produtivas mais desenvolvidas não são de maneira alguma um obstáculo menor para a construção do socialismo em um país que poucas forças produtivas, ainda que pelo motivo inverso, a saber, enquanto nas últimas são insuficientes para servir como a base, são as bases que provarão ser inadequadas para os primeiros. A lei do desenvolvimento desigual é esquecida exatamente no ponto em que é mais necessária e mais importante.

O problema de construir o socialismo não está somente na “maturidade” ou “imaturidade” industrial de um país. Esta imaturidade por si só é desigual. Na URSS alguns ramos da indústria são extremamente inadequados para satisfazer as mais elementares necessidades domésticas (particularmente a fabricação de máquinas), outros ramos ao contrário não podem se desenvolver sob as condições atuais sem um aumento e extensão das exportações. Entre os últimos ramos estão ramos da maior importância como madeira, petróleo e manganês, sem contar a agricultura. Por outro lado mesmo os ramos “insuficientes” não podem se desenvolver seriamente se os “superabundantes” (relativamente) são incapazes de exportar. A impossibilidade de construir uma sociedade socialista isolada, não em uma Utopia ou uma Atlântida mas nas condições geográficas e históricas concretas de nossa economia terrestre, é determinada para vários países em diferentes formas – pela insuficiência do desenvolvimento de alguns ramos como também pelo “excessivo” desenvolvimento de outros. No todo isto significa que as forças produtivas modernas são incompatíveis com as fronteiras nacionais.

O que foi a guerra imperialista? Foi a revolta das forças produtivas não apenas contra as formas de propriedade da burguesia, mas também contra as fronteiras dos Estados capitalistas. A guerra imperialista expressou o fato de que as forças produtivas estão insuportavelmente constrangidas com o confinamento dos Estados nacionais. Nós sempre dissemos que o capitalismo é incapaz de controlar as forças produtivas e que somente o socialismo é capaz de incorporar as forças produtivas que superaram as

fronteiras dos Estados capitalistas com um entidade econômica superior. Todos os caminhos que levam de volta ao Estado isolado foram bloqueados... (Minutas, Sétimo pleno do CEIC, discurso de Trotski, pág. 100).

No esforço para provar a teoria do socialismo em um só país o projeto de programa comete um erro duplo, triplo, quádruplo: exagera as forças produtivas na URSS; fecha os olhos à lei do desenvolvimento desigual dos vários ramos da indústria; ignora a divisão internacional do trabalho, e finalmente, esquece a contradição mais importante inerente à época imperialista, a contradição entre as forças produtivas e as barreiras nacionais.

Para não deixar um único argumento sem análise, resta lembrar uma outra e além disso, uma proposição generalizada da defesa de Bukharin da nova teoria.

A nível mundial, diz Bukharin, a correlação entre o proletariado e os camponeses não é de maneira alguma mais favorável que a existente na URSS. Consequentemente, se devido as razões do atraso é impossível construir o socialismo na URSS, então seria igualmente impossível a realização a nível da economia mundial.

Este argumento merece ser incluído em todos os livros sobre dialética, como um exemplo clássico de pensamento formal.

Em primeiro lugar, é bastante provável que a correlação de forças entre o proletariado e os camponeses a nível mundial não seja muito diferente da relação dentro da URSS. Mas a revolução mundial não é cumprida de acordo com o método da aritmética e alias, nem a revolução nacional. Assim como a revolução de outubro aconteceu e se entrincheirou antes de tudo no proletariado de Retrogrado, ao invés de escolher uma região onde a correlação entre trabalhadores e camponeses correspondesse à média de toda a Rússia. Depois de Petrogrado e ainda mais tarde Moscou terem criado o governo revolucionário e o exercito revolucionário, eles tiveram que derrubar a burguesia no resto do país, no decorrer de vários anos; e só como resultado deste processo, chamado revolução, foi estabelecido dentro das fronteiras da URSS a atual correlação entre o proletariado e os camponeses. A revolução não ocorre de acordo com o método aritmético. Pode começar num setor menos favorável, mas enquanto não se consolide nas partes decisivas, tanto a nível nacional como internacional, é impossível falar sobre sua vitória completa.

Em segundo lugar, a correlação entre o proletariado e os camponeses, dado como uma “media” do nível de tecnologia, não é o único fator na solução do problema. Existe também a luta de classes entre o

proletariado e a burguesia. A URSS não está cercada de um mundo de proletários e camponeses e sim de um mundo capitalista. Se a burguesia fosse derrubada no mundo inteiro, então este fato, por si só, não iria ainda mudar a correlação entre o proletariado e os camponeses, nem o nível médio da tecnologia dentro da URSS e do mundo inteiro. Mas, ainda assim, a construção socialista na URSS iria imediatamente ganhar possibilidades totalmente diferente e diferentes proporções, que seriam completamente incomparáveis com as possibilidades e proporções atuais.

Em terceiro lugar, se as forças produtivas de todos os países avançados extrapolarão em algum grau as fronteiras nacionais, então de acordo com Bukharin, concluímos que as forças produtivas de todos os países olhadas de conjunto extrapolarão os limites de nosso planeta e que, conseqüentemente o socialismo não poderia ser construído senão a nível de sistema solar.

Nós repetimos que o argumento de Bukharin de que a proporção media entre trabalhadores e camponeses deve ser incluída em todos os manuais políticos, naturalmente não como foi incluído agora para defender a teoria do socialismo em um só país, mas como a prova da total incompatibilidade entre o casuísmo formal e a dialética marxista.

## **9. A questão só pode ser resolvida no terreno da revolução mundial**

A nova doutrina proclama que o socialismo pode ser construído na base de um Estado nacional se apenas não houver intervenção. Disto pode e deve seguir (apesar de todas as pomposas declarações do projeto de programa) uma política colaboracionista com a burguesia estrangeira com o objetivo de prevenir uma intervenção, já que isto irá garantir a construção do socialismo, quer dizer, resolverá a principal questão histórica. A tarefa dos partidos do Comintern assume, portanto, um caráter auxiliar; sua missão é proteger a URSS contra a intervenção e não lutar para a conquista do poder. Isto é, claro, não uma questão das intenções subjetivas mas da lógica objetiva do pensamento político.

A diferença dos pontos de vista está no fato”, diz Stalin, “de que o partido considera que estas contradições [internas] e possíveis conflitos podem ser inteiramente resolvidos na base das forças internas de nossa revolução, enquanto que o camarada Trotski e a oposição pensam que essas contradições e conflitos podem ser resolvidos ‘apenas a nível internacional, no terreno da revolução proletária no mundo todo’. (Pravda, nº. 262, 12/11/1926)

Sim, esta é exatamente a diferença. Ninguém poderia expressar melhor e mais corretamente a diferença entre nacional reformismo e internacionalismo revolucionário. Se nossas diferenças, obstáculos e contradições internas, que são fundamentalmente um reflexo das contradições mundiais, pode ser resolvida apenas pelas “forças internas de nossa revolução” sem entrar “no terreno da revolução proletária no mundo todo” então a Internacional é parcialmente uma subsidiária e parcialmente uma instituição decorativa, o congresso que pode ser convocado a cada quatro anos, a cada dez anos, ou talvez nunca mais. Mesmo se devemos acrescentar que o proletariado dos outros países devem proteger nossa construção de intervenções militares, a Internacional de acordo com este esquema deve ter um papel de instrumento pacifista. Seu papel principal, o papel de um instrumento da revolução internacional, estará então inevitavelmente relegado a um segundo plano. E isto, nós repetimos, não decorre das intenções deliberadas de alguém (ao contrario, vários pontos do programa testemunham as melhores intenções de seus autores), mas decorre da lógica interna da nova posição teórica que é milhares de vezes mais perigosa que as piores intenções subjetivas.

De fato, mesmo no sétimo pleno do CEIC, Stalin tornou-se tão audacioso a ponto de desenvolver e defender a seguinte ideia:

Nosso partido não tem o direito de enganar [!] a classe trabalhadora; ele deve declarar abertamente que a falta de segurança [!] na possibilidade da construção do socialismo em nosso país conduz a abdicar do poder e a passagem de nosso partido de sua posição de partido governante à posição de um partido de oposição (Minutas, vol. II, pág. 10)

Isto quer dizer que nós temos apenas o direito de dar segurança nos recursos insuficientes da economia nacional, mas que não devemos ousar ter qualquer segurança nos recursos inesgotáveis do proletariado internacional. Se não podemos seguir sem uma revolução internacional, então entregamos o poder, desistimos do poder de outubro que foi conquistado no interesse da revolução internacional. Eis o tipo de fracasso ideológico a que chegamos se partimos de uma formulação que é falsa em seu âmago.

O projeto de programa expressa uma ideia incontestável quando diz que o sucesso econômico da URSS constitui uma parte inseparável da revolução proletária mundial. Mas o perigo político da nova teoria está numa falsa avaliação comparativa das duas alavancas do socialismo mundial – a alavanca de nossas aquisições econômicas e a alavanca da revolução proletária mundial. Sem uma revolução pro-

letária vitoriosa, não conseguiremos construir o socialismo. Os trabalhadores europeus e do mundo devem entender isto claramente. A alavanca da construção econômica é tremendamente significativa. Sem uma liderança correta, a ditadura do proletariado iria se enfraquecer; e esta queda significaria um golpe tal à revolução mundial que esta necessitaria uma longa série de anos para recompor-se. Mas a solução do processo fundamental da história, suspenso entre o mundo do socialismo e do capitalismo, depende da segunda alavanca, quer dizer, da revolução proletária internacional. A enorme importância da União Soviética consiste em que constitui a base na qual se apoia a revolução mundial e não em que, independentemente desta, será capaz de construir o socialismo.

Adotando um tom de superioridade que nada justifica, Bukharin nos pergunta repetidas vezes: “Se já existem as premissas, pontos de partida, uma base suficiente e inclusive certos êxitos na obra de construção do socialismo, onde está, então, o limite, a aresta a partir da qual ‘tudo caminha no sentido inverso’? Não há tal limite” (Atas taquigráficas da sétima reunião plenária do Comitê executivo da internacional comunista, pág. 116)

Isto é má geometria e não dialética histórica. Pode haver esta “aresta”. Podem existir várias no domínio interior, internacional, político econômico e militar. A “aresta” mais importante, a mais ameaçadora seria uma consolidação séria e duradoura, novo progresso do capitalismo mundial. Consequentemente, do ponto de vista político e econômico, a questão nos leva, pois, à cena mundial. Será que a burguesia pode assegurar uma nova época de crescimento capitalista? Negar essa eventualidade, contando com a situação “sem saída” do capitalismo, seria simplesmente verborreia revolucionária. “Não há situação que não tenha saída em absoluto” (Lenin). O estado atual de equilíbrio instável das classes, existente nos países europeus, não pode durar indefinidamente, precisamente porque é instável.

Quando Stalin-Bukharin demonstram que a URSS pode prescindir, como Estado (quer dizer, em suas relações com a burguesia mundial), da ajuda do proletariado estrangeiro, de sua vitória contra a burguesia, pois a simpatia ativa atual das massas operárias nos preserva da intervenção armada, demonstra a mesma cegueira que em todas as consequências de seu erro fundamental.

É absolutamente inegável que, depois da sabotagem social democrata da insurreição do proletariado europeu contra a burguesia, depois da guerra, a simpatia ativa das massas operárias salvou a república soviética.

Durante estes últimos anos a burguesia europeia não encontrou forças suficientes para sustentar uma grande guerra contra o Estado operário. Mas acreditar que essa correlação de forças pode se manter durante muitos anos, por exemplo, até que tenhamos construído o socialismo na URSS, é dar prova de uma grande cegueira, é julgar a curva por um de seus segmentos. Essa situação instável, na qual o proletariado não pode tomar o poder nem a burguesia se sente firmemente dona da situação, deve, mais cedo ou mais tarde, um ano antes ou um ano depois, ser decidida brutalmente em um ou outro sentido, no da ditadura do proletariado ou no da consolidação seria e duradoura da burguesia, que se instalará sobre as costas das massas populares, sobre os ossos dos povos coloniais e... quem sabe?, sobre os nossos. “Não há situações absolutamente sem saída” A burguesia pode escapar de uma maneira duradoura de suas contradições mais penosas unicamente seguindo a rota aberta pelas derrotas do proletariado e os erros da direção revolucionária. Mas o contrário também pode acontecer. Não haverá novos progressos do capitalismo (é claro, se levarmos em conta a perspectiva de uma nova época de grandes comoções) se o proletariado consegue encontrar a forma de sair pelo caminho revolucionário do presente equilíbrio instável.

É preciso que os partidos revolucionários demonstrem agora, no trabalho prático – dizia Lenin, em 19 de julho de 1920, no segundo congresso – que tem consciência suficiente, espírito de organização, contato com as massas exploradas, resolução, habilidade para utilizar essa crise em benefício de uma revolução que nos dê o triunfo. (Lenin, Obras Completas, vol. XVII, pág.264)

Nossas contradições internas, que dependem diretamente do andamento da luta europeia e mundial, podem regulamentar-se e atenuar-se inteligentemente graças a uma política interna justa, baseada em um premissa marxista; mas só as poderá vencer eliminando as contradições de classes, o que não pode ocorrer antes do triunfo da revolução na Europa. Stalin tem razão: há divergências justamente neste ponto, e esta é a divergência fundamental que existe entre o reformismo nacional e o internacionalismo revolucionário.

## **10. A teoria do socialismo em um só país, fonte de erros social patriotas inevitáveis**

A teoria do socialismo em um só país conduz inevitavelmente a menosprezar as dificuldades que tem que ser vencidas e a exagerar as realizações conseguidas. Não se pode encontrar afirmação mais

antissocialista e antirrevolucionária que a declaração de Stalin de que noventa por cento do socialismo já foram realizados em nosso país. Isto é produto da imaginação de um burocrata vaidoso. Desta maneira pode se comprometer irremediavelmente a ideia da sociedade socialista ante as massas trabalhadoras. Os êxitos obtidos pelo proletariado soviético são grandiosos se levarmos em conta as condições em que foram alcançados e o baixo nível cultural herdado do passado. Mas estas realizações são muito pequenas se as colocarmos na balança do ideal socialista. Para não desanimar o operário, o boia-fria, o camponês pobre, que no 11º ano da revolução vem ao seu redor a miséria, a pobreza, a paralisia, as filas nas padarias, o analfabetismo, os meninos vagabundos, a embriagues, a prostituição, é preciso dizer rigorosamente a verdade e não mentir elegantemente. Em vez de mentir de que noventa por cento do socialismo já estão realizados, é preciso dizer que atualmente, segundo nosso nível econômico e nossas condições de vida cotidiana e cultural, estamos muito mais próximos do capitalismo, e mais ainda do capitalismo atrasado e inculto, que da sociedade socialista. É preciso dizer que só começaremos a verdadeira organização socialista depois que o proletariado dos países mais avançados tenham conquistado o poder, que é preciso trabalhar sem descanso para instaurar o socialismo, usando as duas alavancas: uma curta, a dos nossos esforços interiores, a outra longa, a da luta internacional do proletariado.

Em uma palavra; em vez das frases de Stalin sobre os noventa por cento do socialismo já realizadas é preciso citar estas palavras de Lenin: “A Rússia indigente só conhecerá a abundância se rechaçar todo desalento e toda fraseologia, se, apertando os dentes, concentra todas suas forças e tensiona seus nervos e músculos, se compreende que só é possível o êxito pela revolução socialista internacional, em cuja época entramos”. (Lenin, Obras Completas, vol. XX, pág. 165)

Fomos obrigados a ouvir militantes da Internacional Comunistas usarem o seguinte argumento: evidentemente a teoria do socialismo em um só país não tem consistência, mas oferece, em condições difíceis, uma perspectiva aos operários russos e por isso mesmo lhes dá valor. É difícil medir a profundidade da queda, do ponto de vista teórico dos que não procuram em um programa um meio de orientar-se, uma saída de classe, com uma base científica, senão um consolo moral. As teorias consoladoras, que contradizem os fatos, são parte da religião e não da ciência, e a religião é o ópio do povo.



Nosso partido atravessou seu período heroico com um programa totalmente orientado pela revolução internacional e não no socialismo em um só país. A juventude comunista, que carrega um estandarte onde está escrito que a Rússia atrasada não construirá o socialismo com suas próprias forças, passou os anos mais duros da guerra civil, com a fome, o frio, os penosos sábados e domingos comunistas, as epidemias, os estudos com o estomago vazio e com vitimas inumeráveis que jorravam a cada passo percorrido. Os membros do partido e das juventudes comunistas combateram em todas as frentes ou levantaram vigas nas estações, não porque esperavam com estas construir o edifício do socialismo nacional mas porque serviam à revolução internacional, que exige que a fortaleza soviética resista, e para a fortaleza soviética cada nova viga tem sua importância. Eis como abordamos a questão. Os prazos mudaram, se prolongaram (desde já, nem tanto); mas a maneira de colocar o problema, do ponto de vista dos princípios conserva todo seu vigor ainda hoje. O proletário, o camponês pobre insurreto, o jovem comunista, demonstraram de antemão, por sua conduta anterior a 1925, época na qual se pregou o novo evangelho pela primeira vez, que não o necessitavam. Mas era necessário para o funcionário que olha a massa de cima para baixo, para o administrador que luta por migalhas e que não quer ser incomodado, o homem da burocracia que trata de mandar escondendo-se atrás da formula saudável e consoladora. São eles os que acreditam que o povo obscuro necessita de uma “boa nova”, que não pode ser dominado sem doutrinas consoladoras. São justamente eles que se aproveitam das palavras falsas sobre os “noventa por cento de socialismo” pois esta formula consagra sua posição privilegiada, seu direito à ordem, ao comando, sua aspiração de libertar-se da critica dos “homens de pouca fé” e dos “céticos”.

As queixas e acusações segundo as quais a negação da possibilidade de construir o socialismo em um só país extingue o espírito e mata a energia se parecem muito, apesar de que as condições sejam completamente diferentes, às reprovações formuladas pelos reformistas sempre contra os revolucionários. “Diga aos operários que não podem obter uma melhora decisiva de sua situação nos limites da sociedade capitalista – argumentavam os reformistas – e assim matará neles a energia para a luta”. Na realidade só sob a direção dos revolucionários os operários lutaram de uma maneira eficaz pelas conquistas econômicas e as reformas parlamentares.

O operário compreende que não se pode construir o paraíso socialista como um oásis no inferno do capitalismo mundial, que o



destino da republica soviética e conseqüentemente o seu dependem totalmente da revolução internacional, cumprirá seu dever para com a URSS com muito mais energia do que o operário ao qual foi dito que o que já existe é noventa por cento de socialismo. Vale a pena então chegar ao socialismo?"O modo reformista de abordar a questão neste ponto, como em todos os demais, prejudica não só a revolução, senão também a reforma.

No artigo de 1915 já citado, dedicado à formula dos Estados Unidos da Europa, escrevíamos:

Examinar as perspectivas da revolução social nos limites de uma nação não seria ser vitima do mesmo espírito nacional limitado que constitui o fundo do social patriotismo. Até o fim de seus dias Vaillant achava que a França era a terra prometida da revolução social; precisamente por isso queria defendê-la até o fim. Leusch e discípulos (um hipócritas, outros sinceramente) estimavam que a derrota da Alemanha equivaleria, em primeiro lutar, à destruição da base da revolução social... Em geral não podemos esquecer que, ao lado do reformismo mais vulgar, existe ainda nos social patriotas um messianismo revolucionário que canta as proezas de seu Estado nacional porque considera que por sua situação industrial, sua forma "democrática" ou suas conquistas revolucionarias, está precisamente chamado a levar a humanidade ao socialismo ou à "democracia". Se pudesse conceber realmente a revolução triunfante nos limites de uma nação melhor preparada, o programa de defesa nacional ligado a esse messianismo teria uma justificativa histórica relativa. Mas na realidade não há nenhuma. Lutar para conservar a base nacional da revolução mediante métodos que minam as relações internacionais do proletariado, é solapar a revolução.; esta só pode começar no terreno nacional mas não pode acabar nesse plano, levando em conta a interdependência econômica, política e militar dos Estados europeus, que nunca se manifestou com tanta força como no curso da guerra atual. Justamente esta interdependência, que condicionará direta e imediatamente a coordenação dos atos do proletariado europeu no curso da revolução se expressa na formula dos Estados Unidos da Europa (Leon Trotski, Obras Completas, vol. III, págs. 90-91)

Partindo da falsa interpretação que dava à polemica de 1915, Stalin tentou mais de uma vez apresentar a formula de "espírito nacional limitado" como dirigido contra Lenin. Seria difícil imaginar absurdo maior. Quando polemizei com Lenin, sempre o fiz abertamente, pois sempre me guiei somente por considerações ideológicas. Neste caso não se travava de Lenin. O artigo nomeia francamente aqueles contra os quais são dirigidas as acusações: Vaillant, Leusch etc. É preciso lembrar que 1915 foi o ano da orgia social patriótica e que nossa luta contra ela alcançava seu ponto culminante. Com esta pedra de toque abordávamos todas as questões.

O problema fundamental contido na citação que acabamos de reproduzir está indubitavelmente apresentado de maneira justa: preparar-se para construir o socialismo em um só país é um procedimento social patriota.

O patriotismo dos social democratas alemães começou por ser o patriotismo muito legítimo que sentiam por seu partido, o mais poderoso da segunda Internacional. A social democracia alemã tinha a intenção de construir “sua” sociedade socialista baseando-se na alta técnica alemã e nas qualidades superiores da organização do povo alemão. Se deixarmos de lado os burocratas empedernidos, os arrivistas, os negociantes parlamentares e os fraudadores políticos em geral, o social patriotismo do social democrata de carteirinha derivava precisamente da esperança de construir o socialismo alemão. Não podemos pensar que as centenas de milhares de militantes que eram os quadros social democratas (sem falar dos milhões de operários de suas fileiras) tratassem de defender os Hohenzollern ou à burguesia. Não, queriam proteger a indústria alemã, os caminhos e ferrovias alemãs, a técnica e a cultura alemã como premissas “necessárias e suficientes” do socialismo.

Na França também acontecia um processo do mesmo tipo. Guesde, Valliant e com eles milhares dos melhores militantes do partido, centenas de milhares de simples operários, achavam que era justamente a França, com suas tradições insurrecionais, seu proletariado heroico, sua população flexível, altamente culta, a terra prometida do socialismo. O velho Guesde, Valliant, o comunalista, e com eles milhares e centenas de milhares de honrados operários não defendiam nem os banqueiros nem os especuladores. Achavam sinceramente defender a base e a força criadora da sociedade socialista futura. Adotavam integralmente a teoria do socialismo em um só país; sacrificavam “provisoriamente” –assim pensavam em benefício desta ideia – a solidariedade internacional.

Esta comparação com os social patriotas deverá responder, certamente, que com relação ao Estado dos soviets, o patriotismo é um dever revolucionário, enquanto que em relação ao Estado burguês é uma traição. Isto é verdade. Há algum revolucionário maior de idade que pode discutir semelhante questão? Mas quanto mais se avança mais serve uma tese indiscutível para disfarçar por meios escolásticos um ponto de vista falso, e que, ademais se sabe que é.

O patriotismo revolucionário não pode ter mais que um caráter de classe. Começa por ser o patriotismo do partido e do sindicato e se eleva até converter-se no patriotismo do Estado, quando o prole-

tariado se apodera do poder. Aí onde o poder está nas mãos do proletariado, o patriotismo é um dever revolucionário. Mas este patriotismo deve ser parte integrante do internacionalismo revolucionário, da Internacional Revolucionaria. O marxismo sempre ensinou aos operários que inclusive a luta pelos salários e a limitação da jornada de trabalho não pode ter êxito se não é uma luta internacional. E eis que atualmente, de repente, encontramos que o ideal da sociedade socialista pode se realizar com as forças de uma nação só. É um golpe mortal dado na Internacional. A convicção inquebrantável de que o objetivo fundamental da classe não pode ser alcançado, menos ainda que os objetivos parciais, por meios nacionais ou no marco de uma nação, constitui a medula do internacionalismo revolucionário. Se é possível chegar ao objetivo final no interior das fronteiras nacionais, pelo esforço do proletariado de uma nação, então se rompe a espinha dorsal do internacionalismo. A teoria da possibilidade de realizar o socialismo em um só país rompe a relação interior que existe entre o patriotismo do proletariado vencedor e o derrotismo do proletariado dos países burgueses. Até agora o proletariado dos países capitalistas avançados não faz outra coisa que caminhar rumo ao poder. Como caminhará ele, que caminhos seguirá em sua marcha? Tudo isto depende por completo, inteiramente, de como considere a construção da sociedade socialista, quer dizer, de que a considere como um problema nacional ou internacional.

Em geral, se é possível realizar o socialismo em um só país esta teoria pode ser admitida não só depois da conquista do poder, senão que também antes. Se o socialismo é realizável no marco nacional da URSS atrasada, será mais ainda na Alemanha avançada. Amanhã os responsáveis do partido comunista alemão desenvolverão essa teoria. O projeto de programa lhes dá este direito. Depois de amanhã será a vez do partido francês. Isso será o começo da decomposição da Internacional comunista, que seguirá a linha do social patriotismo. O partido comunista de qualquer país capitalista, depois de ter se impregnado da ideia de que há no interior de seus Estado todas as premissas “necessárias e suficientes” para construir com suas próprias forças a “sociedade socialista integral” não se distinguirá, no fundo, em nada da social democracia revolucionaria, que tampouco tinha começado com Noske, mas que fracassou definitivamente ao tropeçar com esta questão em 4 de agosto de 1914.

Quando dizem que o simples fato da existência da URSS é uma garantia contra o social patriotismo, pois o patriotismo com a republica

operaria é um dever revolucionário, se expressa justamente o espírito nacional limitado por esta utilização unilateral de uma ideia justa: olham só a URSS e fecham os olhos ante o proletariado mundial. Não podemos orientar este para o derrotismo do Estado burguês senão abordando no programa o problema essencial do ponto de vista internacional, rechaçando sem piedade o contrabando social patriota que ainda se esconde, tratando de fazer seu ninho no domínio teórico do programa da Internacional Leninista.

Ainda não é tarde para voltarmos sobre nossos passos, para retornar ao caminho de Marx e Lenin. Este retorno abrirá o único caminho que se pode conceber para ir adiante. Para facilitar esta mudança saudável apresentamos ao sexto congresso esta crítica ao projeto de programa.

Alma Ata, julho de 1928.

# Preparar o programa para a Conferência de Fundação<sup>41</sup>

20 de março de 1938

TROTSKI: Todas as seções tiveram discussões sobre os acontecimentos na Espanha, a guerra sino-japonesa, o caráter de classe da URSS e algumas seções tiveram inclusive cisões, como a seção alemã. Suas teses são conhecidas em todas as seções e o mesmo ocorre com as teses francesas. O problema agora é só a questão de ordenar o texto.

CANNON: Permanece o problema de preparar o texto para a conferência.

TROTSKI: Temos preparado aqui o projeto de programa; é possível tê-lo pronto em duas ou três semanas e então traduzi-lo para o inglês e o francês. Pode-se utilizar sua declaração de princípios para a conferência internacional?

SHACHTMAN: Não. Não é mais que a exposição de uma seção nacional.

TROTSKI: Adolphe<sup>42</sup> enviou seu projeto dos estatutos. A seção alemã preparou a tese sobre o caráter da Quarta Internacional. Foi enviada a cada seção há três meses e agora será publicada no *Unser Wort*<sup>43</sup>

SHACHTMAN: Não temos recebido o *Unser Wort* há vários meses.

TROTSKI: Talvez porque durante sua permanência no Partido Socialista você perdeu seus contatos internacionais e ainda não tenha podido restabelecê-los de todo.

Também tens a tese de Diego Rivera. A única objeção a fazer contra ela é que é muito longa para a conferência. Li sua sugestão de que eu escrevesse sobre a questão da guerra à luz dos últimos aconteci-

---

41 Fonte: "Conversações com Leon Trotski". In: *O programa de Transição*. La Paz, Bolívia. Editorial Crux, págs. 85-87.

42 Um dos pseudônimos de Rudolf Klement.

43 "Nossa palavra", revista da Oposição de Esquerda alemã, publicada no exílio.

mentos. Aceito esta sugestão com prontidão para completar e concretizar nossas teses à luz dos acontecimentos recentes. Temos algo importante a fazer. Pode acontecer nos próximos dias. Temos aqui um projeto, mas não pessoas suficientes que possam traduzi-lo do russo.

No entanto, o que se está passando por cima é um programa de consignas e reivindicações transitórias. É necessário fazer um resumo de reivindicações concretas e precisas, tais como o controle operário da indústria, oposto à tecnocracia. De quando em quando se cita no documento, mas só de passagem. No entanto, acho que é uma consigna muito importante para os Estados Unidos.

Lundberg escreve um livro sobre as sessenta famílias. “The Analyst” diz que suas estatísticas são exageradas. Devemos exigir a abolição dos segredos comerciais – que os operários tenham o direito de examinar os livros de contas – como premissa para o controle operário da indústria. Uma série de medidas transitórias que correspondem ao estagio do capitalismo monopolista e à ditadura do proletariado, com uma seção referente aos países coloniais e semicoloniais. Preparamos tal documento. Corresponde àquela parte do *Manifesto comunista* de Marx e Engels que eles mesmos qualificaram de antiquada. É só parcialmente antiquada, parcialmente é muito boa e deve ser renovada por nossa conferencia.

Logo terei também uma das teses sobre democracia. O x da questão de tais teses é que a democracia é a forma mais aristocrática de domínio; só podem conservá-la aqueles países que tem escravos no mundo como a Grã-Bretanha, cujos cidadãos possuem nove escravos cada um. A França, onde cada cidadão tem um escravo e meio e os Estados Unidos, não posso calcular os escravos, mas é quase todo o mundo, a começar pela América Latina. Os países mais pobres, como a Itália, abandonaram sua democracia.

É uma análise da democracia à luz dos novos acontecimentos. O que é uma fascistização da democracia? Os democratas pequenos burgueses entram em bancarrota. Só os grandes burgueses, os maiores ladrões, os senhores de escravos mais ricos etc. seguem sendo democratas. Tal colocação da questão é especialmente útil para os EUA. Naturalmente não foi escrito a favor do fascismo, senão da democracia proletária. Inclusive para os países mais ricos, como EUA, a democracia se torna cada vez menos factível.

Acho que estas são quase todas as nossas propostas para a conferencia internacional. As demais questões, a questão candente do ca-

ráter de classe da União Soviética, a Guerra sino-japonesa, a questão da Espanha, já foram discutidas por todas as seções. Estamos preparados para a conferência.

Eu prepararei, então: 1) reivindicações transitórias; 2) a questão da democracia; 3) a guerra; 4) manifesto sobre a situação mundial, bem separado, bem em forma de um panfleto fundamental...

# Como lutar por um partido operário nos Estados Unidos

CANNON: A pauta de hoje é o partido operário sob três aspectos:

1. Nossa posição geral de princípio.

2. O desenvolvimento da Labor's Non Partisan League (LNPL – Liga Operária Não-Partidária), ou seja, o movimento político do CIO nos sindicatos que demonstra certa inclinação pela ação política independente, pela formação de um partido; em outras regiões, como em Nova Iorque, essas tendências são menos observadas: candidatos operários em escala local, um apoio à Republican-Fusion (Fusão Republicana) e um apoio a Roosevelt em escala nacional; em outros lugares eles endossam todas as candidaturas capitalistas, principalmente mediante o Partido Democrata.

3. A questão é saber se nossos camaradas nos sindicatos que controlamos deveriam unir-se à LNPL; que deveríamos fazer nos sindicatos. onde contamos com uma pequena minoria; deveríamos tornar-nos os paladinos da LNPL ou deveríamos permanecer de fora numa atitude crítica? Não temos uma política definida. Em Nova Jersey, por exemplo, fizemos uma tentativa – os sindicatos uniram-se à LNPL e ali apoiaram uma moção pela formação de um partido. Em outras regiões do País deveríamos agir dentro do partido operário mais ou menos desenvolvido como em Mineápolis?

A princípio, parece que nós deveríamos condenar todo o movimento e permanecer à margem, porém não seria uma política muito frutífera. Em Mineápolis, existe uma organização independente completamente constituída, o Farmer Labor Party (FLP – Partido Operário Camponês). Ele apresenta seus próprios candidatos ao Estado e, em escala nacional, apoia Roosevelt.

Os stalinistas que foram impelidos a deixar os sindicatos infiltram-se profundamente na Farmer Labor Association – o que constitui uma arma contra nós nos sindicatos. Nossa política atual é fazer um bloco dos sindicatos trotskistas com aquilo que denominamos os “verdadeiros militantes do FLP”, ou seja, os reformistas que acre-



ditam no FLP e não querem que os stalinistas o controlem. Até que ponto podemos conduzir tal bloco, até que ponto podemos lutar somente pelo controle organizacional? Mas se permanecermos fora, os stalinistas assumirão o controle. Por outro lado, se lutarmos energicamente, como fazemos nos sindicatos, tornar-nos-emos os paladinos do FLP. Não é uma questão simples: é fácil as pessoas perderem-se numa política reformista.

DUNNE: Primeiramente, diria que os stalinistas, controlando o aparelho do FLP, controlam mais que o aparelho: eles tornam difícil nossa tarefa dentro dos sindicatos. O fato de não participarmos desse partido mediante nossas relações sindicais permite que os stalinistas e os elementos mais reacionários do FLP utilizem uma arma contra nós no movimento operário. Temos urna política definida no que concerne a nosso trabalho nos sindicatos. Nossos camaradas, falando em favor do FLP, fizeram isto de forma muito crítica, advertindo os sindicatos de que eles só podem utilizá-lo até certo ponto. Conseguimos manter uma política clara diante dos reformistas, mas, como o camarada Cannon disse, é difícil dizer até que ponto podemos caminhar nessa direção; não podemos assumir a responsabilidade pelo partido operário, mas os trabalhadores que acreditam que podemos lutar aí por seus membros, tão eficazmente quanto o fazemos no sindicato, nos impoem tal responsabilidade. Até agora, nem mesmo as campanhas dos stalinistas foram capazes de abalá-los. Os stalinistas, com uma extensa seção de progressistas e intelectuais, estão transformando cada vez mais o partido operário num bloco com candidatos democratas e liberais. No interior do FLP, os stalinistas tentam manter o controle, estabelecendo uma disciplina formal, principalmente contra nós. Combatemos tudo isso, reivindicando a democracia dentro do partido, e nós conseguimos. Mas não conseguimos impedir uma aliança estreita com o Partido Democrata. Ainda não podemos pedir aos sindicatos que apoiem o SWP (Socialist Workers Party) contra o FLP.

CANNON: Em St. Paul onde o FLP apoiou um candidato capitalista para a prefeitura, apresentamos nosso próprio candidato.

TROTSKI: Vocês poderiam explicar-me como foi possível, com os stalinistas controlando uma importante seção desse partido, aprovar uma resolução contra os fascistas e comunistas?

DUNNE: Isso aconteceu numa região. Em certas seções temos militantes do FLP que trabalham conosco: eles controlavam esse distrito contra os stalinistas; temos ali alguns camaradas: tentamos apresentar essa resolução de forma diferente, mas não estávamos no

comitê que elaborava as resoluções; tarde da noite conseguimos que a resolução fosse adotada.

TROTSKI: A resolução pode também ser utilizada contra nós. Como o partido é construído? Ele baseia-se não só nos sindicatos, mas também em outras organizações, pelo fato de elas serem progressistas, intelectuais etc. Admitem qualquer indivíduo ou só coletivamente?

DUNNE: O FLP baseia-se nas organizações econômicas dos trabalhadores: os sindicatos, as organizações cooperativas dos agricultores etc.; baseia-se também nas unidades territoriais, nas associações regionais etc. E permitida também a filiação de organizações culturais, organizações beneficentes e ainda associações de bairro. Os stalinistas e os intelectuais aderiram mediante essas associações; eles têm mais controle que a organização dos transportadores de caminhões que conta com 4 000 membros. Lutamos contra isso; reivindicamos que se dê aos sindicatos sua representação real; temos o apoio dos sindicatos nesta questão.

TROTSKI: Vocês poderiam dizer-me, mais ou menos, quais são as diferenças de opinião entre nossos camaradas dirigentes nessa questão?

CANNON: Existem diferenças de opinião não só na direção, mas também na base. Os problemas apareceram principalmente nos sindicatos. Foi proposta, nos sindicatos, uma adesão à LNPL. O sentimento, particularmente nos sindicatos do CIO, sobre esta questão é esmagador. Creio que nossa política em Nova Jersey, que consiste em dizer que, ao menos nestes sindicatos, não deveríamos opor-nos à adesão à LNPL, deverá ser adotada. Existe também uma tendência dentro do partido, segundo a qual deveríamos fazer pressão, dentro da LNPL, pela formação de um partido operário. Arrisco-me a dizer que os camaradas nos sindicatos estariam mais satisfeitos se tal decisão fosse tomada. Mas eles ainda não encararam as dificuldades. O dilema é que nos tornamos paladinos do FLP, implementando uma política agressiva. Contamos até com um camarada no Comitê Executivo de Estado do FLP em Nova Jersey. Os burocratas transferem a data de formação do FLP. A política de Lewis e Hillman é a de deixar isso de lado até 1940. Se nosso camarada levasse uma luta enérgica, se ele pudesse ser sincero, colocando-se à frente do FLP, poderia organizar toda uma oposição aos burocratas. Mas a seguir o dilema é que nos tornaríamos os propagandistas da criação do FLP, ao qual nos opomos.

Em nosso plenum, haverá divergência de opinião; haverá uma tendência a militar energicamente pela constituição de um partido

operário. Minha opinião é de que este é o sentimento predominante no partido; unirem-se à LNPL e tornarem-se partidários agressivos da construção de um partido operário contra a política de apoio aos candidatos capitalistas; se pudéssemos realizá-lo sem comprometer nossa posição de princípio, seria melhor no sentido de ganhar influência. Não dizemos nada de prático aos trabalhadores que estão prontos a dar um passo adiante. O PC não avança o partido operário; ele é um partido de Roosevelt. Os burocratas em seus sindicatos bloqueiam também o movimento vigoroso por um partido operário entre os trabalhadores.

SHACHTMAN: Não diria que o sentimento a favor de um partido operário é hoje tão forte entre os trabalhadores. Uma boa parte do sentimento em favor de um partido operário que poderia ter surgido foi canalizada para Roosevelt. Tivemos uma crise formidável e, até o momento o único resultado é uma forma híbrida de um partido operário em Nova Iorque. Em todo caso, se compararmos 1930 a 1924, pode-se dizer que dificilmente existe um movimento a favor do partido operário hoje; naquela data, existia mais sentimento real no interior dos sindicatos. Creio que, se não tivermos uma ideia clara das perspectivas para um partido operário, cometeremos grandes erros políticos. Penso que houve uma grande mudança; uma debandada dos velhos partidos. O maior partido político, o Partido Democrata, que conta com o apoio de 90% dos trabalhadores e agricultores, sofre um processo de cisão quase diante de nossos olhos. No Congresso, a luta não se situa entre os Republicanos e os Democratas, mas entre uma sessão dos Democratas e outra. Existe uma boa razão para acreditar que, nas eleições de 1940, teremos um novo arranjo político com os republicanos da velha linha, unidos com os democratas do Sul; e os outros, os democratas “New Deal”, partidários de Roosevelt mais o CIO (Lewis); isso será suficientemente poderoso para arrastar a massa da AFL. E precisamente essa perspectiva que impede Lewis e Hillman de se tornarem os campeões do partido operário; eles esperam uma cisão do Partido Democrata no interior da qual serão capazes de ter um papel importante. E por isso que não penso que haverá um progresso real, sério, substancial no movimento da LNPL em direção a um partido operário independente.

É verdade que nossa posição é bastante difícil, mas tivemos bastante experiência com movimentos a favor do partido operário (uma generalização pode ser ajudada por uma referência à nossa situação em Mineápolis), e não creio que nosso crescimento seja em virtude da nossa participação no movimento do FLP, mas de nossas ativi-

dades dentro dos sindicatos. Entretanto, à medida que crescemos, devemos necessariamente participar da política do FLP, e não posso afirmar que estou plenamente satisfeito com a situação ali existente. Não posso dizer que tenhamos proposto outra linha de conduta. De fato, em Mineápolis, estamos num bloco com os chamados reformistas honestos, que são perversos por conta própria, que estão num bloco com os Democratas. Esse bloco é dirigido quase exclusivamente contra os stalinistas e contra um controle mecânico que os stalinistas têm sobre o FLP. Na ação não podemos distinguir-nos dos chamados reformistas honestos. Distinguimos dos stalinistas, mas somente à medida que estamos num bloco com reais reformistas que votam pelo FLP a nível dos estados e pelos democratas a nível nacional.

Se seguirmos tal política que consiste em se opor às candidaturas capitalistas em favor dos candidatos do FLP, isto de maneira séria, sistemática e eficaz, não vejo como poderemos evitar de nos tornarmos os campeões do partido operário, de tomar a iniciativa e, lá onde não existir um partido operário, formar um. A menos que todos os sinais se revelem falsos, esses partidos operários serão um acessório prático para Roosevelt, como era o caso do New York American Labor Party (Partido Operário Americano de Nova Iorque) que apoiava Roosevelt em escala nacional e, em escala local, a Fusão Republicana. Uma vez iniciado isso, não vejo claramente como evitaremos as consequências de uma política que foi seguida em 1924 quando estávamos no PC, com a complicação suplementar de que os stalinistas estão nos sindicatos; e, ao mesmo tempo em que é verdade que eles são um partido de Roosevelt, preconizam ainda, no interior dos sindicatos, a formação de um partido operário.

CANNON: Não muito. Diria que os stalinistas, no primeiro período da frente popular, tinham o slogan “organizemos o Partido Operário como a Frente Popular Americana”, mas agora é apenas uma ação formal. Neste ponto são até mesmo favoráveis a uma cisão prematura do Partido Democrata. Não é verdade que o sentimento a favor de um partido operário é menor agora que em 1924. Naquele tempo, não havia base nos sindicatos; era principalmente um movimento de agricultores. Atualmente, o movimento está dominado pelos sindicatos do CIO. Não são os velhos políticos de Gompers. Os sindicatos estão arregimentados politicamente; o sentimento dos membros da base a favor de seu próprio partido é muito forte. A LNPL não encontra eco no sentimento dos trabalhadores. A política de Lewis e dos burocratas é tateante; se os trabalhadores reivindicarem mais,

eles farão concessões a esse sentimento. É um passo maior do que a política de Gompers.

(Nota do estenógrafo: Outros argumentos a respeito da força relativa do sentimento a favor do partido operário em 1922-24 são trocados agora entre os camaradas Cannon e Dunne de um lado e Shachtman do outro.)

TROTSKI: Esta questão é muito importante e complicada. Quando a Liga considerou a questão pela primeira vez, ha sete ou oito anos. para saber se deveríamos ou não favorecer um partido operário, se deveríamos desenvolver alguma iniciativa quanto a essa questão, o sentimento predominante era, então, o de não o fazer, o que era totalmente correto. A perspectiva de um desenvolvimento não estava clara. Acreditava que a maioria entre nós esperava que o desenvolvimento de nossa organização fosse mais rápido. Por outro lado. creio que nenhum de nós previa, naquela época. o aparecimento do CIO com tal rapidez e poder. Em nossa perspectiva, superestimamos a possibilidade de desenvolvimento de nosso partido às custas dos stalinistas, de um lado, e, de outro, não víamos esse poderoso movimento sindical e o rápido declínio do capitalismo americano. Aí estão dois fatos que devemos ter em conta. Não posso falar a partir da minha própria observação, mas teoricamente. O período de 1924 só conheço mediante a experiência de nosso amigo comum Pepper. Ele veio a mim e disse que o proletariado americano não é uma classe revolucionária, que a classe revolucionária é constituída pelos camponeses e que deveríamos voltar-nos para eles, e não para os trabalhadores. Era a concepção daquele tempo. Era um movimento de camponeses: camponeses que, a cada crise, pela sua natureza social, se inclinavam a procurar panaceias: o populismo, o FLP. Atualmente, temos um movimento de extrema importância - o CIO; cerca de 3 000 000 de trabalhadores, ou mais, estão organizados numa nova organização mais combativa. Esta, que começou com greves, grandes greves, e também implicou parcialmente a AFL nessas greves por aumentos de salários, essa organização, nos primeiros tempos de sua atividade, entrou na maior crise dos Estados Unidos. A perspectiva para as greves econômicas no próximo período inexistente, dada a situação de desemprego crescente etc. Podemos prever a possibilidade de ela colocar todo seu peso na balança política.

Toda a situação objetiva impôs isso tanto aos trabalhadores, como aos dirigentes \_ aos dirigentes num duplo sentido. Por um lado, eles exploraram essa tendência em benefício de sua própria autoridade, por outro, tentaram rompê-la e impedir que fosse mais longe

que seus dirigentes. A LNPL tem essa dupla função. Creio que nossa política não tem necessidade de ser revisada teoricamente. mas de ser concretizada. Em que sentido? Somos a favor da criação de um partido operário reformista? Não. Somos a favor de uma política que possa dar aos sindicatos a possibilidade de colocarem seu peso na balança de forças? Sim.

Dependendo do desenvolvimento, isto pode tornar-se um partido reformista. É aí que entra a questão do programa. Mencionei ontem e sublinho hoje \_ devemos ter um programa de reivindicações transitórias, em que a mais completa é por um governo de trabalhadores e camponeses. Somos a favor de um partido, um partido independente, das massas trabalhadoras que assumirá o poder do Estado. Devemos concretizar tal proposta: somos pela criação de comitês de fábrica, pelo controle operário da indústria mediante comitês de fábrica. Todas essas questões flutuam no ar atualmente. Fala-se de tecnocracia e avança-se o slogan “produção para utilização”. Opomo-nos a esta fórmula de charlatões e avançamos a palavra de ordem de controle dos trabalhadores sobre a produção mediante comitês de fábrica.

Lundberg escreveu o livro *America's Sixty Families (As sessenta famílias da América)*. O Analista afirma que seus números são falhos. Afirmamos que os comitês de fábrica deveriam ver o livro. Esse programa deve ser desenvolvido paralelamente à ideia de um partido operário nos sindicatos e de milícias operárias. De outra forma, seria uma abstração e uma abstração é uma arma nas mãos da classe adversária. A crítica aos camaradas de Mineápolis é que eles não concretizaram um programa. Nessa luta devemos sublinhar que somos a favor do bloco dos trabalhadores e agricultores, mas não de agricultores como Roosevelt. (Não sei se vocês repararam que em seu boletim de voto está marcado que sua profissão é agricultor.) Somos a favor de um bloco somente com os agricultores explorados, não com os agricultores que exploram: os agricultores explorados e os trabalhadores agrícolas. Podemos tornar-nos os campeões deste movimento, mas sobre a base de um programa completo de reivindicações. Em Mineápolis, a primeira tarefa deveria ter sido demonstrar estatisticamente que 10.000 trabalhadores não têm mais votos que 10 intelectuais, ou 50 pessoas organizadas pelos stalinistas. Em seguida, devemos introduzir cinco ou seis reivindicações bastante concretas, adaptadas ao espírito dos trabalhadores e agricultores, incutidas no cérebro de cada camarada: comitês de fábrica dos trabalhadores e, a seguir, um governo dos trabalhadores e agricultores. Eis o verdadeiro sentido do movimento.

CANNON: Proporíamos agora que os sindicatos se juntem à LNPL?

TROTSKI: Creio que sim. Naturalmente, devemos dar nosso primeiro passo de forma que acumule experiência para o trabalho prático, sem se comprometer com fórmulas abstratas. mas desenvolver um programa concreto de ação e de reivindicações no sentido de que esse programa de transição advenha de condições da sociedade capitalista atual e conduza imediatamente para além dos limites do capitalismo. Não é o programa mínimo reformista, que jamais incluiu as milícias operárias, o controle operário da produção. Essas reivindicações são transitórias, pois conduzem da sociedade capitalista à revolução proletária, são uma consequência à medida que se tornam tanto reivindicações das massas quanto do governo proletário. Não podemos restringir-nos às reivindicações cotidianas do proletariado. Devemos dar aos trabalhadores mais atrasados uma palavra de ordem concreta que corresponda às suas necessidades e que conduza dialeticamente à conquista do poder.

SHACHTMAN: Como motivaria você a palavra de ordem “milícias operárias”?

TROTSKI: Pelo movimento fascista na Europa, toda a situação demonstra que os blocos de membros liberais, radicais e da burocracia operária nada representam em comparação com as gangues fascistas militarizadas; somente os trabalhadores que tenham uma experiência militar podem enfrentar o perigo fascista. Creio que, na América, têm-se suficientes pistoleiros para que se possa relacionar a palavra de ordem com a experiência local; por exemplo, mostrando a atitude da polícia, o estado das coisas em Jersey. Nessa situação, diz-se imediatamente que essa prefeitura gangster e esses policiais gangsters deveriam ser expulsos pelas milícias operárias. “Desejamos aqui a organização do CIO, mas, violando a constituição, tiram-nos o direito de organização. Se o poder federal não pode controlar o prefeito, então nós, os trabalhadores, devemos, a fim de nos proteger, organizar milícias operárias e lutar por nossos direitos”. Ou, nos conflitos entre a AFL e o CIO, podemos lançar a palavra de ordem de milícias operárias como uma necessidade de proteger nossas assembleias de trabalhadores. Particularmente em oposição a ideia stalinista de frente popular, devemos sublinhar dessa frente: o destino da Espanha e a situação na França. A seguir pode-se chamar a atenção sobre o movimento na Alemanha. Devemos dizer: Vocês, trabalhadores desta cidade, serão as primeiras vítimas dessa gangue fascista. Vocês devem organizar-se, devem estar preparados.



CANNON: Como você chamaria tais grupos?

TROTSKI: Podemos dar-lhes um modesto nome: milícias operárias.

CANNON: Comitês de defesa.

TROTSKI: Sim, isso deve ser discutido com os trabalhadores.

CANNON: O nome é muito importante: Comitês de defesa dos trabalhadores pode ser popularizado. Milícias operárias soa muito estranho.

SHACHTMAN: Não existe ainda nos Estados Unidos o perigo do fascismo que estimularia o sentimento para a organização de tais organismos. A organização de milícias operárias pressupõe a preparação para a tomada de poder. Isso ainda não está na ordem do dia dos Estados Unidos.

TROTSKI: Naturalmente, só podemos conquistar o poder no momento em que tivermos a maioria da classe operária, mas, mesmo nesse caso, as milícias operárias seriam uma pequena minoria. Mesmo na Revolução de Outubro, as milícias eram uma pequena minoria. Mas a questão é como conseguir essa pequena minoria que deve ser organizada e armada com a simpatia das massas. Como podemos fazê-lo? Preparando a consciência das massas por meio da propaganda. A crise, o aguçamento das relações de classes, a criação de um partido operário e um partido dos trabalhadores significam um imediato aguçamento das forças. A reação imediata será um movimento fascista. Eis a razão pela qual devemos relacionar a ideia de um partido operário com as consequências; de outra forma, apareceremos como pacifistas com ilusões democráticas. A seguir, temos também a possibilidade de propagar as palavras de ordem de nosso programa de transição e ver as reações das massas. Veremos que as palavras de ordem deverão ser selecionadas, algumas abandonadas, mas se abandonarmos nossas palavras de ordem antes da experiência, antes de ver a reação das massas, jamais avançaremos.

DUNNE: Queria fazer uma pergunta quanto à palavra de ordem do acesso dos trabalhadores aos segredos da indústria. Parece-me que isso deve ser bem pensado e cuidadosamente aplicado, ou poderão levar a dificuldades das quais já temos experiência. De fato, uma das formas de os empregadores reduzirem a combatividade dos trabalhadores consiste (tivemos um caso assim) em mostrar os livros de contabilidade e provar que estão sofrendo prejuízos. Se é honesto ou não, não vem ao caso. Lutamos contra isso, dizendo que cabe a eles a organização de seus negócios, reivindicamos condições de trabalho decentes. Eu me pergunto, então, qual seria o efeito da nossa palavra de ordem de acesso dos trabalhadores aos segredos industriais.



TROTSKI: Sim, os capitalistas abrem seus livros em dois casos: quando a situação da fábrica é realmente ruim, ou quando podem iludir os trabalhadores. Mas a questão deve ser colocada a partir de um ponto de vista mais geral. Em primeiro lugar, temos milhões de desempregados, e o governo afirma que não pode pagar mais e os capitalistas dizem não poder dar mais contribuições; queremos ter acesso à contabilidade desta sociedade. O controle dos rendimentos deveria ser organizado por meio dos comitês de fábrica. Os trabalhadores dirão: Queremos nossos próprios estatísticos dedicados à classe operária. Se se confirma que um setor da indústria está realmente arruinado, então, responderemos: Propomos sua expropriação. Nós administraremos melhor que vocês. Por que vocês não têm lucro? Em virtude da condição caótica da sociedade capitalista. Dizemos: Os segredos comerciais são uma conspiração dos exploradores contra os explorados, dos produtores contra as massas trabalhadoras. Na era livre, na era da competição, eles afirmavam ter necessidade do segredo para sua proteção. Mas agora, não existem mais segredos entre eles, mas somente para a sociedade. Esta reivindicação transitória é também um passo para o controle dos trabalhadores sobre a produção, enquanto plano preparatório para a direção da indústria. Todas as coisas devem ser controladas pelos trabalhadores, que serão os senhores da sociedade de amanhã. Mas apelar para a conquista do poder parece ilegal, fantástico, para os trabalhadores americanos. Mas se dissermos: Os capitalistas recusam-se a pagar os desempregados e escondem seus reais lucros do Estado e dos trabalhadores mediante uma contabilidade desonesta, os trabalhadores compreenderão esta fórmula. Se dissermos aos agricultores: O banco aproveita-se de vocês. Ele realiza grandes lucros. Propomos a criação de comitês de agricultores para examinar a contabilidade dos bancos, todo agricultor entenderá isso. Diremos: o agricultor só pode confiar em si mesmo; deixemo-los criar comitês para controlar os créditos agrícolas – eles o entenderão. Isso pressupõe um sentimento de militância entre os agricultores; isso não pode ser executado todo dia. Mas introduzir esta ideia entre as massas e entre nossos próprios camaradas é, agora, absolutamente necessário.

SHACHTMAN: Tanto a palavra de ordem “controle operário sobre a produção” quanto a de “milícias operárias” são, sob meu ponto de vista, incorretas; a palavra de ordem pelo exame da contabilidade da classe capitalista é mais apropriada para o atual período e pode ser popularizada. No que concerne às duas outras palavras de ordem, é verdade que são transitórias, mas para uma etapa posterior próxima

à preparação para a tomada do poder. A transição implica um caminho longo ou curto. Cada estágio do caminho requer suas próprias palavras de ordem. Hoje, poderíamos utilizar essa do exame da contabilidade da classe capitalista, amanhã, a do controle dos trabalhadores sobre a produção e das milícias operárias.

TROTSKI: Em face da atual situação mundial, que é extremamente crítica, como poderíamos medir o nível de desenvolvimento do movimento operário nos Estados Unidos? Você diz que é o começo e não o fim. Qual é a distância? Como pode estimá-la aproximadamente? Nos velhos tempos, os sociais-democratas diriam: agora só temos 10 000 trabalhadores, mais tarde teremos 100 000, a seguir um milhão, e depois tomaremos o poder. O desenvolvimento mundial era para eles apenas um acúmulo de quantidades: 10.000, 100 000 etc. Agora a situação é absolutamente diferente. Estamos num período de decadência do capitalismo, de crises que se tornam cada vez mais agudas e terríveis, da proximidade da guerra. Durante uma guerra, os trabalhadores aprendem muito depressa. Se dissermos: Vejamos o que acontece, e a seguir fizermos propaganda, então não seremos a vanguarda, mas a retaguarda. Se me perguntam: É possível que, em dez anos os trabalhadores americanos tomem o poder? Direi sim, é absolutamente possível. A explosão do CIO demonstra que as bases da sociedade capitalista estão minadas. As milícias operárias e o controle operário sobre a produção são dois lados de uma mesma questão. O trabalhador não é um cotador. Quando ele pede para ver os livros de contabilidade, quer mudar a situação mediante o controle e, a seguir, mediante a direção. Naturalmente, as palavras de ordem que lançamos dependem da reação que encontramos entre as massas. Quando vemos a reação das massas, sabemos (sabermos) qual aspecto da questão deve ser enfatizado. Diremos que Roosevelt ajudará os desempregados com a indústria bélica; mas se nós, os trabalhadores, controlássemos a produção, encontraríamos outra indústria, não uma indústria para a morte, mas para a vida. Essa questão pode tornar-se compreensível até para um trabalhador médio que jamais participou do movimento político. Nós subestimamos o movimento revolucionário entre as massas trabalhadoras. Somos uma pequena organização de propaganda e, em tais situações, somos mais céticos que as massas, que se desenvolvem rapidamente. No início de 1917, Lenin dizia que o partido era dez vezes mais revolucionário que seu comitê central e as massas eram cem vezes mais revolucionárias que as fileiras do partido. Não existe atualmente uma situação revolucionária nos Estados Unidos. Mas os camaradas que têm ideias muito

revolucionárias durante os períodos tranquilos podem tornar-se um real entrave para o movimento nas situações revolucionárias, e isso acontece frequentemente. Um partido revolucionário espera tanto tempo pela revolução que ele se habitua a adiá-la.

CANNON: Vemos esse fenômeno nas greves: elas varrem o país e tomam o partido revolucionário de surpresa. Propomos esse programa de transição nos sindicatos?

TROTSKI: Sim, faremos a propaganda com este programa nos sindicatos; nós o propomos como programa de base para o partido operário. Para nós ele é um programa transitório; mas para eles é o programa. Neste momento, é uma questão de controle dos trabalhadores sobre a produção, mas só se pode realizar esse programa por meio de um governo dos trabalhadores e agricultores. Devemos popularizar essa palavra de ordem.

CANNON: Isso deve ser lançado enquanto programa de transição ou é um pseudônimo da ditadura do proletariado?

TROTSKI: Em nosso entender, isso conduz à ditadura do proletariado. Dizemos aos trabalhadores e agricultores: Vocês querem Lewis como presidente? Bom, depende de seu programa. Lewis mais Green mais La Follette como representantes dos agricultores? Depende também do programa. Tentamos concretizar o programa, torná-lo mais preciso à medida que o governo dos trabalhadores e agricultores significa um governo do proletariado que dirige os agricultores.

SHACHTMAN: Como você concilia isto com a declaração anterior de que não podemos promover a organização de um partido operário reformista? Gostaria de tornar claro em seu espírito o que faz concretamente nosso camarada quando seu sindicato é filiado à LNPL e ele é enviado, enquanto delegado, ao partido operário. Aí então se coloca a questão do que fazer nas eleições e propõe-se: "Apoiem La Guardia". Concretamente, como a questão se coloca para nossos camaradas?

TROTSKI: Eis-nos numa reunião sindical para discutir a filiação à LNPL. Eu diria no sindicato: Primeiramente, a unificação dos sindicatos no plano político é um passo progressista. Existe o perigo de que isso caia nas mãos de nossos inimigos. Proponho, então, duas medidas: (1) Que só tenhamos trabalhadores e agricultores como representantes; que não dependamos dos chamados amigos parlamentares; (2) Que nossos representantes sigam nosso programa, esse programa. Elaboraremos a seguir planos concretos quanto ao desemprego, ao orçamento militar etc. Então afirmo que se me propõem como candidato é porque conhecem meu programa. Se me enviarem como representante, lutarei por esse programa na LNPL,

no partido operário. Quando a LNPL toma a decisão de votar a favor de La Guardia, tanto no caso em que me demita protestando, como naquele em que proteste e continue lá: “Não posso votar em La Guardia. Tenho meu mandato.” Obteremos grandes e novas possibilidades para a propaganda.

A dissolução de nossa organização está fora de questão. Deixamos absolutamente claro que temos nossa organização, nossa imprensa etc. É uma questão de correlação de forças. O camarada Dunne diz que ainda não podemos lançar nos sindicatos um apoio ao SWP. Por quê? Porque somos muito fracos, Mas não podemos dizer aos trabalhadores: Esperem até que sejamos mais conhecidos, mais poderosos. Devemos intervir no movimento tal como ele se apresenta.

SHACHTMAN: Se não houvesse movimento por um partido operário, e se fôssemos contra a criação de tal partido, como isso afetaria o programa? Este seria ainda nosso programa de transição? Eu não compreendo quando você diz que não podemos promover um partido reformista, mas que promovemos e nos tornamos os paladinos dos movimentos a favor de um partido operário, com o objetivo de impor politicamente a vontade dos trabalhadores.

TROTSKI: Seria absurdo dizer que preconizamos um partido reformista. Podemos dizer aos dirigentes da LNPL: “Vocês fazem desse movimento um acessório puramente oportunista dos democratas.” É uma questão de abordagem pedagógica. Como podemos dizer que preconizamos a criação de um partido reformista? Dizemos que não podemos impor nossa vontade por meio de um partido reformista, mas somente por meio de um partido revolucionário. Os stalinistas e os liberais desejam fazer desse movimento um partido reformista, mas temos o nosso programa, nós fazemos um partido revolucionário...

CANNON: Como você pode explicar um partido operário revolucionário? Dizemos: O SWP é o único partido revolucionário, é o único que tem um programa revolucionário. Como então explicar aos trabalhadores que o partido operário é também um partido revolucionário?

TROTSKI: Não direi que o partido operário é um partido revolucionário, mas que faremos todo o possível para que isso aconteça. A cada reunião diria: Sou um representante do SWP. Considero o SWP como sendo o único partido revolucionário. Mas não sou sectário. Vocês tentam atualmente criar um grande partido dos trabalhadores. Ajudá-los-ei, mas proponho que seja considerada a necessidade de um programa para esse partido. Faço esta e aquela proposta. Começo

por aí. Nessas condições isto será um grande passo adiante. Por que não dizem abertamente a verdade? Sem disfarce. sem diplomacia?

CANNON: Até :agora a questão foi sempre colocada abstratamente. A questão do programa nunca foi esboçado omo você acabou de fazer. Os lovestonistas sempre foram a favor de um partido operário, mas eles não têm um programa: são conchavos a nível dos dirigentes. Parece-me que se temos um programa e nos referimos sempre a esse programa...

TROTSKI: Primeiramente, existe o programa e, a seguir, os estatutos que asseguram a dominação dos sindicatos contra os liberais, os pequeno-burgueses individuais etc. De outra forma, pode tornar-se este um partido operário por sua composição social e um partido capitalista por sua política.

CANNON: Parece que, em Mineápolis, se ventila muito uma luta organizacional, uma luta pelo controle da organização entre os stalinistas e nós. Devemos desenvolver, em Mineápolis, uma luta programática contra os stalinistas no FLP, como utilizamos anteriormente o voto relativo no Ludlow Amendment (Emenda Ludlow).

SHACHTMAN: Agora com a eminência da guerra, o partido operário pode tornar-se uma armadilha. E continuo não entendendo como o partido operário pode ser diferente de um partido reformista puramente parlamentar.

TROTSKI: Você coloca a questão muito abstratamente; naturalmente, ele pode cristalizar-se num partido reformista, que nos excluirá. Mas devemos fazer parte do movimento. Devemos dizer aos stalinistas, aos lovestonistas etc.: “Somos a favor de um partido revolucionário. Vocês fazem tudo para torná-lo um partido reformista.” Mas apresentaremos sempre nosso programa. E propomos nosso programa de reivindicações transitórias. Assim como na questão da guerra e da Emenda Ludlow que discutiremos amanhã, quando demonstrarei mais uma vez a utilidade de nosso programa de transição nessa situação.

# Um resumo das reivindicações transitórias<sup>44</sup>

23 de março de 1938

TROTSKI – Nas discussões anteriores, alguns camaradas ficaram com a impressão de que algumas de minhas propostas ou reivindicações eram oportunistas, e outros, que eram demasiado revolucionárias, que não correspondiam à situação objetiva. E essa mistura é muito arriscada; por isso defenderei rapidamente esta aparente contradição.

Qual é a situação geral nos EUA e no mundo todo? A crise econômica não tem precedentes, a crise financeira dos diversos países é a mesma, e o perigo de guerra é iminente. É uma crise social sem precedentes. Durante sete, oito ou nove anos achamos que o capitalismo americano apresentaria uma maior resistência, mas os fatos demonstraram que o capitalismo americano, ou seja, um capitalismo apoplético, talvez esteja mais perto do colapso que nenhum outro. A crise americana é uma crise social, não conjuntural.

Esta crise social – agora chamada recessão – ganha contornos de extrema gravidade. Não é o final da recessão. As dificuldades financeiras dos países – naturalmente, a nação é muito rica e o Estado pode pedir emprestado à nação, mas isso significa que na base da crise financeira temos uma crise do Estado. Podemos dizer que temos uma crise política da classe dominante. A prosperidade desapareceu; ninguém acredita que voltará. E esse fato reflete-se na crise política dos democratas e republicanos. As classes dominantes estão desorganizadas e buscam um novo programa. O programa de Roosevelt é experimental, para não dizer aventureiro, no sentido capitalista. Isso representa uma premissa extraordinariamente fundamental para uma situação revolucionária. Isso

---

44 *Fonte: "O movimento operário diante da crise. Discussões com Trotski", Cecília Toledo (Org.). In: Marxismo Vivo n.º 20, São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, julho 2009, pp. 77-87.*

vale para o mundo e vale para os EUA, e talvez seja especialmente certo para os EUA.

Agora, a questão do proletariado. Temos uma mudança muito grande na situação da classe operária. Em alguns artigos do Socialist Appeal e do New Internacional li, com grande interesse e alegria, que está aumentando o sentimento do operário americano de que é um operário, que não é o velho espírito explorador de que seria operário temporariamente; agora é um operário permanente, e até mesmo um desempregado permanente. Essa é a base para todos os demais progressos da classe operária. Então tivemos as greves de braços cruzados. Em minha opinião, elas não tiveram precedentes no movimento operário dos EUA. Como resultado desse movimento, a criação e crescimento da CIO. Também temos a tendência a construir o partido operário, a LNPL.

Não conheço suficientemente bem o passado ou o presente do movimento operário da América. Mas, em geral, poderia dizer que em 1924 o movimento era mais imponente; no entanto, as premissas sociais estão agora incomparavelmente mais maduras. Por isso, o significado do partido operário é mais importante hoje. Mas não posso dizer que todas as condições estão dadas no mesmo grau ou no mesmo nível. Podemos dizer, se tomarmos a situação geral do mundo – as contradições imperialistas, a posição do capitalismo americano, a crise e o desemprego, a posição do Estado americano como expressão da economia americana, da burguesia americana, o estado de ânimo político da classe dominante, a desorientação, e também a posição da classe operária -, podemos dizer, se levarmos tudo isto em consideração, que a premissa está mais madura para a revolução.

À medida que avançamos dessas premissas fundamentais em direção à superestrutura, à política, percebemos que não estão tão maduras. As contradições internas do capitalismo americano – a crise e o desemprego – estão incomparavelmente mais maduras para uma revolução que a consciência dos operários americanos. Estes são os dois polos da situação. Podemos dizer que a situação se caracteriza por um super-amadurecimento de todas as premissas sociais fundamentais para a revolução, fato que pessoalmente não previ há oito ou nove anos.

Por outro lado, graças a essa rapidez e ao aumento da decomposição das condições materiais dos EUA, a consciência das massas – apesar de que aqui também podemos comprovar um progresso notável – continua atrasada em comparação com as condições objetivas. Sabemos que as condições subjetivas – a consciência das massas, o

crescimento do partido revolucionário – não são um fator fundamental. Depende da situação objetiva; em última instância, o próprio elemento subjetivo depende das condições objetivas, mas esta dependência não é um processo simples.

Durante o último ano observamos na França um fenômeno muito importante e instrutivo para os camaradas dos EUA. Podemos dizer que a situação era quase tão madura como nos EUA. O movimento operário havia adquirido um ímpeto enorme. Os sindicatos passaram de menos de um milhão para cinco milhões em questão de meses. As greves de braços cruzados na França eram muito mais potentes que nos EUA. Os operários estavam dispostos a fazer qualquer coisa, a chegar ao limite. Por outro lado, vimos o aparato da Frente Popular; pela primeira vez podíamos demonstrar a importância histórica da traição da Comintern. Como a Comintern passara a ser um aparato para a manutenção social do capitalismo, a desproporção entre os fatores objetivos e subjetivos ganhou uma agudeza terrível, e a Frente Popular converteu-se no maior obstáculo para canalizar esta grande corrente revolucionária das massas. E tiveram êxito até certo ponto. Não podemos prever o que acontecerá amanhã, mas na França conseguiram deter o movimento de massas, e agora vemos os resultados: o giro à direita – Blum converte-se num dirigente que forma governos nacionais, a união sagrada para a guerra -, mas é um fenômeno secundário. O mais importante é que temos em todo o mundo, como nos EUA, esta desproporção entre o fator objetivo e o subjetivo, mas nunca foi tão aguda como agora.

Nos EUA temos um movimento de massas para superar esta desproporção; o movimento de Green a Lewis; de Walter a La Guardia. Este é um movimento para superar a contradição fundamental. O PC joga nos EUA o mesmo papel que na França, mas a uma escala mais modesta. O rooseveltismo substitui o frente-populismo da França. Nestas condições, nosso partido deve ajudar os operários a superar esta contradição.

Quais são as tarefas? As tarefas estratégicas consistem em ajudar as massas, em adaptar sua consciência política e psicológica à situação objetiva, em superar as tradições nocivas dos operários americanos e adaptá-la [sua consciência] à situação objetiva da crise social de todo o sistema. Nesta situação – levando em conta a pouca experiência e a criação da CIO, as greves de braços cruzados etc. – temos todo o direito de ser mais otimistas, mais intrépidos, mais agressivos em nossa estratégia e nossa tática – não aventureiros -, mas para



levantar bandeiras que não estão no vocabulário da classe operária americana.

Qual é o sentido do *Programa de transição*? Podemos chamá-lo um programa de ação, mas para nós, para nossa concepção estratégica, é um programa de transição: é uma ajuda para que as massas possam superar as ideias, métodos e formas herdadas e para adaptar-se às exigências da situação objetiva. Esse programa de transição deve incluir as reivindicações mais simples. Não podemos prever e propor as reivindicações locais e sindicais adaptadas à situação local de uma fábrica, nem o desdobramento dessa reivindicação até a bandeira de criação de um soviete operário. Ambos são pontos extremos do desenvolvimento de nosso programa de transição para encontrar os passos que conduzam as massas à ideia da conquista revolucionária do poder. Por isso, algumas reivindicações parecem muito oportunistas, porque estão adaptadas à consciência atual dos operários. Por isso, outras reivindicações parecem demasiado revolucionárias, porque refletem mais a situação objetiva do que a consciência atual dos operários. Nosso dever é reduzir ao máximo possível essa brecha entre os fatores objetivos e subjetivos. Por isso, não podemos subestimar a importância do *Programa de transição*.

Vocês podem argumentar que não podemos prever a medida e o ritmo das coisas e que possivelmente a burguesia encontrará um recesso político – não está excluído –, mas então seremos obrigados a fazer uma retirada estratégica. No entanto, na situação atual, devemos estar preparados para uma ofensiva estratégica, não para uma retirada. Essa ofensiva estratégica deve estar guiada pela ideia da criação de sovietes operários, para a criação de um governo operário e camponês. Não proponho que se lance imediatamente a bandeira dos sovietes – por muitas razões, e especialmente porque a palavra não tem para os operários americanos a importância que teve para os operários russos – para prosseguir daí em direção à ditadura do proletariado. É muito provável que, da mesma forma que vimos nos EUA as greves de braços cruzados, vejamos também uma forma nova, algo equivalente aos sovietes. Provavelmente não tenha esse nome. A certa altura, os sovietes podem ser substituídos pelos comitês de fábrica, depois passar da escala local para a escala nacional. Não podemos adivinhar, mas nossa orientação estratégica para o próximo período vai em direção aos sovietes. Todo o programa de transição deve preencher os vazios que existam entre as condições do presente e os sovietes do futuro” (...).

# O atraso político dos trabalhadores norte-americanos

19 de maio de 1938

CRUX<sup>45</sup>: É muito importante precisar alguns pontos sobre a questão do programa em geral. Como é que se constrói um verdadeiro programa?

Alguns camaradas dizem que este esboço de programa não corresponde suficientemente ao estado de espírito e à disposição dos trabalhadores americanos; por isso devemos interrogar-nos sobre se esse programa deve ser adaptado à mentalidade dos trabalhadores, ou se deve antes corresponder à situação real, econômica e social do país. É a questão mais importante.

Sabemos que a consciência de cada classe social é determinada por condições objetivas, pelas forças produtivas, pelo estado econômico do país, mas essa determinação não se realiza de forma mecânica. A consciência, em geral, atrasa-se; atrasa-se em relação ao desenvolvimento econômico e esse atraso pode ser mais ou menos acentuado. Em tempos normais, quando o desenvolvimento é lento, quando as coisas progredem a pouco e pouco, esse atraso não pode ter consequências catastróficas. Em larga medida, esse atraso significa que os trabalhadores não estão à altura das tarefas impostas pelas condições objetivas. Numa altura de crise em contrapartida, esse atraso pode ser catastrófico. Na Europa, por exemplo, deu origem ao fascismo. O fascismo é o castigo em que incorrem os trabalhadores quando não conseguem tomar o poder.

Hoje, os Estados Unidos entram numa fase análoga e conhecem perigos similares. A situação objetiva do país está sob todos os pontos de vista madura para a Revolução Socialista e para a passagem ao socialismo, mais madura que na Europa, mais madura talvez do que em qualquer outro país do mundo; mas o atraso político da classe operária americana é extremo. Isto significa que o perigo de uma ca-

---

45 Pseudônimo de Trotski.

tástrofe fascista é enorme. Esta análise é o ponto de partida de toda a nossa atividade. O programa deve exprimir as tarefas objetivas dos trabalhadores e não refletir o seu atraso político. O programa deve dar conta da sociedade tal como é, porque ele próprio é um instrumento para lutar contra essa mentalidade atrasada da classe operária e para vencê-la. É por isso que, no nosso programa, devemos procurar mostrar toda a amplitude da crise social que abala a sociedade capitalista, em cuja primeira linha figuram os Estados Unidos. Não podemos ser nós a fixar os prazos ou a modificar as circunstâncias que não dependem de nós. Não podemos garantir que as massas resolverão a crise, mas devemos reproduzir a situação tal como se apresenta: essa é a tarefa do programa.

Uma outra questão é saber como apresentar o programa aos trabalhadores. É uma questão de pedagogia e de vocabulário, de escolha de termos. A política, quanto a ela, deve orientar-se somente pela questão essencial, a do desenvolvimento das forças produtivas e do bloqueamento desse desenvolvimento pela forma capitalista de organização da propriedade e o seu resultado; o desemprego crescente, a maior das pragas sociais. As forças produtivas já não se podem desenvolver como antes. A ciência e a tecnologia desenvolvem-se, mas as forças materiais declinam. Isso significa que a humanidade se torna cada vez mais pobre, que o número de desempregados aumenta. A miséria das massas aprofunda-se, as dificuldades são cada vez maiores tanto para a burguesia como para os trabalhadores; a burguesia não tem outra solução senão o fascismo; a crise que se desenha obrigará a burguesia a abolir os vestígios da democracia. O proletariado americano corre o sério risco de pagar com 20 ou 30 anos de purgatório fascista a sua falta de organização, de vontade e de coragem. Será então à custa do cacete de aço que a burguesia ensinará aos trabalhadores americanos o seu dever revolucionário. A América verá a experiência europeia reproduzir-se a uma escala gigantesca. Devemos ter plena consciência disso.

Isto é muito sério, camaradas. Trata-se do futuro que se apresenta aos trabalhadores americanos. Depois da vitória de Hitler, quando Trotski redigiu a brochura “Para Onde Vai a França?” os social-democratas franceses troçaram: “A França não é a Alemanha”. Mas antes da vitória de Hitler, ele tinha escrito numerosas brochuras para prevenir os trabalhadores alemães, e os social-democratas também tinham troçado: “A Alemanha não é a Itália”. Não fizeram caso delas. Hoje é a França que está cada vez mais próxima de um regime fascista. É a mesma coisa para os Estados Unidos. A América tem reservas

de gordura, foram essas reservas do passado que permitiram a experiência Roosevelt, mas elas esgotam-se... A situação geral é a mesma em todo o lado, o perigo é o mesmo.

É verdade que a classe operária americana tem uma mentalidade pequeno-burguesa, que conhece mal a solidariedade revolucionária, que está habituada a um nível de vida elevado, mas a mentalidade da classe operária americana não corresponde às realidades dos nossos dias; reflete as recordações de um tempo que já passou.

Hoje, a situação é radicalmente diferente. Que pode fazer um partido revolucionário face a essa situação? Em primeiro lugar, compete-lhe dar uma imagem exata da situação e das tarefas históricas que dela decorrem, quer os trabalhadores estejam ou não prontos a assumir essas tarefas. As nossas tarefas não dependem do estado de espírito dos trabalhadores, consistem antes em desenvolver a sua consciência. É isso que o programa deve formular e apresentar aos trabalhadores avançados.

Alguns dirão: “De acordo, esse programa é um programa científico, corresponde à situação real, mas os trabalhadores não o fazem seu, permanecerá estéril”. É possível. Mas isso significaria apenas que os trabalhadores seriam esmagados antes que a crise tivesse podido ser resolvida no sentido da Revolução Socialista. Se o operário americano não faz, a tempo, deste o seu programa, será obrigado a aceitar o programa do fascismo. Quando nos apresentamos perante a classe operária com o nosso programa, não podemos dar nenhuma garantia quanto à sua rejeição ou à sua aceitação por essa mesma classe operária. Não podemos tomar essa responsabilidade ... só podemos tomar a responsabilidade no que diz respeito a nós próprios.

Devemos dizer a verdade aos trabalhadores, é assim que ganharemos os melhores elementos. Não sei se esses elementos avançados serão capazes de conduzir a classe operária ao poder; espero que o venham a ser, mas ninguém poderá garanti-lo.

Mas mesmo no pior dos casos, se a classe operária não mobilizar todas as suas forças, todos os seus recursos para a Revolução Socialista, se cair debaixo da bota fascista, os operários mais avançados poderão testemunhar: “Aquele partido tinha-nos prevenido: era o melhor”. Será a marca de uma grande tradição que continuará presente na classe operária.

É evidentemente a pior das hipóteses. Mas isso demonstra que todos os argumentos segundo os quais não podíamos apresentar um tal programa, por não corresponder à mentalidade das massas, são

falsos argumentos que só revelam o medo dos seus partidários perante a situação atual.

Claro que se fechasse os olhos, eu poderia reduzir um belo programa cor-de-rosa que toda a gente aceitaria. Mas esse programa não corresponderia à situação, e o que é próprio de um programa é corresponder em primeiro lugar à situação objetiva. Creio que este argumento elementar é um elemento definitivo.

A consciência de classe dos trabalhadores está em atraso em relação aos acontecimentos, mas a consciência de classe não é uma coisa feita dos mesmos materiais que as fabricas, as minas e os caminhos de ferro, mas de um material bem mais maleável; pode modificar-se rapidamente sob os golpes da crise, sob o peso de milhões de desempregados.

Hoje o proletariado americano tira algumas vantagens do seu atraso político. Pode parecer paradoxal, mas é assim. Os trabalhadores europeus, por seu lado, conheceram uma longa tradição social-democrata, conheceram, conheceram a tradição do Komintern, e essas tradições são forças conservadoras. Mesmo após numerosas traições os trabalhadores continuam fiéis às suas organizações, porque essas organizações acordaram-nos pela primeira vez, porque lhes deram uma cultura política. Isso torna-se uma desvantagem quando se trata de adotar uma nova orientação. Os trabalhadores americanos tem uma vantagem: na sua grande maioria não estiveram organizados, e só agora começam a agrupar-se nos sindicatos. Isso dá ao partido revolucionário possibilidade de os mobilizar para enfrentar conjuntamente os golpes da crise.

A que velocidade se produzirão esses acontecimentos? Ninguém sabe: pode-se simplesmente dar a orientação geral que ninguém contesta. É somente depois que se põe a questão da apresentação do programa aos trabalhadores : naturalmente é uma questão muito importante; devemos aplicar à política o que sabemos de pedagogia e psicologia de massas, para construir uma ponte de acesso ao espírito dos trabalhadores.

Só pela experiência poderemos aprender neste domínio. Durante algum tempo devemos esforçamo-nos por concentrar a atenção dos trabalhadores sobre um ponto preciso: a escala móvel dos salários e das horas de trabalho.

O empirismo dos trabalhadores americanos permitiu aos partidos políticos obter sucessos com uma ou duas idéias essenciais, como o imposto único, o bimetalismo etc... Essas idéias alastraram por entre as massas como um rastilho de pólvora: quando as mas-

sas constatarem que uma panacéia não vale nada, precipitam-se para outra.

Nós podemos hoje apresentar um remédio honesto, que não é demagógico, que é parte integrante do nosso programa e que corresponde absolutamente à situação presente.

As estatísticas oficiais anunciaram-nos 13 a 14 milhões de desempregados, na realidade devemos contar com 16 a 20 milhões. Os jovens em particular estão à miséria.

O sr. Roosevelt põe hoje o acento tônico nas obras públicas. Mas nós pela nossa parte queremos que todos tenham trabalho, tanto nas obras públicas como nas minas, nos caminhos de ferro etc... Queremos que todos possam viver decentemente, a um nível em todo o caso igual aos dos dias de hoje e exigimos do sr. Roosevelt e do seu "brain trust" que organizem o seu programa de obras públicas de maneira que toda a gente possa trabalhar com salários decentes. Isso é possível com a escala móvel de salários e das horas de trabalho. Por todo o lado, em todas as localidades, devemos refletir sobre a maneira de apresentar essas idéias. Depois devemos organizar uma campanha de agitação, de tal maneira que todos saibam o que é o programa do Socialist Workers Party. Penso que devemos concentrar a atenção dos trabalhadores nesse ponto. Evidentemente, não é o único, mas está integralmente adaptado à situação presente: os outros podem ser acrescentados à medida que essa idéia se apodera das massas. As burocracias opor-se-ão. Se essa idéia se apoderar verdadeiramente das massas, as tendências fascistas organizar-se-ão para ripostar. Então diremos que é necessário desenvolver os piquetes de autodefesa. Penso que no início os trabalhadores farão sua esta reivindicação da escala móvel de salários e de horas de trabalho. Mas, no fundo, o que é esta reivindicação? Na realidade é a descrição do sistema de organização do trabalho na sociedade socialista. O número total de horas de trabalho a prestar dividida pelo número total de trabalhadores. Mas se apresentássemos de uma vez o sistema socialista seríamos apodados de utopistas pelo americano médio que nos dirá que são idéias importadas da Europa. Então apresentamos esse sistema como a solução da crise, que assegurará aos trabalhadores o seu direito e alimentarem-se, a viver em casas decentes em condições decentes: é o próprio programa socialista, mas na sua forma mais simples, mais próxima das massas.

PERGUNTA: Como organizar a campanha por essa promessa?

CRUX: Poder-se-ia imaginar essa campanha do seguinte modo: vocês começavam a agitação, por exemplo em Minneapolis. Ganha-

vam um ou dois sindicatos para este programa. Depois enviavam delegados a outras cidades, a diferentes sindicatos. Desde o momento em que o programa tenha saído do partido para penetrar nos sindicatos, a batalha estará meio ganha. Enviareis delegados a Nova Iorque, a Chicago, aos mesmos sindicatos. Uma vez o sucesso assegurado, convocariam um Congresso especial. Isso obrigaria os burocratas sindicais a tomar posição por ou contra: o debate será então público e proporcionará ocasiões magníficas para a propaganda.

PERGUNTA: Esse programa pode ser realizado hoje?

CRUX: É mais fácil derrubar o capitalismo do que garantir efetivamente a escala móvel de salários e horas de trabalho no quadro do sistema capitalista. Nenhuma das nossas reivindicações será realizada nesse quadro, é por isso que lhes chamamos reivindicações transitórias: estabelecem uma ponte que nos permite atingir os trabalhadores, e uma verdadeira ponte para ir à Revolução Socialista. Toda a questão é saber como mobilizar as massas para o combate: a questão da divisão entre os trabalhadores e os desempregados, por exemplo, coloca-se nesse quadro. Devemos encontrar a maneira de superar essa divisão. A idéia de uma classe à parte, a classe dos desempregados, dos novos párias, é uma idéia que faz parte da preparação ideológica para o fascismo. Se a classe operária não conseguir superar essa divisão, sobretudo a nível sindical, o seu destino está traçado.

PERGUNTA: Muitos camaradas não conseguem compreender porque é que essa reivindicação não pode ser satisfeita.

CRUX: É uma questão muito importante. Este programa não é a invenção de um homem. Ele decorre da longa experiência dos bolcheviques. Repito: este programa é a concretização da experiência coletiva dos revolucionários. É a aplicação dos velhos princípios à situação atual. É necessário não considerá-lo como definitivamente gravado no mármore, mas adaptá-lo à situação objetiva.

Os revolucionários consideram sempre as reformas e as conquistas como subprodutos da luta revolucionária. Se nos contentamos em reivindicar o que podemos obter, a classe dominante dar-nos-á apenas um décimo, ou nada. Se reclamarmos mais e estivermos dispostos a impor as reivindicações os capitalistas ver-se-ão obrigados a conceder-nos o máximo. Quanto mais combativos e exigentes forem os trabalhadores, mais se pode exigir e obter. As nossas reivindicações não são slogans estéreis, são meios de pressão sobre a burguesia. No passado, durante o período áureo do capitalismo americano, os trabalhadores obtiveram regalias pelo simples fato

de se terem lançado empiricamente na luta, com um espírito muito militante.

A situação atual é muito diferente. Os capitalistas não têm aberta à sua frente uma era de prosperidade. Não têm nenhum medo das greves, dado o número de trabalhadores que estão à espera de emprego. É por isso que o programa deve tentar unir as duas partes da classe operária, os trabalhadores e os desempregados. É o que faz precisamente a escala móvel dos salários.



# Comparação entre os movimentos operários americano e europeu

31 de maio de 1938.

PERGUNTA: Dentro de nosso partido, a discussão sobre o programa de transição gira em torno da questão do Partido Operário nos Estados Unidos. Alguns camaradas pensam que é incorreto lutar hoje pela fundação de um partido operário, visto que nada indica que o desejo de tal partido seja um sentimento presente nas massas. Esses camaradas acrescentam que, se existisse um partido operário em formação ou se as massas o reclamassem amplamente, poderíamos, então, propor um programa que desse uma orientação revolucionária a esse movimento. Na ausência de tal processo, nossas teses sobre o partido operário seriam oportunistas. Você poderia esclarecer esse ponto?

TROTSKI: Creio que devemos lembrar-nos dos fatos mais elementares da história do movimento operário em geral e dos sindicatos em particular. As formas de desenvolvimento foram muito diferentes em cada país; de fato, cada país conheceu um desenvolvimento particular, mas isso não nos impede de fazermos uma classificação geral.

Na Áustria e na Rússia, particularmente, o movimento operário começou como um movimento político estruturado em torno de um partido. Esse foi o primeiro passo. A social-democracia nascente enxergava, num futuro próximo, a reconstrução socialista da sociedade, mas aconteceu que o capitalismo encontrou forças para sobreviver. Os sociais-democratas foram forçados, durante aquele longo período de prosperidade relativa, a orientar seus esforços para a construção de sindicatos.

Em países como a Alemanha, a Áustria e, particularmente, a Rússia, não se havia jamais ouvido falar de sindicatos anteriormente; esses foram levantados, construídos e guiados por um partido político, a social-democracia.

Nos países latinos, França e Espanha particularmente, observa-se um tipo de desenvolvimento bem diferente. Aqui o partido político e o movimento sindical são quase estranhos um ao outro e, em certos aspectos, antagônicos.

O partido é uma máquina parlamentar. Os sindicatos estão até certo ponto na França \_ e muito mais na Espanha \_ sob a direção dos anarquistas.

É a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e, em graus diversos, os seus domínios (Canadá, Austrália e Nova Zelândia antes de Elisabeth II) que nos fornecem os melhores exemplos para abordarmos o terceiro tipo de desenvolvimento. A Inglaterra é o País dos sindicatos. Esses ali surgiram no século 18, antes da Revolução Francesa, durante o que chamamos de Revolução Industrial. (Nos Estados Unidos isso foi feito com o desenvolvimento do maquinismo.) Na Inglaterra, a classe operária não tinha partido independente, os sindicatos constituíam a única organização da classe operária, que, na verdade, eram organizações da aristocracia operária, das camadas superiores. Na Inglaterra, tinha-se pela frente um proletariado aristocrático, ao menos em suas altas camadas, pois a burguesia britânica, tendo quase o monopólio do mercado mundial, podia redistribuir migalhas de sua fortuna à classe operária e, assim, utilizar uma parte da renda nacional. Os sindicatos eram capazes de obter isso da burguesia. Só depois de um século de existência é que os sindicatos começaram a construir um partido político. Foi exatamente o oposto do que aconteceu na Alemanha ou na Áustria, onde foi o partido que despertou a classe operária e construiu os sindicatos. Na Inglaterra, foram os sindicatos que, após séculos de existência e de luta, se viram forçados a construir um partido político.

Quais foram as razões dessa mudança? Explica-se isso pelo completo declínio do Capitalismo inglês que se deu de maneira violenta. O partido inglês tem apenas vinte anos; começou-se a falar realmente sobre ele após a guerra mundial.

Qual foi a causa de sua criação? É de conhecimento comum que essa situação se explica pela abolição do monopólio inglês sobre o mercado mundial. Isso começou nos anos de 1880, com a concorrência que opunha o Reino Unido à Alemanha e aos Estados Unidos. A burguesia tomou-se incapaz de garantir as posições privilegiadas das camadas superiores do proletariado. Os sindicatos perderam sua capacidade de melhorar a condição dos trabalhadores e foram impelidos à ação política, que é a generalização da ação econômica. A ação política generaliza as necessidades dos trabalhadores e não

dirige essas reivindicações a esta ou àquela fração particular da burguesia. mas à burguesia em seu conjunto, tal como ela é organizada no Estado.

Pode-se dizer que encontramos, hoje, nos Estados Unidos traços característicos do desenvolvimento inglês, sob uma forma ainda mais concentrada. pois a história dos Estados Unidos é, em si mesma, uma sinopse.

De fato, o desenvolvimento sindical nos Estados Unidos começa após a Guerra Civil, mas esses sindicatos estavam muito atrasados no plano político, mesmo se comparados aos sindicatos ingleses. Eram, frequentemente, sindicatos mistos, que agrupavam patrões e operários, e não sindicatos ativos e militantes. Eram muito setorizados e limitados. Baseavam-se no sistema artesanal, recusando a grande indústria. É somente nos dois ou três últimos anos que apareceram verdadeiros sindicatos nos Estados Unidos. Esse novo movimento é o CIO.

Qual é a razão do surgimento do CIO? O declínio do capitalismo americano. Na Grã-Bretanha, o início desse declínio gerou unicamente os grandes sindicatos da indústria. Mas nos Estados Unidos, esses sindicatos só apareceram a tempo de assistir à nova fase de declínio do capitalismo ou, mais exatamente, podemos dizer que a primeira crise de 29-33 deu o impulso inicial e conduziu à criação do CIO; mas, tão logo organizado, o CIO já teve de enfrentar a segunda crise, aquela de 37-38, que continua a se aprofundar.

O que isso significa? Os sindicatos levaram longo tempo para se organizar nos Estados Unidos, mas, agora que eles existem, seguirão a mesma evolução que os sindicatos ingleses. Isso quer dizer que, nas condições atuais, com o declínio do capitalismo, eles são obrigados a se voltar para a ação política. Creio que é o mais importante.

A pergunta que me foi feita ressalta o fato de “que nada indica que o desejo de tal partido seja um sentimento presente nas massas”. Vocês se lembram que, quando falamos disso com outros camaradas, houve divergências. Não posso julgar se esse sentimento está ou não difundido entre as massas: não tenho observações ou impressões pessoais que me permitam julgá-lo, mas não creio que nos seja essencial saber quem, entre os dirigentes ou militantes dos sindicatos, está pronto hoje, e em que nível, para construir um partido político. É muito difícil obter informações objetivas nesse assunto: não temos meios de organizar um referendun. Só mediremos as reações a nossas propostas. quando as tivermos colocado concretamente na ordem do dia.

Mas o que podemos dizer, sem medo de errar, é que a situação objetiva e absolutamente determinante. Os sindicatos, enquanto tais, só podem ter uma atividade defensiva. À medida que a crise se aprofunda e o desemprego aumenta, eles perdem militantes e se enfraquecem. Os fundos de greve diminuem. As tarefas tornam-se cada vez mais esmagadoras, enquanto os meios são cada vez mais limitados. É um fato, nada podemos fazer contra isso.

A burocracia sindical está cada vez mais desorientada, os trabalhadores da base cada vez mais descontentes; seu descontentamento é proporcional às esperanças que eles depositavam no CIO, em virtude de seus sucessos anteriores.

A situação é a seguinte: em três anos são mais quatro milhões de desempregados que devem enfrentar uma situação objetiva que os sindicatos não podem mudar. Devemos dar uma resposta para isso.

Se os dirigentes sindicais não estão prontos para a ação política, devemos exigir que desenvolvam uma nova orientação. Se recusarem, nós os denunciaremos.

Repito aqui o que disse do programa de transição em seu conjunto. O primeiro problema que devemos enfrentar não é o estado de espírito das massas, mas a situação objetiva, e nossa tarefa é confrontar essas massas atrasadas com as tarefas determinadas pela situação objetiva e não por considerações psicológicas. A mesma observação impõe-se na questão do partido operário. Para que a combatividade de classe não seja esmagada, para que a desmoralização não se apodere das massas, esse movimento deve seguir um novo caminho; esse caminho deve ser político. Este é o argumento essencial que deve ser utilizado em relação ao Partido Operário.

Nós reivindicamos do marxismo e do socialismo científico. O que é o socialismo científico na realidade?

Significa que o partido que o reivindica não funda sua política em desejos subjetivos, em tendências particulares, em estados de espírito, mas em fatos objetivos, na situação material da relação entre as diferentes classes em confronto, em reivindicações que correspondam à situação real. Posteriormente é que nós adaptaremos essas reivindicações, essas palavras de ordem, à mentalidade das massas. Considerar essa mentalidade como elemento fundamental não corresponderia a uma política científica, mas a uma política conjuntural, demagógica ou aventureira.

Pode-se perguntar como aconteceu que não prevemos o desenvolvimento, há cinco, seis ou sete anos, e por que não lutamos por essa palavra de ordem de Partido Operário anteriormente. A explicação é

muito simples. Estávamos absolutamente convencidos, nós marxistas, fundadores do movimento americano pela IV Internacional, de que o capitalismo internacional tinha entrado num período de declínio. Quer dizer, um período caracterizado pelo fato de os trabalhadores serem educados pelas circunstâncias objetivas e se engajarem, subjetivamente, no caminho da revolução socialista. Era a tendência geral, e os Estados Unidos não eram exceção. Mas a tendência geral não é suficiente para determinar todos os fenômenos particulares.

É tudo uma questão de ritmo de desenvolvimento; desse ponto de vista, considerando a força do capitalismo americano, vários entre nós; até mesmo eu, pensávamos que esse colosso poderia resistir mais tempo às suas contradições internas e aproveitar o declínio do capitalismo europeu para se garantir certa folga. Por quanto tempo? Talvez dez ou trinta anos. Em todo caso, não imaginava, no que me concerne pessoalmente, que essa série de crises agudas abrisse tão rapidamente, e que essas crises só continuariam aprofundando-se. Eis por que, quando discuti há oito anos atrás com os camaradas americanos, fui extremamente prudente em minhas hipóteses.

Minha opinião era que não se poderia prever quando os sindicatos americanos seriam obrigados, pela situação, a recorrer à ação política. Considerava que se o período crítico ocorresse dali a dez ou quinze anos, então nós, a organização revolucionária, poderíamos tornar-nos uma força real, influenciando nos sindicatos diretamente, tornando-se a força principal. Eis por que teria sido absolutamente abstrato, artificial e pedante proclamar, em 1930, a necessidade do partido operário; essa palavra de ordem teria sido um obstáculo ao progresso de nosso partido. Isso ocorria no início da crise precedente. Não havíamos previsto que aquela crise fosse decuplicada por se tratar de uma repetição!

Devemos basear-nos não nas previsões de ontem, mas na situação atual. O capitalismo americano é muito forte, porém suas contradições são ainda mais fortes. O declínio progride numa velocidade americana, e isso cria uma situação nova para os jovens sindicatos (o CIO ainda mais que a AFL) pois esta resistirá melhor, apoiando-se em sua base mais aristocrática.

Devemos mudar nosso programa, pois a situação objetiva mudou totalmente.

O que isso significa? Significa que estamos seguros de que a classe operária e os sindicatos vão aderir a essa perspectiva do partido operário? Não, não estamos seguros. Mas, no início da luta, não podemos estar seguros de alcançar a vitória. Podemos simplesmente dizer que

nossa palavra de ordem corresponde à situação objetiva; os elementos mais avançados não de compreendê-la e os mais atrasados não se oporão, mesmo que não a compreendam.

Mesmo em Mineápolis não podemos propor aos sindicatos que adiram à nossa organização, o Socialist Workers Party. Seria uma brincadeira, até em Mineápolis. Por quê? Porque o declínio do capitalismo caminha dez vezes, cem vezes mais rápido do que o crescimento de nosso partido. É uma nova distorção. A necessidade de um partido político está inscrita nas condições objetivas, mas nosso partido é muito pequeno, tem muito pouca autoridade para organizar os trabalhadores em suas fileiras. Eis por que devemos dizer aos trabalhadores, às massas: construam seu próprio partido. Mas não podemos dirigir-nos diretamente às massas, incitando-as a aderirem ao nosso partido.

Se uma assembleia de 500 pessoas manifesta seu acordo sobre a ideia de que um partido operário é necessário, talvez só 5 delas estarão prontas a integrar nosso partido, o que mostra que a palavra de ordem do Partido Operário é uma palavra de ordem de agitação. A segunda palavra de ordem \_ integrem nosso partido \_ é para os elementos mais avançados.

Mas não deveríamos lançar apenas uma dessas palavras de ordem? Pelo contrário, devemos lançar as duas. A primeira, “por um partido operário independente”, prepara o terreno para nosso próprio partido. A segunda palavra de ordem prepara os trabalhadores, ajuda-os a avançar e abre caminho para nosso partido.

Além disso, mostraremos que não estamos satisfeitos com essa simples palavra de ordem de partido operário, que aliás não é tão abstrata quanto há dez anos, em virtude da modificação na situação concreta; mas mostraremos que é uma ideia que deve tornar-se concreta. Mostraremos aos trabalhadores que esse partido deve ser um partido independente, não para sustentar Roosevelt ou La Follette, mas um instrumento para os próprios trabalhadores. É por isso que esse partido deverá ter seus próprios candidatos no terreno eleitoral.

Nesse partido operário, faremos passar nossas palavras de ordem de transição. Não todas de uma vez, evidentemente, mas uma após a outra, à medida que as situações forem surgindo. Eis por que não vejo nenhuma razão fundamental para recusar essa palavra de ordem.

Para essa recusa, só encontro uma razão psicológica: nossos camaradas, combatendo os partidários de Lovestone, lutaram por nosso partido contra a ideia de um partido abstrato. Evidentemente isto

é desagradável. Certamente os stalinistas nos chamarão de fascistas etc... Mas tudo isso não é do domínio dos princípios: é do domínio da tática.

Lovestone dirá que nós nos desmascaramos, mas isso não é nada. Para estabelecer nossa política, fundamentamo-nos nas necessidades da classe operária, e não nas reações de Lovestone. Creio que, mesmo do ponto de vista de nossa luta contra os partidários de Lovestone, isso é uma vantagem e não um inconveniente. Se tivesse de enfrentar um deles, explicaria quais eram nossas posições e por que elas mudaram. Diria: “Naquele momento vocês nos atacaram. Bem, hoje, sobre esse ponto que lhes pareceu tão importante, mudamos de ideia O que vocês têm contra a IV Internacional?” Estou certo que, dessa forma, poderíamos até mesmo organizar uma cisão na organização dos lovestonistas.

Quanto a isso, não vejo obstáculo.

Antes de terminar, gostaria de fazer uma correção à pergunta. A palavra de ordem do “Partido Operário” não faz parte do programa de transição. É um ponto separado.

PERGUNTA: Como defender a causa do Partido Operário num sindicato, apresentando moções?

TROTSKI: Por que não? Se eu estivesse num sindicato, e a questão viesse à tona, tomaria a palavra para dizer que o Partido Operário é uma necessidade exigida pelos acontecimentos. Está provado que a ação no plano econômico é suficiente. É necessário uma ação política. Direi aquilo que conta, na minha opinião, em tal palavra de ordem: explicarei que é por isso que me reservo para intervir mais tarde sobre o conteúdo do programa desse partido, mas que votaria nessa proposta.

PERGUNTA: Os trabalhadores são absolutamente apáticos no que concerne ao Partido Operário; seus líderes nada fazem, e os stalinistas sustentam Roosevelt.

TROTSKI: Isso caracteriza o período que conhecemos, onde não há programa definido, onde os trabalhadores não sabem onde procurar um novo caminho. É absolutamente necessário superar essa apatia. É absolutamente necessário fixar a nova perspectiva.

PERGUNTA: Alguns camaradas chegaram a elaborar estatísticas, tentando provar que o movimento pelo Partido Operário está perdendo audiência entre os trabalhadores.

TROTSKI: É necessário distinguir a linha geral das oscilações secundárias e do humor que pode remar, num ou noutro momento, no interior do CIO. No que concerne à agressividade, é certo que o CIO

aparece hoje mil vezes mais perigoso que antigamente, aos olhos dos capitalistas, porém os dirigentes têm medo de romper com Roosevelt. As massas esperam, sem perspectivas. O desemprego aumenta. É possível, talvez, provar que o movimento pelo Partido Operário perdeu influência de um ano para cá.

Talvez a influência stalinista colabore com essa tendência. Mas isso é apenas uma oscilação secundária, e seria muito perigoso basearmos-nos nessas oscilações secundárias, visto que dentro de pouco tempo o movimento pelo partido operário será a tendência principal; é a tendência de fundo que se tornará evidente, e a necessidade objetiva deverá encontrar sua expressão subjetiva na cabeça dos trabalhadores. Para isso trabalhamos. O partido é um instrumento histórico para ajudar os trabalhadores.

PERGUNTA: Alguns de nossos camaradas, que vêm do Partido Socialista, dizem que, quando estavam no PS, defendiam a ideia de um partido operário e que foram convencidos pelos trotskistas de que estavam errados. Hoje, será necessário que eles voltem atrás?

TROTSKI: Sim. É uma questão de pedagogia; é uma boa escola para nossos camaradas. Agora, eles podem abordar esse problema do Partido Operário de maneira mais completa e mais dialética.



# Completar o programa e colocá-lo em prática<sup>46</sup>

7 de junho de 1938

TROTSKI: O programa tem tanta importância quanto o Partido. O Partido é a vanguarda da classe. O Partido é criado através de uma seleção dos elementos mais conscientes, avançados e dedicados. Por isso pode desempenhar um importante papel histórico, que não tem proporção direta com sua força numérica. Um Partido pode ser pequeno e desempenhar uma função importante. Durante a primeira revolução russa de 1905, por exemplo, a fração bolchevique não tinha mais que dez mil militantes e os mencheviques de dez a vinte mil no máximo. Então ambos faziam parte do mesmo Partido, com o que este não contava com mais de vinte a vinte e dois mil trabalhadores. Apesar disto, o Partido dirigiu os soviets de todo o país graças a sua política concreta e coerente. Poderia se objetar que a diferença entre russos e americanos ou qualquer outro país capitalista tradicional, está em que o proletariado russo era muito jovem, um proletariado virgem, carente de tradição sindical e livre de reformismo conservador. Tratava-se de uma classe trabalhadora nova e virgem que necessitava de uma direção e a busca de modo que o Partido, apesar de não contar com muito mais de vinte mil trabalhadores pode dirigir o combate de vinte e três milhões.

Pois bem, o que é o Partido? Em que se baseia sua coesão? A coesão exige uma compreensão comum dos fatos, das tarefas e esta compreensão comum é o programa do Partido. O programa é para o Partido o que as ferramentas são para os trabalhadores, tanto os de hoje como os de outras épocas históricas. O programa é o instrumental do Partido. Sem um programa, cada trabalhador tem que improvisar suas ferramentas e buscar utensílios e tentar a sorte. Um contradiz o

<sup>46</sup> Artigo retirado de [http://www.marxistarkiv.se/espanol/clasicos/Trotsky/programa\\_de\\_transicion.pdf](http://www.marxistarkiv.se/espanol/clasicos/Trotsky/programa_de_transicion.pdf), págs.47-54.

outro. Só quando existe uma vanguarda forjada em uma comunidade de concepções podemos atuar.

Poderia se objetar que até hoje carecíamos de programa e, no entanto, atuávamos. Mas isso não é totalmente certo; nosso programa tinha sido elaborado em diversos artigos e moções etc. Nesse sentido, nosso projeto de programa não é nada novo, não se deve a um só homem. É a soma do trabalho coletivo realizado até agora. Uma soma absolutamente necessária a fim de oferecer aos camaradas uma ideia comum da situação. Os anarquistas e os intelectuais pequenos burgueses atacam a exigência de dotar o Partido de concepções e atitudes comuns e, em troca, propõem programas moralistas. Mas, para nós, o programa é fruto da experiência coletiva. Ninguém é obrigado a aceitá-lo, pois todo aquele que adere ao Partido o faz por sua vontade própria.

Acho que é importante matizar o que entendemos por liberdade na contraposição a necessidade. Frequentemente a defesa da livre individualidade não é mais que uma teoria pequeno burguesa. Não é mais que uma ficção errônea. Não somos livres. Não dispomos de um livre arbítrio, no sentido que nos dá a entender a filosofia metafísica. Quando desejo beber um copo de cerveja atuo como um homem livre, mas não invento a necessidade de beber cerveja, que provem de meu corpo. Sou um mero executor. Mas na medida em que compreendo as necessidades de meu corpo e as posso satisfazer conscientemente, então tenho a sensação de liberdade, ao compreender a necessidade. Uma compreensão correta da necessidade fisiológica é a única liberdade real dos animais ante qualquer questão e o homem é um animal. A mesma coisa é válida para a classe. O programa de classe não cai do céu. Só podemos chegar a uma compreensão da necessidade. Num caso se tratava da necessidade de meu corpo e no outro de uma necessidade social. O programa é a articulação assumida de uma necessidade que, ao ser comum a todos os membros de uma classe, pode levar a uma formulação comum de suas tarefas. A compreensão desta necessidade é o programa.

Podemos ir mais longe e afirmar que a disciplina de nosso Partido tem que ser muito estrita, porque somos um Partido revolucionário que se enfrenta com um tremendo bloco de inimigos conscientes de seus interesses e que não só se vê atacado pela burguesia, senão também pelos stalinistas, os agentes mais nefastos da burguesia. Por isso, necessitamos de uma disciplina férrea baseada em uma compreensão comum. Se a disciplina é imposta de fora se torna um jugo, mas se brota da aceitação é um sinal de personalidade. Se não é assim, é

um jugo. Assim a disciplina é uma manifestação de minha livre individualidade. Não há oposição entre a vontade individual e o Partido, pois a adesão ao Partido é livre. O mesmo acontece com o programa. Uma compreensão correta tem que se assentar em uma solida base política e moral.

Um projeto de programa não é um programa acabado. Podemos afirmar que no nosso há carências, ao mesmo tempo em que alguns de seus aspectos não são em absoluto programáticos, como por exemplo, as referencias conjunturais. Nosso projeto de programa não recolhe só consignas, senão também comentários e polemicas com os adversários. Não é um programa acabado. Um programa acabado deveria oferecer uma análise teórica sobre a sociedade capitalista moderna em sua fase imperialista: as causas da crise atual, o aumento do numero de desempregados etc. No projeto, esta análise está resumida ao principio, porque sobre isso já escrevemos artigos, livros etc. Ainda haveremos de escrever mais e melhores. Mas, para efeitos práticos, esse resumo basta, pois todos compartilhamos da mesma opinião. O começo do programa não é completo. O primeiro capitulo é só um conjunto de sugestões, não um tratamento detalhado. Tampouco está detalhada a parte final do programa, porque nela não se fala da revolução social, da tomada do poder pela via insurrecional, da transformação da sociedade capitalista na ditadura proletária e a ditadura proletária em uma sociedade socialista. O programa deixa o leitor no umbral destas questões. Limita-se a ser um programa de ação de hoje até o começo da revolução socialista. De um ponto de vista pratico o essencial para nós é como podemos guiar as diferentes camadas do proletariado rumo à revolução social. Ouvei que os camaradas de Nova York começaram recentemente a organizar círculos não só para estudar e criticar o projeto de programa, senão também para buscar os meios de apresentar o programa às massas. Acho que este é o melhor método que pode empregar nosso Partido.

O programa é só uma primeira aproximação, inclusive bem genérica, pois ao ser um texto para a próxima conferencia internacional, se limita a expressar a tendência geral do desenvolvimento a nível mundial. Contem também um breve capitulo dedicado aos países fascistas, outro sobre a URSS etc. As características gerais da situação mundial são comuns, pois se devem ao influxo da economia imperialista, apesar das condições especificas de cada país; assim uma política concreta deve partir dessas peculiaridades, inclusive as de cada região do país em questão. Por isso, o primeiro dever de todos os camaradas dos EUA é o de levar muito a serio o programa.

Há dois perigos na hora de desenvolver o programa. O primeiro consiste em ficarmos em análises abstratas e repetir consignas gerais que não encontram eco nos sindicatos locais. É o perigo de cair na abstração sectária. O outro perigo é o contrario, uma adaptação excessiva às condições locais, às condições específicas, que leva a perder a linha revolucionaria geral. Penso que nos EUA o segundo perigo é mais provável. Por exemplo, no que se refere nossa postura sobre a militarização, os piquetes armados etc. que alguns camaradas temiam que não fosse assumida pelos trabalhadores etc.

Nestes dias li um livro em francês, escrito por um trabalhador italiano, sobre o surgimento do fascismo na Itália. O autor é um oportunista. Era socialista, mas o importante não são suas conclusões, senão os dados que traz. Em particular descreve o proletariado italiano em 1920-21. Possuía uma organização poderosa. Havia 160 deputados socialistas no parlamento. Mais de um terço dos municípios estavam em suas mãos, os setores mais importantes da Itália estavam nas mãos dos socialistas, hegemônicos entre os operários. Nenhum capitalista podia empregar ou demitir um trabalhador, agrário ou industrial, sem o consentimento do sindicato. Parecia como se tivesse conseguido 49% da ditadura do proletariado. No entanto, a reação da pequena burguesia e dos oficiais desmobilizados, ante esta situação, foi tremenda. O autor conta como organizaram pequenos bandos sob a direção de alguns oficiais que eram enviados em ônibus a qualquer parte em que fizessem falta. Em cidades de dez mil habitantes sob o controle socialista bastava trinta homens organizados para entrar na cidade, queimar a prefeitura, as casas, fuzilar os líderes e impor as condições de trabalho capitalistas. Daí iam para outro lugar fazendo o mesmo, uma depois da outra, em centenas e centenas de cidades. Semearam o terror e, realizando estes atos sistematicamente, destruíram totalmente os sindicatos, tornando-se donos da Itália, apesar de ser uma minoria insignificante.

Quando os trabalhadores se declaravam em greve geral, os fascistas chegavam em seus ônibus, esmagavam toda greve local e com a ajuda de uma minoria organizada, apagaram do mapa as organizações operarias. Neste clima de terror aconteceram eleições e os operários voltaram a obter o mesmo numero de deputados, que se dedicaram a expressar seu protesto no Parlamento até que este foi dissolvido. Essa é a diferença entre poder formal e poder real. Os deputados estavam convencidos de sua força, mas aquele movimento operário gigantesco, apesar de todo seu espírito de sacrifício foi es-

magado, destruído, varrido por uns dez mil fascistas bem organizados, dispostos a tudo e com bons chefes militares.

Nos EUA seria diferente, mas as tarefas fundamentais seriam as mesmas. Vejam as táticas de Hague. São um ensaio de golpe fascista. Hague representa os pequenos patrões enfurecidos pelo agravamento da crise. Seus bandos fascistas são totalmente anticonstitucionais, mas muito, muito contagiosos. Se a crise se agrava seus procedimentos podem se estender ao país todo e Roosevelt, que é um grande democrata, se limitará a dizer que “talvez assim seja melhor”

Isto foi o que aconteceu na Itália. O primeiro ministro convidou os socialistas para resolver a crise, mas os socialistas se recusaram. Depois se dirigiu aos fascistas, mas os fascistas esmagaram o ministro. Acho que o exemplo de Nova Jersey é muito importante também. Tudo deve nos servir para alertar do perigo fascista, mas estes exemplos são fundamentais. Penso em escrever uma serie de artigos de como chegaram a triunfar os fascistas. Nós também podemos triunfar assim, mas para isso precisamos de um pequeno corpo armado que conte com o apoio das massas trabalhadoras. Necessitamos da melhor disciplina, trabalhadores organizados, comitês de autodefesa. Se não seremos esmagados. Acho que nossos camaradas nos EUA não valorizam a importância da questão. Uma onda fascista pode se estender em dois ou três anos. Se for assim, os melhores dirigentes operários serão linchados assim como os negros no sul. O terror nos EUA pode ser o pior de todos. Por isso devemos começar modestamente, quer dizer, com piquetes de autodefesa, que devemos promover imediatamente.

PERGUNTA: Como colocar de pé os piquetes de autodefesa?

TROTSKI: É muito simples. Existem piquetes de greve? Quando a greve terminar diremos que temos que defender nossos sindicatos dando caráter permanente aos piquetes.

PERGUNTA: É o próprio Partido que deve criar os piquetes de autodefesa com seus militantes?

TROTSKI: As consignas do Partido devem se propagar nos bairros onde temos simpatizantes e operários que nos apoiam. Não obstante, o Partido não pode criar esse núcleo nos sindicatos. Devemos contar com estes grupos de camaradas dotados de uma estrita disciplina, com líderes bons e cautelosos que não se deixam provocar facilmente, pois estes grupos são alvos de provocações fáceis. A principal tarefa para o próximo ano será evitar conflitos e enfrentamentos sangrentos. Temos que reduzi-los ao mínimo, dotando-nos de uma organização minoritária nas greves, em períodos de calma. Com o

objetivo de impedir a realização de reuniões de fascistas proporemos fazer uma frente única, já que nós não somos fortes e isso é uma questão de relação de forças.

Hitler explica em seu livro. A social democracia era extremamente poderosa. A um encontro da social democracia enviou um bando capitaneado por Rudolf Hess, e conta que, ao acabar o encontro, seus trinta homens desalojaram todos os trabalhadores, que não opuseram resistência. Foi então que soube que iria triunfar. Os trabalhadores só estavam organizados para pagar as cotas. Careciam de preparação para fazer outras tarefas. Agora devemos fazer o que fez Hitler, mas invertido. Enviar quarenta ou cinquenta homens para dissolver o encontro. Isso tem uma importância enorme. Os trabalhadores ganham tempera, transformando-se em elementos combativos, em força avançada. A pequena burguesia pensa que estas pessoas são sérias. Que êxito! Isto tem uma importância enorme. Enquanto que grande parte da população permanece cega, segue sendo atrasada e aceita a opressão, só o êxito pode despertá-la. Hoje somente podemos despertar a vanguarda, mas esta deve despertar os demais. Esse é o motivo, não me canso de repetir, porque essa questão tem muita importância. Em Minneapolis onde contamos com camaradas muito hábeis e influentes, podemos começar a mostrar para todo o país.

Acho que seria útil discutir um pouco esta parte do projeto de programa desenvolvida de forma insuficiente em nosso texto. Se trata da parte geral teórica. Na última discussão destaquei que o fato de que a parte teórica do programa, enquanto análise geral da sociedade, não aparece em sua totalidade neste projeto, que se limita a fazer breves referências. Por outro lado, não contem a parte referente à revolução, à ditadura do proletariado e à construção da sociedade depois da revolução. Só deve ser coberto o período de transição. Repetimos em numerosas ocasiões que o caráter científico de nossa atividade consiste em que não adaptamos nosso programa à conjuntura política ou ao estado de ânimo das massas, tal como se manifesta hoje, senão à situação objetiva tal como aparece representada pela estrutura econômica das classes sociais. O nível de consciência pode ser baixo. Nesse caso a tarefa política do Partido consiste em fazer que este nível de consciência se coloque à altura da situação objetiva, em fazer que os trabalhadores cumpram suas tarefas objetivas. No entanto, não podemos adaptar o programa à mentalidade dos trabalhadores atrasados, pois o nível de consciência e o estado de ânimo constituem um fator secundá-

rio. O fator principal é situação objetiva. Isto nos valeu algumas críticas ou apreciações que dizem que algumas partes do programa não respondem adequadamente à situação.

Em todo momento a pergunta é: O que fazer? Adequar nosso programa à situação objetiva ou ao nível de consciência dos trabalhadores? Esta é a pergunta a ser colocada a todo camarada que diz que o programa não se adapta à situação americana. O nosso é um programa científico. Se baseia em uma análise concreta da situação concreta. Não pode ser compreendido pelo conjunto dos trabalhadores. Nós daríamos um sorriso de orelha a orelha se a vanguarda o compreendesse em um futuro próximo e se dirigisse aos trabalhadores dizendo: “Temos que nos livrar do fascismo”.

O que entendemos por situação objetiva? A análise das condições objetivas para a revolução social. Estas condições estão expostas nas obras de Marx e Engels e em essência permanecem invariáveis. Em primeiro lugar, Marx afirmou em uma ocasião que nenhuma sociedade deixa de existir até enquanto não esgote suas possibilidades. O que significa isto? Que não podemos fazer desaparecer uma estrutura social através de um ato de vontade subjetivo, que não podemos organizar uma insurreição como os blanquistas<sup>47</sup>. O que significa o termo “possibilidades”? E o que significa “que nenhuma sociedade deixa de existir? Enquanto a sociedade seja capaz de desenvolver as forças produtivas e de fazer com que a sociedade seja mais rica, continuará sendo poderosa e estável. Essa foi a condição para as sociedades escravistas, feudal e capitalista.

Aqui chegamos a uma questão muito importante que em seu momento analisei em minha introdução ao *Manifesto comunista*. Marx e Engels esperavam que a revolução acontecesse no decorrer de sua vida. Em especial, esperavam uma revolução social nos anos 1848-50. Por que? Diziam que o sistema capitalista baseado no lucro tinha se tornado um freio para as forças produtivas. Isso era correto? Sim e não. Era correto no sentido de que se os trabalhadores tivessem sido capazes de assumir as necessidades do século 19 e de tomar o poder, o desenvolvimento das forças produtivas teria sido mais rápido e o país mais rico. Mas como os trabalhadores não foram capazes de fazê-lo, o sistema capitalista sobreviveu, com suas crises etc. No entanto, aquela tendência seguiu seu curso. A última guerra (1914-1918) foi

---

<sup>47</sup> Blanquistas: Seguidores de Louis-August Blanqui (1805-1881), que subscrevem a teoria da insurreição armada empreendida por pequenos grupos de conspiradores selecionados e treinados, frente à teoria marxista da ação de massas. O próprio Blanqui participou de todas as insurreições francesas desde 1830, passando pela Comuna de Paris. Esteve na prisão trinta e três de seus setenta e seis anos de vida.



devido a que o mercado mundial se tornou demasiado estreito para o desenvolvimento das forças produtivas e cada país tratou de deslocar os demais para agarrar, a serviço de seus próprios interesses, o mercado mundial. Nenhum o conseguiu e agora vemos como a sociedade capitalista entrou em uma nova fase.

Muitos dizem que esta nova fase foi consequência da guerra, mas a guerra refletia uma sociedade que tinha esgotado suas possibilidades, foi um reflexo de sua incapacidade em seguir se desenvolvendo. Depois da guerra estamos assistindo uma crise histórica cada vez mais profunda. No passado o desenvolvimento capitalista alternava prosperidade e crise, mas a soma de crise e prosperidade era saldada com um novo avanço. No entanto, a partir da guerra pode se observar a existência de ciclos alternativos de crise e prosperidade em linha descendente. O que significa que a sociedade esgotou todas suas possibilidades internas e que tem que ser substituída por outra nova, pois do contrário a velha sociedade cairia na barbárie, assim como as civilizações grega e romana esgotaram suas possibilidades sem que aparecesse nenhuma substituição.

Essa é a questão que agora está em jogo, em especial nos EUA. O primeiro requisito que tem que cumprir uma nova sociedade é ter alcançado um desenvolvimento suficiente das forças produtivas que possam dar espaço para outra sociedade mais avançada. As forças produtivas se encontram suficientemente desenvolvidas para isso? Sim, no século 19 já estavam. Não tanto como agora, mas em todo caso o suficiente. Agora seria muito simples para um estatístico, principalmente nos EUA, demonstrar que se as forças produtivas fossem liberadas, poderiam se multiplicar por dois ou por três. Acho que nossos camaradas deveriam realizar esta sondagem estatística.

A segunda condição é a existência de uma nova classe progressista suficientemente numerosa e economicamente influente para impor sua vontade à sociedade. Esta classe é o proletariado. Tem que ser a maioria do país ou ter a possibilidade de dirigir os camponeses pobres. Nos EUA é pelo menos a metade da população e tem a possibilidade de dirigir os camponeses.

A terceira condição é o fator subjetivo. Esta classe tem que ser consciente do lugar que ocupa na sociedade e dispor de organizações próprias. Esta é uma condição que agora não existe do ponto de vista histórico. Socialmente não só é possível, senão absolutamente necessário no sentido de que a disjuntiva histórica será: socialismo ou barbárie.



Já vimos na discussão que o senhor Hague não é um velho estúpido que imagina que em sua cidade impera uma espécie de sistema feudal. É o pelotão de frente da classe capitalista americana.

Jack London escreveu *O tacão de ferro*<sup>48</sup>. Aproveito para recomendar sua leitura. Ele o escreveu em 1907 e naquela data parecia um pesadelo de ficção, mas agora é uma realidade palpável. Descreve o desenvolvimento da luta de classe em um EUA em que a classe capitalista mantém seu poder com a ajuda de uma terrível repressão. É uma antecipação do fascismo. A ideologia que retrata é inclusive similar à de Hitler. É muito interessante.

Em Newark o prefeito começa a emular Hague: todos se inspiram em Hague e seus congêneres. Agora, em plena crise, é completamente certo que Roosevelt se dará conta de que não pode fazer nada empregando meios democráticos. Não é um fascista como afirmavam os stalinistas em 1932. No entanto, toda sua capacidade de iniciativa ficará paralisada. O que pode fazer? Os trabalhadores estão descontentes, os grandes empresários estão descontentes. Só lhe cabe manobrar até acabar seu mandato e depois dizer adeus. Está totalmente descartado um terceiro mandato de Roosevelt.

A imitação do prefeito de Newark pode ser muito importante. Em dois ou três anos pode haver um potente movimento fascista. Quem é Hague? Não tem nada a ver com Mussolini ou Hitler, mas é um fascista americano. Por que se indigna? Porque a sociedade já não pode funcionar com mecanismos democráticos.

Seria, é claro, impermissível cair na histeria. O perigo de que a classe operaria seja superada pelos acontecimentos é indiscutível, mas só podemos combatê-lo se desenvolvemos enérgica e sistematicamente nossa própria atividade e impulsionamos consignas revolucionárias adequadas, não dando corda solta a nossas fantasias.

A democracia é o governo dos grandes financeiros. Devemos compreender bem o que Lundberg nos ensinou com seu livro: que sessenta famílias governam os EUA. Como? Até hoje, com meios democráticos. São uma pequena minoria rodeada de camadas medias,

---

48 *O tacão de ferro* é a mais notável das novelas socialistas de Jack London, publicada no início de 1908. Pavorosamente profética em sua descrição das insurreições operárias e do fascismo. O argumento da novela é a descoberta e publicação no quarto século da era socialista de um documento inacabado, escrito em 1932, que descreve o esmagamento do movimento operário americano e das liberdades durante o período 1912-1932, pelo que hoje chamaríamos de um regime fascista. Em 1932, quando de repente termina o manuscrito, o regime fascista conhecido como “o tacão de ferro” esmagou o primeiro levante dos operários. Mas secretamente se está planejando outro.

pequena burguesia e operários, mas tem que interessar as camadas medias em sua sociedade. Não pode deixar que se desesperem. O mesmo acontece com os trabalhadores, especialmente as camadas mais altas. Se conseguem ganhar sua oposição às mudanças, ficam rompidas as possibilidades revolucionarias das camadas baixas. Não há outra maneira de fazer funcionar a democracia.

O regime democrático é a forma mais aristocrática de governar. Só é possível em um país rico. Cada democrata britânico tem nove ou dez escravos trabalhando nas colônias. A antiga sociedade grega era uma democracia escravista. O mesmo se pode dizer, de certa forma, da democracia inglesa, holandesa, francesa, belga. Formalmente os EUA não tem colônias, mas tem a América Latina. De certo modo todo o planeta é uma colônia americana. Contam ainda com um passado carente de toda a tradição feudal. São um país historicamente privilegiado. Mas os países capitalistas privilegiados diferem das nações capitalistas mais “párias” só do ponto de vista do atraso. Itália, a nação mais pobre dos países capitalistas, foi a primeira a se tornar fascista. Alemanha veio em segundo lugar, porque não possuía colônias nem países ricos satélites. Todos os demais caminhos lhe estavam vedados. Por seu lado, a classe operaria se mostrou incapaz de substituir a burguesia. Agora chegou a vez dos EUA, inclusive antes que a da Grã-Bretanha e França.

O dever de nosso Partido é se dirigir a todos os trabalhadores americanos e bombardeá-los um e outra vez até que compreendam a situação dos EUA, que não é uma crise conjuntural, senão uma crise social global. Nosso Partido pode desempenhar um papel muito importante. Para um Partido jovem imerso em um ambiente carregado de tradições e hipocrisias é difícil lançar uma consigna revolucionaria. Nos dirão que “isso é uma fantasia”, que “é inadequado para a América”, mas pode acontecer que a situação tenha mudado quando forem divulgadas as consignas revolucionarias de nosso programa. Alguns rirão. Mas a coragem revolucionaria não consiste só em ser fuzilado, senão também suportar as gozações de pessoas estúpidas que se encontram em maioria. No entanto, quando um deles for vítima de uma sova orquestrada pelo bando de Hague, pensará que é bom ter um piquete de autodefesa e mudará sua atitude irônica.

PERGUNTA: Mas acaso a ideologia dos trabalhadores não é parte dos fatores objetivos?

TROTSKI: Para nós, como minoria, tudo é objetivo, inclusive o estado de ânimo dos trabalhadores. Mas temos que analisar e distinguir entre aqueles elementos da situação objetiva cuja transforma-

ção depende de nossa atuação e aqueles que não. Por isso dizemos que o programa se adapta aos dados fundamentais e estáveis da situação objetiva e que nossa tarefa consiste em adaptar a mentalidade das massas àqueles dados objetivos. Adaptar sua mentalidade é uma tarefa pedagógica. Devemos ser pacientes etc. A crise da sociedade é a base de nossa atividade. A consciência política em um cenário que devemos mudar. Temos que dar uma explicação científica da sociedade e expô-la com clareza às massas. Essa é a diferença entre marxismo e reformismo.

Os reformistas tem bom olfato para adivinhar quais são os desejos de seu auditório. Assim, Norman Thomas, se dobra a eles. Mas isso não é uma atitude revolucionária séria. Devemos ter a valentia de sermos impopulares, de dizer “sois uns cretinos”, “sois estúpidos”, “os traem” e de quando em quando, em meio a um escândalo, lançar apaixonadamente nossas ideias. De quando em quando tem que agitar para o trabalhador e a seguir voltar a agitar-lhe. Tudo isso pertence à arte de dar-lhe explicações à propaganda. Mas uma propaganda científica, que não faz concessões ao estado de ânimo das massas. Nós somos os mais realistas, porque levamos em conta dados que nem a eloquência de Norman Thomas pode mudar. Se alcançamos um êxito imediato, nadaremos a favor da corrente das massas. Essa corrente é a revolução.

PERGUNTA: As vezes penso que nossos dirigentes não se colocam esses problemas.

TROTSKI: Talvez se deva a que uma coisa é compreendê-los e outra é senti-los com o corpo inteiro. Agora temos que nos convencer da necessidade de mudar nossa política. É uma questão que não importa só às massas, senão também ao Partido. E não só ao Partido, senão também aos seus dirigentes. Temos tido discussões, diferenças. É impossível chegar a uma mesma postura simultaneamente. Sempre aparecem fricções não só inevitáveis, senão inclusive necessárias. O motivo deste programa foi provocar esta discussão.

PERGUNTA: Quanto tempo devemos conceder aos dirigentes para abordar esta discussão?

TROTSKI: É difícil fixar. Dependerá de muitos fatores. Não podemos conceder-lhes muito tempo pois chegou a hora de emprender uma nova orientação. Nova e velha por sua vez. Se baseia em toda nossa atividade passada, ainda que agora se abra um novo capítulo para o qual temos de mobilizar todas nossas forças, com uma atitude mais enérgica. O importante, uma vez que o programa tenha sido finalmente elaborado, é que conheçamos muito bem as

consignas e saibamos manejá-las habilmente, de forma a que se empreguem simultaneamente as mesmas consignas em cada lugar do país. Três mil pessoas podem dar a impressão de ser quinze ou cinquenta mil.

PERGUNTA: Há companheiros que teoricamente pode estar de acordo com este programa, mas contamos com camaradas experimentados para levar suas consignas às massas? Teoricamente estou de acordo, mas o que fazer com os trabalhadores atrasados de meu sindicato?

TROTSKI: Nosso Partido é um Partido da classe trabalhadora americana. Tens que levar em conta que nos EUA não houve um forte movimento proletário, para não falar de uma potente revolução proletária. Em 1917 não teríamos ganhado, se antes não tivesse havido um 1905. Minha geração era muito jovem. Durante doze anos tivemos uma oportunidade memorável para refletir sobre nossas derrotas, aprender a corrigi-las e ganhar. Mas, mesmo então, voltamos a perder frente aos novos burocratas. Esse é o motivo pelo qual não podemos saber se nosso Partido conduzirá a classe operaria americana diretamente à vitória. É possível que os trabalhadores americanos, que são patrioteiros e cujo nível de vida é elevado, protagonizem revoltas e greves. De um lado estará Hague; do outro Lewis. Isso pode durar um longo período, anos e anos. Durante esse tempo nossa gente se temperará, ganhará confiança em si mesma e os trabalhadores dirão: “são os únicos capazes de encontrar a solução”. Só a guerra cria heróis. Para começar contamos com elementos excelentes, educados conscienciosamente, um bom Estado-maior não muito pequeno. Em termos gerais sou muito otimista. Por outro lado, acho que a mudança de mentalidade dos trabalhadores americanos acontecerá em um ritmo muito acelerado. O que fazer? Está todo mundo intranquilo, buscando novidades. É uma situação muito favorável para a propaganda revolucionária.

Não devemos só levar em conta os elementos aristocráticos, senão principalmente as camadas mais pobres. Os trabalhadores americanos cultos tem pontos a favor e pontos contra: por exemplo, sua afeição aos esportes ingleses. Os esportes são muito bons, mas por sua vez servem para desmoralizar os trabalhadores. Toda sua energia revolucionária é consumida nos esportes. Os esportes foram cultivados pela Grã-Bretanha, o mais inteligente dos países capitalistas. O esporte deveria estar nas mãos dos sindicatos, como parte da formação revolucionária. No entanto, boa parte da juventude e das mulheres carecem de possibilidades econômicas para eles. Devemos

nos dotar de tentáculos para penetrar em todos os lados, chegando até os extratos mais profundos.

PERGUNTA: Acho que o Partido experimentou grandes progressos desde a última convenção.

TROTSKI: Levou a cabo uma mudança de orientação muito importante. Agora temos que usar esta arma de forma coerente. Uma agitação geral e dispersa não entra na mente de quem carece de formação. Mas se repetimos as mesmas consignas, adaptando-as à situação, então a reiteração, que é a mãe da educação, atuará também na política. Frequentemente acontece que não somente o intelectual, senão também o trabalhador acha que todos compreendem o que ele aprendeu. Mas é necessário repetir as consignas com insistência, diariamente e em todas as partes. Essa é a finalidade do projeto de programa: oferecer uma impressão homogênea.

# A

ATUALIZAÇÃO PROGRAMÁTICA

# Em relação à “inevitabilidade” do socialismo: O que realmente disseram Marx e Engels

Jan Talpe

Em dois artigos sobre a “inevitabilidade” do socialismo <sup>49</sup>, se discute em primeiro lugar quem disse ou não disse tal ou tal coisa, com o risco de passar por cima do que realmente disseram nossos mestres. E, ademais, dizem por Marx e Engels o que estes não disseram, como veremos.

## O fio da meada dos processos econômicos, até agora...

“Para elaborar nosso programa devemos partir do Manifesto [do Partido] Comunista”. <sup>50</sup> E ninguém coloca em dúvida a magistral exposição dos autores sobre a importância decisiva dos processos econômicos. No entanto, convém ver um pouco melhor onde os autores do Manifesto querem chegar com essa elaboração.

Desde a primeira frase do primeiro capítulo fazem a distinção entre como foi até agora e como é de agora em diante. “A história de toda a sociedade *até nossos dias* é a história de lutas de classes” <sup>51</sup> Seguem exemplos da multiplicidade de classes que se enfrentam entre si em cada uma dessas sociedades, <sup>52</sup> cada vez com “opressores e oprimidos”. E essa luta “acabou cada vez em uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou no afundamento coletivo das classes em

---

<sup>49</sup> *Marxismo Vivo Nova Época*, nº 5 pags. 37 – 68. Citamos esses textos adiante como “MV5”

<sup>50</sup> MV5, pág. 37

<sup>51</sup> Os destacados nas citações do *Manifesto* são meus.

<sup>52</sup> “Na Roma antiga patrícios, cavaleiros, plebeus e escravos; na idade média senhores feudais, vassallos, mestres e oficiais dos grêmios, servos da terra; sem contar os distintos estamentos em praticamente cada uma destas classes.”

luta”. Um caso particular da “transformação revolucionaria de toda a sociedade”, como resultado dessas lutas, é a da “sociedade moderna burguesa que se alça sobre as ruínas da sociedade feudal”.<sup>53</sup>

Não é que com isto acabaram os antagonismos de classe, mas **agora** “se simplificaram”, Se na sociedade feudal havia varias “classes em luta”, entre elas “vilões de onde brotaram os primeiros elementos da burguesia”, *agora* “a sociedade inteira se divide cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes, antagônicas entre si: burgueses e proletários”.<sup>54</sup> E isto tem consequências importantes.

A burguesia surge – como nas sociedades anteriores – de “transformações radicais operadas no sistema de troca e de produção”. E o Manifesto esclarece de que maneira aconteceu. “*Até agora* todos os movimentos sociais foram movimentos desencadeados por uma minoria ou no interesse de uma minoria” e uma minoria das classes dominadas podia por sua vez explorar outros setores entre os explorados e conseguir em seu benefício o apoio de uma minoria na classe dominante graças a suas invenções, seus avanços na produtividade. Em particular “o servo da terra se tornou membro da comuna e o vilão se converteu em burguês sob o jugo do absolutismo feudal”. Isto faz com que “*a cada etapa* de avanço percorrida pela burguesia corresponda uma nova etapa de progresso político”. E o resultado final é que “se conquista a hegemonia política e cria o Estado moderno representativo”.

### ... e de agora em diante

Até agora uma nova sociedade (burguesa) pode nascer no interior da velha (feudal). *Mas agora isto acabou*. Depois de ter enfatizado o caráter progressista da “transformação revolucionaria de toda a sociedade” pela burguesia, Marx e Engels mostram, como conclusão final do primeiro capítulo do Manifesto de seu partido, como as contradições inerentes a esse novo modo de produção *impedem que uma nova sociedade, socialista, nasça no interior da anterior, burguesa*, ao contrario do caso das “sociedades até hoje”.

---

53 Moreno aponta essa possibilidade de “afundamento coletivo” em *Revoluções do século 20* (1984), cap. 3: “Quando acontece este choque entre o desenvolvimento das forças produtivas e a velha estrutura social, se abre para a humanidade uma época revolucionaria [...] Na história nem sempre acontecem essas épocas revolucionarias. Houve sociedades, como o mundo antigo ou escravista que frearam o desenvolvimento das forças produtivas mas não foram revolucionadas por classes mais avançadas. Nesses casos o velho sistema decaiu, degenera e toda a sociedade retrocede”

54 É o que justifica o título do primeiro capítulo: “Burgueses e proletários”.



Na sociedade burguesa não há mais essas minorias dominadas que podem se emancipar às custas de outros setores dominados, há só “duas grandes classes, antagônicas entre si: burgueses e proletários”. Agora “o operário moderno, longe de melhorar sua condição com o avanço da indústria, afunda cada vez mais abaixo das condições de sua própria classe”. Agora “o movimento proletário é o movimento autônomo da maioria absoluta no interesse da maioria absoluta”. Agora “o avanço da indústria [...] substitui o isolamento dos operários em concorrência por sua união revolucionária através da associação”. O que faz a com que a burguesia “produza antes de mais nada seus próprios coveiros”.

Agora tampouco há a possibilidade de afundamento coletivo e de uma volta atrás na roda da história.<sup>55</sup> O afundamento da burguesia e a vitória do proletariado são dois lados da mesma moeda, são igualmente inevitáveis (gleich unvermeidlich). É por isso que Marx e Engels concluem que “tanto o afundamento da burguesia como a vitória do proletariado são inevitáveis” para qualquer desenvolvimento posterior das forças produtivas.

### **Uma conclusão importante para hoje**

O resultado de tudo isso é que enquanto a burguesia podia desenvolver o modo de produção capitalista no interior da sociedade feudal e **depois** tomar o poder, o proletariado deve tomar o poder **antes** de poder começar a desenvolver seu modo de produção. A burguesia se desenvolve “até que, por último, implantada a grande indústria e abertos os caminhos do mercado mundial, conquista a hegemonia política e cria o Estado moderno representativo.” Enquanto que “proletários só podem conquistar para si as forças sociais da produção abolindo o regime aquisitivo a que se encontram sujeitos e com ele todo o regime de apropriação da sociedade”. Depois que os proletários modernos tomam o poder “o socialismo se faz por decreto”, como dizia Moreno.<sup>56</sup>

Dai vem a tarefa para os comunistas, desenvolvida depois no segundo capítulo do Manifesto: 1) construção do proletariado como

---

55 Marx e Engels descartam “os elementos das classes medias, o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão, o lavrador” para ocupar esse papel agora, já que são “conservadores, mais ainda, reacionários, pois pretendem voltar atrás a roda da história”

56 MORENO, Nahuel, *Escola de quadros – Venezuela, 1982*. Em seu livro *A ditadura revolucionária do proletariado* (1979), Moreno explica que “...aquilo que conseguiu a burguesia – poder efetivo antes do governo – é inacessível para a classe operária”.

classe; 2) derrubar a dominação da burguesia; 3) conquista do poder político pelo proletariado.

Essa importante conclusão do Manifesto não aparece na polêmica. E é precisamente nisto – muito mais que em uma “definição” sobre a “inevitabilidade”<sup>57</sup> – que “a ‘teoria’ é submetida aos interesses materiais”,<sup>58</sup> em particular “hoje, frente aos processos do leste”,<sup>59</sup> pelos novos renegados, dignos herdeiros de Kautsky e Stalin.

### **Leiamos o Manifesto**<sup>60</sup>

Para começar, Martín não cita corretamente essa famosa primeira frase do primeiro capítulo do Manifesto: “A história de toda a sociedade até a de nossos dias é a história de lutas de classes”.<sup>61</sup> Troca a expressão “a história *de lutas* de classes” por “a história *da luta* de classes”.<sup>62</sup> É um detalhe importante, porque em relação às sociedades anteriores, o Manifesto fala de uma multiplicidade de classes com suas lutas. Francesco e Ricardo, por seu lado, opinam que Marx estaria dizendo que, assim como nas lutas do passado, *também a luta entre proletariado e burguesia* pode acabar “ou [com uma] transformação revolucionária de todo o sistema social ou [com o] extermínio de ambas as classes beligerantes”.<sup>63</sup> Acontece que a tese dos autores do Manifesto é justamente de que a luta entre proletariado e burguesia *já não é* como nas lutas do passado.

Os companheiros devem ter se confundido com os erros de tradução, mas com relação às lutas do passado, o Manifesto não fala de um “extermínio de ambas as classes” – cabe a pergunta: extermínio por obra de quem? – senão de um “afundamento coletivo das [múltiplas] classes em luta”.<sup>64</sup> Falar de *ambas* as classes, nas lutas do passado,

---

57 MV5, pág. 37 – A “enorme confusão ideológica” que acompanhou os acontecimentos do leste não foi “alimentada por uma definição de Marx e Engels”. Foi alimentada pela interpretação que a burguesia conseguiu impor na consciência em relação à restauração. Foi alimentada, não pela tese da vitória inevitável do socialismo, senão pela tese de que o socialismo não servia; não pela tese da destruição inevitável do capitalismo, senão pela tese de que o capitalismo era a única possibilidade.

58 MV5, pág. 58.

59 MV5, págs. 44-45.

60 Como dizem os companheiros Francesco e Ricardo, MV5 pág. 49.

61 *Die Geschichte aller bisherigen Gesellschaft ist die Geschichte von Klassenkämpfen*. Tem que ter cuidado com as traduções do *Manifesto* em espanhol oferecidas na internet, frequentemente com falhas grosseiras.

62 MV5, pág. 43.

63 MV5, pág. 49.

64 “einen Kampf, der jedesmal mit einer revolutionären Umgestaltung der ganzen Gesellschaft endete oder mit dem gemeinsamen Untergang der kämpfenden Klassen”.

é um erro crasso, já que é recém “em nossa época” que, para Marx e Engels, “a sociedade inteira se divide cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes.”

Os companheiros Francesco e Ricardo falam muito corretamente que “se podemos falar de ‘determinismo’ em relação ao marxismo, é só e exclusivamente neste sentido: [...] que as estruturas determinam – em ultima instancia – as superestruturas.<sup>65</sup> Mas a coisa não termina aí. Para os autores do Manifesto, isso era assim também nas “sociedades até hoje” e havia então as duas possibilidades: transformação revolucionária ou afundamento coletivo. Mas os dois jovens autores de 1848 agregam essa conclusão muito importante: agora esse fio da meada vermelho dos processos econômicos toma uma forma distinta, de tal maneira que a sociedade socialista não pode amadurecer no interior da anterior, o que implica que o proletariado deve tomar o poder **antes** de poder realizar a sociedade socialista.

### “Socialismo ou barbárie”

Esta expressão chega a ser central na polêmica, mas cabe esclarecer que, contrariamente ao que se afirma,<sup>66</sup> a expressão não se encontra tal e qual nem na obra citada de Karl Kautsky nem na de Rosa Luxemburgo. Para ambos a alternativa é: *avançar* (ao socialismo) ou *regressar* (à barbárie). O capitalismo leva “inevitavelmente” a uma *regressão*, uma perda do conquistado pela burguesia em sua vitória revolucionária sobre o feudalismo. E o socialismo é a única possibilidade para que as forças produtivas possam de novo *seguir avançando*.<sup>67</sup>

Marx e Engels em 1848 já profetizavam essa *regressão à barbárie* pela “rebelião das modernas forças produtivas contra o sistema vigente de produção, contra o sistema da propriedade, que são as condições de existência da burguesia e de sua dominação. [...] A sociedade se vê *retraída* repentinamente a um estado de *barbárie* momentânea [...] As armas com as quais a burguesia esmagou o feudalismo se dirigem contra a própria burguesia.”<sup>68</sup>

Para Kautsky, em 1892, “querer ficar a qualquer custo na civilização capitalista é impossível; ou *se avança* para o socialismo ou *se*

---

65 MV5, pág. 64

66 MV5, pág. 61; MV5 pág.64

67 Em outro artigo, no mesmo número do *Marxismo Vivo* (pág. 28), Martin Hernandez também fala do socialismo como “A única alternativa para impedir que o imperialismo *faça retroceder* toda a sociedade em direção à barbárie.” Sublinhado meu.

68 É a única vez que a palavra *barbárie* aparece no *Manifesto*.

**regressa** para a barbárie”.<sup>69</sup> E para ele, a “barbárie” é, que dada a impossibilidade de qualquer desenvolvimento econômico posterior, “a sociedade atual apodrece, como aconteceu há dois mil anos com o império romano”.

Para Rosa, em 1915, o dilema é, mais que nunca, avançar ou regressar, “ou *a transição* ao socialismo ou *um regresso* à barbárie”.<sup>70</sup> Em plena guerra mundial a perda do conquistado, a barbárie, é – como já previam os autores do Manifesto – uma destruição sem precedentes de forças produtivas, “circunstancialmente, nesta guerra mundial – em que o triunfo do imperialismo leva ao aniquilamento da cultura – e definitivamente, quando esse período de guerras mundiais que começa agora vai seguir sem travas até suas ultimas consequências” E Rosa conclui que: “como Engels profetizou há uma geração, há quarenta anos, cabe a nós agora a escolha entre: o triunfo do imperialismo e o afundamento de qualquer cultura, como na Roma antiga; [...] ou o triunfo do socialismo, quer dizer, a atividade consciente de luta do proletariado internacional contra o imperialismo e seu método: a guerra.”

Para Rosa, ao contrario do que dizem Francesco e Ricardo,<sup>71</sup> não é “quando o capitalismo tenha colapsado” que “se abrirão duas vias: ou a sociedade afundará posteriormente na barbárie ou avançará para o socialismo”. É agora (em 1915, em plena guerra) que “cabe a nós” aplicar “a atividade consciente” de resistir frente a avalanche de destruição massiva de meios de produção, própria da sociedade capitalista, que está ameaçando agora com “o afundamento de qualquer cultura” e a perda das conquistas.

Assim que “a verdadeira origem de ‘socialismo ou barbárie’”<sup>72</sup> não data nem de 1915, nem de 1892, senão de 1848.

O detalhe do raciocínio de Marx e Engels tem limitações, **já** apontadas por Trotski.<sup>73</sup> Mas isso não muda o fato de que a suposta “inevitabilidade” atribuída aos autores significa somente uma limitação objetiva do modo de produção capitalista. O mais importante não é saber a quem ocorreu primeiro falar de inevitabilidade senão a con-

---

69 “Ein Beharren in der kapitalistischen Zivilisation ist unmöglich; es heißt entweder vorwärts zum Sozialismus oder rückwärts in die Barbarei”. Karl Kautsky, *Das Erfurter Programm*, 1892 – IV- Der Zukunftsstaat – §6. Der Aufbau des Zukunftsstaates. Destacado meu.

70 “Entweder Übergang zum Sozialismus oder Rückfall in die Barbarei”, Rosa Luxemburgo, *Die Krise der Sozialdemokratie*, 1915 – Teil I. Destacado meu.

71 MV5, pág. 61.

72 Idem.

73 TROTSKI, Leon. “Noventa anos do *Manifesto comunista*”. (1937)

clusão que os jovens autores de 1848 tiram: que essa limitação objetiva *impede que seja constituída uma nova classe dominante no interior da anterior*, e que, portanto, *os proletários devem tomar o poder*, para poder começar a construção de um novo modo de produção, o socialismo. Isto é o que escamoteiam os novos “teóricos” do socialismo,<sup>74</sup> e que é válido mais que nunca “depois dos processos do leste”, porque hoje, como já em 1848, há fundamentalmente duas grandes classes antagônicas: burgueses e proletários.

### **O que sim muda: a inversão das relações causais**

Em seu *Atualização do Programa de Transição*, Moreno formula a lei da inversão das relações causais: Em relação às grandes épocas históricas e o desenvolvimento normal das sociedades, o marxismo sustentou que o fio da meada vermelho que explica todos os fenômenos são os processos econômicos. Mas em uma época revolucionária e de crise, essa lei geral tem uma refração particular que inverte as relações causais, transformando o mais subjetivo dos fatores – a direção revolucionária – na causa fundamental de todos os outros fenômenos, inclusive os econômicos.<sup>75</sup>

Marx e Engels colocaram a forma clara esse fio vermelho *dos processos econômicos* “em relação às grandes épocas históricas”. E ainda, tiraram o fio das “sociedades anteriores” até a sociedade capitalista e mostraram como toma uma nova expressão pelo fato de que uma nova sociedade, a socialista, não pode nascer no interior da velha. Com isto, sentaram também a base última da “refração particular que inverte as relações causais”, por mais que eles, vivendo na época reformista da era capitalista, não podiam percebê-lo como Trotski e Moreno.

Os limites inerentes ao modo de produção capitalista para o desenvolvimento das forças produtivas não se manifestam de imediato de forma absoluta. Em um primeiro momento, na época reformista, as forças produtivas podiam seguir crescendo sob a superestrutura burguesa. Mas chega um momento em que “a premissa econômica da revolução proletária [chega] ao ponto mais alto que seja possível alcançar sob o capitalismo. As forças produtivas da humanidade param de crescer.”<sup>76</sup> E a conclusão a que chega Trotski é que “A situação

---

74 Veja Thomas Piketty, *Le Capital au XXIe siècle*, 2013. Piketty reconhece não ter lido nenhuma linha da obra de Marx, apesar do título de seu livro. Veja *Le Monde Diplomatique* de abril de 2015.

75 MORENO, Nahuel. *Atualização do Programa de Transição*, 1980, Tese II.

76 TROTSKI, Leon. *Programa de transição*, 1938.

política mundial do momento [1938] se caracteriza, antes de tudo, pela crise histórica da direção do proletariado.”<sup>77</sup>

### **“O resultado depende da luta de classes”**

“Eu não acredito que seja inevitável o triunfo do socialismo. Acho que o resultado depende da luta de classes, na qual estamos imersos. E que, então, o indispensável é lutar, lutar com raiva para triunfar. Porque podemos triunfar. Não há nenhum Deus que tenha decretado que não podemos fazê-lo”. Assim dizia Moreno.<sup>78</sup>

Mas isso não muda que Moreno repetidamente manifestava sua “confiança no movimento operário”, seu otimismo de que o proletariado saberá cedo ou tarde, vencer as dificuldades e obter a vitória sobre a burguesia.

No parágrafo que precede a referência à barbárie, Kautsky discute com os que elaboram fantasias sobre um “possível” Estado do futuro e diz: “O que, pelo contrario, foi demonstrado [pela social democracia] como inevitável não só se demonstrou possível, como a única coisa possível.” É este “o determinismo econômico” que Lenin não vê como um erro, ao contrario do companheiro Martín.<sup>79</sup>

Trotsky retoma a mesma ideia de Kautsky, na citação colocada por Martín: “As elucubrações de certos intelectuais segundo os quais, em desmerecimento da teoria de Marx, o socialismo não é inevitável senão apenas possível, estão desprovidas de todo conteúdo.”<sup>80</sup> E apesar de que, na linha seguinte, Trotsky esclarece que “Marx não quis dizer que o socialismo se realizaria sem a intervenção da vontade e da ação do homem”, Martín conclui que isto prova que Trotsky adere à suposta tese de Marx e Engels sobre o determinismo histórico (a vitória “garantida de antemão”). O argumento é que “Marx não duvidava que a classe trabalhadora, ao custo de erros e de derrotas, chegaria a compreender a verdadeira situação e, cedo ou tarde, chegaria às conclusões praticas necessárias”. Ai se vê como Martín interpreta a “inevitabilidade” do socialismo para superar os limites históricos inerentes ao modo de produção capitalista e a confiança nas forças do proletariado para assumir o desafio, como um determinismo histórico, apesar de todos os chamados à luta e os esforços empregados

---

77 A primeira sentença do *Programa de transição*

78 Esta frase é citada na biografia escrita por Pedro Rojas por ocasião do décimo aniversario da morte do dirigente: <https://www.marxists.org/espanol/moreno/biografia2.htm>

79 MV5, pág. 44.

80 MV5, pág. 42.

por nossos mestres na mesma, incompatíveis com qualquer perspectiva determinista.

Toda luta implica a possibilidade de perder. As circunstâncias concretas em cada momento são essenciais para estimar as possibilidades concretas de ganhar, assim como as consequências de uma eventual derrota. E cada derrota nos coloca o desafio de **começar de novo**, ainda que, em geral, não devamos recomeçar do zero.

As circunstâncias nas quais escreveram Marx e Engels não lhes permitiam, por exemplo, prever a importância das classes intermediárias e a possibilidade do capitalismo evitar a concentração do proletariado em grandes fábricas, mediante a terceirização. Seu otimismo em relação à iminência de uma revolução socialista não foi confirmado. Mas *esse otimismo não foi um determinismo*.

Trotsky contava, por muitos anos, com uma regeneração da Terceira Internacional burocratizada, mas *seu otimismo não foi um determinismo*. E teve que *começar de novo*, com a fundação da Quarta Internacional.

Moreno estava convencido, até o final de sua vida, de que uma revolução política nos Estados operários burocratizados iria triunfar e não se cansava de apontar indícios neste sentido. Este *otimismo* teve um peso que não pode ser desprezado na dificuldade da LIT em fazer frente às mudanças surgidas no mundo com a restauração capitalista. Mas *não foi um determinismo*. Moreno estava bem consciente da conhecida alternativa formulada por Trotsky. Só que, depois da queda do Muro de Berlim, custou à LIT o *começar de novo*.

Existiu um partido da LIT no país mais poderoso da Europa, Alemanha, mas foi sepultado em baixo dos escombros da queda do muro de Berlim. Tivemos que começar de novos, e perdemos. Mas a tarefa fica. E hoje mesmo estamos tentando outra vez *começar de novo*.

Fica em aberto inclusive a possibilidade de uma quarta época <sup>81</sup> na era capitalista, antes de chegar à superação do capitalismo pela tomada do poder pelo proletariado e a realização do socialismo em todo o planeta. Seria uma época à qual podemos dar o nome de barbárie no sentido de que seria de extrema exploração brutal do proletariado pela burguesia – um sentido diferente do termo utilizado pelo Manifesto, Kautsky e Rosa, porque não seria uma volta para trás. <sup>82</sup> Mas não seria uma “nova sociedade saída das entranhas da

81 Não confundir com a quarta etapa em curso da terceira época atual do capitalismo

82 Moreno utiliza a expressão neste sentido: A possibilidade de que “o capitalismo mude e consiga uma nova forma de exploração [...] historicamente não está descartada [...] Por isso falamos de barbárie. [...] uma nova sociedade de classes, pior que o capitalismo, baseada em formas de trabalho semi escravistas”. (Conversações sobre

anterior”, como alternativa ao socialismo para fazer crescer de novo as forças produtivas. Tampouco seria um afundamento coletivo das classes em luta. Porque mais que nunca, há só “dois grandes campos inimigos”. Seria uma vitória brutal, histórica, de uma classe sobre a outra, no interior do mesmo modo de produção capitalista. E neste caso também teria que *começar de novo*, em uma luta duríssima para tirar a humanidade desta barbárie, porque a necessidade para a imensa maioria da humanidade permanecer e a contradição inerente ao sistema continuaria existindo.

Está excluída completamente a possibilidade do “afundamento coletivo” das duas classes atuais em luta, na história, definitivamente? Não está! Mas agora não seria nem sequer uma volta para trás. Seria o holocausto. “Socialismo ou holocausto [...] é a mesma antinomia [que socialismo ou barbárie], mas em um plano qualitativamente superior, porque significa que a alternativa ao socialismo não é, como antes, um retrocesso ao barbarismo, com a devastação de países e civilizações – como aconteceu nas duas guerras mundiais – senão a destruição simples e plena da humanidade, o desaparecimento da vida animal e vegetal da terra.”<sup>83</sup> O afundamento coletivo desta vez de *ambas* as classes, seria então, como dizia Don Rodrigo, “por falta de combatentes”<sup>84</sup>, a única maneira de excluir definitivamente qualquer “começar de novo”. E em relação a nós, para impedi-lo: “o indispensável e lutar, lutar com raiva para triunfar”.

---

trotskyismo -1986). Para Moreno “a barbárie [é] um novo regime de escravidão como continuidade do sistema imperialista”. (*Atualização do Programa de Transição*, 1981 – tese 40) Veja também a citação de Martín Hernandez, MV5, pág. 43.

83 MORENO, Nahuel. *Conversações sobre trotskyismo (1986)* cap. 1

84 “Et le combat cessa, faute de combattants” [“E o combate cessou por falta de combatentes”] é uma expressão celebre da peça de teatro *Le Cid* de Pierre Corneille, criada em 1637.



# De novo falamos sobre a “inevitabilidade” do socialismo: Porque Marx, Lenin e Trotski não têm nada a ver com esta teoria

Francesco Ricci

A polêmica sobre o tema de “inevitabilidade” do socialismo, se este conceito estivesse presente em Marx como defende Martín Hernández ou se pertenceria ao marxismo degenerado (desde Kautsky até Stalin) como defendi junto com Ricardo Ayala, continuou além desta revista (*Marxismo Vivo* nº 5 e 6) também como parte do debate de programa que a LIT está fazendo de maneira publica.

## 1. É necessário definir a posição que se quer apoiar

Para que o debate possa se desenvolver de modo útil é necessário que o camarada Hernández e os camaradas que apoiam sua posição sobre este tema esclareçam que tese pretendem apoiar. No debate apoiaram teses em contradição com aquela defendida no artigo de Hernández que deu origem a esta polemica (“Sobre a ‘inevitável’ vitória do Socialismo,” *Marxismo Vivo*, 5/2015).

No artigo Hernández argumenta aquela que, para ser breve, chamarei de Tese Um. Esta defende: primeiro, a concepção da inevitabilidade é expressa “frequentemente nas obras dos autores do Manifesto”; segundo, “estas afirmações (...) eram toda uma concepção” de Marx que ele conscientemente reivindicava; terceiro, que “esta concepção (...) impregnou o marxismo por mais de cem anos”; quarto, que só Rosa Luxemburgo rompe esta concepção, em 1915; quinto, que Rosa Luxemburgo foi a primeira a conceber a alternativa “socialismo ou barbárie” que era completamente desconhecida de Marx e Engels já que eram partidários da “inevitabilidade do socialismo”; sexto, que Lenin “até o final de sua vida defenderia,

uma e outra vez, a ideia de que o socialismo e o comunismo triunfariam inevitavelmente”; sétimo, que Trotski “assim como Lenin sempre defendeu a tese de Marx [da inevitabilidade]”; oitavo, que esta tese de Marx não elimina a ação dos homens “mas disse que, a partir das leis da economia, a ação dos homens (trabalhadores) levaria, inevitavelmente, o mundo ao socialismo”; nono, que esta tese de Marx e Engels “é contraditória com a própria concepção elaborada por eles”; décimo que “haveria em Marx um ‘determinismo econômico’ e essa seria a principal causa do erro, para mim” (escreve Hernández).

Já nesta tese há uma contradição entre as afirmações nona e décima: se há um “determinismo econômico” em Marx (décima) não seria verdade que a inevitabilidade entra em contradição com a teoria marxista (nona), visto que o determinismo mecanicista é o pai legítimo do conceito de inevitabilidade. Em nosso primeiro artigo demonstramos, não com uma lista de citações senão analisando rapidamente os elementos principais do trabalho de Marx, não só que não existe a concepção de inevitabilidade (existe a palavra) senão, ademais, que o trabalho literário e político de Marx e Engels se construiu contra esta concepção.

Opino que nossa demonstração foi suficiente para dissipar qualquer mal entendido sobre este ponto, mas durante o debate alguns companheiros (e o próprio Hernández) se empenham em apoiar uma nova tese, que chamaremos tese dois. Esta admite (contrariamente à tese um) que a inevitabilidade não é “toda uma concepção” de Marx, derivada de seu suposto “determinismo econômico” senão só um conceito que aparece as vezes em alguns textos. Os partidários desta segunda tese afirmam então que o artigo com o qual respondemos Hernández seria inútil porque nos esforçamos para provar que não há uma teoria similar permanente em Marx, enquanto Hernández queria dizer que esta teoria aparece de forma intermitente e, por isso, gera uma contradição no pensamento de Marx. Enfim, existe uma terceira tese, que é apoiada por vários “defensores” da posição de Hernández (que, na realidade, desmentem involuntariamente sua tese). Poderia ser resumida assim: não há uma contradição de conceitos em Marx, senão só uma contradição em algumas formulações equivocadas. Chamarei esta posição de tese três: a tese de quem reduz este debate que estamos fazendo ao problema de algumas palavras “ambíguas”.

## **2. Sobre a Tese Um, em resumo**

Grande parte do artigo precedente, escrito junto com Ayala, responde – creio que de maneira suficiente e definitiva- a Tese Um. Remeto o leitor a este texto.

## **3. Sobre a Tese Dois e sobre Marx, Einstein e Ptolomeu**

Esta tese entra em contradição com a Tese Um. Ou Marx tinha uma concepção completa do socialismo como inevitável (e inclusive o reivindicava, segundo a tese Um) ou em sua teoria emerge aqui ou ali esta concepção. Deve ser excluído que a concepção da inevitabilidade seja em Marx permanente e consciente e, ao mesmo tempo, intermitente e inconsciente.

Em nosso primeiro artigo reconstruímos o sentido subjacente à concepção materialista da historia demonstrando não só que o conceito de inevitabilidade está em completa contradição com a teoria marxista senão que este conceito nunca aparece em Marx e, ademais, que em uma grande quantidade de textos (desde as Teses sobre Feuerbach de 1845) Marx combateu toda a concepção de inevitabilidade, exatamente porque combatia contra aquele “determinismo econômico” que Hernández lhe atribui.

Afirmar isto não significa argumentar que não há ou que não podem existir contradições no pensamento de Marx ou jurar sobre sua “infallibilidade”. Este argumento retórico, que Alicia Sagra repete quando escreve “as contradições existem, são parte da realidade e não podemos exigir de nossos mestres que não as tenham”, deve ser abandonado se não queremos discutir com sofismas. Ninguém está afirmando que Marx nunca se equivocou. Estamos dizendo que não cometeu este erro, que não há esta contradição.

Alicia Sagra escreve, se referindo a Ayala e a mim, que “os camaradas são conscientes que a definição da ‘inevitabilidade do socialismo’ existe no Manifesto, que se deve às condições particulares em que foi escrito, mas [opinam] que não se pode dizer que é uma contradição porque isto derrubaria a concepção materialista-dialética da historia. Não acho que ao raciocinar assim se esteja aplicando o materialismo dialético”. Na realidade, Alicia Sagra parece ignorar que no artigo precedente distinguimos entre a existência da palavra “inevitável e a concepção de inevitabilidade. É clara a diferença? E nunca afirmamos que a contradição existe, mas tem que mantê-la escondida: ao contrario, demonstramos que esta contradição não existe em Marx e, depois de ter demonstrado com uma grande quantidade de

argumentos, utilizamos como evidencia adicional a “reductio ad absurdum”, quer dizer, a redução ao absurdo, um método da lógica já em uso em tempos de Euclides, que, por certo a camarada conhece e que consiste em tomar por verdadeira uma premissa, comprovar a conclusão absurda, para depois demonstrar o absurdo da própria premissa.

Assim, demonstramos que se houve esta contradição (repito: esta) deveríamos renunciar a nos definir como marxistas, dado que não seria um erro de prognóstico (que Marx cometeu em grande número), senão que seria uma contradição que aniquilaria por completo a teoria marxista. O marxismo só ficaria como um residual pré-histórico no desenvolvimento da teoria socialista. Seria como se descobríssemos nos livros de Einstein alguns fragmentos nos quais defende a teoria geocêntrica, quer dizer, que o Sol gira ao redor da Terra, como reivindicava Ptolomeu. Se fosse certo que Marx defendeu simultaneamente a concepção “materialista” da história, centrada na dialética sujeito-objeto (unidade contraditória que se resolve na práxis revolucionária) e ao mesmo tempo, as vezes também na mesma página, defendeu também uma concepção do socialismo como “inevitável”, uma concepção produzida por um suposto “determinismo econômico”, deveríamos arquivar o marxismo como fizemos com o Almagesto de Ptolomeu, por mais brilhante que fosse seu autor.

#### **4. Sobre a Tese Três de um Marx “desentendido”**

Em seu artigo Hernández defende a Tese Um enquanto no debate passa à Tese Dois. Diversos camaradas, não conseguindo sustentar nem a Tese Um nem a Tese Dois, se localizaram em uma trincheira mais atrasada e apareceu a que chamarei Tese Três.

Em Marx não há – afirmam os partidários desta terceira tese – nem uma concepção completa e permanente da inevitabilidade nem uma concepção contraditória e intermitente da inevitabilidade. No entanto, acrescentam uma observação de aparente sentido comum, as frases que cita Hernández estão em Marx e, portanto (concluem com uma falácia) podem ser explicadas só admitindo que se trata de frases “infelizes” que Marx deixou escapar.

Mais abaixo veremos como se explicam estas supostas frases “infelizes”. Aqui no limitaremos a observar que se estes camaradas tivessem razão não estaríamos em uma situação mais fácil da que nos propõem os partidários das outras teses. Teríamos um Marx que tinha uma concepção materialista da história centrada na dialética

sujeito-objeto, excluindo, portanto qualquer concepção de inevitabilidade, mas, ao mesmo tempo, um Marx que, quando escrevia, as vezes deixava escapar de sua pluma algumas frases em contradição completa com sua teoria não contraditória, frases antimarxistas que não teria notado apesar de que Marx nunca publicou nenhum texto sem ter relido e modificado se fosse necessário.

## **5. Descartadas as três teses infundadas, resta Marx**

Eu diria que as três teses, que de alguma maneira atribuem a Marx a inevitabilidade, ademais de serem mutuamente excludentes não resistem à prova do raciocínio. De qualquer modo, para que o debate possa seguir sem confusão, seria bom que cada um escolha qual destas três teses quer apoiar e no possível que seja só uma por vez. Ou (e é o que recomendo) é melhor admitir que a inevitabilidade não pertence a Marx senão que é filha de Kautsky quando se tornou um renegado do marxismo.

## **6. O risco das citações fora de contexto**

Antes de esclarecer como se explica o “misterioso” surgimento em Marx de palavras que parecem aludir à inevitabilidade, vale a pena destacar que extrapolar frases de um texto e ignorar o contexto histórico no qual foi escrito pode dar espaço a graves erros de interpretação.

No *Marxismo Vivo* nº4, o camarada Hernández e outros (retomando uma afirmação de Moreno reivindicavam, por exemplo, a partir de uma frase do Manifesto, que em Marx existiria a concepção de um “partido único” (quer dizer, que não propõe um partido restrito só aos comunistas revolucionários). No mesmo numero da revista expliquei que ao estudar o contexto político no qual Marx escreveu o Manifesto, se encontra outra explicação para esta frase. Alegro-me ter descoberto que também David Riazanov, o mais profundo filólogo de Marx, tenha escrito em Notas aclaratórias (notas esclarecedoras) (sobre o Manifesto no Biografia do *Manifesto comunista*, Editorial México, 1949)

As palavras ‘os comunistas não formam um partido a parte dos demais partidos operários’ poderiam hoje dar origem a equívocos. Podia se acreditar, julgando por elas, e, de fato, assim alguns a interpretaram erroneamente, que Marx e Engels eram fundamentalmente resistentes à criação de um partido comunista que se enfrentasse com os demais partidos da classe operaria. No entanto, estas palavras podem ser interpretadas sem medo à luz das circunstancias históricas em que a Liga Comunista viveu.

Não repito aqui a explicação de Riazanov dado que coincide com a explicação que eu tinha dado naquele debate. Conteí este episódio porque nos proporciona uma lição metodológica sobre como tratar os textos.

As frases sobre a inevitabilidade que vem citadas como evidencia na tese de Hernández não são o resultado de uma contradição (nem permanente como afirma a Tese Um, nem intermitente como afirma a Tese Dois) e não são sequer lapsos de Marx (Tese Três). Simplesmente se explica conhecendo a luta que Marx e Engels estava levando contra as varias concepções utópicas do socialismo, um socialismo como projeto abstrato sem relação alguma com o desenvolvimento social: Marx e Engels demonstraram que o socialismo é historicamente determinado, que é uma necessidade histórica.

Não se trata de uma interpretação minha senão que Engels já tinha dado em varias cartas dos últimos anos, nas quais explica que ele e Marx tiveram que “tirar da corda” no sentido contrario ao que faziam as correntes reformistas com as quais estavam lutando. Uma explicação adicional de algumas palavras nos foram dadas, nos aspectos filológicos e terminológicos, pelo livro escrito por Michel Vadée (Marx, penseur du possible, Harmattan, 1998) onde se explicam os diferentes significados que Marx atribui a algumas palavras que foram mal interpretadas, como “leis”, “inevitabilidade”, socialismo “científico” etc. Palavras que muitas vezes foram também mal traduzidas alimentando controvérsias de quem reduziu o marxismo a um cientificismo (como Althusser) ou de outros (Popper) que inventaram um marxismo fatalista para desmontá-lo mais facilmente.

Alicia Sagra explica a (suposta) “contradição” na qual teriam caído Marx e Engels com a “influencia das ciências” de seu tempo, que os levaram a manifestar “alguns elementos de positivismo”. Hernández cita as “leis da economia”.

Mesmo admitindo (e não estou nada convencido) que há em Marx “alguns elementos de positivismo”, a companheira Sagra deveria explicar como a partir “alguns elementos” se teria gerado aquela que segundo Hernández seria “toda uma concepção” que a partir de Marx “impregnou o marxismo por mais de cem anos”. Quer dizer, deveria explicar se trata-se de algo que mudou qualitativamente o marxismo. E, neste ultimo caso, como podemos seguir reivindicando o marxismo.

Em relação a Hernández, deveria recordar que quando Marx fala de “leis” na economia, diferente de Ricardo e dos economistas burgueses, entende tendências historicamente determinadas,

portanto, fala de leis entre aspas, não comparáveis com as leis naturais. Quando Marx e Engels falam do fator econômico que é – em última instância – “determinante” estão falando das relações de produção que são relações sociais que as classes, com sua luta, combinam para determinar e nas quais não por casualidade tem um papel fundamental a violência, que dirige (em forma de revolução) o fluxo da história exatamente porque este fluxo não é “inevitável”

Para Marx o capitalismo é historicamente determinado e, portanto, é inevitavelmente destinado a falecer como todos os sistemas sociais anteriores, mas não pelo efeito de um “colapso” econômico ou por uma crise sem solução senão pelo efeito do desenvolvimento (socialismo) ou da degradação (barbárie) da sociedade. As revoluções são o auge a que periódica e inevitavelmente nos leva a inevitável luta entre as classes nas quais a sociedade está dividida. Aqui está o inevitável. Mas para Marx (como para todos nós) não é inevitável o socialismo. Ao contrário, se as massas dirigidas pelos marxistas não conseguem destruir o capitalismo, será o capitalismo quem levará a uma involução a humanidade inteira, o que levará à barbárie completa.

É Engels que esclarece (no Anti-Dühring) o que entende quando fala de “inevitabilidade” e também de “certeza” da vitória, explicando que é a sociedade capitalista (elemento esquecido pelos utopistas) que oferece o “empurrão propulsor” das revoluções e do socialismo que a partir dali pode surgir. Na mesma página na qual fala desta “certeza” do socialismo acrescenta que é uma certeza relativa, porque se os revolucionários não são capazes de fazer a revolução, o capitalismo levará a sociedade “para a ruína, como uma locomotiva cujo maquinista é demasiado débil para abrir a válvula de escape bloqueada”.

Marx e Engels trabalham com o conceito de “possibilidade real” (Hegel), quer dizer, de uma possibilidade que não é abstrata senão que é “potencialmente” concreta e historicamente determinada. E falam de socialismo “científico” como explica Marx (nos Comentários Críticos a Estado e Anarquia de Bakunin), “só em antítese com o velho socialismo utópico que pretende dar de beber às massas novas fantasias em vez de limitar sua ciência ao conhecimento do movimento social feito pelas próprias massas populares”. Observamos, então, que não há “elementos de positivismo”, dos quais fala a companheira Sagra.

## 7. Lenin e Trotski na luta contra a inevitabilidade

Hernández sustenta que Lenin e Trotski não teriam se contraposto à concepção da “inevitabilidade do socialismo”, e que, ademais, Trotski a teria defendido.

Para responder nos limitamos a reportar alguns textos que demonstram categoricamente como Trotski sempre se contrapôs ativamente a qualquer teoria de inevitabilidade e como utilizava esta palavra num sentido oposto àquele que lhe atribui Hernández.

O leitor poderá ver que não são frases tiradas do contexto, porque todo o contexto da obra de Trotski vai no sentido de rechaçar o conceito de inevitabilidade. Para se convencer disto tem só que pensar a teoria da revolução permanente baseada na “lei” do desenvolvimento desigual e combinado e sobre a negação das teorias do socialismo por etapas (e de “evolução natural” do socialismo); é difícil encontrar algo que com mais eficácia exclua e seja um contraste total e ativo com a teoria da inevitabilidade e qualquer “elemento de positivismo”.

Começemos com Lenin: sua redescoberta da dialética hegeliana (nos Cadernos Filosóficos), o rechaço de uma concepção causalista em favor da dialética causa-efeito, a polemica contra a redução feita por Kautsky do marxismo a um determinismo evolucionista é a base para compreender a degeneração da Segunda Internacional. É sobre esta base que se coloca a mudança de posição de Lenin sobre a “ditadura democrática dos operários e camponeses” e as Teses de Abril que armam a revolução de Outubro. Mas a Revolução de Outubro foi possível também porque em toda sua vida Lenin tinha lutado contra qualquer concepção da inevitabilidade. O que é na realidade a luta contra o menchevismo? E o que é a concepção de partido de vanguarda, que leva o socialismo “do exterior” ao desenvolvimento normal da luta de classes? Se a vitória do socialismo fosse o produto das leis econômicas que empurram inevitavelmente aos homens, não seria necessário construir o partido que leva o socialismo “de fora” ao combate cotidiano entre as classes. Como se pode escrever que Lenin não teria nunca se contraposto à concepção da inevitabilidade? Na realidade o fez não só Lenin senão o primeiro Kautsky (quando ainda era marxista): é com Kautsky que Lenin aprendeu que “o socialismo e a luta de classes surgem juntos, ainda que de premissas diferentes; não se derivam uma da outra.” E o que é esta afirmação (que está na base de toda a concepção de partido de Lenin) se não uma refutação ativa da ideia de que o socialismo seria o produto do empurrão inevitável que a “economia” impõe à ação humana?



Voltando a Trotski, sobre New International de dezembro de 1935 West (Burnham) critica Eastman que a partir da mesma passagem do Manifesto citada por Hernández chega às mesmas conclusões que Hernández sobre Marx. Burnham diz:

Acho que (...) Eastman se equivoca e que este erro surge por ter tirado algumas palavras de Marx fora do contexto”. Burnham explica que Marx concebe a “inevitabilidade” como o possível salto de qualidade das possibilidades inscritas no capitalismo, quando se determinam uma serie de condições necessárias e em particular aquela subjetiva. “A teoria da inevitabilidade entendida como o socialismo que inevitavelmente triunfará é típica não de Marx, senão do kautskismo antes e do stalinismo depois: quer dizer de todos os que eliminam a práxis revolucionaria<sup>85</sup>.

É interessante observar que a posição de Burnham foi discutida com Trotski. Trotski (assim afirma Burnham no “On the First Anniversary of Leon Trotski’s Death”<sup>85</sup>) teria se pronunciado completamente de acordo com ele.

Não podemos saber se Burnham (que depois abandonou o marxismo) disse a verdade sobre esta conversa: mas sabemos que Trotski (que escrevia sobre New International) não retificou depois da publicação do artigo, algo que certamente teria feito se tivesse considerado que as posições do marxismo tinham sido deformadas.

Para concluir, há alguns textos de Trotski que não deixam espaço para equívocos. Começamos com um extrato de Aonde vai a França? (1935):

Não há nenhuma crise que possa ser, por si própria, ‘mortal’ para o capitalismo. As oscilações da conjuntura criam somente uma situação na qual será mais fácil ou mais difícil para o proletariado derrotar o capitalismo. A passagem da sociedade burguesa à sociedade socialista pressupõe a atividade de pessoas vivas, que fazem sua própria historia. Não a fazem por sorte nem segundo seu gosto, senão sob a influencia de causas objetivas determinadas.

Até aqui parece que Trotski dizia que as “causas objetivas” dirigem inevitavelmente a ação dos homens (tese que Hernández atribui também a Marx). Mas depois agrega:

Se o partido operário, apesar das condições favoráveis, se revela incapaz de levar o proletariado à conquista do poder, a vida da sociedade continuará, necessariamente, sobre bases capitalistas até uma nova crise ou uma nova guerra; talvez até a derrubada completa da civilização europeia”. O que aconteceu com Trotski que, segundo Hernández, “assim como Lenin, sempre defendeu a tese de Marx [da inevitabilidade]?

---

85 [www.marxists.org/archive/shachtma/1941/08/Trotski2.htm](http://www.marxists.org/archive/shachtma/1941/08/Trotski2.htm)

Segundo Hernández, o conceito de “socialismo ou barbárie” seria alheio a Marx e nunca tinha sido usado – com o significado que lhe dá Rosa Luxemburgo – antes de Rosa. Trotski não está de acordo e afirma que é um conceito já presente “um numero incalculável de vezes” de Marx em diante. Não só isso, Trotski explica em que sentido é utilizada (por Marx e também por ele mesmo) a palavra “inevitável”

Em um de seus textos mais importantes, *Em defesa do marxismo* (1939), Trotski escreve: “A concepção marxista da necessidade histórica não tem nada a ver com o fatalismo. O socialismo não vai se realizar “por si próprio” senão que será o resultado da luta de forças vivas, classes e partidos. A vantagem crucial para o proletariado nesta luta é que ele representa o progresso histórico, enquanto que a burguesia encarna a reação e a decadência. Esta é a fonte de nossa fé na vitória [aqui encontramos a inevitabilidade mas em um sentido diferente de como a entende Hernández e segue com o parágrafo seguinte]. Mas temos o perfeito direito de nos perguntar: o que acontecerá se vencem as forças da reação? Os marxistas formularam um numero incalculável de vezes a alternativa: ou o socialismo ou a volta à barbárie.”

Repetimos: “um incalculável numero de vezes”, para Trotski (diferente de Hernández) não é de forma alguma uma “inovação” de Rosa Luxemburgo.

E em *Relação sobre o balanço do III Congresso da Internacional Comunista*, em 1921, Trotski explica o que os marxistas entendem quando falam de “inevitabilidade”. “Assim a burguesia e a classe operaria se encontram em uma situação que torna nossa vitória inevitável, não por certo em um sentido astronômico, no sentido da inevitabilidade do sol se por, senão inevitável em um sentido histórico, no sentido que, se nós não conseguimos a vitória, a sociedade inteira e a civilização inteira estarão condenadas. (...) Não, a historia parece dizer à vanguarda proletária (...) “Tens que saber que se não ganha e derrota a burguesia perecerá entre as ruínas da civilização. Tenta, portanto, realizar esta tarefa!”<sup>86</sup>

Talvez tivesse bastado esta afirmação de Trotski para demonstrar que Hernández se equivoca ao afirmar que Trotski, “assim como Lenin, sempre defendeu a tese de Marx [da inevitabilidade]” e também para explicar o que entende Marx quando utiliza a palavra “inevitável”.

Mas não perdemos o tempo: se este debate nos permite resgatar o marxismo que todos nós, sem distinções, reivindicamos, é igualmente útil.

---

86 Tradução do autor a partir da versão em inglês: [www.marxists.org/archive/Trotsky/1924/ffyci-1/ch26.htm](http://www.marxists.org/archive/Trotsky/1924/ffyci-1/ch26.htm)

# O feminismo radical e o surgimento das teorias do patriarcado – Um ponto de vista marxista

Florence Oppen

## O que é exatamente o patriarcado?

Herdamos, principalmente do feminismo radical dos anos 70, o uso dos vocábulos “patriarcado” e “patriarcal” para nos referir a tudo aquilo que oprime ou manifesta a opressão das mulheres como tais na sociedade, mas quando se usa, muito poucas vezes alguém tem uma ideia clara do que se trata ou pode dar uma definição exata. O termo “patriarcal” que se usa muito frequentemente como sinônimo de machista ou sexista ou inclusive de “masculino”, não é simplesmente um termo descritivo de uma realidade muito óbvia (a opressão das mulheres em tantas esferas da vida cotidiana), senão que contem um componente teórico: o patriarcado é a sociedade onde os homens como grupo exercem um controle e uma dominação sobre as mulheres, porque são os homens que tem o poder. Quer dizer, o que fica implícito no fato de definir uma sociedade de conjunto como um “patriarcado” é que se trata de uma sociedade onde as relações de poder estão colocadas a serviço dos homens ou do sexo masculino de conjunto e de seus interesses, que as relações de poder são principalmente relações antagônicas de sexo ou gênero.

Mas esta definição de patriarcado segue sendo bastante vaga e geral. E a realidade é que não encontramos dentro da produção política e teórica das feministas radicais, materialistas ou “socialistas” uma definição única, comum e coerente de patriarcado, senão que o patriarcado é frequentemente uma categoria pressuposta, uma imagem do “todo social que tem que mudar”, mas nem sempre muito bem definida. As distintas variantes da ideologia feminista correspondem a distintas interpretações do que é essa estrutura social que chama patriarcado e como aboli-la. A crítica contemporânea feminista Ara

Wilson concorda que o conceito de patriarcado é central na definição teoria e política do feminismo radical ou da “segunda onda do movimento feminista”. Mas, apesar disso, em seu artigo para a Routledge Internacional Encyclopedia of Women (2000), confessa que não consegue formular uma definição teórica exata além de qualificá-lo “como um sistema social expandido de dominação de gênero”<sup>87</sup>. A principal razão desta dificuldade é que as próprias feministas o usam de múltiplas maneiras sem defini-lo bem. Wilson acaba citando o trabalho muito sintético e abarcante de outra feminista, Walby, que também enfrenta o mesmo problema e em seu artigo “Theorizing Patriarchy” (“Teorizando o patriarcado”) se limita a defini-lo como “um sistema de estruturas sociais e de práticas onde os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres”<sup>88</sup>. Castro e Lavinias também concordam com o diagnóstico de indefinição e generalidade do termo “patriarcado” na teoria feminista, já que para algumas feministas o patriarcado acontece e se estrutura a nível da família e para outras a nível do Estado, por isso afirmam: “nos parece correto afirmar que este perde seu estatuto de conceito para se estabelecer como uma referência implícita e sistemática de dominação sexual”<sup>89</sup>. E o próprio da teoria, pelo menos para os marxistas, é justamente o oposto a trabalhar com referências vagas e implícitas: se trata de explicitar os conceitos, estabelecer sua origem, sua história, seus fundamentos, se trata de esclarecer e precisar para ver como um conceito provém de e se ajusta à realidade histórica e mutável. Houve inclusive algumas teóricas, como Harding, que celebraram essa imprecisão do patriarcado, argumentando que é impossível alcançar uma clareza analítica para os conceitos formulados pelo feminismo, porque o impulso teorizador e toda a ciência são inerentemente patriarcais, já que esta foi

---

87 “a widespread social system of gender dominance.”

88 “a system of social structures, and practices in which men dominate, oppress and exploit woman” (Sylvia Walby, “Theorizing Patriarchy”, *Sociology*, 1989, p. 214). Outra acadêmica feminista, a historiadora Gerda Lerner, o definiu como “a manifestação e institucionalização do domínio masculino sobre as mulheres e as crianças da família e a ampliação deste domínio sobre as mulheres na sociedade em geral”, ou como “um sistema institucionalizado de dominação masculina” (*La creación del patriarcado*, (1989) p. 239), [“Patriarchy in its wider definition means the manifestation and institutionalization of male dominance over women and children in the family and the extension of male dominance over women in society in general” or “the institutionalized system of male dominance”, Lerner, *The Creation of Patriarchy*, p. 239).

89 “parece-nos correto afirmar que ele perde seu estatuto de conceito para afirmar-se como uma referência implícita e sistemática da dominação sexual.” Mary Castro y Lena Lavinias, “Do feminismo ao gênero: a construção de um objeto” em *Uma questão de gênero*, ed. Albertina Costa y Cristina Bruschini (Rio de Janeiro, 1992), p. 238.

elaborada pelos homens, a partir de experiências masculinas e que as experiências femininas, suas epistemologias e portanto seus conceitos, são e serão incomensuráveis e alheios aos conceitos da teoria-ciência que manejamos<sup>90</sup>. Para nós marxistas parece que fugir da precisão teórica e conceitual não tem nada de feminista ou progressista, senão que é mais um obstáculo político para a luta. Não ter uma teoria clara para a revolução socialista e a liberação das mulheres nos condena a nos mantermos no nível da ideologia dominante e do impressionismo e isso não tem nada de útil nem emancipador. Não podemos fazer de nosso caráter de exploradas, oprimidas, subalternas e dominadas uma virtude e um refúgio para fugir dos debates teóricos e políticos que nos são apresentados na hora de lutar e nos organizarmos.

Não obstante, podemos fazer um esclarecimento preliminar, incompleto e instável dos distintos usos que as feministas deram ao conceito de patriarcado em suas elaborações escritas, tentando estabelecer as diferenças e os pontos comuns para compreender quais problemas quiseram resolver as teorias feministas de patriarcado e que resposta lhes damos do ponto de vista marxista. Para algumas feministas radicais ou socialistas, o patriarcado é meramente uma superestrutura ideológica (Juliet Mitchell), ou política, localizada na lei e no Estado (Carole Pateman e Zillah Eisenstein); para outras se trata da simples soma das manifestações de opressão nos distintos âmbitos e níveis sociais (Kate Millett) ou do resultado da evolução tecnológica da sociedade e da relação entre diferenças biológicas que consistem no controle da capacidade reprodutiva das mulheres ou de sua sexualidade (Shulamith Firestone, Susan Brownmiller)<sup>91</sup>.

Finalmente, no melhor dos casos, houve uma tentativa de se referir ou integrar na análise do patriarcado elementos da teoria marxista nas chamadas correntes materialistas, socialistas ou marxistas do feminismo. Nestas o patriarcado foi pensado mais concretamente como uma divisão desigual do trabalho por sexos, assim o teoriza-

---

90 Ver Sandra Harding, "The instability of the analytical categories of feminist theory", *Signs*, vol. 11, no 4. (1986).

91 Para Juliet Mitchell, Carole Pateman y Zillah Eisenstein ver *Psychoanalysis and Feminism (Psicoanálisis e feminismo, 1974)*, *The Sexual Contract (1988)* e "Capitalist Patriarchy and the Case for Socialist Feminism" ("O patriarcado capitalista e a necessidade de um feminismo socialista", 1978), respectivamente. As principais obras de Kate Millett y Shulamith Firestone, que discutiremos um pouco mais em detalhe mais adiante, são *Sexual Politics (Políticas sexuais)* e *The Dialectic of Sex (A dialética do sexo)*.

ram as feministas materialistas como Christine Delphy ou Lidia Falcón; como um sistema de exploração do trabalho reprodutivo das mulheres tal e como o teorizaram feministas socialistas ou marxistas como Heidi Hartmann, Maria Rosa Dalla Costa, Silvia Federici ou Selma James; ou finalmente como um sistema de exploração e controle de outro tipo de produção designado às mulheres (diferente da produção de mercadorias), a produção da vida, como sustentaram Maria Mies ou Veronica Bennhold-Thomsen<sup>92</sup>. Neste caso o feminismo marxista ou socialista tentou reconceitualizar e repensar conceitos-chaves da teoria marxista (como o da divisão social do trabalho, o trabalho produtivo, o trabalho reprodutivo e o próprio conceito de produção) para pensar a condição social e material das mulheres nas sociedades de classes, e em particular no capitalismo. E, portanto, dedicaremos um artigo especial para debater estas teorias que estabelecem um diálogo mais estreito com tradição marxista.

Vemos, pois, que ao invés de haver alguma teoria do patriarcado não haveria uma, senão muitas. O importante e distintivo destas teorias do patriarcado, do sistema de poder dos homens, não é que sejam as únicas que explicam a existência de desigualdades sociais entre homens e mulheres, senão que são teorias que afirmam que a divisão hierarquizada entre homens e mulheres é uma divisão que estabelece um antagonismo estrutural na sociedade. Ou dito de outra forma, que a principal relação de poder que estrutura a sociedade patriarcal ou o patriarcado é a de dominação das mulheres pelos homens.

Então, apesar das diferenças entre as diferentes teorias do patriarcado que se desenvolveram na década de 1970, que situam o patriarcado em âmbitos muito diferentes da vida social, todas afirmaram com contundência que o elemento determinante que hierarquiza e divide a sociedade em dois é uma relação de opressão e subordinação das mulheres pelos homens. Para algumas variantes

---

92 Ver Lidia Falcón, *La razón feminista* (1981-1982) y *Mujer y poder político* (1992), Christine Delphy, *The Main Enemy: A Materialist Analysis of Women's Oppression* (London 1977); Heidi Hartmann, "Capitalism, Patriarchy and Job Segregation", 1976, y "The Unhappy marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive Union", *Capital and Class*, 1979; Maria Dalla Costa, *The Power of Women and the Subversion of the Community*, Bristol, Falling Wall Press, 1973; Selma James, *Sex, Race and Class- The Perspective of Winning, a Selection of Writings 1952-2001* Pm Press, 2011; Silvia Federici, *Revolution at Point Zero, Housework, Reproduction and the Feminist Struggle*, Brooklyn/Oakland 2012; Maria Mies, *Patriarchy as Accumulation on a World Scale: Women in the International Division of Labour*, London: Zed books, 1986; Veronica Bennhold-Thomsen, *The Subsistence Perspective: Beyond the Globalised Economy* (1999).

mais “radicais”, como as de Delphy ou Federici, o patriarcado é também, ou principalmente, um sistema de “exploração” das mulheres pelos homens, o que as levou a falar de patriarcado capitalista. Neste último caso, o que tais teorias deixam entender é que por trás do que percebemos como “capitalismo” (e que Marx definiu como tal) existe uma estrutura mais profunda e antiga, uma estrutura que Marx e Engels por serem homens não chegaram a analisar e esta estrutura estabelece a dupla relação de exploração e opressão que é o patriarcado. O patriarcado, capitalista ou não, seria em todos os casos o que revela a essência da sociedade, já que estabelece a relação mais estrutural e fundamental de todas, a que está por trás e explica o resto das relações sociais. Quer dizer que, inclusive as feministas marxistas ou socialistas que querem combinar ambas as teorias (marxismo e feminismo), reivindicam o feminismo e a teoria do patriarcado como base. Ainda que seja certo que em suas análises, que são mais sofisticadas que as das feministas radicais, as feministas socialistas conseguem “combinar” as relações sociais do capitalismo (relações de classe) com as relações patriarcais (relações de sexo), a dominante é, para estas teorias, a patriarcal. Por isso faz sentido que antes de abordar em detalhe as feministas socialistas e marxistas, dediquemos um pouco de espaço para entender o conceito de patriarcado compartilhado na década de 1970 e elaborado pelo feminismo radical.

### **Da família patriarcal à sociedade patriarcal**

Os primeiros livros que promoveram o conceito de patriarcado nesse sentido tão amplo de “sistema” ou “estrutura” social foram os das feministas radicais estadunidenses Kate Millett com *Sexual Politics* (Políticas sexuais, 1969) e Shulamith Firestone, *The Dialectic of Sex, The Case for a Feminist Revolution* (A Dialética do sexo, por uma revolução feminista, 1970). Foram obras que tiveram um grande impacto em um setor social amplo da classe média e do estudantado norte americanos. O que conseguiram implicitamente, tanto Millett como Firestone e as feministas que as seguiram, foi reconceitualizar o termo de patriarcado. Antes da década de 70 do século passado (e de toda a prolífica literatura feminista que acompanhou o movimento de luta das mulheres), “patriarcado” era um termo próprio da ciência antropológica que definia um tipo de família no desenvolvimento das sociedades humanas e assim o encontramos utilizado, por exemplo, na obra de Engels.



Mais adiante, em *Economia e Sociedade* (1968), o sociólogo Max Weber definiu o patriarcado ou mais exatamente o “patrimonialismo” como uma forma de governo baseada no poder dos pais de família, própria do longo período feudal na Europa, quer dizer, como uma forma de organização social onde o poder da monarquia patrimonial é uma projeção aumentada dos múltiplos patriarcados (ou estruturas familiares) nos quais se sustenta<sup>93</sup>. É importante apontar que Weber só analisou a superestrutura da sociedade, mas em nenhum momento conectou essa organização política com o sistema de exploração do trabalho camponês que representava o modo de produção feudal. Esse uso weberiano do termo é o que circulou mais nos âmbitos universitários do pós-guerra e serviu como ponto de partida para Millett e outras teóricas e ativistas feministas.

A teoria marxista fez desde o início um uso muito cuidadoso do termo patriarcado, tentando se apoiar nas pesquisas dos antropólogos. Em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), Engels, como o resto dos antropólogos de sua época, usa o termo “patriarcal” para caracterizar um tipo de família, em uma época onde as famílias eram comunidades, por isso Engels fala em um momento de “comunidade familiar patriarcal”. Na análise materialista de Engels, mais especificamente, a família patriarcal é uma forma transicional da família que surge entre as famílias baseadas no direito materno ou o que Engels chama de “matriarcado” (mas que convém mais descrever como famílias matrilineares ou matrilocais) e a família monogâmica, que é a forma da família até hoje, transformada pelo capitalismo. A família patriarcal é a família que surge, segundo a hipótese dos antropólogos, quando a filiação feminina e o direito materno são substituídos pela “filiação masculina e o direito hereditário paterno”, pelo qual o pai se torna o chefe da família e se constitui em torno do gene paterno. A família patriarcal se caracteriza pelo aumento da autoridade e do poder do pai de família sobre o grupo e a incorporação de membros dependentes e servis nesta estrutura de dominação. Mas para Engels (como para Morgan) esta família permanece por um período relativamente curto da história humana porque a maior mudança que vai cristalizar a opressão das mulheres ainda vai acontecer. O que vai surgir muito rapidamente, com o desenvolvimento das forças produtivas, é o aparecimento da sociedade de classes e portanto

---

93 Ver Adams, Julia. “The Rule of the Father: Patriarchy and Patrimonialism in Early Modern Europe”, *Max Weber’s Economy and Society: A Critical Companion*, ed Charles CAMIC, Stanford: Stanford University Press, 2005.



de um novo tipo de família baseada no matrimônio monogâmico, onde o homem reduz sua esposa a uma propriedade e garante assim uma autoridade firme e generalizada no sistema social. Neste âmbito o desenvolvimento da antropologia não fez senão corroborar a tese de Engels, corrigindo quando foi necessário a imprecisão histórica ou empírica de sua obra, o que é um avanço para o marxismo. Há um acordo entre os antropólogos contemporâneos sobre que a grande “revolução neolítica” (há entre 8.000 e 10.000 anos), com o surgimento da agricultura em maior escala foi o que desencadeou grandes mudanças nas forças produtivas e depois de um longo processo deu origem às primeiras estratificações sociais, que se tornaram relações de classe e poder. Engels e os antropólogos do século 19 erraram, por exemplo, na hipótese de um matriarcado generalizado, quer dizer, em achar que houve uma evolução linear de família de tipo matrilinear para famílias de tipo patrilinear, já que se provou que ambas as formas coexistiram em distintos lugares ou também se equivocaram em localizar as primeiras sociedades de classe na Grécia antiga, já que estas emergiram no sudoeste da Ásia, na Mesopotâmia, há uns 6.000 anos e depois no Egito, Irã e China e finalmente chegaram à Europa<sup>94</sup>.

O importante para os marxistas é entender que Engels buscou na ciência antropológica mais avançada de sua época os estudos de Morgan e Bachofen, elementos para desnaturalizar a opressão da mulher e fazer sua história crítica com o método materialista e histórico, para entender e expor a origem das relações de exploração e opressão. Para arrancar a exploração e opressão pela raiz, foi necessário elaborar a teoria de como pode ser possível que essas relações se estabeleceram como tais e se cristalizaram, já que não vem dadas pela natureza e existiram sociedades que lhes foram alheias. Engels percebeu, pois, que houve uma mudança qualitativa na família, que não foi só uma mudança nas relações de parentesco ou filiação (de matrilinear a patrilinear), senão uma mudança do papel social da família e sua localização nas comunidades ou sociedades primitivas. Essa mudança ocorre com a sociedade de classes, que dá um novo caráter à família.

“Esta forma de família [a família patriarcal] aponta a transição do matrimônio sindiástico [por grupos] à monogamia. Para assegurar a fidelidade da mulher e, conseqüentemente, a paternidade dos fi-

---

94 Para uma boa atualização antropológica do trabalho teórico de Engels ver Chris Harman, “Engels and the Origins of Human Society”, *Internacional Socialism*, 265 (1992)

lhos, aquela é entregue sem reservas ao poder do homem: quando este a mata, não faz mais que exercer seu direito”.

E depois acrescenta que com esta mudança: “Em qualquer caso, a comunidade familiar patriarcal, com posse e cultivo do solo em comum, adquire agora um significado muito diferente do que tinha antes”. A mudança qualitativa para Engels é, pois, o surgimento da propriedade privada da terra, dos bens e, portanto, também das mulheres e dos filhos, que passam a ser percebidos como a propriedade do pai de família. Esta mudança das relações sociais e o surgimento de classes é o que modifica o caráter das relações de poder que já existiam na família, dando uma base material e estabilidade às relações de dominação. A família monogâmica, também a unidade social básica de produção nessa época, se baseia na propriedade privada e estabelece uma hierarquia dos sexos, já que “se baseia no domínio do homem, seu fim expresso é o de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível e esta paternidade indiscutível é exigida porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, hão de entrar um dia em posse dos bens de seu pai.”

Para Engels a grande mudança da história, que institucionaliza a opressão da mulher, não é simplesmente o estabelecimento da lei do pai ou da preferência paterna na hora de estabelecer a linhagem, senão as relações sociais dentro da família, que passam a ser com a família monogâmica, pela primeira vez na história, relações de classe:

Tal foi a origem da monogamia, segundo pudemos segui-la no povo mais culto e mais desenvolvido da antiguidade. De maneira alguma foi fruto do amor sexual individual, com o que não tinha nada em comum, sendo o cálculo, antes como agora, o móvel dos matrimônios. Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, senão econômicas e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente. Preponderância do homem na família e procriação de filhos que só poderiam ser dele e destinados a herdar-lhe: tais foram, abertamente proclamados pelos gregos, os únicos objetivos da monogamia<sup>95</sup>.

---

95 Os últimos capítulos de um estudo recente de Heather Brown (*Marx on Gender and the Family, 2012*) se centram em analisar os cadernos de notas etnográficas de Marx, que dedicou os últimos anos de sua vida a estudar as sociedades pré-capitalistas não ocidentais e mostra que Marx tinha uma visão mais dialética da História. Marx fez entre 1880 e 1882 notas extensas sobre os trabalhos de Lewis Henry Morgan, Henry Summer Maine, Ludwig Lange, John Budd Phear, John Lubbock e Maxim Kovalevsky. Muitos de seus cadernos ainda não foram editados e os que sim foram, como o de Morgan, seguem sendo poucos estudados. Enquanto que Engels estava enfocado em provar que nas sociedades sem classes predominavam relações de igualdade e que o surgimento da exploração foi “a derrota histórica do sexo feminino”, Marx estava mais interessado nas contradições sociais que existiam nessas

É claro que para os marxistas, desde Engels e Marx, são as relações sociais de propriedade privada e no final a “propriedade” das mulheres e a apropriação do trabalho alheios, as que dão a base material da opressão da mulher. Não obstante, as feministas radicais deram outro sentido ao termo patriarcado, o re-conceitualizaram para abarcar um âmbito muito além da família e passaram a usá-lo para definir as relações de poder no conjunto da sociedade, que garantia que os homens (todos os homens) estão “acima” de ou tem o poder sobre as mulheres (todas as mulheres) em todos os níveis da sociedade. Quer dizer que para as feministas radicais a sociedade em seu conjunto é um patriarcado ou está marcada por relações patriarcais em todos os âmbitos e dimensões que enfrentam os homens e as mulheres.

### **O patriarcado segundo as feministas radicais**

É muito obvio que não podemos entender bem as teorias feministas sobre o patriarcado sem entender o contexto social e político de lutas de onde surgiram. A historiadora Alice Echols situa o desenvolvimento do feminismo radical nos EUA entre 1967 e 1975, ainda que seu impacto político em outros países tenha se estendido no tempo<sup>96</sup>. Suas principais expoentes Kate Millett, Shulamith Firestone e mais tarde Katherine Mackinnon (que também pode ser considerada como uma feminista radical, já que busca se distanciar igualmente do feminismo liberal e do marxismo ou das tentativas de formular um feminismo socialista), são intelectuais que vem do mundo artístico e acadêmico norte americano<sup>97</sup>. A primeira era professora de literatura e depois socióloga, a segunda artista e a terceira professora de direito. Suas elaborações sobre a opressão da mulher foram feitas no calor das lutas dos Negros e do movimento Black Power (Poder Negro). Frente à dificuldade de conseguir que fossem aceitas suas reivindicações na National Conference for New Politics (Conferencia Nacional para Nova Política) em 1967, onde Firestone participou, um grupo

---

sociedades “primitivas” e em como seu desenvolvimento poderia levar à cristalização de classes. Marx considerou a família como a base material da sociedade, mas a entendeu como uma instituição social viva e mutante e mostra que antes de ser uma unidade natural, quer dizer, biológica, a família foi primeiro uma construção social baseada na produção e nas relações de propriedade

96 Alice Echols, *Daring to be Bad, Radical Feminism in America, 1967-1975* (1989).

97 Também foram importantes Ros Baxandall, Susan Brownmiller (*Against Our Will: Men, Women and Rape*, 1975) que escreveu um livro muito provocador sobre a violência sexual e a cultura da violação como algo generalizado e inerente ao patriarcado e Kathie Sarachild. Catherine MacKinnon pertence a uma segunda geração, mais sofisticada teoricamente, do feminismo radical.

de Chicago publicou um manifesto “To the Women in the Left” (Para as mulheres na Esquerda), defendendo a “secessão” das mulheres do sistema patriarcal masculino, do mesmo modo que a ala radical do movimento negro reivindicava a autodeterminação frente ao Estado norte-americano<sup>98</sup>. Desde seu início, pois, o feminismo radical esteve associado, em sua estratégia política ao separatismo e a luta de um sexo contra o outro para acabar com o sistema de dominação chamado patriarcado, defendendo uma revolução feminista.

O feminismo radical se pensou a si mesmo como uma corrente da Nova Esquerda que queria demarcar-se tanto das posições reformistas liberais como do stalinismo, do chamado “socialismo realmente existente” (que injustamente associaram com o marxismo e o socialismo em geral). Frente à “esquerda tradicional” que tinha considerado o problema da mulher como algo secundário que se solucionaria automaticamente com a chegada ao socialismo e que reproduzia dentro de suas organizações relações de opressão, o feminismo radical argumentou que as relações de poder, que permitiam a submissão das mulheres aos homens, não podia ser reduzido a simples reflexos ou instrumentos para preservar a exploração econômica, que eram distintas e deveriam ser pensadas com conceitos próprios. Antes de prosseguir devemos esclarecer que nós que reivindicamos o marxismo revolucionário estamos de acordo com o fato de que as relações de opressão não são só “meios” para explorar ou dividir a classe trabalhadora, que tem uma existência social própria e semi-autônoma e por isso diferenciamos o conceito de opressão do de exploração. Não obstante, não estamos de acordo com a submissão inversa que

---

98 Ver Alicia H. Puleo “Lo personal es político” (O pessoal é político). Jo Freeman e Shulimith Firestone, futuras líderes feministas pediram, então, para as mulheres os 51% de representação nos votos por constituir esse percentual da população. Solicitaram também que a convenção condenasse os estereótipos sexistas vinculados pelos meios de comunicação, o matrimônio, as leis de propriedade e divórcio e que se manifestasse a favor da informação anticonceptiva e do aborto como formas de controle sobre seus próprios corpos por parte das mulheres. A presidência rechaçou a petição, com a desculpa de não ter tempo para debatê-la. Evidentemente não considerava esses temas suficientemente “revolucionários” e “importantes”. Depois desta decepção o grupo de Chicago publicou um manifesto intitulado *To the Women of the Left* que chamava a secessão, inspirando-se na atitude tomada pelos afro-americanos do SNCC que no ano anterior tinham abandonado o ideal integracionista, acusando os companheiros brancos de paternalismo. O separatismo das feministas radicais surge, pois, de uma das muitas experiências históricas de decepção com relação a causas políticas emancipatórias que tiveram o reconhecimento negado e a reciprocidade das mulheres” Alicia Puleo, *Lo Personal es político: el surgimiento del feminismo radical* Teoría feminista: de la Ilustración a la globalización, p. 40.

quer fazer o feminismo radical (reduzir a exploração e as relações de classe à opressão entre sexos) nem com a ideia de que ambas as relações tenham hoje um significado igual na hora de organizar a sociedade, ainda que sejam diferentes e estejam combinadas, os marxistas afirmamos que são as relações de classe as que emergem como dominantes, quer dizer, as que decidem em última instância, que opressões são necessárias e quais são prescindíveis e que dimensão podem tomar.

A maioria das mulheres norte americanas que na década de 70 iniciaram e dirigiram a segunda onda de lutas pelos direitos das mulheres e se identificaram como “feministas” eram ativistas que tinham participado nas lutas massivas contra a guerra do Vietnã e pelos direitos civis, muitas delas desenvolvendo uma consciência contra o “sistema” ou o “capitalismo” mas, como explica uma delas, Robin Morgan:

Enquanto pensávamos que estávamos envolvidas na luta para criar uma nova sociedade, fomos nos dando conta lenta e tristemente que estávamos fazendo o mesmo trabalho dentro do Movimento como fora dele: escrever a máquina os discursos que iam ser pronunciados pelos homens, fazer o café mas não a política, ser os acessórios dos homens cuja política ia supostamente substituir a ordem antiga<sup>99</sup>.

Echols explica que o impulso que reuniu estas ativistas e intelectuais da esquerda norte americana a articular um feminismo radical, superador do feminismo liberal e do marxismo, foi uma diferenciação clara frente àquelas ativistas que eram chamadas de “políticas”, em um sentido depreciativo, porque “atribuíam a opressão da mulher ao capitalismo e sua principal lealdade era com a esquerda”, enquanto que as feministas radicais queriam firmemente “se opor à subordinação da liberação das mulheres à esquerda organizada” que considerava que “a dominação feminina era um simples epifenômeno do capitalismo”<sup>100</sup>. Portanto o eixo político e programático que definiu o feminismo radical foi “que as mulheres constituíam um sexo-classe, que as relações entre mulheres e homens tinham que ser

---

99 “Thinking we were involved in the struggle to build a new society, it was a slowly dawning and depressing realization that we were doing the same work in the Movement as out of it: typing the speeches men delivered, making coffee but not policy, being accessories to the men whose politics would supposedly replace the Old Order.” Qtd in Alice Echols, *Daring to be Bad*, p. 23.

100 “most early women’s liberation groups were dominated by “políticos” who attributed women’s oppression to capitalism, whose primary loyalty was to the left.” Echols, *Daring to be Bad*, p. 3.

pensadas em termos políticos e que o gênero, e não a classe, era a principal contradição”<sup>101</sup>.

E daí surgiu a necessidade de dar uma base teórica a uma localização social e a um projeto político, que resultou na elaboração das distintas teorias do patriarcado. Mas o feminismo radical não parou aí, na hierarquização das relações de sexo sobre as de classe, senão que afirmou que as relações de dominação patriarcais são anteriores não só ao capitalismo senão ao surgimento da exploração e que, portanto, sua origem não tem nada a ver com a sociedade de classes. E essa “radicalidade” teórica do feminismo será a fonte de muitos debates internos e debilidades. Sua maior dificuldade foi e segue sendo onde localizar então a origem da opressão sem voltar à biologia e, portanto, a um essencialismo naturalista. De fato, uma das maiores tensões teóricas internas entre as feministas radicais tem a ver com a relação que estabelecem entre a biologia ou natureza humana e o patriarcado.

Algumas feministas radicais, como Millett ou Wittig se opuseram radicalmente à ideia de que a opressão da mulher tivesse raízes naturais e afirmaram que era algo absolutamente cultural e social, defendendo uma posição conhecida como o “construtivismo radical”<sup>102</sup>. O materialismo e o marxismo foram de fato as primeiras teorias a rechaçar qualquer tipo de essencialismo ou a ideia de que o homem, a mulher ou a humanidade de conjunto tenha “destino biológico algum”. Não existe uma “essência humana”, senão que o humano – e todas suas categorias – são uma construção social e histórica em constante mutação. O que o marxismo afirma, diferente do construtivismo, é que não basta dizer que o sexo ou o gênero (como a raça etc.) são categorias socialmente criadas, quer dizer, não basta fazer um trabalho crítico contra a naturalização das opressões. O que preocupa os marxistas é explicar como foram geradas ou se formaram relações de sexo ou gênero cristalizadas de opressão e porque, para poder pensar como mudá-las e lutar contra elas, quer dizer, elaborar uma política e uma estratégia de liberação que implique na transformação real, material da sociedade, muito além do importante e necessário trabalho crítico e intelectual. Outras feministas radicais, como Firestone ou Greer, se remontaram à “natureza” para explicar a origem do sistema

---

101 “Radical feminists argued that women constituted a sex-class, that relations between women and men needed to be recast in political terms, and that gender rather than class was the primary contradiction.”. Echols, *Daring to be Bad*, p. 3.

102 Ver Monique Wittig, *The Straight Mind and Other Essays (El pensamiento heterosexual y otros ensayos, 1992)*.

patriarcal. Para elas, as origens da opressão da mulher não estão no patriarcado como estrutura sociocultural senão na biologia, na função reprodutora das mulheres<sup>103</sup>.

Ainda assim, podemos destacar três elementos teóricos comuns nas distintas formulações do feminismo radical que merecem uma discussão: o caráter a-histórico e estruturalista do conceito de patriarcado, a cooptação e inversão do marco marxista de análise e o individualismo utópico contido no slogan popular do feminismo radical: “o pessoal é político”.

O primeiro traço está claramente presente no Políticas Sexuais, onde Millett faz uma definição muito vaga e geral do patriarcado: “Nossa sociedade... é um patriarcado. É um fato evidente à primeira vista se considerarmos que tanto o exercito, como a indústria, a tecnologia, as universidades, a ciência, os cargos políticos, as finanças, – quer dizer, toda fonte de poder em nossa sociedade, incluindo a força coercitiva da policia, está nas mãos dos homens”<sup>104</sup>. Não sabemos muito bem segundo o livro de Millett quando surge o patriarcado como tal, mas isto não é problema só de Millett senão da maioria das teóricas feministas radicais. De fato, o caráter a-histórico do patriarcado que parece ter existido “desde sempre” é uma das principais

---

103 A feminista australiana Germaine Greer, por exemplo, passou do feminismo radical (*The Female Eunuch*, 1970) onde reivindica não só a liberação sexual feminina senão a necessidade de que as mulheres desenvolvam o pensamento lateral criativo, quer dizer, que frente ao poder teórico e racional do poder masculino exerçam um pensamento infantil, selvagem, desmedido, baseado nas emoções e na empatia, a defender em *Sex and Destiny; The Politics of Human Fertility* (1984) posições anti-ocidente (já que as mulheres tem menos filhos para avançar em suas carreiras profissionais) e pró-natalistas e mistificadoras da pobreza e da natalidade prolífica do Terceiro Mundo, apresentando no destino biológico de ser mãe um ideal de liberação feminina.

104 “Our society... is a patriarchy. The fact is evident at once if we recall that the military, industry, technology, universities, science, political offices, finances – in short every avenue of power within society, including the coercive force of the police, is in male hands.” (*Sexual Politics*, 1970, p. 25) –Tradução própria. Seu livro que foi sua tese de doutorado em literatura inglesa se vale de grandes nomes da literatura (Shaw, Ruskin, Wolff, Wilde, Dickes) para exemplificar as atitudes dos varões frente às mudanças sociais introduzidos pela primeira onda de luta das mulheres (1830-1930) e o que chama a contra-revolução que a sucedeu (1930-1960) (atraves dos autores patriarcais como Miller, Mailer, Lawrence e Genet) O que sem aponta é que é um sistema que se reproduz a si mesmo, como uma roda e que se trata de “uma instituição perpetuada por técnicas de controle”. Millett recorre a Max Weber para definir as relações de dominação, que define como a possibilidade de impor a vontade própria sobre o outro, quer dizer, uma definição que parte do sujeito individual e não das relações sociais.



críticas que o feminismo radical recebe dos marxistas e outras alas mais radicais do feminismo.

A relação contraditória com o marxismo como marco teórico, ainda que invertido, para pensar a emancipação é muito clara e explícita tanto em Firestone, como depois em Delphy ou MacKinnon. Todas elas recorrem, cada uma de sua maneira, à teoria marxista para pensar e desenvolver uma teoria feminista do patriarcado, pegando emprestado os conceitos, mas invertendo sua hierarquia, produzindo assim quase uma teoria marxista negativa, como em um negativo fotográfico. Todas elas partiram da redução falsa e abusiva do marxismo a um economicismo, a uma teoria reducionista que subordina todos os conceitos e fenômenos a meras variações ou reflexos das relações de exploração, que são as únicas “verdadeiras” e “importantes”. Firestone, por exemplo, construiu sua *Dialética do Sexo* em um diálogo intenso com Marx e Engels argumentando: “Seria um erro tentar explicar a opressão da mulher a partir desta interpretação estritamente econômica [que oferece o marxismo]. A análise de classes constitui um trabalho engenhoso, mas de alcance limitado (...) não tem profundidade suficiente.” Firestone afirma que “existe um substrato sexual na dialética histórica” analisada por Engels (a evolução da família), mas que este não lhe agrada porque só se empenha em “perceber a sexualidade só através de uma impregnação econômica.” Sua teoria se apresenta como uma superação de Engels, colocando na base as relações de sexo e não as de classe. Esta tentativa de cooptar o marco teórico do marxismo e aplicá-lo de outra forma para gerar novas divisões e categorias levou Firestone a falar de um “sistema de classes sexuais” (termo que retomaram Delphy e muitas outras) onde ainda que esta opressão tenha uma origem biológica é perpetuada socialmente pelas técnicas de controle e dominação, que se materializa principalmente através do controle da capacidade reprodutora das mulheres. No mundo liberado e utópico de Firestone, a revolução feminista (ideológica e tecnológica) que propõe alcançaria a reprodução artificial, o fim da família como instituição social e levaria diretamente a que “a divisão do trabalho desapareceria mediante a eliminação total do mesmo (cybernation).” O objetivo final seria alcançado assim e “se destruiria a tirania da família biológica”.

MacKinnon também recorre ao marxismo e sua armação teórica para definir, por analogia, as bases teóricas do feminismo, centradas na sexualidade e não no trabalho:



A sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo: aquilo que nos é mais próprio e, no entanto, o que mais nos arrebatava... (...) a modelação, direção e expressão da sexualidade organiza a sociedade em dois sexos – mulheres e homens – divisão que é a base da totalidade das relações sociais (...) Tal como é o trabalho para o marxismo, a sexualidade é para o feminismo algo socialmente construído mas que, por sua vez, constrói, universal de matéria e de mente. Assim como a expropriação organizada do trabalho de alguns para benefício de outros define uma classe – os trabalhadores – a expropriação organizada da sexualidade de uns para o uso de outros define o sexo, mulher<sup>105</sup>.

O terceiro ponto que é importante destacar é a ideologia política contida no slogan “o pessoal é político” que situa o indivíduo, não o sujeito coletivo, como o agente e o objetivo estratégico da mudança. A revolução feminista partiu de um problema muito real e muito presente na autodenominada esquerda e nas organizações operárias: a contradição entre um discurso emancipador, que contemplava teoricamente a liberação das mulheres (ainda que frequentemente como um objetivo secundário) e uma série de práticas machistas e opressivas: desde uma divisão do trabalho desigual e “essencializante” dentro das organizações políticas e uma subordinação das mulheres a fazer o trabalho “invisível”, cinzento e cotidiano, até comportamentos machistas totalmente aceites, casos de abusos, tentativas de controlar a vida sexual das militantes. Etc. O slogan “o pessoal é político” pretendia em primeiro lugar apontar e lutar contra essa contradição presente em muitos quadros e militantes varões do movimento social, radical, sindical, socialista e comunista. Era uma tentativa de mudar na prática, no dia a dia, os métodos e o trato para fazer política.

Mas o slogan para o feminismo radical derivou em muitos casos a apontar uma estratégia e não uma simples tática: o feminismo foi

---

105 Catherine MacKinnon, “Feminismo, marxismo, método e Estado: uma agenda para a teoria”, en *Crítica jurídica, Teoría y sociología jurídica en los EEUU*. Bogotá: Ed. Mauricio García Villegas, 2005, pp. 165-166). Para MacKinnon, os eixos do feminismo são e devem ser a família, o trabalho doméstico, a sexualidade, a reprodução e a vida pessoal, quer dizer, todos os aspectos que constituem o sujeito social mulher em sua diferença. “Sexuality is to feminism what work is to Marxism: that which is most one’s own, yet most taken away... The molding, direction, and expression of sexuality organizes society into two sexes – women and men- which division underlies the totality of social relations... As work is to marxism, sexuality to feminism is socially constructed yet constructing, universal as activity yet historically specific, jointly comprised of matter and mind. As the organized expropriation of the work of some for the benefit of others defines a class – workers- the organized expropriation of the sexuality of some for the use of others defines the sex, woman.” MacKinnon, “Feminism, Marxism, Method and the State: An Agenda for Theory”, *Signs*, 7.3 1982 p. 515-516

pensado como um processo político que deveria culminar em uma transformação pessoal, em particular uma mudança da consciência, uma politização da vida pessoal, onde o indivíduo era a por sua vez o ponto de partida e de chegada nesse processo e as dinâmicas coletivas (as marchas, os grupos de autoconsciência, a divisão do trabalho militante, a vida em comunas feministas, as ações diretas) eram só uma mediação para alcançar essa transformação pessoal que se pensava a si mesma como contagiosa. Nesse âmbito, o feminismo radical pegou emprestada a estratégia do socialismo utópico de Owen ou Fourier.

A sexualidade se tornou, para muitas feministas radicais, o elemento mais profundo e mais autêntico de uma subjetividade feminista radical, assim como afirma Germaine Greer, uma feminista australiana: “O pessoal segue sendo político. A feminista do novo milênio não pode deixar de ser consciente de que a opressão é exercida na e através de suas relações mais íntimas, começando pela mais íntima de todas, a relação com o próprio corpo”<sup>106</sup>. Algumas feministas defenderam o lesbianismo ou a bissexualidade como uma ação política de transformação.

E o projeto de fazer do slogan “o pessoal é político” uma estratégia e um ideal enfocado no indivíduo não demorou a mostrar seus frutos desastrosos e desmobilizadores. Um elemento comum a todas as feministas radicais, muito além de sua atividade intelectual (publicar estes livros, fazer conferências, ir a conferências) tiveram um ativismo social bem curto, já que o intenso debate político e teórico das distintas e múltiplas correntes e tendências que surgiram dentro do feminismo radical (e que depois se ramificaram), a necessidade de pensar na prática como se combina a opressão com a exploração, o machismo com o racismo etc. as superaram e agonizaram. Assim como a frustração de ter que lidar com os problemas de intervir no movimento de massas, obter resultados concretos etc. O que primou foi claramente centrar-se em uma transformação e desenvolvimento “feminista radical” individual, que só estava ao alcance de uma pequena minoria de mulheres pertencentes à classe média educada. No início dos anos 70, Firestone deixou o ativismo e se mudou para o East Village, um bairro de Nova York, para se dedicar à pintura. Millet prosseguiu em um trabalho acadêmico e se dedicou à fotografia artística, a ser pintora e escultora e se preocupou com a conservação dos imóveis antigos (século 19) que estão ameaçados pela especulação em Nova York e ainda “Graças aos lucros econômicos da

---

106 Germaine Greer, *La mujer completa*, Barcelona, Kairós, 2000, 505.

Millett Farm [fazenda Millett], seu enorme viveiro de pinheiros de natal, mantém uma comunidade estival que funciona como oficina de criação para jovens mulheres artistas (Women's Art Colony Farm)<sup>107</sup>.

### **Uma crítica marxista às teorias do patriarcado do feminismo radical**

O problema geral das teorias do patriarcado é que ainda que localizem a totalidade das manifestações da opressão em todos os âmbitos da existência humana, não reconhecem que a opressão surgiu historicamente e se manteve estável durante séculos até hoje porque se combina com a exploração, que é a base material que a sustenta. Propõem uma concepção abstrata e anti-histórica da opressão como estrutura, fora da divisão social do trabalho e indiferente à mudança histórica dos modos de produção. Seu método anti-histórico não pode explicar, portanto, como surge (a origem) e se consolida uma relação de opressão a nível social e como esta se cristaliza como autônoma com o surgimento da sociedade de classes e do Estado, que muda a natureza social das relações familiares. Como argumentou Sheila Rowbotham (que se alinhou com a corrente feminista socialista britânica): “a palavra ‘patriarcado’ tem seus próprios problemas. Implica uma forma a-histórica e universal de opressão que nos leva à biologia – e, portanto oculta não só como surgiu a necessidade de reconhecer diferenças biológicas, senão também a multiplicidade de maneiras em que as sociedades definiram o gênero”<sup>108</sup>. Martha Giménez, que defende o método marxista e a análise do materialismo histórico frente ao feminismo radical, afirma algo similar:

uma vez que o patriarcado foi conceitualizado como um sistema de dominação analiticamente separado e independente dos modos de produção, suas origens tiveram que ser buscadas em fatores universais, abstratos e a-históricos: as diferenças biológicas na reprodução, a necessidade dos homens de controlar a sexualidade das mulheres, suas capacidades reprodutivas ou seu trabalho reprodutivo, a tendência do homem a querer ter poder sobre a mulher... a divisão sexual do trabalho... etc.<sup>109</sup>.

---

107 Alicia Puleo, “Lo Personal es político: el surgimiento del feminismo radical” *Teoría feminista: de la Ilustración a la globalización*, p. 54.

108 “the word “patriarchy” has problems of its own. It implies a universal and a-historical form of oppression which returns us to biology- and thus it obscures the need to recognize not only biological difference, but also the multiplicity of ways in which societies have defined gender” (Sheila Rowbotham, “The Trouble with Patriarchy”, *Dreams and Dilemmas* p. 209)

109 Once patriarchy was conceptualized as a system of domination analytically separate and independent from modes of production, its origins had to be found in abstract, universal, ahistorical factors: biological differences in reproduction, men’s need to control women’s sexuality, reproductive capacities and/or their labor

O principal problema do feminismo radical é que sua generalidade e imprecisão teórica se tornaram um obstáculo político para desenvolver a luta pela liberação das mulheres combinada com a luta de classes. O feminismo radical propõe uma estrutura que só reconhece dois sujeitos sociais que se enfrentam: homens e mulheres. Ao não conseguir explicar como se combina a opressão da mulher com a exploração não pode articular a luta pela liberação da mulher com a luta pelo socialismo. O resultado é que o feminismo radical buscou sistematicamente contrapor ambas as lutas, argumentando que a luta dos sexos era anterior e mais profunda que a luta de classes, em vez de integrá-las em uma estratégia comum de revolução e liberação como pretende fazer o trotskismo, como herdeiro do marxismo revolucionário. Conscientemente ou não colocou a mesma hierarquização mecânica que denunciava no stalinismo e no castrismo quando estes adiaram a liberação das mulheres para um momento futuro do socialismo. Neste sentido, se o feminismo radical conseguiu ser um dos motores ideológicos que animaram as lutas que conseguiram grandes conquistas democráticas (como o direito ao divórcio, ao aborto, aos direitos reprodutivos e uma sexualidade mais livre) também se tornou um obstáculo fundamental “para que as mulheres trabalhadoras se organizem independentemente da burguesia e levem aos lugares de trabalho e aos bairros operários as reivindicações democráticas. Quer dizer, foi obstáculo para que o poderoso movimento de mulheres fizesse uma luta política nos espaços sociais onde se encontravam a classe trabalhadora e os setores populares, com mulheres e homens. Como explica Rowbotham:

O problema não é a diferença sexual, senão as desigualdades sociais de gênero – quer dizer, todos os tipos de poder que as sociedades atribuíram às diferenças sexuais – e as formas hierárquicas que estas impuseram nas sociedades humanas. Alguns aspectos das relações entre homens e mulheres são simplesmente e obviamente não opressivas, já que incluem vários graus de ajuda mútua. Mas o conceito de “patriarcado” não tem espaço para esse tipo de sutilezas<sup>110</sup>.

---

and their children’s labor; men’s drive for power over women; men’s intentional interpretation of biological differences in reproduction; the sexual division of labor; the psychosexual effects of mothering; the exchange of women by men; the “sex/gender system,” etc. “GIMÉNEZ, Martha. “Capitalism and the Oppression of Women: Marx Revisited”, *Science and Society*, 69.1 (2005). p. 12.

110 “It is not sexual difference which is the problem, but the social inequalities of gender – the different kinds of power societies have given to sexual differences, and the hierarchical forms these have imposed on human relationships. Some aspects of male-female relationships are evidently not simply oppressive, but include varying degrees of mutual aid. The concept of “patriarchy” has not room, for such

As teorias do patriarcado apresentam uma visão simplista, unilateral da sociedade, mas as relações entre homens e mulheres não podem ser pensadas “em geral”, em uma sociedade de classes, como categorias fixas abstraídas do mundo social, porque tudo depende de em que classe (e adicionalmente também que “raça” ou etnia) se situam estes homens e mulheres, em que momento da luta de classes estamos etc. Por isso, inclusive o feminismo socialista teve que se distanciar destas generalizações: “as relações entre homens e mulheres se caracterizam por certas reciprocidades, assim que não podemos assumir que o antagonismo seja um fator constante. Há vezes onde a solidariedade de classe ou raça são muito mais fortes que o conflito sexo-gênero e casos onde as relações na família são uma fonte de resistência ao poder da classe dominante”<sup>111</sup>.

Em vez de postular que os homens da classe trabalhadora são aliados potenciais e que através de um duro combate ao machismo nas organizações operárias, estudantis, populares e nas lutas, teriam que ser educados e ganhos para a liberação das mulheres, porque em ultima instancia o socialismo revolucionário (que abarca em seu programa a luta contra todas as opressões) é uma luta comum, o feminismo radical com suas teorias do patriarcado colocou os homens como inimigos sistemáticos das mulheres e defendeu uma estratégia de separação e confrontação entre homens e mulheres. Mesmo o feminismo radical mais “construtivista” como o de Wittig, que insistia que “homem” e “mulher” são papéis socialmente construídos, acaba fazendo dos homens inimigos de fato das mulheres, aplicando sem se dar conta um essencialismo invertido. Como aponta Gimenez, em resposta a essas teorias:

Em suas varias formulações o patriarcado postula que as características e/ou intenções dos homens são a causa da opressão das mulheres. Esta maneira de pensar desvia a atenção das relações sociais que colocam a mulher em uma situação de desigualdade em cada dimensão de sua vida e canaliza o olhar para os homens como causa da opressão. Mas os homens não tem tal posição privilegiada na historia que seja independente das determinações sociais, o que sim podem ter é a visão e o poder de modelar uma organização social dada a seu favor. Mas os homens, como as mulheres, são seres sociais cujas características refletem a formação social da qual emergem como agentes sociais<sup>112</sup>.

---

subtleties, however.” (p. 210)

111 “relations between men and women are also characterized by certain reciprocities, so we can’t assume the antagonism is a constant factor. There are times when class or race solidarity are much stronger than sex-gender conflict, and cases when relations within the family are a source of mutual resistance to class power.”(212)

112 “In its various formulations, patriarchy posits men’s traits and/or intentions

Em sua tentativa de gerar uma teoria do patriarcado como uma imagem congelada e invertida do marxismo vulgar, o feminismo radical não só produziu uma teoria abstrata, desconectada da realidade histórica, senão que afirmou que a realidade socioeconômica das mulheres não importa, que a relação de opressão se articula a nível da sexualidade ou da diferenciação de sexo, da capacidade reprodutora das mulheres. Portanto não conseguiu estabelecer como surge a opressão, nem como se articula aos demais âmbitos da realidade social, principalmente as relações de trabalho e outras dimensões materiais da existência. Uma categoria teórica surpreendentemente ausente do feminismo radical foi a do trabalho, já que em nenhum momento se considerou como importante ou central o problema do trabalho doméstico ou o trabalho reprodutivo ou o problema da exploração salarial do trabalho da maioria das mulheres (porque sua condição de exploradas as “aproximaria” dos homens da classe trabalhadora). E essa será a principal crítica que fazem as feministas socialistas e marxistas ao feminismo radical, sublinhando seu caráter “pequeno burguês”, quer dizer, primeiro sua tentativa de abstrair a opressão da mulher de sua condição social material e em particular das formas de trabalho explorado as quais tem sido e segue sendo submetida e, segundo, seu esforço para situar a liberação em um âmbito individual e em uma mudança pessoal, voluntária.

Onde colocar o famoso “patriarcado” ou as relações de opressão? A análise marxista mostrou que o desenvolvimento do capitalismo industrial se apoiou e transformou a família monogâmica, que já era uma unidade institucionalizada de relações de opressão e exploração e que as revoluções burguesas institucionalizaram a condição desigual da mulher no Estado e no direito burguês. Mas se nos mantemos só a nível do direito e das leis burguesas não conseguimos entender a especificidade da opressão das mulheres sob o capitalismo, que é uma opressão marcada pela estrutura de classes. Tanto a análise de Marx como a de marxistas contemporâneos mostrou que com o desenvolvimento do capitalismo e a socialização da produção em uma

---

as the cause of women’s oppression. This way of thinking diverts attention from theorizing the social relations that place women in a disadvantageous position in every sphere of life and channels it towards men as the cause of women’s oppression. But men do not have a privileged position in history such that, independent of social determinations, they have the foresight and power consciously to shape the social organization in their favor. Men, like women, are social beings whose characteristics reflect the social formation within which they emerge as social agents. “GIMÉNEZ, Martha. “Capitalism and the Oppression of Women: Marx Revisited”, *Science and Society*, 69.1 (2005). p. 14.

escala maior a família deixou de ser uma unidade produtiva e essa mudança exógena à família reforçou de novo a opressão da mulher, que foi progressivamente fechada no espaço doméstico, excluída de uma participação igual na esfera pública (sem igualdade de direitos) e atada ao trabalho “invisível”, mas necessário de reprodução da força de trabalho. A superestrutura burguesa (o Estado, as leis, a ideologia etc.) fez todo o possível para manter a discriminação em relação à mulher e não lhe outorgar a igualdade de direitos que reivindicaram as mulheres na época das revoluções burguesas. O capitalismo se apoiou em uma superestrutura sexista e machista, que alguns chamam de “patriarcal”, que discrimina as mulheres e fez o possível para assegurar sua sobre-exploração e sua exclusão da vida política.

Nesse sentido, o instinto teórico do feminismo radical, de localizar a opressão da mulher além do âmbito individual, privado e doméstico, além da família, foi correto, como também o foi a intuição de que combater a origem da opressão não era meramente uma questão de reformas legais como o pretendia o feminismo liberal ou burguês. A intuição de que a condição de subordinação e superexploração tinham raízes mais profundas que suas manifestações na superestrutura burguesa foi também acertada. Mas as distintas teorias do patriarcado não conseguiram explicar o processo histórico e a base material e institucional que sustentam essas relações de dominação, desigualdade e abuso. Ainda que não estejam arraigadas só na família e no Estado, sua origem não está na biologia nem na ideologia senão na sociedade de classes e, hoje em dia, no único motor que alimenta a sociedade burguesa: a busca de lucros capitalistas a todo e qualquer preço. O feminismo radical acabou tratando o marxismo como um inimigo quase igual ou análogo ao patriarcado, porque partiu da base de que as principais organizações e sociedades que se reivindicavam “marxistas” eram verdadeiras “aplicações” do socialismo marxista. Sua frustração com o machismo e a homofobia do stalinismo e das burocracias sindicais e seu distanciamento da classe trabalhadora, as levou a atuar com uma caricatura muito grosseira, mecânica e pouco dialética do marxismo. O resultado foi a produção de teorias do patriarcado a-históricas, abstratas, com pouca base material social para explicar a opressão, muito radicais – se quiser – mas muito pouco dialéticas e, principalmente, a formulação de um fundamento “teórico” para a estratégia separatista dos movimentos de mulheres e a “guerra dos sexos”, uma estratégia que até hoje não conseguiu acabar com o “patriarcado” e menos ainda arrastar a maioria das mulheres trabalhadoras.



## **Bibliografía:**

ADAMS, Julia. "The Rule of the Father: Patriarchy and Patrimonialism in Early Modern Europe," *Max Weber's Economy and Society: A Critical Companion*, ed Charles CAMIC. Stanford: Stanford University Press, 2005.

ÁLVAREZ, Silvina; BELTRAN PEDREIRA, Elena; SÁNCHEZ MUÑOZ, Cristina, "Feminismo liberal, radical y socialista", in *Feminismos: Debates Contemporáneos*, ed. Elena BELTRAN PEDREIRA y Virginia MAQUIEIRA. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

BENNHOLD-THOMSEN, The Subsistence Perspective: Beyond the Globalised Economy. London: Zed Books, 1999.

BROWN, Heather. *Marx on Gender and the Family, A Critical Study*. Leiden: Brill, 2012.

CASTRO, Mary; LAVINAS, Lena. "Do feminismo ao gênero: a construção de um objeto," en *Uma questão de gênero*. Ed. Albertina COSTA y Cristina BRUSCHINI, Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

DALLA COSTA, Maria Rosa, *The Power of Women and the Subversion of the Community*. Bristol (UK): Falling Wall Press, 1973.

DELPHY, Christine. *The Main Enemy: A Materialist Analysis of Women's Oppression*. London: Women's Research and Resources Centre Publications, 1977.

ECHOLS, Alice. *Daring to be Bad, Radical Feminism in America, 1967-1975*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

EISENSTEIN, Zillah. *Capitalist Patriarchy and the Case for Socialist Feminism*. New York: Monthly Review Press, 1979.

FALCÓN, Lidia. *La razón feminista, Vol. 1: La mujermujer como clase social y económica: el modo de producción doméstico, vol. 2: la reproducción humana*. Barcelona: Fontanella, 1981-1982.

FALCÓN, Lidia. *Mujer y poder político: fundamentos de la crisis de objetivos e ideología del Movimiento feminista*. Madrid: Vindicación feminista, 1992.

FEDERICI, Silvia. *Revolution at Point Zero, Housework, Reproduction and the Feminist Struggle*. Brooklyn/Oakland (EEUU): PM Press, 2012.

FIRESTONE, Shulamith. *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*. New York: Morrow, 1970.



GIMENEZ, Martha. "Capitalism and the Oppression of Women: Marx Revisited", *Science and Society*, 69.1 (2005).

GREER, Germaine. *The Female Eunuch*. New York: McGraw-Hill, 1971.

GREER, Germaine. *Sex and Destiny; The Politics of Human Fertility*. New York: Harper & Row, 1984.

GREER, Germaine. *La mujer complete*. Barcelona: Kairós, 2000.

HARDING Sandra. "The instability of the analytical categories of feminist theory", *Signs*, vol. 11, no 4. (1986).

HARMAN, Chris. "Engels and the Origins of Human Society", *Internacional Socialism*, 2.65 (1992).

HARTMANN, Heidi. "Capitalism, Patriarchy, and Job Segregation by Sex," *Signs*, 1:3 (1976), 137-169.

HARTMANN, Heidi "The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism," *Capital and Class*, 3.2 (1979).

JAMES, Selma. *Sex, Race and Class- The Perspective of Winning, a Selection of Writings 1952-2001*. Chicago: PM Press, 2011.

LERNER, Gerda. *The Creation of Patriarchy*. New York: Oxford University Press, 1989.

MACKINNON, Catherine. "Feminismo, marxismo, método y Estado: una agenda para la teoría", en *Crítica jurídica, Teoría y sociología jurídica en los EEUU*. ed. Mauricio GARCIA VILLEGAS, Universidad de los Andes, 2005, Bogotá: pp. 165-166.

MIES, Maria. *Patriarchy as Accumulation on a World Scale: Women in the International Division of Labour*. London: Zed books, 1986.

MILLETT, Kate. *Sexual Politics*. Garden City (Nueva York): Doubleday, 1970.

MITCHELL, Juliet. *Psychoanalysis and Feminism*. New York: Pantheon Books, 1974.

OLIVA PORTOLÉS, Asunción. "La teoría de las mujeres como clase social: Christine Delphy y Lidia Falcón", *Teoría feminista: de la Ilustración a la globalización*, ed Celia AMORÓS y Ana DE MIGUEL, Madrid: Minerva Ediciones, 2005.

OMVEDT, Gail. "Patriarchy": the Analysis of Women's Oppression. *Critical Sociology*, 13 (1986).

PATEMAN, Carole. *The Sexual Contract*, Stanford (EEUU): Stanford University Press, 1988.

PULEO, Alicia. "Lo Personal es político: el surgimiento del feminismo radical," *Teoría feminista: de la Ilustración a la globalización*, ed Celia AMORÓS y Ana DE MIGUEL, Madrid: Minerva Ediciones, 2005.

ROWBOTHAM, Sheila. "The Trouble with Patriarchy" (1968) in *Dreams and Dilemmas: Collected Writings*, Virago, London, 1983.

WILSON, Ara. "Patriarchy, Feminist Theory" *Routledge International Encyclopedia of Women: Global Women's Issues and Knowledge*, ed Cheris KRAMARAE y Dale SPENCER, New York, Routledge, 2000.

WALBY, Silvia. "Theorizing Patriarchy", *Sociology* 23.2 (1989).